ELEMENTOS
DE
CIRURGIA OCULAR
OFFERECIDOS
A SUA ALTEZA REAL
O SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE DO BRAZIL

POR
JOAQUIM JOSÉ DE SANTA ANNA,
Lente Oculista do Hospital Real de S. José desta Corte.

Quod munus reipublicae adferre majus, meliusve possumus, quam si docemus, atque erudimus juventutem?

Cicer.

LISBOA. M. DCC. LXXXXIII.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Foi taxado este Livro em papel a seiscentos réis. Meza 27 de Junho de 1793.

Com tres Rubricas.

SENHOR.

COM o mais profundo reſpeito chego a pôr na Auguſta Preſença de V. ALTEZA REAL os Elementos de Cirurgia Ocular, que V. ALTEZA REAL me ha concedido a diſtincta honra de conſagrar-lhe. Seja eſte hum teſtemunho eterno da minha veneração, e da ſingular benevolencia, com que V. ALTEZA REAL ſe digna de patrocinar as Sciencias, e as Artes, por cuja graça beija com profundo reſpeito a Mão de V. ALTEZA REAL

O mais fiel, e reverente Vaſſallo

Joaquim Joſé de Santa Anna.

PROLOGO.

O Desejo de ser de algum modo util á minha Nação, e de cumprir com os preceitos da minha Soberana, me determinão dar á luz hum Tratado elementar, que possa servir de guia aos principiantes no curativo das molestias dos olhos. Eu não me lisongeio de poder alcançar tudo quanto ha de melhor para a sua perfeição, mas ao menos darei satisfação ao meu desejo, se este ensaio der as precisas luzes aos que quizerem aprender, e conduzir com mais segurança o curativo das molestias oculares, que sendo o mais preciso de todos, me vi obrigado a colligir, e formar este Livro, por não haver escrito algum em Portuguez sobre este assumpto.

Tudo quanto pude indagar nos Authores, e a minha pratica me tem mostrado o melhor, sem fazer reserva de algum segredo, faço patente.

Principia esta Obra para receber o applauso de mais completa pela Anatomia, e Fysica dos olhos, concertada pela ordem de quinze Capitulos; depois passo ao Tratado das molestias dos mesmos olhos, distribuidas, e ordenadas por suas classes, descrevendo o curativo, que lhe compete a cada huma, e ás suas especies, como tambem as operações, que lhe dizem respeito, com hum sufficiente Formulario dos remedios, que compete a cada huma no uso interno, e externo.

Leitor, huma vez instruido na materia, de que trato, te rogo, corrijas os meus erros, porque sendo assim que os meus estudos, e trabalhos são dirigidos ao bem público da Patria, o amor desta me moverá sem violencia a retratallos. Mas se na parte de que fallo não estás sciente, te peço que antes de censuralla, occupes

toda a tua attenção em lê-la. Não attendas sómente ao adorno das palavras, porque desde já te confesso acharás a elocução despida de imagens agradaveis, pois só escrevo summariamente para aquelles, a quem me está imposta a obrigação de ensinar; para que mais impressa lhes fique a lição, que lhes dictar; lê, ouve, e observa antes de fallar, e póde ser emendes a paixão de criticar huma obra, que quando outra cousa não tivesse, bastaria ser a unica no nosso idioma.

Não duvido a possas fazer melhor, e mais completa, porém adverte, que eu procurei quanto pude, que esta cobrasse o mesmo nome, indagando na lição dos melhores Authores, o que confirmasse melhor a pratica do nosso Paiz (que eu estabeleço.)

Hum excessivo trabalho em diminuir, e accrescentar, innovando muitas cousas essenciaes, que a experiencia me tem mostrado mais seguras, guarnecendo esta obra com tres Estampas, para fazer mais preceptivel o modo de se executarem as operações pelas figuras, que as representão, e isto porque devo ser no meu Paiz mais fiel, que os estranhos, he bastante motivo para te merecer attenção, além disso a qualidade de primeiro tambem te deve obrigar para desculpares as minhas faltas, e certo nisso fico, tendo o desvanecimento que venha a servir de estimulo, para que o assumpto, de que trato, consiga todo o augmento, e sua maior perfeição; e quando sejão extremos os defeitos do meu livro, eu me poderei sempre applicar em sentido hum pouco differente ao dito de Horacio.

--- Ergo fungar vice cotis, acutum
Reddere quæ ferrum valet, exsors ipsa secandi.

Quanto á composição deste Tratado devo distinguir o meu trabalho do dos outros. Consiste o merecimento

do

do Escritor na escolha das doutrinas: Logo que haja saber, ha expressão; a boa Filosofia o ensina. Por tanto mal podia o amor da propria gloria solicitar-me a despender em novas composições hum breve tempo, que apenas se me concedia para o essencialmente preciso ao meu emprego. Convinha ensinar em vulgar com discernimento o melhor; desterrando o uso das Postillas. Se eu em Portuguez achasse hum corpo elementar completo desta materia, não me devêra demorar em formar outro de novo, e assás merecimento teria na escolha. Esta obra não a havia: seguia-se o mais proximo de a tomar d'alguma outra nação: e ao merecimento da escolha accrescia o trabalho da traducção. Mas não foi só este o que eu houve de tomar; porque não achei Elementos completos, segundo meu entender, e conseguintemente me corria a obrigação de tomar, como tomei, donde quer que as achasse, e do modo que as achasse, as doutrinas, que a verdade, e o público interesse pedião, que ensinasse aos que me erão encarregados. Assim fui obrigado a collegir de varios Authores o que cada hum tinha de melhor. Escolhi pois para base dos Elementos, que devia concertar, a obra, que o célebre Professor José Jacob Plenck publicou em Vienna no anno de 1777, com o titulo: *Doctrina de morbis oculorum.* Mas como nem sempre me pareceo seguir este Author as melhores opiniões, e ás vezes o achei falto em pontos essenciaes, o corrigi nas primeiras, e suppri nas segundas, com o que nos outros li, e a minha pratica me tem ensinado. Fiz preceder aos ditos Elementos como huma necessaria preparação, hum Tratado Anatomico, e Fysico. Tomei-o de hum Author não menos conhecido que o primeiro, Luiz Florent Deshais Gendron. He a primeira parte da obra deste Author, que em Parìs

sa-

sahio no anno de 1770 intitulada: *Traité des Maladies des Yeux*. Aqui forão necessarias hum maior número de emendas, tanto em Anatomia, como em Fysica. Em fim quanto pude, e julguei necessario para a perfeição do trabalho, que me competia, o executei.

O público pronunciará: seu juizo será recto, e eu não posso deixar de o esperar impacientemente; e isto para louvar, ou defender a honra da Arte, e da Nação.

TRA-

TRATADO DA ANATOMIA, E FYSICA DOS OLHOS.

CAPITULO I.

Dos Ossos, que entrão na composição das Cavidades, que chamamos Orbitas.

ESTAS duas cavidades estão situadas nas partes lateraes da raiz do nariz, sua figura he pyramidal, e a base hum pouco oval. Cada Orbita he composta de sete ossos, a saber do coronal, Sphenoide, pomette, maxillar, unguis, ethemoide, e palato.

O coronal com a sua parte inferior fórma a maior parte da Orbita: observão-se na sua face externa da parte debaixo, e no meio dois arcos, chamados superciliares, que fazem o sobre-olho de cada Orbita, e tem cada huma hum pequeno buraco, chamado superciliar, ou orbitario superior: as mais das vezes só se acha huma chanfradura, por onde passa hum ramo de nervos do quinto par. Por baixo destes arcos se vem duas cavidades, que fórmão as partes superiores de cada Orbita. A cavidade de cima do angulo externo he a mais consideravel, e serve para alojar a glandula lacrymal, a outra he mais pequena, está da parte do angulo interno, e prende a

polé Cartilaginosa do musculo grande obliquo do olho. Vem-se mais em a face interna quatro apophysis, duas a cada Orbita chamadas angulares, ou orbitarias, internas, e externas. Na união da parte inferior do Coronal com o ethemoide se observa hum buraco chamado Orbitario interno, que corresponde á orbita, pelo qual passa hum ramo do nervo ophthalmico. A parte inferior deste osso concorre para a formação da Orbita, unindo-se ao Sphenoide, ethemoide, unguis, maxillar, e pomette.

Observão-se no Sphenoide duas apophysis lateraes chamadas Orbitarias, que fórmão huma porção das Orbitas bastantemente grande da parte das temporas, ou fontes, unindo-se com o Coronal, maxillar, e pomette, observa-se mais acima huma fenda chamada orbitaria superior, ou Sphenoidal, o buraco optico, e debaixo a chanfradura maxillar, cuja borda concorre a formar a fenda Sphenomaxillar, ou Orbitaria inferior.

O pomette tem quatro angulos, o primeiro une-se ao Coronal, o segundo ao maxillar, o terceiro ao Sphenoide, e fórma a parte inferior lateral externa da Orbita; o quarto fórma o arco zygomatico; acha-se na face externa deste osso hum, e algumas vezes dois pequenos buracos para a passagem de alguns filetes nervosos.

Na parte superior do maxillar se vem duas apophysis. A primeira se chama angulo maxillar, e por alguns apophysis nasal. Ella se une ao Coronal ao ethemoide, e ao unguis, e fórma o angulo principal da Orbita. Esta apophysis fórma huma chanfradura á entrada da Orbita, que sendo unida com huma igual do unguis faz a maior parte do ducto nasal. Este concurso do unguis com a chanfradura precedente fórma huma goteira, ou cavidade profunda quasi perpendicular, larga, e como aber-

aberta no alto, mais eſtreita, e hum pouco recuada em baixo; que faz a parte inferior do ducto lacrymal. A ſegunda apophyſi chamada molar, he da parte externa, e fórma a porção inferior da Orbita, aonde ſe obſerva huma pequena cavidade, que ſerve para prender o pequeno obliquo perto do ducto lacrymal, á face externa deſte oſſo ſe acha outra cavidade chamada maxillar, na qual ſe obſerva hum buraco, a que ſe dá o nome de maxillar ſuperior, e termina na Orbita; por eſte buraco ſahe hum ramo do maxillar ſuperior.

O unguis aſſim chamado pela ſua figura, e pouca groſſura, eſtá ſituado da parte do angulo principal da Orbita, entre o maxillar, e ethemoide, por de trás da apophyſis, que ſobe do maxillar, e por diante do ethemoide. A face externa deſte oſſo he hum pouco cavada, no meio delle ſe acha huma eſpinha, que faz a borda da goteira, a qual eſtando junta com a porção do maxillar fórma o ducto naſal: a face interna he convexa, e eſcabroſa, e ſe applica ao ethemoide: a extremidade ſuperior he eſtreita, e hum pouco redonda; a inferior he hum tanto mais larga; he cheio em toda a ſua extenſão de pequenos buracos; e ſerve de fazer parte da Orbita, e do nariz, e de formar a maior parte do ſacco lacrymal.

No ethemoide ſe obſervão duas faces lateraes, que chamão oſſos planos, por cauſa da ſua figura chata, e muito polida. Eſtas faces unindo-ſe ao Coronal, maxillar, Sphenoide, unguis, e palato fórmão a parte media, e lateral interna da Orbita, ſua figura ſe aſſemelha á huma ſuperficie, ou quadrado oblongo.

O ſetimo oſſo he o palato, ſua parte ſuperior toca o Sphenoide, ethemoide, e o maxillar para formar huma pequena porção da Orbita, e a mais inferior. O ajunta-

mento, ou união destes ossos se faz por especies de Suturas, e assim fórmão as Orbitas, o fundo destas he cheio de muitos buracos, e de duas fendas. O primeiro he o buraco optico do Sphenoide, por onde passa o nervo optico, que vai acabar na retina: por este buraco tambem passa hum ramo grosso de arterias, que vem da carotida interna, e vai ter á dura mater. Debaixo deste buraco, e ao lado se vem duas fendas, chamadas Orbitarias, huma he superior, e outra inferior; a superior he menor, e a inferior maior de comprimento de sete, ou oito linhas. Pela superior passão muitos pares de nervos, que vem á Orbita, a saber o terceiro par chamado os motores, o quarto chamado pathetico, e o sexto. Além destes pares de nervos, tambem passa o ramo superior do cordão anterior do quinto par, chamado ramo Ophthalmico.

Observa-se ao lado da Orbita, junto do angulo agudo da fenda sphenoidal, hum pequeno buraco, que dá passagem a huma arteria, que he hum raminho da Carotida interna, que rega o olho, e se distribue a quasi toda a porção da dura mater, que cobre a parte anterior do cerebro.

O buraco superciliar dá passagem a hum filete de nervos, que vem do ramo Ophthalmico. O pequeno buraco, que se acha na união do Coronal com o osso plano, dá passagem a hum ramo do nervo Ophthalmico para se distribuir ás laminas esponjosas do nariz.

Observa-se debaixo da Orbita hum buraco, que entra duas, ou tres linhas pelo maxillar; sua entrada he na parte inferior, e interna da Orbita. Este buraco dá sahida ao primeiro ramo do nervo, que vem do maxillar superior, que he o segundo ramo do cordão anterior do quinto par.

A união da goteira do unguis com a prolongação maxillar chamada angulo do maxillar, fórma huma cavidade, onde está o sacco lacrymal, principio do ducto nasal, e se vai abrir obliquamente de trás das aberturas inferiores do nariz, a que se dá o nome de bozinas. No meio do pomette se vê hum buraco, que vem dar á Orbita, entrando duas linhas pelo osso. Este buraco dá entrada na Orbita aos nervos, que vem da porção dura do nervo auditivo.

A cavidade da Orbita he guarnecida de huma membrana, que he huma producção da dura mater, entra de huma parte pela fenda Orbitaria superior, e de outra pelo buraco Optico, e communica com o periostio da base do Craneo pela fenda Orbitaria inferior.

CAPITULO II.

Das partes exteriores do Olho, e primeiro de suas palpebras.

AS partes, que primeiro se offerecem a examinar, são as palpebras. Ellas são formadas da epiderme, da pelle, e da membrana cellular, de musculos, cartilagens, ligamentos, glandulas, e vazos de todo o genero. São duas, postas transversalmente, huma de cima, outra debaixo da parte anterior do globo do olho. Ha duas em cada olho, huma superior, e outra inferior, a superior he a maior, e a mais movel. A união de suas extremidades se chama angulo: angulo maior, ou interno aquelle, que está da parte do nariz; e menor, ou externo, o que está da parte das fontes.

Por cima da palpebra ha huma porção de circulo de pequenos cabellos, mais, ou menos espessos, dis-

postos de modo, que tem suas raizes da parte do nariz, e suas pontas da parte do angulo menor do olho, são plantados sobre a pelle, que cobre a parte superior do circulo da Orbita, e tem o nome de sobrancelhas. A porção destas, que se acha proxima ao nariz, se chama cabeça das sobrancelhas, e aquellas que vão para o angulo menor, se chamão cauda. Estes cabellos, quando são dispostos de huma maneira exacta, e uniforme, não contribuem pouco ao ornamento da cara em todo o sexo, e impedem o cahir o suor sobre os olhos, que os incommodaria, e servem tambem de diminuir algumas vezes a força da luz, que vem do alto, quando a cabeça está descoberta. Estes cabellos são huns corpos redondos, e longos, que sahem da pelle. A raiz, que se acha debaixo della, se nomea cebola, ou bulbo, he envolvida em huma capsula vasculosa como a raiz das pennas das aves. Os ditos cabellos são cercados de muitas linhas pequenas escuras, que se extendem da raiz até á extremidade, que se diz serem vasos sanguineos. A pelle, sobre que as sobrancelhas estão postas, he mais grossa, e mais levantada, que a das partes vizinhas.

Achão-se sobre a borda de cada palpebra em distancia de tres linhas do angulo interno, muitas ordens de pequenos cabellos, que se chamão pestanas, cuja ordem, e numero são differentes em varias pessoas. São mais longos em a palpebra superior, que na inferior, e no meio mais que nas extremidades. A differença, que ha nas suas figuras, he que a das palpebras superiores tem huma especie de curvo, e suas pontas são voltadas para a testa, e as inferiores para a face. Estes cabellos impedem, que a poeira, e os insectos, que andão no ar, entrem nos olhos.

As

As palpebras, além das partes, que as cercão, não são outra cousa mais, que duas prolongações da pelle, tem musculos, tarsos, pontos, ou buracos ciliares, pontos lacrymaes, a caruncula lacrymal, a membrana conjunctiva, a glandula lacrymal, algumas glandulas, e tambem ligamentos particulares, que sustem os tarsos.

As palpebras tem dois musculos, hum proprio, e outro commum. O proprio levanta a palpebra superior, e o commum serve de levantar huma, e outra. O levantador proprio he hum musculo muito delgado, situado em cima da Orbita, onde tem o seu ponto fixo, e vai terminar por huma larga aponeuroze no tarso da palpebra superior, que por sua contracção descobre o olho.

A palpebra superior he movel no homem, e a inferior immovel, ou ao menos seu movimento he pouco sensivel, em as aves ao contrario, a inferior se move, e não a superior.

O musculo commum, chamado orbicular, he composto de fibras carnosas semicirculares, que se estendem ao redor da Orbita, chegando muito além das bordas anteriores desta cavidade, e cobrindo as duas palpebras até ás bordas ciliares. Quasi todas estas fibras tem hum tendão commum bastantemente consideravel, posto transversalmente entre a apophysi nasal do maxillar, e o angulo interno do olho, estes são os ligamentos deste musculo, que servem de ponto fixo. Diminue por gráos ao passo que se avizinha á extremidade interna do tarso, e he, como se observa, mais forte da parte, que se prende ao osso, que da parte do angulo interno: as fibras deste musculo se estendem de alto abaixo até ao angulo externo, onde ellas se encontrão, e unem. Este musculo, pela contracção de suas fibras fecha as palpebras.

Os

Os tarsos são cartilagens delgadas, que fórmão a parte principal de cada palpebra. Distinguem-se duas, superior, e inferior: o bordo exterior do tarso superior faz entre as suas duas extremidades huma especie de meio circulo. O bordo exterior do tarso inferior he mais uniforme: hum, e outro tem menos largura nas extremidades, que no meio, e menos ainda para o angulo externo, que para o interno, suas extremidades se ajuntão por pequenos ligamentos, e suas faces internas contém huns pequenos canaes excretorios, que se abrem no bordo das palpebras. Os ligamentos, que se achão nos tarsos, são humas porções membranosas, formadas pelo periostio da Orbita, e pelo pericraneo, tanto no bordo superior, como no inferior.

Os bordos de cada palpebra formão-se pela união da membrana interna com a pelle, o epiderme, e o bordo do tarso. Cada hum destes bordos, depois de perto de tres linhas do angulo interno até ás extremidades do angulo externo, tem quasi huma meia linha de grossura, que diminue por gráos, chegando-se ao angulo externo, onde não tem mais que hum quarto de linha, suas extremidades da parte do nariz se termináo em pequenas papillas, da união das quaes se fórma o angulo interno das palpebras, as quaes em se tocando fica sempre entre ellas, e o globo do olho hum pequeno canal triangular. O bordo inferior do tarso superior, e o bordo superior do tarso inferior fórmão a parte, a que se chama bordos Ciliares, que estão de tal sorte adaptados aos bordos das palpebras, que quando ellas se fechão, se unem de todas as partes com muita exactidão.

Descobrem-se ao longo do bordo das palpebras, para a membrana interna, ou da parte do olho, certos

pon-

pontos, chamados Ciliares, que são os orificios dos vasos excretorios de pequenas glandulas sebaceas chamadas ciliares, ou de Meibomius postas em a grossura das cartilagens: estas glandulas não são mais grossas, que a semente de papoula, situadas tres, ou quatro seguidamente sobre huma mesma linha.

Observão-se, revirando a palpebra superior, algumas aberturas sobre a membrana interna, que a guarnece. Em estas aberturas se achão alojadas as glandulas ciliares, que se terminão em huma ordem de pequenos pontos, ou buracos chamados ciliares, que são as extremidades dos canaes excretorios destas glandulas. Estas pequenas glandulas separão da massa do sangue hum humor, que unta, ou humedece os bordos das palpebras, e impede, que o choque continuado de huma com outra não dê occasião a ferir-se a membrana delicada, que reveste a pequena cartilagem; o que lhe daria lugar de se excoriar, ou alterar, não tendo esta providencia. Este humor sebaceo he muito doce, e se oppõem á queda das lagrimas sobre as faces, e as determina para o nariz, passando pelos pontos lacrymaes. Quando este humor vem a ser espesso, faz o que chamão remela; algumas vezes por sua quantidade, e má qualidade viscosa, incommoda frequentemente as palpebras, pegando-as huma a outra, sendo origem de varias molestias nos olhos.

Observão-se em cada olho duas glandulas: a primeira, que he mais consideravel, se tem chamado noutro tempo glandula innominada. Hoje he conhecida pelo nome de glandula lacrymal: he esbranquiçada, e hum pouco chata, e separa do sangue a lympha lacrymal; está situada lateralmente por cima do globo do olho da parte do pequeno angulo, debaixo da profundidade, que se acha no arco orbitario.

Destinguem-se nesta glandula, que he do numero das conglomeradas, duas partes, huma voltada para a parte superior da orbita, e outra para o angulo externo; está mui adherente á gordura, que cerca os musculos do olho.

Desta glandula partem muitos ductos pequenos, que não se percebem no homem sem muita difficuldade por causa da sua tenuidade, mas achão-se facilmente nos olhos do boi; estes ductos vão sempre parallelos por dentro da tunica interna da palpebra superior, e rompem a tunica de dentro para a borda superior do tarso da palpebra superior, cujo movimento faz sahir continuadamente huma serozidade, que lubrifica a parte anterior do olho, facilita os movimentos das palpebras, e conserva a transparencia da Cornea.

O superfluo desta serozidade he recebido por duas aberturas particulares, situadas na borda das extremidades internas de cada palpebra, e rodeadas cada huma de hum pequeno circulo branco, que parece hum appendice cartilaginoso do tarso, e tem o orificio sempre aberto; estão situadas estas aberturas a tres linhas de distancia do angulo maior do olho, de modo, que por pouco, que as palpebras se toquem, ellas o fazem tambem. Estas aberturas chamadas pontos lacrymaes, são os orificios de dois pequenos canaes, hum para a palpebra superior, e outro para a inferior. Estes pequenos canaes se encaminhão para o angulo maior. O que vai da palpebra inferior tem perto de tres linhas, o superior quatro em razão do rodeio, que he obrigado a fazer, para hir dar a hum canal commum, que termina no sacco lacrymal, que he hum receptaculo membranoso, e oblongo, situado em a goteira formada pelo ajuntamento do unguis com o maxillar. A parte superior deste sacco está situada

detrás do tendão do músculo orbicular: sua parte inferior responde a hum ducto membranoso, chamado lacrymal, que vai acabar por huma especie de funil em a parte inferior das ventas por baixo das laminas inferiores do nariz, e abaixo da abobada do paladar.

Este ducto está fechado em hum canal osseo chamado nasal, aberto no maxillar, e em parte do unguis, e por estes differentes ductos he que a serozidade lacrymal, separada pela glandula lacrymal, e recebida pelos pontos lacrymaes, passa ao sacco lacrymal, e de lá ao ducto nasal, para sahir depois pelo nariz, ou correr por detrás do paladar ao pharinx, para se misturar com a saliva.

A segunda glandula, que se acha em o olho, he a caruncula lacrymal situada no angulo maior do olho. Serve esta glandula não sómente de dirigir o curso das lagrimas em os pontos lacrymaes, fazendo a este respeito o officio de dique, juntamente com huma prega semilunar formada pela conjunctiva, mas tambem de ter as palpebras levantadas, e de impedir, que em se fechando, se cheguem ao globo. Esta glandula não he corpo carnoso, como indica o nome, mas parece glandula pouco mais ou menos como as que se chamão conglomeradas.

Neste lago estão as duas pequenas aberturas, de que já fallámos, chamadas pontos lacrymaes. São os orificios de dois pequenos canaes, que se unem, e não fórmão mais que hum canal, o qual vai ao sacco lacrymal.

Este sacco na parte inferior he mais estreito, fórma o canal nazal, e prolonga-se em o nariz, onde deposita as lagrimas, que os pontos lacrymaes lançárão no lago, conduzidas pelas goteiras das palpebras.

 As

As palpebras são guarnecidas de huma membrana muito delicada, da qual huma parte cobre sua superficie interna, e a outra a parte anterior do globo do olho, ella se ajunta á tunica albuginea; assim huma mesma membrana dobrada cobre a parte interior das palpebras, e a superficie externa do olho; a que guarnece, ou cobre por diante o globo, se chama conjunctiva do olho, e a outra conjunctiva das palpebras. A das palpebras he muito fina, e adherente a ellas, e cheia de vasos Capillares sanguineos; está traspassada de muitas pequenas aberturas, que são os orificios de pequenos canaes das glandulas ciliares donde corre continuadamente huma serozidade.

As palpebras além de cobrirem o olho, servem de preservallo das impressões dos corpos exteriores, e por seus movimentos distribuir igualmente a serozidade lacrymal sobre a Cornea, para conservar sua transparencia. Tambem encaminhão o superfluo desta serozidade aos pontos lacrymaes, e finalmente servem para modificar a impressão de huma luz excessivamente forte.

CAPITULO III.

Da conjunctiva, e musculos do olho.

O Globo do olho se acha unido ás palpebras pela conjunctiva, chamada por alguns impropriamente membrana albuginea, pois que ella aqui está sómente presa, sem estar adherente neste lugar, mais que pelo tecido cellular, que a faz laxa, e como movel, pois que se póde levantar de espaço em espaço, e apartar hum pouco da tunica tendinosa. Isto faz com que nas ophtalmias violentas, esta membrana se estenda tanto,

 que

que cobre muitas vezes toda a Cornea, he esbranquiçada, e por huma especie de transparencia a tunica tendinosa a faz parecer de todo branca, de sorte, que fórma junta com a outra o que se chama branco do olho.

A maior parte dos vasos, de que está semeada em grande quantidade, não contém em seu estado natural, mais que a porção sorosa do sangue, e por consequencia não são visiveis se não em as inflammações, e obstrucções desta parte. Póde-se com a ponta do escalpello continuar a separação desta membrana sobre a Cornea transparente, onde se vê a mesma Cornea atravessada de quantidade de vasos varicosos. Isto he o que se manifesta ainda pelos pequenos tumores, que apparecem algumas vezes na união da Cornea com a sclerotica: estes tumores se estendem igualmente sobre as duas membranas. E podem-se separar pela desecção inteiramente em certos casos.

O globo do olho revestido de musculos tem a figura de hum pero, ou pinha, está situado no meio da orbita, envolto em gordura, e fixo nesta situação pela conjunctiva, pelos musculos, e nervo optico.

Está unido á Orbita por seis musculos, quatro rectos, e dois obliquos. Os quatro rectos, assim chamados, por causa da sua situação, se chamão superior, inferior, interno, e externo, e pelo seu uso particular, levantador, abaixador, adductor, e abductor.

Os dois obliquos são obliquo superior, ou grande, e obliquo inferior, ou pequeno. O grande obliquo he tambem chamado trochleador, porque passa por hum pequeno annel cartilaginoso, que faz quasi o effeito de huma polé.

Os musculos rectos estão unidos pelas extremida-

des posteriores ao fundo da Orbita junto do buraco optico ao prolongamento da dura mater, que guarnece esta cavidade por huns tendões curtos, e estreitos, que terminão no meio da maior circunferencia do globo por outras tantas aponeurozes, que se unem humas ás outras, e se adiantão até á sua circunferencia. Estas aponeurozes fórmão a tunica albuginea, ou branco do olho.

O musculo obliquo superior está preso ao fundo da cavidade da orbita por hum tendão delgado, e se adianta entre o recto superior, e o recto interno para a apophysi angular interna do osso frontal: neste lugar se termina por hum tendão delgado, que passa por hum pequeno circulo cartilaginoso, feito em fórma de polé, e vai obliquamente entre o musculo recto inferior, e o globo, e alargando-se, se une á parte posterior lateral do globo, para o abductor, ou musculo recto externo.

O musculo obliquo inferior vem debaixo da Orbita, entre o musculo recto inferior, e o globo do olho, está preso por sua extremidade, hum pouco tendinosa á apophysi nasal do maxillar para a borda da orbita, donde passa obliquamente, e vai transversalmente para trás por baixo do musculo recto inferior, prender-se por hum tendão alguma cousa chato á parte posterior lateral do globo para o tendão do musculo obliquo superior.

O uso dos musculos se acha em parte indicado pelos nomes differentes, que se lhes tem dado. Quando todos trabalhão igualmente, e ao mesmo tempo tem o globo n'hum perfeito equilibrio, mas se succede que dois destes musculos os mais vizinhos trabalhem sós, fazem executar ao olho hum movimento obliquo, e se to-

todos os musculos trabalhão successivamente, fazem ao globo huma especie de movimento circular.

Servem os musculos obliquos principalmente de contrabalançar a acção dos musculos rectos. Quando o grande trabalha só, faz encaminhar o olho obliquamente para baixo, e estando o pequeno só em contracção, o puxa obliquamente para o alto: mas quando estes musculos trabalhão ao mesmo tempo, trazem o globo directamente para fóra, e ao nosso modo de explicar, á flor do rosto.

Se se considera a travação do obliquo superior com o fundo da Orbita, e que se termina na parte posterior lateral do globo para o musculo recto externo, vê-se que este musculo não poderia naturalmente executar seus movimentos, sem comprimir o olho, e o nervo optico, sobre o qual elle passa. O Author da natureza prevenio este inconveniente, dando a este musculo huma especie de pequena polé, que, como dissemos, está presa a huma pequena depressão do Coronal. Esta polé só serve de mudar a direcção deste musculo, e não de lhe augmentar a força.

Estes movimentos se fazem mais livremente, quando se acha mais gordura na cavidade da Orbita, o corpo do olho está della cercado pela parte posterior, e esta gordura enche os intervallos dos musculos do mesmo olho; ella apoia os vasos, que se encaminhão ao olho, e o faz firme em sua situação, humedece-o, facilita seus movimentos, e o conserva em huma situação conveniente. E por isso se vê, que os velhos, e aquelles, que são esgotados pelas longas molestias, tem os olhos mais encovados, ou mettidos para dentro.

C A-

CAPITULO IV.

Do globo do olho, e suas partes.

O Globo do olho he composto de muitas partes, que lhe são proprias, destas humas são mais, ou menos firmes, chamadas tunicas, ou membranas do globo do olho. As outras são mais, ou menos fluidas, e fechadas em capsulas membranosas proprias, ou em os intervallos das outras tunicas. Estes fluidos são conhecidos debaixo do nome de humores do globo do olho. As membranas, que entrão na composição do olho, são doze, e quatro os humores, que concorrem á formação delle. A primeira he a conjunctiva, que se une ao globo na cavidade da orbita, e se prende depois á circunferencia da Cornea transparente até o bordo interno de cada palpebra.

A segunda se chama albuginea, he tendinosa, e fórma o branco do olho.

A terceira he a Cornea transparente, que sendo como o crystal, se chama vulgarmente o espelho do olho, a qual se póde dividir em varias laminas; não fórma com a esclerotica huma figura perfeitamente redonda, porém sahe hum pouco fóra em fórma arqueada, n'huns mais, n'outros menos; serve esta para podermos ver os objectos, que nos ficão a algumdos lados, sem que seja preciso voltar a cabeça. Está adherente á selerotica por hum modo bem singular, pelo tecido fibroso, que une estas duas membranas, se vê, fazerem ellas no lugar da sua adherencia dois planos inclinados, que em sentido opposto, se applicão hum contra o outro.

A

A cornea he penetrada de huma infinidade de pequenos buracos, ou orificios quasi imperceptiveis, por meio dos quaes sahe continuadamente hum fluido, que se dissipa logo, o que he muito facil de se perceber, depois da morte, comprimindo o olho.

A quarta he a tunica do humor aquoso, he tão fina, que só se póde distinguir nos olhos do boi, ou do cavallo, e occupa toda a parte concava da Cornea transparente.

A quinta he a uvea, a qual fórma huma especie de separação, que divide as duas camaras do olho. Este nome de uvea lhe he dado por causa da semelhança, que tem com o bago de uva. Ella he dividida em duas laminas, anterior, e posterior, a anterior he chamada iris por causa das suas differentes cores, a posterior está chea de pregas, e processos ciliares, nella se observa hum buraco negro, e redondo chamado pupilla, por onde passão os raios da luz. Descobrem-se entre as duas laminas desta membrana dois planos de fibras muito delicadas, que parecem carnosos, hum chamado orbicular, que serve de fechar a pupilla, e outro raional, por ter fórma de raios, e serve para a dilatar, esta dilatação se faz na obscuridade, e na paralysia dos nervos opticos, pelo repouso, e abatimento de suas fibras, e a contracção maior, ou menor, pela luz mais, ou menos viva, pela repleção de suas fibras, ás quaes esta viva luz chama os espiritos segundo a maior, ou menor distancia dos objectos.

A sexta membrana he a choroide assim chamada, pela analogia com a chorion, que serve de envolver o feto no utero, assim como ella de conter as partes principaes da vista. He formada de duas laminas, huma chama-se de Ruisch, por ser quem a descobrio, e

a outra reticular: Entre estas duas laminas, se acha huma especie de humor negro. Esta membrana está adherente á sclerotica por meio de quantidade de pequenos vasos desde a inserção do nervo optico até á sua união com a cornea. A membrana dura, que entre estas duas põe Lecat, pede mais provas.

Do bordo da circunferencia interior da choroide se estende hum grande numero de fibras parallelas, e ligamentosas voltadas para o centro do globo do olho, fortemente unidas á maior circunferencia da membrana capsular do crystallino, e fórmão o ligamento ou fibras ciliares, por alguns chamadas circulo ciliar, que tem perto de linha e meia de extensão. Este circulo está íntimamente ligado á membrana do humor vitreo, e fórma muitas aberturas chamadas Ciliares, que se percebem, separando o corpo vitreo deste ligamento.

A setima membrana he a retina. He formada de hum grande numero de pequenos filetes dispostos em fórma de rede, donde lhe vem seu nome. He de hum tecido muito differente das outras tunicas, branca, molle, como medullar, e muito transparente. He mais grossa, que a choroide, e estende-se desde a inserção do nervo optico até a circunferencia maior do ligamento ciliar. Em toda esta passagem he unida á superficie interna da choroide, e penetrada de muitos vasos sanguineos, vê-se onde ella nasce do nervo optico huma especie de pequeno botão branco, ou medullar.

A oitava membrana he chamada crystallo-anterior, porque cobre anteriormente o crystallino.

A nona he chamada crystallo-posterior, porque envolve posteriormente o crystallino. Esta membrana he tão immediatamente unida ao crystallo anterior, que parece não são estas duas tunicas mais do que huma. A capsu-

psula, que ellas fórmão, e que serve de envolver o cryſtallino, se chama tambem membrana arachnoide, por ter semelhança com a tea de aranha.

A decima membrana he a vitrea, chamada tambem capsular, a qual he formada de duas laminas, adaptadas huma á outra; a primeira he chamada hyaloide, e a segunda cellular; esta membrana serve de conter o humor vitreo.

A decima primeira he a tunica cellular, que tem seu nome das cellulas, de que he formada. Estas cellulas estão cheas de hum humor destinado á regeneração do humor vitreo.

A decima segunda he a sclerotica, ou cornea opaca, esta membrana he a maior, e mais grossa de todas as que compõe o globo do olho, e serve de envoltorio commum a todas as partes, que concorrem á formação deste orgão, he entrelaçada de toda a sorte de fibras, e tira sua producção da dura mater. Na parte posterior, onde he penetrada do nervo optico, he muito mais grossa, mas diminue á proporção que se aproxima á Cornea transparente; he penetrada de espaço em espaço, e muito obliquamente por pequenos vasos sanguineos, he tambem atravessada de huma maneira particular por filetes de nervos, que entrão em sua convexidade em alguma distancia do nervo optico.

Estes pequenos nervos depois de a atravessarem, sahindo á parte concava, se perdem na Cornea. Esta membrana tem dois buracos, hum posterior, que dá passagem ao nervo optico, como já se disse, outro anterior, em que se une com a Cornea transparente.

O olho he composto de partes sólidas, e de partes fluidas: as sólidas são as que fórmão o globo, e suas capsulas. As fluidas são chamadas humores, que se

achão ſituados huns depois dos outros. Dos quatro, que entrão na compoſição do globo, o primeiro, ou o mais anterior he o aquoſo, aſſim chamado por cauſa da ſua ſemelhança com a agua, ainda que alguma couſa viſcoſo, elle occupa, e enche o eſpaço, que ha entre a Cornea, e a uvea, a cujo eſpaço ſe chama Camara anterior, e ao eſpaço, que ha á face interna deſde a uvea, e pupilla até o cryſtallyno, ſe dá o nome de Camara poſterior: eſte humor ſe communica por entre eſtes dois intervallos, ou Camaras, paſſando de huma para outra pela pupilla, fazendo nadar, ou fluctuar em ſi o iris. A camara anterior tem de ordinario huma linha de intervallo, e a poſterior hum quarto de linha. O humor aquoſo he ſeparado do corpo vitreo, e do cryſtallino, elle paſſa os conductos excretorios da Cornea, para lubrificar as partes externas do globo, e ſerve ao meſmo tempo á refracção dos raios da luz.

O ſegundo humor he o cryſtallino, aſſim chamado pela ſemelhança, que tem com cryſtal. Eſte he hum pequeno corpo lenticular, ſituado em huma pequena cavidade chamada engaſte do cryſtallino, que ſe acha em a parte anterior do humor vitreo; ſua figura he lenticular, tem duas faces, a poſterior he mais convexa, que a anterior: he compoſto de muitas laminas pequenas tranſparentes, poſtas humas ſobre as outras, pouco mais ou menos, como as pelliculas de huma cebola. Sua conſiſtencia he mediocremente firme, mais dura nos homens, que nos meninos. Eſta dureza ſe augmenta á medida, que elles ſe adiantão em idade, e no meio mais, que nas extremidades. Tambem a côr muda com a idade, porque chegando para idade de oitenta annos, tira para côr amarella ſemelhante ao alambre fino, e tranſparente.

O terceiro humor está debaixo da capsula membranosa do crystallino, o qual foi descuberto por Morgagny, e se lhe dá o nome de seu Author. Este humor tem dois usos, o primeiro he de impedir que o crystallino não se deseque, o segundo he de fornecer a sua nutrição. O quarto humor he chamado vitreo, por se assemelhar muito ao vidro fundido; he muito claio, gelatinoso, está n'huma capsula membranosa, de que já fallámos, e que tem o mesmo nome. Sua consistencia he pouco mais ou menos, como a da clara do ovo, e tudo fórma hum só corpo, que occupa não só a camara posterior, mas ainda a maior parte do globo do olho.

CAPITULO V.

Dos nervos, que se distribuem a todas as partes do globo do olho.

OS nervos são huns cordões brancos, e cylindricos, que partem do cerebro, da medulla oblongada, e da espinhal, e se distribuem a todas as partes do corpo. São formados de pequenos filetes, muito finos, que se não são ocos, são dispostos de fórma, que por elles corre hum licor muito fino, e subtil, que recebem do cerebro, chamado espirito animal, e por estes dois principios se executa o sentimento, e movimento, pelos quaes o corpo, e alma obrão hum sobre o outro.

Os nervos opticos são os mais consideraveis, que os olhos recebem: chamão-se Opticos, ou visuaes, e tomão sua origem da parte inferior das eminencias do cerebro, chamadas thalamos dos nervos opticos, fórmão hu-

huma pequena curvatura, e se aproximão depois hum ao outro para a parte superior da sella turcica, ou Sphenoidal, depois passão sobre a parte anterior da glandula pituitaria, onde se unem, e tornando-se a separar, se estendem obliquamente para os buracos opticos do Sphenoide, por onde passão, para se irem encerrar cada hum em seu olho pela parte posterior da sclerotica.

A inserção deste nervo em o globo não he diametralmente opposta á pupilla, de sorte que a distancia he maior da parte das temporas, ou fontes, e mais pequena da parte do nariz.

O corpo de cada nervo optico he coberto da dura, e pia-mater, a qual se une á sclerotica, sem a produzir. A dura-mater só cobre o nervo optico, e isto até entrar na Orbita; ao contrario a pia-mater se mette em todo o seu transito por diversas pregas em a cavidade dos canaes nervosos, e nestas pregas he fechada a medulla. Esta he a estructura do nervo optico, o que se póde ver na dissecção, assim como a de todos os mais nervos.

O nervo optico, depois de entrar no olho, de sua substancia nasce a retina, que he huma expanção medullar deste nervo. Ainda que alguns dizem, que o nervo optico sim he coberto da dura, e pia-mater, que lhe servem de bainha. Mas que ellas se unem á sclerotica, sem a produzir: muitos Anatomicos crem com tudo, que a sclerotica não he mais que a continuação da dura-mater, a choroide da pia-mater, e a retina feita da expanção do nervo optico. Os que são de sentimento opposto querem que estas membranas sejão de hum tecido differente da dura, e pia-mater, como a retina o he da parte medullar do nervo optico.

O

O nervo optico não he só o que se distribue ao globo do olho, pois recebe muitos pequenos nervos particulares, que vem das partes lateraes, e vão ao longo do nervo optico, depois entrão na Orbita, até a inserção do globo. Estes pequenos nervos servem aos movimentos dos olhos, tal he o terceiro par, o quarto, e o quinto com huma porção do sexto, assim como o intercostal, segundo alguns.

O terceiro par he o que se chama motores dos olhos, que vem do bordo anterior da eminencia annular, sahindo do Craneo pela fenda orbitaria superior, e se divide em quatro ramos, hum vai distribuir-se ao musculo levantador do olho, e fornece filetes ao levantador da palpebra. Os outros tres vão ao musculo abaixador, abductor, e ao pequeno obliquo, além destes ramos este par fornece hum raminho muito curto, que as mais das vezes vem do principio do ramo, que se distribue ao pequeno obliquo, este raminho fórma logo hum pequeno ganglio lenticular, que lança muitos filetes bastantemente finos ao redor do nervo optico, os quaes depois de terem passado a membrana sclerotica, se mettem entre esta membrana, e a choroide até ao iris, e se distribuem em ramificações muito delicadas, que vão terminar ao circulo ciliar, e aos musculos radiosos do iris. Este ganglio fornece ainda outros filetes, que communicão com o ramo nasal, e ophthalmico.

O quinto par he o pathetico, ou trocleador, o qual toma a sua origem da medulla oblongada, detrás das eminencias natas; e nascendo da parte lateral da expansão medullar, sahe do Craneo pela fenda sphenoidal, e vai perder-se no musculo do olho, chamado grande obliquo, e lança neste caminho pequenos filetes

de

de hum, e outro lado, e communica com o primeiro ramo do quinto par, ou nervo ophthalmico.

O quinto par tira sua origem anteriormente das partes lateraes da eminencia annular por muitos filetes; que fórmão dois troncos grossos hum pouco chatos, ou planos: cada hum destes troncos se divide em tres ramos grossos, que se distinguem em anterior, medio, e posterior.

O anterior chamado ophthalmico he só o que se distribue aos olhos: elle se adianta para a fenda sphenoidal, pela qual sahe do Craneo para entrar na Orbita, e divide-se em tres ramos, e algumas vezes em dois. Destes tres ramos hum he superior, que se chama superciliar, ou frontal, outro he interno; chamado nasal, e outro externo chamado lacrymal, ou melhor ainda temporal.

O ramo superior, ou superciliar vai todo ao longo do periostio da Orbita, e tendo passado pelo buraco superciliar, ou chanfradura, se distribue ao musculo superciliar, ou frontal, e á porção superior do musculo orbicular das palpebras.

O ramo interno, ou nasal, depois de ter communicado por hum, ou dois pequenos filetes com o ganglio lenticular, ou ramificação do nervo do terceiro par, se divide n'outros dois ramos; hum tornando a entrar no Craneo, e passando pelo buraco orbitario interno, torna a sahir de novo pelos buracos da lamina crivosa do ethmoide, para hir ao nariz, á membrana pituitaria, e á caruncula lacrymal.

O ramo externo, ou temporal vai terminar na glandula lacrymal, e fornece pequenos filetes ás partes vizinhas.

O segundo ramo do quinto par, chamado maxil-

lar

lar ſuperior, lança tambem hum ramo, que paſſa pelo canal oſſeo da parte inferior da Orbita, e tendo ſahido pelo buraco orbitario inferior, ſe diſtribue a porção vizinha do muſculo orbicular das palpebras, e communica com hum ramo da porção dura. Os nervos do ſexto par naſcem da parte poſterior da eminencia annular. Eſtes nervos ſão miudos, e delgados, mas hum pouco mais groſſos, que os do quarto, que ſão algumas vezes dobrados, ou fendidos em dois, antes da ſua declinação em a dura-mater, vão depois paſſar pela fenda ſphenoidal, e ſe diſtribuem ao muſculo abductor, ou externo do olho.

A porção dura do ſetimo par, ou do nervo auditivo, dá ramos á parte ſuperior, á inferior, e á lateral externa do muſculo orbicular, donde hum communica com o nervo ſuperciliar, e o outro com o nervo infra-Orbitario.

O nervo inter-coſtal, ſegundo o ſentimento dos Authores, tambem fornece eſpiritos animaes á conjunctiva, ás glandulas do olho, e ás fibras, que dilatão a pupilla.

CAPITULO VI.

Das Arterias, e veias do globo do olho.

AS Arterias ſão huns vaſos deſtinados a receber o ſangue do coração, para o diſtribuir por todas as partes do corpo.

As veias não ſão mais, que huma continuação das ultimas diviſões das arterias. Eſtes vaſos trazem de todas as partes ao coração huma porção de ſangue, que tem ſido diſtribuido em eſtas meſmas partes pelas arterias.

As arterias, que vão ao globo do olho, e ás ſuas

partes contiguas, são os ramos das carotidas externas, e internas.

As arterias carotidas, chegando á altura do Larinx, se dividem em dois ramos, hum chamado externo, e o outro interno. A carotida externa, por meio das arterias angular, temporal, e frontal, dá muitas ramificações aos tegumentos, que cercão o olho, e a todas as porções do musculo orbicular, as quaes ramificações communicão com as que se distribuem á membrana das palpebras, e á caruncula lacrymal.

A mesma carotida externa, no meio do ramo chamado arteria maxillar interna, vindo á Orbita pela fenda orbitaria inferior, ou Spheno-maxillar, dá hum ramo consideravel, que se distribue ao periostio da Orbita, ao musculo do olho, ao levantador da palpebra, á massa adiposa, ou gordura, á glandula lacrymal, á membrana conjunctiva, tanto á do olho, como á das palpebras, e á caruncula lacrymal. Communica com a carotida interna: dahi parte huma arteria, que vai ás cellulas ethmoidaes do nariz pelo pequeno buraco orbitario interno posterior.

A arteria carotida interna, tendo entrado no Craneo, lança huns pequenos ramos, que acompanhão o nervo optico, e os mais, que passão pela fenda sphenòidal, hum destes pequenos ramos arteriaes se insinua no corpo do nervo optico, e produz sobre a retina pequenas arteriolas, que se vem distintamente sobre as paredes internas desta membrana. As outras se encontrão com as pequenas ramificações da carotida externa (penetrão a espessura da parte posterior da sclerotica, e depois de ter feito hum pouco de caminho mais adiante em esta espessura, a penetrão dentro em quatro, ou cinco lugares, pouco mais, ou menos,

nos, a huma igual diſtancia entre o nervo optico, e a pupilla.)

Os pequenos ramos arteriaes, tendo paſſado a ſclerotica, em quatro, ou cinco lugares, e paſſando por outros tantos lugares á lamina externa da choroide, fórmão entre eſta lamina, e a interna, os vaſos vorticoſos, ou turbilhões de Stenon, como tambem as eſtrellas vaſculares da lamina interna da choroide. Tambem ſe obſervão pequenos filetes vaſculares muito adherentes á membrana vitrea. Eſtes meſmos pequenos ramos arteriaes antes de formar os turbilhões, quaſi todos ſe encaminhão direitos á circunferencia da uvea, e ás arteriolas, que fórmão em ſua groſſura huma eſpecie de circulo vaſcular, donde partem as capillares até á membrana cryſtallina.

As veias de todas eſtas partes correſpondem pouco mais, ou menos ás arterias. O reſto do ſangue, depois de feita a nutrição, e ſecreção, he levado por canaes venoſos proporcionados, que ſe reunem de huma, e outra parte em a duplicatura da choroide, em pequenos troncos, os quaes ſe lanção em a ſclerotica, e depois de ter recebido muitas veias capillares, a atraveſsão de dentro para fóra, e vão-ſe reunir em as jugulares, tanto internas, como externas, e tambem alguns vão aos Sinos Orbitaes, cavernoſos, e petroſos.

CAPITULO VII.

Dos diversos sentimentos, que ha sobre a subsistencia, e producção do humor aquoso, nutrição do crystallino, e vitreo.

DIvidem-se os sentimentos sobre a producção do humor aquoso. Huns assentão que he filtrado pelas glandulas situadas na uvea, ou no ligamento ciliar, ou n'hum, e n'outro: outros por huma especie de transsudação do humor vitreo, e crystallino: outros em fim, pelos vasos limphaticos. Todos suppõe que estas arterias descarregão o que contém por huma infinidade de pequenas aberturas situadas ao redor da maior circunferencia da uvea, ou ligamento ciliar, ou em ambas estas partes.

Monsieur Nuck he de differente parecer. Elle diz tem achado vasos limphaticos, que se terminão na cornea, e fornecem o humor aquoso, aos quaes chama ductos aquosos dos olhos.

He facil de descobrir o erro da maior parte destas opiniões. Primeiramente as pertendidas glandulas situadas na uvea, ou no ligamento ciliar, não tem sido descobertas por algum Anatomico. O sentimento daquelles, que sustentão ser este humor fornecido por huma transsudação do humor crystallino, e vitreo, não he fundado sobre os melhores principios, pois parece que o fluido, que enche as pequenas bexigas de humor vitreo, que se acha entre o crystallino, e a capsula, he inteiramente differente do humor aquoso. A opinião fundada sobre certas injecções, que tem feito ver huma infinidade de vasos muito finos, e curtos, que terminão na parte anterior da circunferencia da uvea, perto do bor-

bordo da cornea, e se abrem immediatamente na camara anterior, poderá não ser certa, ainda que pareça a mais provavel, attendendo a que a injecção de hum licor em as arterias, e veias muito finas deve occasionar mudanças consideraveis, tanto em seu diametro, como em sua situação.

Se os sentimentos são divididos sobre a producção, e reparação do humor aquoso, não o são menos sobre a nutrição do crystallino. Muitos pertendem que a nutrição do crystallino seja fornecida por certos vasos lymphaticos, que depois de terem passado pelo ligamento ciliar, entrão no mesmo crystallino: e assim admittem huma communicação immediata entre o ligamento ciliar, o crystallino, e sua capsula. Outros crem, que he nutrido por huma especie de transsudação do humor vitreo. Ha outros, que negão a communicação do crystallino com sua capsula pelo meio dos vasos, e comtudo asseguração, que o fluido vindo dos vasos, que passão pelo ligamento ciliar, servem de nutrir o crystallino.

Os Authores, que melhor tem pensado, e escrito sobre esta materia, dizem que não ha a menor communicação entre o crystallino, e sua capsula. A segunda opinião não parece menos verosimil, considerando a differença, que ha entre o fluido, que enche as cellulas do humor vitreo, e o que se acha entre o crystallino, e sua capsula. Outros pensão com mais apparencia de verdade, que o crystallino he nutrido pelo fluido lymphatico, conduzido a travez do humor vitreo, pela arteria do mesmo nome, que se descarrega na sua circunferencia por suas extremidades, como tambem na capsula, e que este fluido he absorvido pelo crystallino.

Os pareceres são igualmente divididos sobre o que res-

refpeita ao humor vitreo. Muitos penfsão que elle recebe fua nutrição das arterias limphaticas continuadas daquellas, que fórmão a lamina vafcular da retina, paffando por meio da lamina nervofa, e penetrando de todas as partes a capfula do humor vitreo. Outros fuftentão que he nutrido pelas arterias limphaticas, que fe eftendem do primeiro ramo das artérias da Choroide. Alguns querem que ifto feja por aquelles, que fe eftendem pelo fegundo, e outros em fim imaginão, que he pelo terceiro.

O fuperfluo dos fluidos, que não deve fervir á nutrição do globo do olho, e partes contiguas, volta pelas veias limphaticas deftinadas a conduzir os differentes fluidos. O humor aquofo fahe em parte pelos poros da Cornea, e he em parte abforvido pelos vafos fituados em o ligamento ciliar, e o refto pelos differentes vafos limphaticos.

CAPITULO VIII.

Dos ufos das partes dos olhos, e das que os cercão.

A Orbita, em a qual o olho eftá fechado, ferve de preſervallo das injurias exteriores juntamente com as palpebras, cujos bordos eftão fempre eftendidos pelas cartilagens, que fe achão em fuas extremidades. Eftas cartilagens chamadas tarfos fazem a fua applicação mais exacta, e as palpebras por feus movimentos continuos, e promptos, impedem a paffagem de huma luz muito viva em os olhos, efpremem, e diftribuem regularmente a limpha lacrymal fobre fua fuperficie.

Efta fecreção fe faz defta maneira. A glandula lacrymal fituada entre a parte fuperior, e externa do globo

bo do olho, e abobada da Orbita por causa dos movimentos, que o olho faz, he ligeiramente comprimida, as lagrimas descem por muitos pequenos ductos, e o olho he molhado, e assim he que o movimento do olho favorece a sahida das lagrimas, e estas sahindo facilitão o movimento do olho.

Os ductos excretorios da glandula lacrymal estão situados debaixo da palpebra superior. As lagrimas, que correm, primeiro molhão a parte superior, e depois se espalhão sobre todo o globo, mas como o olho he espherico, e a cartilagem das palpebras redonda pelo bordo, que toca o globo do olho, o angulo, que resulta deste contacto, fórma huma goteira a cada palpebra, e estas goteiras conduzem as lagrimas para o angulo maior do olho. As lagrimas podem-se accumular em grande quantidade nestas goteiras, sem que se derramem, porque o bordo exterior das palpebras he untado de hum humor gordo, que se lhe oppõe, chamado remela.

O conhecimento deste mechanismo he devido a Mr. Petit. Elle observou, que quando as palpebras estão fechadas, como seu bordo interno he redondo, não se tocão mais, que pelo bordo exterior; tocando-se então a goteira da palpebra superior, e inferior, não fórmão mais que huma, que he maior, e apoiada sobre o globo do olho, faz com elle hum canal triangular, pelo qual as lagrimas correm do angulo externo para o interno, em cujo as lagrimas fórmão huma especie de lago, enchendo o espaço, que se acha entre o angulo interno das palpebras, e o globo do olho; porque o angulo interno das palpebras está apartado do globo do olho mais de duas linhas: e esta he a distancia, que faz a dilatação do lago, onde se ajuntão as lagrimas.

Mui-

Muitas cousas favorecem o curso da limpha lacrymal para os pontos lacrymaes; a primeira, os bordos ciliares das palpebras, segunda, a viscosidade da materia, que se separa pelas glandulas ciliares; terceira, a caruncula lacrymal, que faz o officio de dique, e determina este fluido para a parte dos pontos lacrymaes; quarta, os pontos lacrymaes, que estão sempre abertos, e tem os orificios cartilaginosos; porque se elles fossem membranosos, a menor compressão os abalaria, e não estarião sempre na boa ordem, para receberem continuadamente as lagrimas á proporção, que ellas se ajuntão: de mais estas aberturas estão naturalmente voltadas para a parte do olho, e se voltão ainda mais, quando fechamos os olhos, de maneira que unindo-se as palpebras, ellas não ficão tapadas. O ponto lacrymal superior, e inferior tocão-se, sem se tapar hum ao outro, porque elles não se tocão mais do que pela porção, que corresponde ao bordo externo das palpebras. A segunda causa da passagem das lagrimas, e que se póde olhar como huma das principaes, he a disposição dos pontos lacrymaes do sacco lacrymal, e do canal, ou ducto nasal, que se abre no nariz; todas estas partes fazem huma mesma continuação de canal, a que por sua figura, e uso se dá o nome de bomba lacrymal. O uso das pestanas he impedir que entre nos olhos algum corpo estranho: as sobrancelhas servem de impedir que entre o suor em os olhos, e de moderar a impressão de huma luz forte, sobre tudo, quando ella vem da parte superior. A conjunctiva serve de sustentar o globo em sua situação natural. Quanto ao uso dos musculos do olho, elles servem em geral de voltallo para os objectos, que observamos, o que elles fazem com tanta mais facilidade, quanta for a gordura, de que se ache cerca-

do o globo do olho; o que faz os nervos, e todos os vasos, que elle contém, capazes de ceder á menor acção de seus musculos. Os musculos rectos são destinados a voltar o globo para o nariz, ao affastar, levantar, abaixar, e voltar sobre seu eixo, agitando-o conjuncta, ou separadamente. Os musculos obliquos servem de sustentar o globo em suas acções, e de contrabalançar a acção dos musculos rectos. O uso das membranas dos olhos he de servir á estructura do globo, e de conter os humores, e estes de modificar os raios da luz, de modo que se reunão sobre o orgão immediato da vista.

CAPITULO IX.

Da visão, ou da vista.

DE todos os sentidos, que o homem possue, o mais util, e necessario he a vista: e este he o mais fertil em maravilhas. O mechanismo da vista tem alguma cousa de milagroso, que a arte mais perfeita não póde imitar. A vista he sem duvida o sentimento mais espiritual. Este orgão póde ser reputado, como o espelho da alma, onde de ordinario se lê o caracter do homem, e se pintão as differentes paixões, que o animão; porque este orgão todo nervoso, e muito proximo do Cerebro abunda em espiritos, e não póde deixar de exprimir o estado, em que elles se achão.

A vista he hum dos cinco sentidos, pelo qual os differentes movimentos dos raios visuaes são juntos pelos humores dos olhos, e transmittidos sobre o orgão immediato da vista: o meio desta percepção he a luz. Assim entendemos por vista distinctiva a idéa, que con-

cebemos em consequencia das impressões, que elles fazem sobre nossa alma pelo meio da luz.

Observão os Fysicos, que a luz, objecto da vista, he huma materia extremamente subtil, de que he entre outras cousas boa prova a liberdade, com que atravessa o diamante, substancia sobre maneira compacta: e ainda mais a celeridade do seu movimento, que sendo tal que em sete minutos e meio chega do Sol a nós, nenhum movimento causa nos mais pequenos corpos, ainda quando condensada pelos vidros causticos. Este ultimo argumento bem pezado prova invencivelmente a subtileza deste fluido, porque sendo a luz imminentemente elastica, ha de ser a sua maça a maça do corpo, sobre que cahe, como a velocidade, que esse corpo recebe á velocidade, que ella tráz; ora a velocidade, que ella communica, he nenhuma, logo a differença das maças he infinita. (*a*)

Creou o Author da natureza a luz por nos fazer perceber a grandeza, figura, côr, e situação dos objectos, que estão em huma proporcionada distancia, o que se faz por meio dos raios da luz.

He a luz huma emanação do Sol, que se propaga em linha recta, a não fallar em todo o rigor matematico. Em sua composição entrão sete differentes especies de corpusculos, de cuja heterogeneidade, e diversa velocidade provém as sete cores primarias, de que abaixo fal-

(*a.*) Não desagradará a alguns Leitores ver este argumento em linguagem algebraica. Assim chamamos a velocidade, que a luz tráz $\underline{V}$ a que o corpo recebe $\underline{v}$ a maça da luz $\underline{M}$, e a do corpo $\underline{m}$. Temos pelas Leis da Mechanica $M : m = v : V$. Ora a velocidade, que o corpo recebe, he como mostrão as experiencias em todo o caso insensivel $= \frac{1}{\infty}$ logo $M : m = \frac{1}{\infty} : 1 = 1 : \infty$. Verão os intelligentes a fecundidade desta formula, a que se reduz a doutrina exposta de Boscovich. *Nota communicada ao Author por hum Amigo.*

fallaremos; com todos os corpos tem affinidade, e por isso com todos se combina mais, ou menos, huns raios mais que outros. Assim he certo, que ainda quando o Sol está ausente do nosso hemispherio, ella se acha na atmosphera, mas precisa do movimento proprio a causar em nós a sensação da vista. Pelo que he da luz, que na combustão dos corpos apparece, tenho por mais provavel conjectura (entre todas as que até o presente tem apparecido) que he a mesma do Sol, que desprendendo-se dos corpos, e principalmente do oxygenio, juntamente com o fogo, em virtude da mutua, e viva repulção de suas partes se derrama em redor. Em quanto á pequena claridade, que ha de noite, taes são as principaes causas, que della conhecemos:

I. A luz do Sol, que entrando na atmosphera, refrange.

II. A que passando pelo circulo maximo diffrange.

III. A que passando adiante na atmosphera nos reflecte dos corpos, que nella se encontrão, e das partes da mesma atmosphera.

IV. A que reflecte dos planetas.

V. A que emana das estrellas, &c.

Ainda que o movimento da luz em ausencia do Sol, ou de qualquer outro corpo luminoso, não seja sufficiente para nos illuminar, ou para balancear nossos orgãos, se deve entender dos orgãos ordinarios, porque ha olhos, para os quaes não ha noite, ou ao menos privação de luz. A coruja, o gato, a toupeira, vem de noite, seja porque estes animaes tenhão o orgão da vista mais fino, que o nosso, ou que suas pupillas sejão susceptiveis de huma extrema dilatação, pela qual seus olhos ajuntão huma grande quantidade desta fraca luz, e esta grande quantidade supra a sua força.

Pertende-se que os homens em certos excessos de bebedice, e em os accessos de febre, ou dos movimentos de cólera, lem sem luz. Briggs conheceo hum homem, que lia ás escuras. Pessoa houve, que via muito claramente á meia noite, estando bem fechadas todas as janellas, como se fosse meio dia.

Mas de ordinario as pessoas, que tem huma tal vista, tem o prejuizo de não ver sem bastante incommodo os objectos, que são muito claros, e de huma côr resplandecente: não podem supportar os raios do Sol, dando sobre as calçadas no tempo do Verão, e os que andão sobre a neve, são obrigados a ter os olhos quasi sempre fechados. Estas qualidades de vistas fracas se fatigão facilmente, e não são para supportar huma longa leitura, sobre tudo á luz artificial, nem podem sustentar huma longa continuação de observações delicadas.

He certo, que o homem, entrando em hum lugar muito escuro, não vê muito tempo, mas vê no fim de algumas semanas. E a razão de não ver na obscuridade he, porque os nossos olhos estão costumados a huma grande luz, este orgão he, como o costumão. Ha toda a razão de pensar, que hum homem costumado a viver em a obscuridade, teria tambem a vista bastantemente delicada, e fina, para ahi ver distinctamente. E só por falta de nosso orgão he que não vemos em todo o tempo ora mais, ora menos, segundo a luz, que nos cerca, que he sempre alguma.

CA-

CAPITULO X.

Das direcções, e refracções da Luz.

A Acção da Luz he como o movimento dos outros corpos conforme a Lei geral da natureza, conserva em quanto póde a primeira determinação. Seus raios se estendem em linhas rectas, em quanto não encontrão algum obstaculo, ou novo meio, que lhe mude a direcção. Os fenomenos, que resultão, são o objecto de huma sciencia, que se chama Optica geral, que comprehende tudo o que pertence á luz, e suas differentes modificações.

O raio da luz sensivel não he naturalmente igual em toda a sua longitude; elle fórma huma figura pyramidal, cuja ponta he posta no objecto, e a base se apresenta á superficie do olho, o que se póde ver, recebendo os raios do Sol por hum buraco da janella em huma casa escura. Estes raios formando huma pyramide, tem a ponta no buraco, pelo qual ella entra, e a base na parte opposta. Esta he a causa em parte, porque se vem mal os objectos apartados, attendendo que o plano será menos esclarecido, á medida que elle se affastar mais do ponto radiante.

Esta debilidade da luz he huma consequencia necessaria da divergencia dos raios, que se achão muito raros, ou muito apartados, para que o que entra em a pupilla, se possa fazer sentir sufficientemente a huma certa distancia, mas este gráo de distancia, onde a vista falta, varia, segundo o estado dos olhos; isto he, segundo seu gráo de sensibilidade, ou segundo a natureza, e qualidades do objecto, e a intensidade da

luz, que o faz visivel. Este orgão he mais sensivel em certas pessoas, e he sujeito á envelhecer, e arruinar-se.

Os Authores, para não embaraçar suas figuras, pintão ordinariamente cada huma destas pyramides por tres linhas, ou raios, que partindo de hum ponto do objecto esclarecido se adiantão para a pupilla, e depois se tornão a unir para não fazer mais que hum só ponto em o fundo dos olhos, semelhante áquelle, que parte do objecto. Estas pyramides são distinguidas em objectivas, e oculares: aquellas, que partem do objecto, se chamão objectivas, e as que cahem sobre o fundo dos olhos para apresentar a imagem do objecto, se nomeão oculares.

He necessario que estes raios se tornem a unir, porque se elles levassem suas bases até o fundo dos olhos, farião largas, e fracas impressões, que não deixarião de se confundir humas com as outras: differentes pontos de objecto visivel se farião sentir juntos sobre huma parte do orgão, e a visão viria a ser deste modo muito confusa. O Author da natureza usou de sabias precauções para impedir este máo effeito: cada hum destes raios, ou pyramides, assim que chega aos olhos, he convertido em huma pyramide opposta pela base á primeira, tendo o seu vertice no fundo dos olhos; isto he, os raios, que atravesão os humores dos mesmos olhos, de divergentes que são, se fazem convergentes: por este meio a visão vem a ser clara, sendo assim que cada impressão he mais forte, quando produzida por todos os raios da pyramide, são reunidos sobre hum pequeno espaço.

A mudança de direcção, que succede á luz, que cahe sobre huma superficie polida, tal como hum espelho, se chama reflexão da luz, porque ella reverbe-

ra, reflecte, ou falta de cima desta superficie, como huma pella batendo em cima de huma taboa. A experiencia tem ensinado que a luz reflecte de cima destas superficies polidas com a mesma força, e inclinação, que traz cahindo; isto he, que o angulo da incidencia do raio, e seu angulo de reflexão são iguaes. Esta mudança de direcção he bem sensivel, recebendo a luz sobre huma superficie polida em huma casa obscura por hum buraco feito no postigo da janella.

Os corpos opácos os mais duros, os mais compactos, e aquelles, que são susceptiveis do polido o mais perfeito, e onde a côr se chega mais ao branco, são reconhecidos pelos mais proprios para este effeito. O claro da neve, o brilhante dos metaes, são provas bem certas. Faz a brancura da neve se percebão de vinte cinco, e trinta leguas altas montanhas, que se perdem de vista, logo que ella se derrete.

A mudança da direcção, que succede á luz, que passa de hum meio a outro, não he mais que hum desvio da primeira linha recta. Este desvio da luz se chama refracção, que he huma deviação, ou declinação, que seus raios soffrem em certos casos, passando obliquamente de hum meio a outro: este raio apartado assim da sua primeira direcção, parece como quebrado.

Sempre que a luz encontra obliquamente alguma superficie, ou refrange, ou reflecte, segundo he attrahida, ou repellida: quando refrange, se o novo meio he mais denso, ordinariamente chega-se mais para a perpendicular; e se o he menos, se affasta mais della tambem pela maior parte. Acontece algumas vezes que entrando no novo meio, e refrangindo, não chega a sahir delle pela complicação das forças attractivas, e repulsivas.

Pe-

Pela experiencia se assegura quanto a luz perde de seu recto caminho em cada meio. Por exemplo, em passando do ar para a agua, ella se avizinha hum quarto da sua distancia natural da perpendicular; em o vidro se chega perto de hum terço, ou de seis decimos setimos. Quando a luz sahe destes meios mais, ou menos densos para passar a outro de densidade igual ao primeiro, aparta-se tanto da perpendicular, quanto se chegou ao entrar, e se na entrada se affastou, em sahindo se chega outro tanto, assim perde hum quarto do seu desvio, sahindo da agua, e perto de hum terço, sahindo do vidro. Duas experiencias as mais familiares confirmarão o que se tem dito.

Mette-se hum bastão obliquamente na agua, elle parece curvo, e succede isto, porque os raios delle reflectidos em sahindo da agua para o ar quebrão affastando-se da perpendicular.

Tendo lançado huma moeda no fundo de hum vaso, que não seja de materia transparente, cujo rebordo seja hum pouco levantado, e affastando-se pouco a pouco, a perde de vista quem isto observa; enchendo de agua este vaso, a peça de moeda torna a apparecer com mais de huma grande polegada affastada da borda, e se descobrirá inteiramente toda: se no mesmo vaso houver em baixo huma abertura, por onde se possa tirar a agua, que se acha no vaso, a peça desapparecerá á medida que a agua corre; acontece isto, porque os raios, que partem da superficie desta peça, para respònderem aos olhos em linha recta, quando o vaso já não tem agua, dão contra o rebordo do mesmo vaso, que os intercepta. Os raios quebrando a superficie da agua, quando o vaso está cheio, vemnos aos olhos, por não terem quem os embarace,

mas não assim quando a agua abaixa a certo ponto, e menos quando não ha nenhuma, porque então o meio he o mesmo, e não ha refracção.

Nós vemos pois acima do seu verdadeiro lugar tudo o que percebemos na agua pelos raios obliquos; isto se observa, se atirarmos a hum peixe n'hum tanque, pois certamente o erraremos, se fizermos a pontaria aonde elle se nos representa, porque os raios obliquos, que se fórmão na agua, não deixão perceber a altura, e o lugar certo, em que está o dito peixe, e tambem porque a bala, com que se lhe atira, soffrendo huma refracção em sentido contrario ao da luz, se eleva necessariamente acima da direcção, ou pontaria, que se tem intenção de fazer. E isto he o que se chama refracção da luz, que he o fundamento de toda a Dióptrica.

CAPITULO XI.

Dos raios divergentes, e convergentes, e de como se pintão os objectos.

TOdo o raio, que parte de hum ponto brilhante, ou resplandecente, se separa. Estes raios separados se chamão divergentes. Quando estes raios, que partem de differentes pontos do mesmo objecto, vão juntar-se, e cruzar-se, se chamão raios convergentes. Aquelle, que cahe perpendicularmente de hum meio n'outro, não soffre alguma refracção, mas continúa segundo a mesma direcção, ainda que o meio seja de huma densidade differente; isto he: todo o raio, que fere perpendicularmente, e a prumo, entra sem se romper, ou quebrar, porque elle não tem mais razão para hir para a parte direita, que para a esquerda.

Se a ſuperficie do meio, em o qual entrão os raios, he convexa, como a cornea, e a lente cryſtallina, então ſuppondo-ſe os tres raios parallelos, ſuccede, que o raio do meio cahe perpendicularmente ſobre o meio de huma, e outra, e o atraveſſará ſem ſer apartado da primeira direcção, e não deſcreverá mais que huma linha recta, que ſendo perpendicular ás baſes das pyramides, ſe diz eixo viſual, ou optico. Ao contrario os raios collateraes, cahindo ſobre as partes lateraes, e declives, vem a ſer obliquos relativamente aos perpendiculares de cada ponto correſpondente, aſſim elles ſerão quebrados, chegando-ſe á perpendicular; quero dizer, eſtes raios virão a ſer convergentes. Porque ſendo nas ſuperficies eſphericas perpendiculares os raios da eſphera, chegar-ſe para as perpendiculares, he chegar-ſe para hum meſmo ponto; o centro da eſphera, he convergir. Ora he claro, que nem por todos os raios da luz ſe chegarem para o centro, ſe hão de nelle juntar, e na verdade o ponto, onde iſto acontece, a que ſe chama foco, varia por muitos modos, na meſma fórma onde o centro he ſempre conſtante. Eis-aqui agora eſtes principios applicados á viſão.

Nós vemos, que a cornea com o humor aquoſo fórma hum corpo transparente de ſuperficie convexa, e de huma denſidade maior, que a do ar. Eſta parte dos olhos, por cauſa da ſua figura, e do poder refringente, que tem, faz entrar na pupilla os raios, que não entrarião ſem iſſo: huma parte daquelles, que cahirião ſobre o iris, vem a ſer ou menos divergentes, ou parallelos em ſe refringindo, entra aſſim huma maior quantidade na pupilla, que faz ver o objecto mais claramente. De mais eſta parte dos olhos por cau-

ſa

ſa da elevação, que elles tem, procura á viſta huma maior extensão, porque he facil de comprehender, que ſe a cornea foſſe plana, e ficaſſe toda dentro da orbita, nós não veriamos ſenão os objectos, que eſtiveſſem directamente poſtos diante dos olhos, e teriamos neceſſidade de voltar a cabeça a todo o inſtante para ver os objectos, que eſtão dos lados; mas ſendo, como he, redonda, e elevada, ou ſahida para fóra, faz ver diſtinctamente o que eſtá diante dos olhos, e perceber com menos confusão as outras.

Não tendo a luz ſempre o meſmo grão de força, e ſendo mais forte, ou mais fraca, ſegundo a natureza dos corpos, que nos cercão, era neceſſario attendendo a delicadeza do orgão, que o Author da natureza diſpozeſſe as couſas de modo, que podeſſemos medir, ſegundo a força da luz, a quantidade de raios, que cumpre entrem nos olhos, e iſto he o que nós fazemos ſem o percebermos, apertando humas vezes a pupilla, e outras dilatando-a. Eſtes movimentos ſe fazem por meio de pequenos muſculos, de que já diſſemos que o iris he compoſto: a ſaber, as fibras circulares para a apertar, e as rectas para a dilatar.

A pupilla ſe dilata na ſombra, na agua, e ſe aperta em o ar; e eſtando expoſta aos raios da luz muito viva, ſem que ſe perceba que a vontade tenha parte em ſeus movimentos. Quando a pupilla ſe dilata, as fibras rectas do iris ſe encurtão, quando ſe aperta, as fibras circulares ſe inchão, donde ſe ſegue que eſte pequeno buraco deve apertar-ſe mais, ou menos, ſegundo a luz, que ſendo mais, ou menos forte, determina huma maior, ou menor quantidade de eſpiritos a correr em as fibras para iſto deſtinadas. Advertindo porém que para iſto aſſim ſucceder he neceſſario,

que a refpiração fubfifta, porque quando ella vem a faltar, o movimento dos efpiritos animaes fe reprime; e nefte cafo a luz vem a fer inutil, porque he evidente, que quando a refpiração vem a faltar, a circulação do fangue fe reftringe, e o movimento dos efpiritos deve ceffar pouco tempo depois. Quando eftes movimentos fe não fazem promptamente, nós refentimos algumas incommodidades, como fe obferva paffando fubitamente de hum lugar muito obfcuro a outro muito claro, ou ao contrario: a grande claridade no primeiro cafo nos offufca, ou turva os olhos; porque a pupilla eftá muito dilatada: e no fegundo cafo eftamos algum tempo fem ver os objectos, e não principiamos a diftinguillos, fenão quando a pupilla fe abre mais.

Segue-fe deftas differentes mudanças da pupilla, que huma luz deve parecer muito maior de noite, que no claro dia, affim como o Sol deve apparecer, quando nafce maior em diametro, que em o alto dia; hum corpo qualquer ao longe nos deve parecer maior em todo o fentido de manhã, e á noite, que ao meio dia: e durante a nevoa os objectos devem parecer muito maiores, porque á proporção que a luz he mais, ou menos forte, a pupilla fe aperta, ou fe alarga: quando fe aperta a imagem dos objectos, não póde fer de tanta extensão, como quando feu diametro he maior; bem entendido, que apenas ella fe aperta, os objectos fe pintão fobre o orgão pelos raios mais vizinhos, e logo que ella fe dilata, elles fe achão ao contrario mais abertos: quero dizer, que no aperto da pupilla apparecem debaixo d'angulos mais agudos, e quando fe dilata apparecem debaixo d'angulos mais abertos.

Os

Os raios da luz achando hum corpo diaphano tal como o cryſtallino, devem convergir, e ultimamente unir-ſe n'algum ponto. Eſte ponto de reunião ſe chama o foco da lente, e ſahindo do cryſtallino para paſſar em o humor vitreo, que he hum meio menos denſo, elles ſe devem quebrar, apartando-ſe das perpendiculares, e aſſim os raios continuando a chegar-ſe, ſe tornão a ajuntar para o eixo dos olhos, ao fundo dos quaes vão levar ſuas impreſsões. Eſtas impreſsões ſe fazem ás aveſſas do objecto, iſto he, os raios, que vão á direita, ſe pintão á eſquerda, e aquelles, que vem da parte eſquerda, ſe pintão á direita. E ſó o raio recto ſegue regularmente o eixo viſual, e não ſe quebra, porque he perpendicular á cornea, e a todo o globo, do que ſe póde qualquer certificar pelas duas experiencias ſeguintes.

Se ſe fecha a porta, e todas as janellas de huma caſa, de modo que a luz não poſſa entrar ſenão por hum pequeno buraco redondo, feito em hum dos poſtigos das janellas, e de fronte deſte buraco em huma diſtancia proporcionada, ſe põem hum bocado de papel branco, ou papelão, nelle ſe verão pintados todos os objectos de fóra com as mais vivas cores, ainda que ás aveſſas; por exemplo, ſe he homem com a cabeça para baixo, e ſe he arvore com as raizes para cima. Quando ſe querem fazer eſtas imagens mais vivas, ſe põem no buraco da janella huma lente, que ajuntando os raios, faz huma imagem mais pequena, e mais perfeita. Eſta pintura ſerá muito maior, e menos confuſa, quando a peſſoa, que a obſerva, ſe chegar mais ao buraco, e muito mais pequena, e confuſa, quando ſe affaſtar.

Para nos convencermos mais deſta transformação, ſe

ſe pega em hum olho de boi, delle ſe tira a ſclerotica, e a choroide, de ſorte que o humor vitreo não ſeja coberto mais que da retina ; põem-ſe defronte deſte olho duas velas acceſas, e a pintura, que ſe obſerva na retina, he contraria de cima para baixo, e vê-ſe mais, que a vela da parte direita cahe ſobre a parte eſquerda do fundo do olho ; ſe eſtas duas velas são deſiguaes, ſe vê a ſuperior na parte mais alta do meſmo fundo ; o que ſerá facil de verificar, removendo ſucceſſivamente cada vela para as reconhecer. Admira o ver os objectos direitos, ainda que ſe ſaiba que elles ſe repreſentão ſempre de cima para baixo em noſſos olhos, e he porque ſe confunde a impreſsão, que ſe faz ſobre o orgão com o juizo da alma, que a acompanha. Obſervar, e ver, são duas couſas differentes: diſtinguindo-ſe huma da outra, ſe póde dar razão deſte fenomeno.

Olhar para hum objecto, he virar-ſe para elle, a fim de receber a imagem no fundo do olho, mas ainda que eſta imagem ſe trace com as cores mais vivas, nós não vemos que eſte objecto repreſente o que eſtá fóra de nós, ſem que a impreſsão feita ſobre o orgão excite em nós a idéa da ſua preſença, e venhamos aſſim a julgar da ſua grandeza, ſituação, diſtancia, côr, movimentos &c. o que prova bem, que a viſão não conſiſte neſta ſó pintura do objecto ; pois que ella ſe faz igualmente nos olhos de hum morto, como prova a experiencia acima referida ; e de mais nós não temos hum inſtante os olhos abertos em o claro dia, que a luz não pinte huma infinidade de objectos, que com tudo não vemos ; porque a alma occupada de outras couſas não dá attenção a tudo o que ſe paſſa ſobre o orgão da viſta, e do meſmo modo ſuccede a reſpeito dos outros ſentidos.

O pequeno quadro, que no fundo do olho se pinta, he hum ajuntamento de pontos cada hum dos quaes he formado por hum pincel de raios, que vem em linha recta do objecto. Reduzindo estes pinceis a raios simples; nós vemos, por exemplo, observando huma frecha, além do raio do meio: os das duas extremidades da frecha, que entrando em os olhos se cruzão passando sobre o raio do meio, e a frecha he representada no fundo do olho em huma ordem opposta áquella, que tinha antes do cruzamento; isto he, que o raio, que está á direita, he representado á esquerda; e o que está á esquerda, se representa á direita.

Nós julgamos naturalmente que o objecto da visão está no fim, ou vertice das pyramides de luz, que no-lo fazem sentir. Se isto não he sempre verdadeiro quanto á estimação da distancia, he como huma cousa incontestavel, e infallivel relativamente á direcção. E referindo assim cada ponto do objecto ao fim do raio, que faz a impressão, se vê o fim da frecha em cima, e a outra extremidade em baixo, ou o que he o mesmo vê-se a frecha direita; ainda que se represente voltada de cima para baixo em nossos olhos; isto não he observação nova, he huma consequencia necessaria, de que nós percebemos esta frecha pelos raios cruzados, e que seguimos a inclinação natural, que he referir cada ponto do objecto á extremidade do raio, que o faz visivel. Chamo-lhe inclinação natural, porque este he o nome, que se costuma dar ás faculdades adquiridas logo nos primeiros tempos da nossa vida: e tal he com effeito esta, de que tratámos, que, como todas as outras, se não deve julgar innata, porque hoje a temos, nem nos lembrâmos de já mais ter della carecido. O tacto, que he o mestre de todos os sentidos, he

quem

quem dá á vista a faculdade de adquirir-nos todas as idéas, que por ella recebemos, á excepção das de côres. Assim por elle he que nós somos instruidos da verdadeira situação dos corpos. Porque imaginamo-nos destituidos de todos os sentidos, menos do da vista, e que a ella se nos offerece hum objecto. Temos visto, que elle se pintará ás avessas, e assim será visto. Recuperado porém o tacto, nós reconheceriamos, que o objecto se acha em situação inversa da da sua imagem. E isto he o que na verdade nos acontece na nossa infancia.

Nós vemos os objectos maiores, quando os angulos visuaes, ou opticos, que lhe servem de medida, são mais abertos; porque então estas mesmas dimensões; isto he; sua grandeza, comprimento, e largura, são levados ao fundo dos olhos debaixo de angulos semelhantes, e a imagem, que ahi resulta, occupa hum maior espaço.

Estes angulos vem a ser mais agudos, á medida que o objecto se aparta dos olhos; isto he, que o objecto sendo representado nos olhos huma vez mais pequeno, deve parecer menor. Pois quanto mais o objecto, donde partem os raios, está perto dos olhos, mais o angulo formado por este cruzamento he consideravel. Por exemplo: se observarmos duas pequenas estatuas do mesmo tamanho, huma na distancia de hum pé, e outra na de seis, a estatua posta na distancia de hum pé parecerá quasi seis vezes maior, que a estatua posta na de seis, porque a abertura do angulo visual da primeira estatua, ou a altura de sua imagem, he quasi seis vezes maior, que a abertura do angulo visual da segunda estatua. Quando a imagem he diminuida a hum certo ponto, nós perdemos inteiramente de vista o objecto, ou o vemos confusamente, porque então

suas

ſuas differentes partes não ſe pintão baſtantemente ſeparadas humas das outras.

A differença, que ha entre os angulos, que fórmão os raios dos corpos diſtantes, e os que fazem os dos corpos vizinhos, dá a razão de muitos phenomenos. Primeiramente corpos muito apartados dos olhos devem parecer hum perto do outro, ainda que haja hum grande eſpaço entre elles, porque eſte eſpaço he repreſentado em os olhos por hum angulo inſenſivel. Segundo, o movimento dos corpos diſtantes não ſe deve fazer perceber; porque o eſpaço, que elles correm ſendo repreſentado por hum angulo inſenſivel, não póde ſer de nós percebido. Terceiro, duas alas muito longas formadas de quaeſquer corpos nos devem parecer mais chegadas na extremidade, que he mais apartada de nós, porque eſta extremidade he repreſentada nos olhos por hum angulo muito pequeno: pela meſma razão poſtos no principio d'huma ſala muito comprida deve-nos parecer mais baixo o tecto no fim della: dois edificios, que eſtão hum junto do outro, pareceráõ mais chegados em cima, do que em baixo.

CAPITULO XII.

Do orgão immediato da viſta.

TEm ſido grande a controverſia entre os Phyſicos, e Anatomicos ſobre o orgão immediato da viſta. Entende-ſe geralmente por eſte nome aquelle aggregado de nervos, cuja acção produz na alma o que chamamos viſão. Dois são os ſentimentos, que entre ſi tem dividido os mais celebres Philoſophos. Deſcartes com o maior numero ſeguírão que era a retina: Mariot-

 te

te com os outros defenderão que a choroide. Exporei os argumentos principaes de huns, e outros, para que cada hum siga o que melhor lhe parecer dos dois partidos, que qualquer delles póde seguir-se sem nota de ignorancia, ou menos sciencia.

He experiencia de nós já referida, que tirando na parte posterior a hum olho de boi todas suas tunicas, menos a retina, e ajustando a pupilla a hum buraco feito na janella de huma casa ás escuras, se vem pintados naquella membrana os objectos, que passão por diante. Daqui se tira que o mesmo he em vida, e por tanto, que ella he o orgão immediato da vista. Respondem os contrarios que tal não acontece, pois em vida he a retina perfeitamente diafana, e só depois da morte se observa com semelhança de papel untado de azeite. He singular, e digna de se repetir, e notar a observação de Mr. de Saint-Ives, que affirma, que tirada a retina, e a choroide, o foco dos raios de luz se fazem em certa distancia do lugar da retina pouco mais ou menos, onde se acha a choroide. A ser isto verdade, pode-se dizer que a imagem sim se pinta nesta experiencia sobre a retina, mas menos vivamente do que em vida (quando ella he transparente) hum pouco mais avante sobre a choroide. Destruido este argumento, recorrem a outro, e he, que a retina he constante, e a mesma em todos os animaes, mas não assim a choroide. Responde-se a isto, que esta anatomia comparada não he bem contestada, e que além disso tambem a vista não he a mesma em todos os animaes. Accrescentão que sendo a retina expansão da medulla do nervo optico, o qual he o orgão da sensação, tambem ella o hade ser da vista. A esta razão se oppõem os contrarios, que a medulla do nervo optico he huma

ex-

expansão do cerebro, cuja subſtancia ſe prova ſer inſenſivel, pois que attraveſſando-o com o eſcalpelo, não dá ſenſação, ainda ſegundo as experiencias dos meſmos contrarios. E que elle não he o orgão da ſenſação, ſe vê de que muitos animaes a que (entre outros) MMr. Wood-Ward, e Chiral tirárão o cerebro, conſervárão a ſenſibilidade. Na balêa o cerebro, cerebello, e medulla oblonga são hum licor tranſparente, como tambem o he o que ſe acha fazendo as vezes de medulla nos nervos da ciba. Ora, dizem elles, eſte fluido não he certamente muito proprio para ſer orgão da ſenſação; e por tanto nem o he a medulla dos nervos, ou o cerebro.

Iſto o que em favor da retina ſe coſtuma allegar, e o que ſe lhe reſponde, mas não contentes com iſto os que defendem a choroide, obſervão, que a retina he huma pouca de baba, ou ſubſtancia apenas gelatinoſa, e por tanto incapaz de ſer orgão da ſenſação. Accreſce a iſto ſer ella hum corpo tranſparente, e que deixa paſſar todos, ou quaſi todos os raios da luz, ao meſmo tempo que a choroide he huma ſubſtancia ſolida, elaſtica, opaca, e negra: nella nenhuma luz ſe perde, nenhuma lhe ſobeja, parece ter ſido creada para receber a acção da luz, como para ſobre ella a produzir, não de outro modo que hum orgão he feito para perceber certos objectos, e eſtes para delles ſerem percebidos, ſendo cada qual dotado das qualidades, que poſsão obrar mutuamente hum ſobre o outro.

Mr. Mariotte obſervou (e depois delle muitos outros Phyſicos) que todo o objecto, cuja imagem cahia ſobre o lugar da inſerção do nervo optico, no fundo do olho, não he viſto, e com tudo alli ha retina, mas não choroide: logo ſe onde falta a choroide, ainda que haja retina, não ha ſenſibilidade viſual, a choroide, e não

a retina he o orgão destas sensações. Diz-se a isto, que a razão de a retina não ser sensivel naquelle lugar he, porque nella se acha hum tronco de vazos sanguineos, cujas ramificações se extendem por ella toda. Mas esta resposta, que não estabelece os direitos da retina, como nem destroe os da choroide, não ha sido bem contestada.

He certo que a pupilla se contrahe em consequencia da muita luz, que obra sobre o orgão da vista, seja este qual for, e dilate-se em consequencia da acção de pouca luz sobre o mesmo orgão. Donde se tira por huma legitima conclusão, que entre o orgão da vista, e a pupilla ha huma communicação de nervos, e por tanto se quizermos averiguar qual he o orgão da vista, não temos mais que observar qual parte do olho tem com a pupilla communicação nervosa. Todos os Anatomicos a huma voz, sem exceptuar os mais acerrimos partidistas da retina, confessão que não esta, mas sim a choroide tem aquella communicação, e tal que muitos tempos forão olhadas como huma só membrana, as que hoje são reconhecidas por tres distinctas: a choroide, o iris, e os processos ciliares. Do que tudo parece concluir-se invencivelmente, que a choroide, e não a retina, he o orgão immediato da sensação.

Mas sendo assim, que qualquer dos dous partidos se val de algumas razões fundadas em observações, que não são exemptas de toda a duvida, já por miudas, e difficeis, já por poucas vezes feitas, diremos, que só he digno de censura aquelle, que sem tomar o pezo ás razões, que fazem por huma, e outra parte, não vê nos que são de sentimento contrario, ao seu senão ignorancia, e falta de bom senso.

Nós somos obrigados a confessar, que o partido da cho-

choroide nos parece o mais provavel, já porque tem hum maior numero de provas directas, já porque as razões, que em seu favor se allegão, não são de huma tão difficultosa indagação; e por tanto são melhor contestadas. Mas nem por isso censuramos de ignorancia, ou menos bom senso, aquelles, que o contrario sentirem, porque nos casos opinativos não he extranho dividirem-se os pareceres, e seguir cada hum o que achar mais provavel, e conforme.

CAPITULO XIII.

Da natureza das côres.

AS côres são, ou modificações, ou partes da luz. São modificações da luz, segundo os Cartesianos, que crem, que as diversas côres dependem do modo, com que a luz he reflectida pela substancia dos corpos. São as partes da luz, segundo os Newtonianos, que pensão que a luz, ou o branco, he hum composto de sete sortes de raios, vermelho, alaranjado, amarelo, verde, azul, gredelei, e roxo, e que estes raios, ou globulos, principios das sete cores primitivas, são inalteraveis, e residem verdadeiramente na luz. Que ellas nascem da luz se póde assegurar, fazendo passar estes raios a través de hum prisma. Se depois de ter olhado fixo contra o Sol, se fechão os olhos, ou se entra em hum lugar obscuro, restão as impressões do vermelho, amarello, verde, azul, &c. o que não póde ter outra causa mais que os raios solares, que tem feito impressão sobre o orgão. Nós vemos a luz do Sol introduzida por hum muito pequeno buraco em hum lugar muito sombrio, ou reverberada por hum corpo polido, formar

hum ponto muito luminoso: observão-se pequenos filetes de todas as côres: vem-se ainda as mesmas cousas em outros muitos casos, por pouco que se dê attenção: e assim cada côr he inseparavelmente propria de cada huma destas especies de raios: chama-se hum corpo vermelho, quando elle reflecte os raios, ou os globulos vermelhos, e absorve, ou extingue os outros; chama-se azul, quando reflecte só os raios azues, ou os azues em maior numero, que todos os outros; o mesmo se diz das outras côres; em fim o corpo parece branco, quando reflectem todas as sete especies de raios.

Cumpre porém advertir que não só he verde o corpo, que absorve todos os raios, á execpção dos verdes, mas tambem por exemplo, o que reflecte todos, menos os vermelhos, e assim d'outras côres.

Se ao contrario o corpo absorve, e extingue todos os raios, he chamado negro; se deixa passar livremente a maior parte dos raios, he chamado transparente; se só deixa passar alguns, e apaga os outros, se chama corpo opaco.

Hum raio se extingue em hum corpo, quando o penetra, e se quebra em muitos sentidos differentes até que perde em fim seu movimento.

Provém a diafanidade dos corpos da igual destribuição de suas forças elementares, pela qual a luz segue sem alteração seu caminho, sem padecer continuas refracções, e reflexões. Assim esta propriedade não vem só dos poros do corpo se acharem dispostos em linha recta, porque he verdade, que se os poros se não achassem nesta disposição, a luz não passaria, e seria o corpo opaco, mas tambem he certo que não basta ter poros nem o tellos em linha recta para ser diafano. Isto se entende facilmente, se concebermos hum corpo, cujos poros es-

estejão dispostos do melhor modo, que se possa desejar, mas que tenha huma forte repulsão para a luz, que sobre elle cahe, esta ainda antes de o tocar retrogradará no mesmo plano, ou reflectirá, fazendo o angulo de reflexão igual ao da incidencia, e por tanto nenhuma luz passará a través do corpo; por conseguinte será opaco. (*a*)

CAPITULO XIV.

Como se vê hum objecto simples sendo que sua imagem faz impressão nos dois olhos, e porque se vê algumas vezes dobrado.

QUando olhamos hum objecto, cada hum de nossos olhos recebe huma imagem deste objecto. Ha duas imagens, que fazem de huma vez impressão sobre a nossa alma, e com tudo nós não vemos mais que hum objecto. Se acontece que a alma deixe hum dos olhos como em esquecimento desta acção, de fórma que ella se não sirva mais que de hum, ou só dê attenção a huma das duas imagens, a difficuldade será logo tirada. He verdade que isto, que faz a alma, commummente he o modo de ver mais ordinario; dizem alguns filosofos: nós não consideramos attentamente hum objecto mais que do olho, que está de sua parte, ou que está mais proximo a elle, e o outro olho está em huma especie de repouso, até que cançado o primeiro entre elle em seu lugar: O que tem feito crer a muita gente, que ha hum olho mais forte, ou mais vigilante que outro,

(*a*) Veja-se a fim de se esta explicação entender como a de outras propriedades, e fenomenos da luz, de que temos fallado, a carta de Hylario, a Euphyandro Tomo I, dos Opusculos de Physica, e de Chimica, e ahi mesmo a Theoria da combustão.

tro, e que se carrega constantemente da maior parte da obra. (a)

Ainda que esta especie de visão torta fosse, como elles pertendem, ordinaria, não he universal, como elles mesmos o crem, e por conseguinte não póde dar a solução do fenomeno, de que se trata.

Primeiro, a experiencia confirma ordinariamente, que se vem os objectos com os dois olhos ao mesmo tempo: segundo, que se vê melhor com dois olhos, que com hum só: terceiro, que servindo-se dos dois olhos, se fatiga menos a vista, se julga mais promptamente, e se fitão os olhos mais constantemente n'hum mesmo objecto: quarto, que se vê melhor quando se olha com attenção, e com huma especie de esforço: quinto, que se acontece algumas vezes não se ver o objecto, mais que de hum só olho, porque a attenção he excitada em este olho antes que em o outro, he porque o objecto está da parte deste olho, e he ferido primeiro, ou porque nós temos adquirido hum habito particular de fazer uso deste olho, antes que do outro. Do que tudo se vê, que falsamente se affirma ser necessario olhar como por demais para ver os objectos duplicados, porque huma grande applicação faz que se não veja mais que de hum olho, ou que se não dê attenção mais que á imagem pintada n'hum dos olhos; se tal succede he raramente. Eis-aqui huma solução geral.

Quando nós olhamos para hum objecto com os dois olhos, estes orgãos se voltão para o mesmo objecto, de mo-

(a) Diz-se que o olho esquerdo seja mais forte. Esta observação não he geral. Ha olhos perfeitamente iguaes, e tambem pelo contrario ás vezes o direito he mais vigoroso. A ser a observação de Botelli (que he a primeira) constante verdade, poder-se-hia suppôr, que o nervo optico esquerdo tem mais, e melhor disposto fluidó nerveo.

modo que elle vem collocar-se á extremidade da linha central de cada olho, e o centro de cada imagem se pinta sobre a choroide de cada olho no ponto, que responde ao eixo optico. Assim todas as vezes que as duas imagens cahirem sobre os pontos da choroide, que respondem ao eixo de cada olho, estas imagens se confundiráõ em huma só imagem: mas quando as duas imagens cahirem fóra destes pontos, não se confundiráõ, ver-se-hão todas, e o objecto parecerá dobrado.

Esta he a razão, porque os que estão tomados do vinho vêm os objectos dobrados, porque seus olhos se achão como paralyticos, assim como suas pernas, que se fazem como fixas, e immoveis. Elles não dirigem exactamente os eixos visuaes para os objectos, e assim as imagens destes objectos cahem fóra do pólo visual, e produzem por consequencia a visão dobrada.

Dobra-se tambem hum objecto, quando se olha com os dois olhos, comprimindo hum olho com o dedo em qualquer parte do seu globo. A imagem muda do pólo visual, onde estava, vê-se esta separadamente, e parece ao mesmo tempo, que este segundo objecto muda de sitio, e se affasta do primeiro, porque comprimindo o olho de lado, se faz que os raios, que vão a elle, caião obliquamente sobre o mesmo olho, e se quebrem mais atravessando-o. Ora a alma refere sempre a impressão das imagens em linha recta á extremidade do eixo, que toca o orgão, ou o fundo do olho.

A alma refere sempre a impressão das imagens a hum objecto situado em linha recta, porque ella não vê o objecto no lugar, onde elle está. Ella o vê em o mesmo olho, porque nada tem com o objecto, mas só com a imagem, pois de qualquer ponto que a imagem venha, logo que tem atravessado a cornea, e o humor aquo-

 so,

so, e crystallino, se quebra por ultimo em o humor vitreo, onde descreve huma linha recta até ao fundo do olho, e assim a alma vê o objecto, como se estivesse sobre o mesmo olho, segundo o eixo visual prolongado quanto for preciso.

Temos dito que hum objecto visto dos dois olhos parece simples, quando as imagens cahem directamente sobre os pontos do eixo optico, que se correspondem em cada olho, e que elle parece dobrado, quando a imagem cahe fóra destes pontos, ou sobre as partes, que não são pontos analogos, ou correspondentes.

Crê-se que o eixo optico he o centro do nervo optico: diz-se que estes dois nervos se cruzão, e que assim a impressão, que cahe sobre elles, sendo levada ao longo de seus filetes, se encontrão em hum só ponto no cruzamento dos ditos filetes, e que ahi se confundem em huma só impressão. Mas nós vimos no capitulo passado, que o centro do nervo optico he inepto para tal função; além disso o cruzamento, de que aqui se falla, he imaginario.

Alguns modernos, que percebêrão estas difficuldades, fixárão o eixo optico sobre o ponto da choroide, ou da pia-mater, que está sobre o bordo interno da inserção do nervo optico, e dizem que estas partes da pia-mater se reunem diante do concurso destes dois nervos, justamente onde responde o eixo commum, e que as duas impressões se confundem em huma só. He hum facto provado pela anatomia a mais exacta do olho, e pela experiencia de Mr. Mariotte, que o eixo do globo do olho, ou o eixo visual, cahe na porção da choroide, que fica depois do nervo optico para a parte do angulo externo. O pólo optico não he hum ponto, he todo o fundo do olho, que tem o eixo optico por centro,

tro, pois toda a imagem, a cujo centro responde este pólo, faz ver á alma hum objecto unico, ainda que a imagem esteja em cada olho, pela mesma razão que se ouve por dois ouvidos hum som unico, ainda que haja dobrada impressão. Isto não he que as sensações se confundão pela reunião das acções do movimento. Esta confusão he huma chimera nos dois ouvidos, cujos nervos, e orgãos são muito distinctos; a mesma alma he que faz esta reunião por hum juizo, que lhe vêm do habito particular, e da experiencia: ella sabe, que hum objecto unico he aquelle, que occupa hum só, e unico lugar, proporcionado á sua circumferencia, e que hum objecto dobrado he aquelle, que occupa hum dobrado espaço, ou que está em dois lugares distinctos. Assim quando lhe vem huma imagem em cada olho, que ambos se referem em linha recta ao mesmo ponto, ao mesmo lugar, e que são precisamente os mesmos em sua posição, e em sua fórma, por isso que o objecto está em o eixo commum aos dois olhos, e que occupa o mesmo sitio o mesmo pólo optico, e cahe sobre as mesmas partes em cada olho; conclue, que he huma sensação vinda do mesmo lugar, e esta dobrada imagem he de hum objecto unico; ella não sente, não vê mais que hum objecto.

Se se tira o olho fóra do eixo commum, a direcção da imagem se muda; e o objecto parece dobrado. Porque sendo cada imagem referida a dois lugares differentes, a alma julga o objecto dobrado.

De tudo o que concluo, que o pólo optico he a região do fundo de cada olho, que he sympathica com sua companheira, o seu centro he chamado eixo optico, ordinariamente o eixo do mesmo globo se dirige, e se reune ao eixo commum, quando os dois olhos

olhão realmente ambos para hum objecto; todas as vezes que esta reunião se faz, a imagem do objecto, ainda que dobrada, huma em cada olho não faz ver mais que hum objecto, porque as duas imagens são referidas pela alma a hum só, e mesmo lugar; e fóra deste eixo commum, o objecto parece dobrado, porque cada eixo do olho, e por consequencia cada imagem será referida a hum lugar distincto do outro, e assim a imagem do mesmo objecto responde a dois lugares differentes.

CAPITULO XV.

Como se vêm os objectos distinctamente.

HE distincta huma imagem, quando todos os pontos do cone luminoso, que a fórmão, se unem na mesma proporção, que elles tem sobre o proprio objecto, sem que se ajuntem, ou apartem mais; quando com elles se não misturão raios vindos de outros objectos; e quando a luz nem he excessivamente forte, nem demasiadamente fraca: quero dizer, que huma imagem he distincta, quando todos os pontos da luz, e os intervallos das sombras, que a fórmão, são postos huns depois dos outros, como elles o são sobre o mesmo original, de sorte que se não ajuntem muitos destes pontos, ou intervallos de sombras a huma parte, nem tenhão entre si intervallos, que não ha no original; e quando em fim sua impressão não he disproporcionada á sensibilidade do orgão, porque hum ou outro destes defeitos fazem a imagem confusa.

Para ter huma clara idéa desta justa reunião dos pinceis da luz n'hum certo ponto, he necessario lembrar-se, que cada corpo espalha ao redor de si a luz, que

que o vem ferir, desta sorte cada pincel de luz, que toca hum ponto do corpo, saltando se alarga sempre de maneira, que este ponto do corpo faz o cume, ou vertice da pyramide, que fórma o pincel reflectido.

Os pontos, em que se pinta a imagem do objecto quando vizinho, não são os mesmos, que quando mais distante. Os raios reflectidos por hum objecto vizinho chegão ao olho mais divergentes, e mais apartados, suas pyramides fórmão hum angulo mais aberto: elles se devem reunir mais longe álem do foco do crystallino; de modo que se o objecto está muito perto, os raios não se reuniráõ, e cahiráõ parallelos no fundo do olho; esta he a razão, por que se não vê hum objecto muito vizinho da pupilla, ou se vê confusamente. Os raios, que vem de hum objecto apartado, são quasi parallelos, quando chegão ao olho. Ora taes raios pelas leis de refracção devem reunir seus pinceis no foco, ou muito junto do foco natural do olho, e por consequencia muito antes que os dos objectos vizinhos.

Accrescentemos, que os raios reflectidos por hum objecto vizinho são lançados de mais perto; e assim tem tanta mais força, quanto mais vizinho está o objecto, donde são lançados, ou reflectidos, e resistem tanto mais á refracção. Os pinceis luminosos se reunem mais longe.

Ao contrario os raios reflectidos por hum objecto apartado são enfraquecidos, e em o longo caminho, que passão, sua força se perde, se extingue pouco a pouco, como succede a todo o movimento communicado: estes raios cedem mais facilmente ao poder da refracção, pois os pinceis dos objectos apartados são mais refrangiveis. Elles devem reunir-se antes, ou mais perto do crystallino, que os pinceis reflectidos dos objectos vizinhos.

Se

Se esta divergencia diminue á medida, que se augmenta a distancia entre o objecto, e o olho; como póde ser ver-se hum mesmo objecto com igual distinção em differentes distancias?

Os Physicos tem dado differentes razões. Huns pertendem, que o globo do olho pela acção dos musculos exteriores de necessidade muda de figura, que se alonga para ver distinctamente os objectos, que estão muito perto delle, e que ao contrario se encurta para aquelles, que estão muito apartados. Se as causas são taes, não he necessario procurar outras razões.

Mas considerando de huma parte os limites da visão distincta, e os differentes gráos de divergencia, que elles permittem aos raios incidentes, e de outra os effeitos, que podem causar na luz os humores do olho em virtude de seus poderes refractivos, se acha que não he verosimil, nem ainda possivel, que o globo se alongue, e se encurte tanto, como he necessario suppôr, para satisfazer inteiramente a questão; pois que seria preciso para isto que o eixo do olho viesse a ser hum decimo mais longo, que no estado natural. Outros pensão que o crystallino se póde adiantar, ou recolher, pela acção dos ligamentos ciliares. Esta razão seria bastante, se os movimentos, que se suppõem ao crystallino, podessem fazer variar a distancia, que ha entre elle, e o fundo do olho tanto, como pede a differença das em que os objectos se vêm distinctamente. Mas he ainda menos possivel, que isto succeda pelo jogo, que se suppõem ao crystallino, do que pelo prolongado, e recolhido, ou encurtado do globo do olho.

M. Jurin julgou achar a verdadeira causa, suppondo, que a cornea he flexivel, e elastica, capaz por con-

conſequencia de vir a ſer mais convexa, ſe he tirada para traz por ſua circumferencia, e de cobrar ſeu primeiro eſtado, depois que ceſſar a acção, que a faz apertar. Elle obſervou depois, que a uvea he huma membrana muſculoſa, capaz de ſe apertar, e que toma ſua origem em huma protuberancia circular, que reina ao longo do interior da cornea no lugar, onde ella ſe ajunta á ſclerotica, que o cryſtallino he clauſurado em huma capſula membranoſa, e nadando n'huma pouca de agua, que a parte poſterior deſta capſula he adherente á membrana desligada, que contém o humor vitreo, e que os ligamentos ciliares, que são huns pequenos muſculos, tem huma parte no bordo deſta capſula, e a outra no lugar, onde a cornea ſe ajunta á ſclerotica.

Ajudado deſtas obſervações M. Jurin, diſcorre aſſim: Quando o olho eſtá perfeitamente em deſcanço, e não faz algum esforço, eſtá em eſtado de ver diſtinctamente os pequenos objectos n'huma certa diſtancia, que he pelo commum dos homens, de quinze a dezeſeis pollegadas. Quando nós olhamos para eſtes objectos de mais perto, crê-ſe que o grande annel muſculoſo da uvea ſe aperta; iſto he, que faz a cornea mais convexa, e por tanto ſerá a refracção dos raios maior: eſte effeito compenſa a grande divergencia, que vem da proximidade do objecto. Se olhamos a huma diſtancia maior, que de quinze, ou dezeſeis pollegadas, os ligamentos ciliares contrahindo-ſe mudão os bordos da capſula, e fazem remontar para elles a agua, que ſe acha entre eſta cobertura, e o corpo do cryſtallino, que por iſſo vem a ſer menos groſſo no meio. Sua convexidade aſſim diminuida compenſa o gráo de divergencia, que falta aos raios, que vem de muito longe.

Ainda que esta explicação não seja exacta em todos os seus pontos, com tudo aquelles, que pensão que acontece huma variação de figura em o globo do olho, ao menos para as especies de animaes, que tem este orgão inteiramente flexivel, poderáõ fazer uso desta engenhosa explicação.

Resta dizer alguns fenomenos da visão: hum carvão redondo accezo nos faz ver hum circulo de fogo, ou quando com huma corda de viola fina se faz ver huma larga, ou muitas ao lado humas das outras.

Estes fenomenos dependem da duração da sensação, que hum objecto excita em os nervos, e da promptidão, com que a sua acção se repete. Porque se a acção de hum objecto sobre hum mamelão nervoso se repetir; antes que sua impressão seja extincta, as impressões serão continuadas, como se o objecto não tivesse cessado de agitar-se. Isto he o que succede no circulo do fogo, que produz hum carvão ardente passando muitas vezes, e rapidamente sobre os mesmos vestigios: suas acções sobre os mamelões nervosos da choroide succedem tão rapidamente, que as impressões, que ahi excitão, são contínuas, assim havendo em o olho hum circulo contínuo de impressão de fogo, se vê necessariamente hum circulo do mesmo fogo: assim como as vaquetas de hum tambor, que fazem succeder rapidamente as pancadas neste instrumento humas a outras, fazem o som rápido, e interpolado, que se chama rufo.

A corda de viola alargando-se pela multiplicidade das vibrações, se explica pelo mesmo principio. Hum corpo luminoso, que corre rapidamente hum espaço do Ceo, faz tambem ver huma luz contínua, porque a linha de impressão viva, que ella produz no olho, se

faz

faz tão promptamente, que todos os pontos da dita linha de impressão subsistem juntos hum certo tempo, por consequencia se tem em o olho huma linha inteira de impressão de luz, e se deve ver huma luz contínua, taes são os meteoros, que o vulgo chama estrellas, que cahem.

Succede muitas vezes, que em se esfregando os olhos com algum excesso, ou se se recebe huma pancada, se crê ver raios de luz, ou grossas faiscas de fogo, ainda durante a noite. Não se pódem attribuir estas apparencias senão ao movimento do orgão, ou elle seja feito immediatamente pelo toque do corpo estranho, que o roça, ou toca exteriormente, ou seja que a commoção exterior se communique, e anime a materia da luz, que reside em as menores partes do orgão, e que por este meio as fibras nervosas sejão postas em movimento, como o serião pela acção de huma luz, que vem de fóra.

Porque causa os objectos são mais pequenos em os dias muito frios, e muito claros, e porque os vemos nós maiores, ou menores, segundo a temperatura do ar, ou segundo a maior, ou menor fraqueza da nossa saude.

A diminuição da grandeza dos objectos, quando cahe muito gelo, ou neve, he huma consequencia necessaria da natureza dos olhos, e do que temos dito precedentemente.

As imagens pintadas em o olho são tanto mais pequenas, quanto mais pequeno he o diametro do olho, e quanto os humores são mais convexos, se acontecem em certos tempos variações aos olhos, nós veremos os objectos mais pequenos, que antes, isto he o que succede aos olhos, que são atacados do frio, do

gelo, e do brilhante da neve, hum, e outro fazendo huma forte impressão sobre estes orgãos, excitão huma forte contracção, assim como o mesmo gelo forte he capaz de a fazer sobre os metaes mais duros: os olhos assim atacados diminuem em todo o sentido, e sobre tudo segundo seu equador, ou segundo o circular do globo, que acontece pela contracção do iris, e da coroa ciliar; os mesmos humores todos participão desta forte contracção, e neste caso os olhos são menos grossos, e mais convexos, elles recebem hum angulo visual mais pequeno, e huma imagem menor. Conformemente ao principio estabelecido, que a figura dos olhos contribue á grandeza das imagens, nós devemos ver os objectos maiores, ou menores, segundo a temperatura do ar, ou segundo que a nossa saude der mais, ou menos elasticidade a nossas fibras, e mais, ou menos volume a nossos humores, e assim em hum tempo quente, humido, coberto, ou ennevoado, em huma saude fraca, e languida, em certas plethoras, estando os olhos então mais relaxados, ou mais dilatados, nós vemos os objectos mais volumosos, e em hum tempo frio, secco, e sereno, e em huma boa disposição dos orgãos, vemos os objectos mais pequenos, porque todas estas causas dão a nossas fibras, e a nossos olhos mais elasticidade, mais contracção, e aos humores menos volume. Donde se póde concluir, que hum objecto muito esclarecido parecerá mais pequeno; e hum objecto pouco esclarecido parecerá maior. A razão he evidente, a luz viva põem em contracção todo o globo do olho, e a fraca o deixa relaxado, e dilatado.

TRA-

TRATADO
DAS
MOLESTIAS DOS OLHOS.

AS enfermidades dos olhos se dividem em communas, e proprias. São communas aquellas, que apparecendo nos olhos, se podem encontrar do mesmo modo em qualquer parte do nosso corpo; e proprias aquellas, que só se manifestão nelles, e tão particularmente caracterizadas, que absolutamente se differenção de outra qualquer enfermidade do nosso corpo. Tambem se dividem em externas, e internas. Dizem-se externas aquellas enfermidades, que externamente apparecem nas palpebras, e no globo do olho, e internas as que se fórmão no interior destas duas partes, que todas se nomearáõ pelos seus nomes, e se lhes descreveráõ os seus curativos.

ENFERMIDADES DAS SOBRANCELHAS, PESTANAS, E SUAS ESPECIES.

As sobrancelhas, e pestanas padecem huma enfermidade chamada madarozis, milphozis, ou calvice.

A deformidade da parte, e a grande sensibilidade, com que fica a mais ligeira impressão da luz, são os máos effeitos desta enfermidade. Ha tres especies de madarozis.

A primeira he espontanea, que he symptoma de lepra, e morbo celtico inveterado. Esta se julga incuravel, por haver o acre da materia destruido as capsulas, e as raizes dos cabellos.

A segunda he, quando por alguma causa se tem rapado as sobrancelhas, que passados dois annos, tornão a crescer.

A terceira he por haverem arrancado os cabellos das pestanas por causa de alguma enfermidade, que tornão a nascer mais grossos, e rijos, finda a enfermidade.

PETHIRIASIS.

As sobrancelhas, membrana, e pestanas dos olhos padecem outra enfermidade chamada Pethiriasis, que não he outra cousa mais que a multidão de piolhos, que nellas se crião. Cura-se untando as pestanas affectas com unguento mercurial simples, ou oleo de espica.

FERIDAS DAS SOBRANCELHAS.

Estas feridas algumas vezes causão symptomas graves.

Ha duas especies. A primeira he chamada ferida simples, que he quando só se offendem os tegumentos: se a palpebra superior fica mais dilatada depois da cura da ferida, causa blepharoptosis; e se mais pequena por ficar a cicatriz muito comprimida, causa lagophthalmo. Para evitar estas molestias deve-se pôr todo o cuidado em que as feridas fiquem bem unidas, e consolidadas na cura.

A segunda se chama ferida complicada com lesão do nervo frontal, que sahe do buraco superciliar. Esta lesão causa a Maurosis, que só apparece depois da ferida curada. Veja *a Maurosis por causa da ferida da sobrancelha.*

TRICHIASIS.

As peſtanas voltadas para dentro do globo do olho fazem a doença chamada Trichiaſis, que apparece tanto na palpebra ſuperior, como na inferior. A cauſa deſta enfermidade humas vezes he por natureza deſde o berço, outras por alguma callòſidade, ou cicatriz, que obrigão a que os cabellos ſigão errada direcção. Os effeitos deſta enfermidade são, huma continuada moleſtia, e irritação das membranas conjunctiva, e cornea, de que ſe ſegue dôr viva, inflammação do olho, ulcera, leucoma, opacidade da cornea, e algumas vezes cegueira. Chama-ſe total, quando todos os cabellos naſcem voltados para dentro do olho, e parcial, quando ſó alguns cabellos mais, ou menos unidos, naſcem com as pontas viradas para dentro do olho, ou dos olhos.

Para a cura radical deſta enfermidade ha quem aconſelhe arrancar, ou tirar os ditos cabellos pouco e pouco, com huma tenaz propria, enchendo ſuas cavidades com remedios eſcaroticos, e por fim uſando da agulha em braza para cauterizar cada huma de ſuas capſulas; (não produzindo effeito os eſcaroticos) Eſtes remedios são muito violentos, e por iſſo não os poſſo aconſelhar; e quanto aos cabellos arrancados, de que ſó tenho feito algum uſo, tambem ſe não tira conſequencia util, antes ſe ſeguem damnos. Porque entrando as ditas peſtanas a creſcer, em quanto curtas offendem mais o globo, cauſando maiores inflammações, e fazendo mais cronica a moleſtia. Do que ſó tenho tirado fruto, he do uſo dos encerados anglicanos, cortando huma tira de figura da palpebra, e pondo-a de ſorte que as peſtanas fiquem voltadas para cima da palpebra,

pe-

pegadas com o dito encerado, (depois de humedecido) o que se faz puchando para cima a palpebra, e mettendo por baixo das pestanas o encerado se volta, e pega em cima della juntamente com as ditas pestanas, onde se conservão o tempo que for preciso; e despegando de alguma parte de sorte que os cabellos se soltem da prisão, se repete do mesmo modo, e se attende á causa do centro com os remedios, que pedir a indicação.

DISTRICHIASIS.

Quando ha duas ordens de cabellos nas pestanas, huma voltada para fóra, e outra para dentro, que offenda o globo do olho, esta enfermidade se chama Districhiasis; por causa proxima della se dá o vicio das palpebras, ou sua má configuração, produzindo no mesmo lugar duas ordens de raizes, cujos effeitos são os mesmos, e ainda que rara esta molestia tem o mesmo curativo, que aponto na antecedente.

ANCHYLOBLEPHARO.

Esta enfermidade das palpebras he huma concreção em suas membranas, a qual póde ser total, ou parcial. Ha tres especies.

Na primeira apparece pegada a membrana das palpebras, desde o angulo externo, até ao meio da commissura. A cura desta enfermidade he a divisão das palpebras, a qual se executa por meio de hum apropriado instrumento redondo na ponta.

A segunda póde proceder de huma grande inflammação, queimadura, (ou erosão) dos labios das palpebras; quando he total a união em qualquer destas especies

pecies, deve principiar a separação com a ponta aguda do instrumento cortante, e depois concluir a operação com instrumento de cabeça redonda, continuando até a commissura das mesmas palpebras, lavando depois este ferimento com o necessario vinho tepido.

A terceira especie he aquella, que faz huma apparente união das palpebras, e seus labios, e dos cabellos das pestanas, por causa de alguma espessa materia, ou resudação das glandulas meibomianas, que no tempo do sono, ou por occasião deste, tendo os olhos fechados por muito tempo, se achão pegados, a qual he symptoma de xasse, ou remela dos olhos, e de bexigas. Cura-se a concreção humedecendo as palpebras com leite tepido, ou agua, e depois a enfermidade patente com o que se julgar mais proprio ao estado, em que se achar.

SYMBLEPHARO.

He a união, ou concreção das palpebras com o globo do olho, o que succede mais vezes á superior. As causas desta união pódem ser o vicio de má conformação, particularmente se ellas estiverão fechadas por muito tempo. Esta enfermidade póde ser total, que he quando toda a palpebra se acha pegada ás membranas conjunctiva, e cornea, sendo de muito tempo he incuravel, e sendo de pouco admitte a cura da parcial.

A parcial he quando só huma pequena porção da palpebra se pegou com a membrana conjunctiva, se for com alguma parte da cornea será peor, porque as divisões destas partes sempre deixão depois opacidade na cornea, que tira a vista. A cura da parcial consiste em dividir a união, ou concreção com o globo, esta divisão carece de muito geito, de mão fixa, e de muito conhe-

nhecimento da parte. Faz-se esta separação abrindo as palpebras por meio de instrumento, continuando depois a disecção da concreção, que se achar, feita esta se deve conservar o olho aberto, movendo muitas vezes o globo, untando com cremor de leite, ou com hum linimento de manteiga, e tutia, para evitar que se não torne a unir.

BLEPHAROPHTHALMIA.

He nome, que se dá á inflammação das palpebras, a qual procede de causa externa, ou interna; sendo de causa externa, como pancada, que contunde, se banha com agua fria repetidas vezes, para emendar a recepção da parte; sendo por picada de insecto o mesmo banho de agua fria, e hum cozimento de hervas cephalicas em vinho N.° XXXII. Sendo por ferimento pertence á ordem geral das feridas, e segundo o seu estado póde carecer de evacuação de sangue, e o tratamento interno, que lhe competir; assim como a que for por causa interna, ainda que esta deve ser mais attendida com os proprios, e benignos purgantes, e externamente com os dirivativos, que mais indicados forem; e como pedir a presença do caso.

EDEMA DAS PALPEBRAS.

He huma tumescencia indolente sem mudança de côr, de consistencia molle, que comprimindo-a com o dedo se lhe imprime cova, que se manifesta por algum tempo. A causa proxima desta enfermidade he a congestão do liquido aquoso, feita na tunica cellular das mesmas palpebras. Este morbo he como symptoma de outra enfermidade, procede talvez de alguns remedios,

que

que se applicão sobre as mesmas palpebras, assim como as cataplasmas emollientes, cuja applicação faz edematozas as ditas palpebras. A cura desta enfermidade se consegue com os roborantes externos, como o collirio N.º I. e outros semelhantes, o que tambem compete ao edema, que vem por symptoma de anasarca, e clorosis, e no idiopatico, que procede de causa inherente ás mesmas palpebras.

EMPHYSEMA DAS PALPEBRAS.

He huma intumescencia por causa do ar, quando este se insinua na membrana cellular das mesmas palpebras. Cura-se com banhos, e fomentos aromaticos N.º XXXII.

ECCHYMOMA DAS PALPEBRAS.

He huma intumescencia lívida causada por effusão de sangue na membrana cellular das palpebras. Ha duas differenças.

A primeira procede de contusão dos olhos, e palpebras. Cura-se, banhado a miudo com o remedio N.º XXXVIII.

A segunda de contusão da testa, e não apparece no primeiro dia, mas sim no terceiro, ou quarto por causa do sangue, que cahe na membrana cellular. Cura-se sangrando, quando o caso he maior, e banhando a parte com infusão de hervas cefalicas em vinho N.º XXXII., e o tratamento interno, que bem lhe competir.

ATHEROMA DAS PALPEBRAS.

He hum tumor cyſtico, que contém materia craſſa, de ordinario ſó apparece na palpebra ſuperior, e para o angulo externo, não tendo feito alguma adherencia com o tarſo, he movivel ſem dor, nem mudança de côr, e de varios tamanhos. A cura no ſeu principio deve ſer a reſolução, que ſe póde tentar com o linimento ſaponaceo N.° XXXIII.; porém ſendo antigo, e volumoſo, ſó a amputação póde ſer de remedio, o que ſe executará, amparando a cabeça, e a parte tumefacta, e ferindo-o orizontalmente na parte mais alta, depois ſe ſepara o tumor da membrana cellular, e ſe extrahe, ou pelo menos ſe lhe corta a maior parte do meſmo tumor, porque o reſto depois de huma ſuppuração mais, ou menos dilatada ſe conſumirá, e cicatrizará a ferida, pois não he ſempre neceſſario extrahir a parte mais infima do tumor.

SARCOMA DAS PALPEBRAS.

He huma excreſcencia carnoſa, que ſobre ellas apparece, ha duas eſpecies: huma de pé delgado, e pendente da palpebra, ſemelhante ao fructo, a qual ſe cura por huma ligadura no pé. A ſegunda he, a que apparece com huma ſuperficie chata, pegada á palpebra. Cura-ſe, ſeparando-a toda por meio de incisão (ſenão ceder ás fumentações com o linimento ſaponaceo) N.° XXXIII.

SCIRRHO DAS PALPEBRAS.

He hum como tubérculo duro, que de ordinario vem á superior: ha duas especies, hum benigno, que he movivel, indolente, e da mesma côr da cutis. Cura-se com o uso interno do extracto de cicuta, e externamente sobre a parte emplastro de cicuta misto com pós de herva belladonna, que he huma especie de herva moura: o outro he maligno, tem a côr de chumbo, ou escuro. Na sua cura póde ter uso a cicuta, e não aproveitando, a separação se faz necessaria, antes que recaia em cancro.

CANCRO DAS PALPEBRAS.

He hum tubérculo, ou chaga maligna de acrimonia cancrosa, que de ordinario apparece na palpebra superior.

As especies desta horrivel enfermidade pela maior parte são mortaes. A cura, quando em alguns casos a possa admittir, se poderá fazer radical, ou paliativa. A radical consiste na separação do tumor, não havendo contra-indicante. A paliativa se faz com os remedios especificos, assim como a cicuta, belladonna, clematites, ou trepadeira, sumo de uvas de cão, de genciana, e outras muitas, que para este fim se tem descrito, applicados em fórma de cozimento, de cataplasma. Para o uso interno o remedio N.º XVIII.

CARBUNCULO DAS PALPEBRAS.

He hum tumor inflammatorio, que nellas appare-

ce, o qual em poucos dias se faz gangrenoso. Esta enfermidade provém de miasmas particulares. Sua cura se deve tentar pelo uso da quina internamente com vinagre alcanforado, e o remedio N.º XIX. Externamente ao tumor applicando-lhe unguento de estoraque, e alcanfor, ou huma cataplasma anticetica, em que entre a quina, e melhor a do N.º XXXV. attendendo a plethora dos humores com as competentes evacuações.

HORDEOLUM.

He hum tubérculo inflammatorio semelhante a hum pequeno foruncuIo, que vem aos labios das palpebras. A causa proxima desta enfermidade he a inflammação da glandula meibomiana, causa remota he o demaziado uso de acres espirituosos, transpiração supprimida, deposição de algum virus, sua terminação a mais ordinaria he a suppuração, o que a natureza faz muitas vezes sem alguma ajuda da arte, e outras vezes pede o soccorro de algum emplastro de aquilão menor, ou cataplasma emolliente: feita a maturação, se comprime entre os dedos; e ficando alguma dureza, se repete o mesmo remedio, até se extinguir totalmente; e quando repita, se concluirá que ha vicio nos humores, que serão corrigidos, e evacuados com remedios proprios ás suas qualidades.

CHALAZION.

He hum tumor, que nasce nas palpebras em seus labios, movivel, e da mesma côr da cutis, differe do hordeolo por sua transparencia, e dureza, e tem o mesmo tratamento, ou pede o mesmo curativo.

HY-

HYDATIS DAS PALPEBRAS.

He huma visicula algum tanto luzidia, que contém agua, e que de ordinario nasce em as extremidades das palpebras. A causa proxima desta enfermidade he a elevação da cutis, por causa de humor soroso. A cura será a incisão da visicula, cicatrizando a parte, e lavando-a com alguma agua vitriolada, ou de extracto de saturno.

MILHO DAS PALPEBRAS.

He esta enfermidade hum pequeno tubérculo albicante, e duro, semelhante no tamanho a hum grão de milho. A causa proxima he a materia atheromatosa, que se ajunta debaixo da cutis. Cura-se, ferindo a cutis com lanceta, e obrigando a sahida á materia pela cisura, com alguma compressão, lavando, e animando a parte com partes iguaes de agua rosada, de flor de sabugo, e agua-ardente.

AMORA DAS PALPEBRAS.

He hum tubérculo vermelho escuro, molle, indolente, semelhante ao fructo da amoreira, que de ordinario só apparece na palpebra superior, e sempre he de nascença. Póde admittir o curativo dos morbos da cutis, aquelle que melhor parecer, segundo o estado, em que se achar, lavando a parte com o remedio N.º XVII.

VERRUGAS DAS PALPEBRAS.

He huma prominencia, que nasce no corpo, e labios das palpebras. São incommodas principalmente as antigas, que algumas vezes se fazem muito grandes, que degenerão em blepharoptosis, e em perfeita disposição de cancro. As mais frequentes especies desta enfermidade são tres.

Primeira, as verrugas de pé, as quaes se tirão por meio da ligadura, ou amputação.

A segunda he, a que apparece na cutis sem pé antes com base larga na origem. Cura-se, incindindo-a com agua mercurial N.º XXXIV., ou manteiga de antimonio, tocando-a repetidas vezes até a consumir.

A terceira he, a que apparece de côr livida, dorida, e cheia de vasos varicosos, a que se dá o nome de cancrosa. Sua cura he a mesma, que a do cancro das palpebras.

TRACHOMA.

Esta enfermidade he huma aspereza na superficie interna das palpebras. Produz grande ophthalmia, e cruel dôr, todas as vezes que se pestaneja, do mesmo modo que na Trichiasi. Há tres especies desta molestia.

A primeira he sabulosa, ou aryosa, que apparece em os que caminhão por estradas de arêas soltas em tempos ventosos. Evita-se esta molestia caminhando com ante-olhos de vidro. Cura-se a que já existe, lavando os olhos com agua mineral, mais, ou menos branda.

A segunda he carbunculosa, a qual provém de humas pequenas excrescencias carnosas, que nascem na superficie interna das palpebras. Cura-se, cortando com tizou-

zoura a excrefcencia. Tambem fe lhe dá o nome de amóra das palpebras interna, outros lhe chamão a efta pequena excrefcencia Pladarotis.

A' terceira efpecie fe dá o nome de Sycozis, ou palpebra figofa; porque a fuperficie interna das palpebras á maneira de figo fe manifefta granulofa. Cura-fe, diminuindo a plethora dos humores, corrigindo as fuas qualidades, para o que deve ter ufo o etiope mineral com algum folutivo, e externamente tocar a parte com a pomada ocular N.º XXX.

BLEPHAROPTOZIS.

He huma relaxação da palpebra fuperior, que põem o doente na impoffibilidade de abrir os olhos. Os effeitos defta enfermidade ainda depois de curada, he deixar o doente em defagradavel eftrabifmo: Ha oito efpecies defte morbo.

A primeira he poratonia, ou relaxação do mufculo levantador da palpebra fuperior, chama-fe tambem ptofis, ou defcahimento da palpebra fuperior, e por alguns atonia das palpebras. As caufas defta enfermidade são a debilidade univerfal de todo o corpo; quietação do movimento das palpebras por muito tempo, por caufa de ligadura feita nos olhos, ou ufo frequente de cataplafmas emollientes fobre as palpebras. Cura-fe, dando ao doente internamente quina com valeriana, e ferro, e externamente lavando a parte com agua fria, ou vinho aromatico, ou o collirio N.º I.

A fegunda he por paralyfia do mufculo levantador das palpebras. De ordinario apparece a maurozis, e paralyfia da face do mefmo lado, da lingua, e queixos, ou certamente he fymptoma da poplexia total,

ou

ou parcial: Algumas vezes procede da ſupprefsão dos menſtruos, das hemorrhoidas, ou da contusão das ſobrancelhas. A cura ſe deve tentar internamente com remedios antiparalyticos, para curar o morbo primario, em cuja claſſe entre a arnica. Externamente ſe appliquem emborcações de agua fria; ou vinho aromatico canforado, fomentem-ſe as ſobrancelhas com licor anodino mineral, e tintura de alambre, ou oleo de funcho.

A terceira he eſpaſmodica, ou por contracção de muſculo orbicular das palpebras. Eſta eſpecie de enfermidade de repente apparece, e do meſmo modo ſe retira: he propria de hypocondriacos, hyſtericos, e verminoſos. Algumas vezes tambem procede de ſaburra do eſtomago. Cura-ſe purgando, e applicando depois remedios nervinos, ou anti-paſmodicos.

A quarta he por pezo de tumor ſobre as palpebras, o atheroma, lipoma, e o ſcirrho da palpebra ſuperior causão eſta eſpecie de enfermidade. Cura-ſe abrindo o tumor.

A quinta he por intumeſcencia de toda a palpebra ſuperior. A inflammação, o edema, emphyſema, echymoma das palpebras produzem eſta enfermidade. Cura-ſe, purgando o doente com os remedios geraes, ou particulares, como bem pedir o eſtado, e complicação dos humores, e mais, ou menos repetidos; e externamente applicando fomentações diſcucientes, para o que ſerve o collirio N.º I.

A ſexta he por prolongação da cutis das palpebras. Eſta enfermidade humas vezes he defeito de naſcença; outras vezes ſe ſegue a alguma ferida tranſverſal das palpebras mal curada, e muitas ſe ignora a cauſa. Diſtingue-ſe eſta enfermidade da atonia do muſculo

culo levantador, em que levantando com as pontas dos dedos a cutis da palpebra logo se contrahe, na atonia porém ainda que se levante a cutis, o musculo sempre fica relaxado, ou estendido. A cura paleativa he levantar a palpebra por meio de algum emplastro, que pegue bem, posta huma ponta na palpebra, e a outra na testa. A cura radical consiste em levantar a cutis da palpebra dobrando-a transversalmente, e assim se corte transversalmente, unindo bem os labios da incisão, se ponha em cima emplastro adhesivo até se conseguir a cura.

A setima he por causa da ferida do musculo levantador das palpebras, cortado transversalmente. Cura-se cosendo a ferida com costura falsa, ou verdadeira.

A oitava he periodica, que he a que torna a apparecer em tempo certo. Cura-se tomando purgantes até encher a indicação, e depois os amargos, em que entre a quina, ou o remedio N.º XIX.

LAGOPHTHALMUS.

Esta enfermidade he o não poder totalmente fechar as palpebras, que chamão por isso olho de lebre. O effeito desta enfermidade he obscurecer-se a cornea paulatinamente pela desecação, que nella causa a introducção do pó. As especies desta enfermidade são dez.

A primeira he espasmodica, ou por causa de espasmo do musculo levantador, a qual apparece nas queixas hystericas, hypocondriacas, verminosas, convulsivas, e algumas vezes nas febres agudas. Cura-se tirando internamente o morbo primario, applicando depois remedios antispasmodicos, e na parte os remedios emollientes, e anodynos.

A segunda he por paralysia do musculo orbicular das palpebras, que he o antagonista do levantador. Como o orbicular não exerce a sua acção, o levantador fica sempre contrahido. Cura-se com remedios antiparalyticos, e com algum uso da arnica.

A terceira especie he por atonia do musculo orbicular das palpebras. Esta enfermidade apparece nos velhos: nos que não dormem por enfermidade, nos inanidos, e muito debilitados por grandes abstinencias, ou por outra qualquer causa. A cura interna he dar remedios, que corroborem, e nutrão. A externa fomentar os olhos com oleo de funcho, ou vinho, em que se ferva marcella, e flor de meliloto applicado sem calor, ou o collirio N.º I.

A quarta he por causa de golpe longitudinal nas palpebras, em que se dividio o musculo orbicular. Esta divisão do musculo, que tiver origem de golpe, ou de coloboma. *Vide coloboma.* Cura-se cicatrizando a ferida do mesmo modo que nas das palpebras.

A quinta he huma distensão das palpebras causada pela exophthalmia, de que tambem se póde seguir a grande encanthis, ou doença do lagrimal. Cura-se extinguindo o morbo originario com remedios proprios, segundo a indicação, que se tirar.

A sexta he por causa de tumor entre a orbita, e o musculo levantador da palpebra, o qual tumor por sua compressão he a causa da irritação do musculo. Reconhece-se o tumor pelo tacto, e abrindo-se, quando convém, com a sua cura cede esta especie de enfermidade.

A setima he por contracção do musculo levantador das palpebras. Esta enfermidade he frequente nas crianças, que pelo máo costume de as pôrem no berço dei-

ta-

tadas de coſtas com o roſto para a claridade, que vejão a luz olhando de todo o modo, faz que o muſculo levantador cahe em contracção, e forme a moleſtia, de que ſe trata. A cura pede que a criança eſteja ſituada contra a luz, e que ſe lhe ponha hum emplaſtro, que pegue bem, huma ponta na palpebra ſuperior, e outra pegada na barba, ou face, diſpoſto por tal modo, que obrigue a deſcer a palpebra, a qual cura durará algumas ſemanas.

A oitava he por cauſa de cicatriz, que ficou de ferida, chaga, ou queimadura nas palpebras, peſtanas, ou face, de que reſulta grande contracção na cutis das meſmas palpebras. Se os emplaſtros emollientes, e fomentos da meſma natureza não baſtarem para a cura deſta enfermidade, proceda-ſe na operação do modo ſeguinte. Primeiramente ſe fará huma incisão na palpebra tranſverſalmente, naquelle lugar onde ella faz dobra, ou vinco: depois com algum emplaſtro, que pegue bem, ſe ſegurará o labio ſuperior da ferida da palpebra para a teſta, e a inferior para a face, e quanto for neceſſario: ſe o primeiro golpe ſuperficial não for baſtante, para que a palpebra fique na ſua competente grandeza, logo ſe lhe dê ſegundo golpe na meſma palpebra tranſverſalmente, pegando a parte inferior para a face com o emplaſtro acima dito. Situada aſſim a ferida, e formando larga cicatriz, virá a palpebra a ficar com a ſua competente grandeza.

A nona eſpecie he por ſer curta a palpebra deſde o berço. Eſta pequenez coſtuma ſer ſó na cutis das palpebras, e não no muſculo levantador. A cura deve ſer procurando diſtender a cutis por meio de cataplaſmas, unguentos emollientes, ou com algum emplaſtro, que pegue bem, como o anglicano, poſto com a meſ-

ma ordem ; e se não obstante estas diligencias se não conseguir a distensão da cutis da palpebra, se procederá á mesma operação, que fica dita.

A decima he a que algumas vezes se manifesta pela cutis das palpebras, (não toda) mas junto da commissura interna, ou externa ser demaziadamente curta. Diz-se parcial, e nasce ordinariamente por algum humor vicioso, ou pequena cicatriz. Sua cura será a incisão, não em toda a palpebra, mas tão sómente na parte contrahida.

ECTROPIO.

He esta enfermidade a volta, que de ordinario faz a palpebra inferior de dentro para fóra, virada de tal modo, que á vista se representa como huma posta de carne vermelha. Esta enfermidade de ordinario só apparece na palpebra inferior, quasi nunca na superior, e tambem rarissimas vezes em ambos os olhos. Vê-se nos effeitos desta molestia huma feia deformidade, e quando o fungo rubro sobre-exceder, ou se extender, haverá contínua fluxão de lagrimas, sordice no globo do olho, e não poucas vezes inflammação; e finalmente o fungo, ou carne vermelha se fará callosa. A causa proxima he a pequena, e muito curta cutis das palpebras. As especies desta enfermidade são oito.

A primeira he por intumescencia da membrana interna das palpebras, que se manifesta nos que padecem molestias escrofilozas, venereas, catharozas, e ophthalmias humidas. Cura-se tomando internamente remedios especificos, segundo o mal laborante. Externamente se appliquem á parte remedios adstringentes, mais, ou menos brandos, assim como agua fria, ou vitriolada, ou a luminoza. Não bastando, se devem applicar remedios

caus-

causticos, assim como solução de pedra infernal N.º XXII., ou manteiga de antimonio, untando ou tocando a tumefcencia com ella por meio de hum pincel. Não bastando, se deve escarificar a intumescencia, e no dia seguinte applicar-lhe qualquer unguento digerente com pós de Joannes, para que se extinga por meio da suppuração. Se qualquer, ou todos estes remedios não fizerem effeito, se applicará o ultimo, que he levantar transversalmente a cutis da membrana tumefacta, pegando-lhe com a pinça, e com o bystorí separar transversalmente, pondo logo entre a palpebra, e o globo do olho hum chumaço molhado em agua mineral, para evitar que estas partes não tornem a unir-se. A's palpebras, e á face tambem se applique o mesmo chumaço por alguns dias: a pomada N.º XXXI he de muita utilidade nesta molestia.

A segunda especie he por causa de cicatriz na palpebra inferior, ou na face. Esta especie de enfermidade apparece depois de haver ferida, chaga, ou queimadura em qualquer das ditas partes. Se a cicatriz he tenue, se procurará amollecer, fomentando a cutis da palpebra com unguento de altea; e por meio de emplastro de achilão se unão as palpebras. Se porém estas diligencias não aproveitarem, se faça incisão no interior da membrana.

A terceira he por causa de pequena cutis da superficie externa da palpebra por nascimento. Nesta enfermidade pela sobredita causa a membrana interna das palpebras se observa longa, e túmida; a qual se com remedios adstringentes se não poder contrahir, será remedio cortar transversalmente parte da dita membrana. Tambem se deve tentar a incisão na cutis externa, e dividir os labios da ferida por meio de algum emplastro adhesivo, ou outro semelhante.

A

A quarta he por causa de ulcera, ou ferida da commissura interna das palpebras. Acontece esta ferida junto do musculo orbicular, e se volta a membrana interna. Esta especie de ectropio se póde dizer parcial. O mesmo se observa, se ha mutilação, ou golpe no meio da palpebra inferior. Curada que seja a ferida, chaga, ou mutilação da parte, se cura esta especie de enfermidade com os remedios citados nas outras.

A quinta he por atonia do musculo orbicular das palpebras, enfermidade frequente nos velhos, ou na antiga ophthalmia humida muito tempo continuada. Cura-se tomando internamente remedios roborantes, como quina, valeriana &c. externamente se applique hum cozimento feito com marcella, e meliloto quasi frio; tambem poderá servir agua fria; advertindo que esta cura nos velhos com difficuldade se consegue.

A sexta he por Atheroma na interna superficie das palpebras, a qual pelo tacto se conhece. Cura-se, separando o tumor por meio de operação, que tem pouco que explicar.

A setima he por causa de exophthalmia, ou encantide, que comprime a palpebra inferior para a parte de fóra, e para baixo. Cura-se, extinguindo o morbo dominante.

A oitava he por sarcoma da interna superficie da palpebra, o que muitas vezes nasce de ulceras desta membrana. Pede a cura, que se corte a sarcoma, e se deseque a ulcera, com o collirio cicatrizante N.º III., ou IV.

ENTROPIO.

He huma volta das palpebras, em que os labios com os cabellos se virão para dentro do olho. Ha tres es-

especies. A primeira especie desta enfermidade he por contracção da interna membrana das palpebras, a qual torna esta membrana muito pequena, e vira os labios das palpebras. A sua cura he como na Trichiasis com o emplastro anglicano, para se evitar a ophthalmia, ou se corte transversalmente a cutis externa das palpebras, ou se rasgue alguma porção da mesma cutis transversalmente, curando depois a ferida por meio de algum emplastro &c.

A segunda he por cicatriz da membrana interna das palpebras, que fica depois de curada a ulcera. Cura-se com o primeiro methodo.

A terceira he por tumor das palpebras, o qual obriga a voltar para dentro os labios das palpebras com os cabellos. Cura-se extirpando o tumor.

PSOROPHTHALMIA.

He esta enfermidade a sarna das palpebras, e dos seus labios em redondo. A causa proxima desta molestia he a varia disposição da materia acre para as glandulas das palpebras. As especies desta enfermidade são duas.

A primeira he crustosa, as quaes crustas, sejão seccas, ou humidas, se fórmão nos labios das palpebras. Cura-se applicando externamente á parte banho de leite canforado, e internamente, dando remedios purgantes, e purificantes.

A segunda he, a que manifesta humas muito pequenas empolas, semelhantes aos herpes miliares, a que se póde dar o mesmo nome. Cura-se com o uso externo de agua mineral canforada, ou agua sulphurea N.º XVII, ou mineral N.º XXIII.

RU-

RUBOR DAS MARGENS DAS PALPEBRAS.

Esta enfermidade se manifesta por huma vermelhidão, e intumescencia das margens das palpebras.

A causa proxima he a inflammação chronica, que vem ás membranas das palpebras. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira se manifesta por hum rubor acrimonioso com quasi toda a qualidade de humor acre, principalmente com o cancroso. A cura pede remedios internos especificos, e externamente agua mineral, ou agua commua mais, ou menos fria, ou com tintura de flor de malva.

A segunda he por causa de reméla. Nesta especie os labios das palpebras se manifestão muito intumescidos, e cheios de hum muco materioso: a limpeza suave, e os lavatorios das aguas anodinas, e dissolventes, he o remedio externo; e internamente, evacuando a causa com especificos, tendo lugar a opiata N.º XIII.

A terceira he hum rubor simptomatico, o qual he acompanhado de hordeolo, de blepharotalmia, e outras enfermidades das palpebras. Cura-se extinguindo o morbo primario.

A quarta se diz por vermelhidão, que provém de atonia das palpebras; se o uso de banhos de agua fria não remediar esta enfermidade, passará por incuravel, mas deve tambem fazer uso do collirio N.º I. por ser muito proprio neste caso, ou o do N.º XXXVIII.

TYLOZIS.

Esta enfermidade he huma crassice, ou dureza callosa nas extremidades das palpebras. A causa proxima

he

he o enfarte, ou eſtagnação de humor eſpeſſo, e glutinoſo nas glandulas, e cellulas das extremidades das palpebras. As eſpecies deſta enfermidade são duas.

A primeira ſe chama callоſa, que procede da ſeccura, ou eſpeſſura das extremidades das palpebras. Cura-ſe uſando externamente cataplaſmas de farinha de linhaça, folhas de cicuta, alcanfor, e leite, feita S. A. e tomando internamente pírulas compoſtas com mercurio doce, extracto de cicuta, e alcanfor, ou as pírulas N.º VII.

A ſegunda provém de dureza das glandulas meibomianas, em quaſi toda a extremidade das palpebras. Eſta enfermidade algumas vezes anda junta com vicio eſcrofoloſo, ou venereo. Cura-ſe internamente, e na parte, com os meſmos remedios da primeira eſpecie.

FERIDA DAS PALPEBRAS.

Eſta ſe diz a divisão, ou golpe recentemente feito nas palpebras, em que apparece ſangue. As eſpecies deſta enfermidade são quatro. A primeira he huma ferida não penetrante, ou ſimples, que ſó corte longitudinal, ou tranſverſalmente a cutis das palpebras.

Cura-ſe eſta ferida depois de deſalterada, unindo-a por meio de emplaſtro Inglez, ou algum, que pegue bem, evitando que nella haja ſuppuração.

A ſegunda ſe diz penetrante, e ſe cura do meſmo modo, porém deve haver maior cuidado na igualdade, e união dos ſeus labios, e na boa ſituação: paſſando a ſuppurar, ſe tratará ſegundo a ordem geral das feridas ſuppuradas.

A terceira he quando alguma parte da palpebra ſe ſepara. Cura-ſe com o methodo, que lhe competir ſegundo a meſma ordem.

E a quarta he, quando os ligamentos internos das palpebras são feridos, do qual ferimento provém o Ectropio. Cura-se applicando-lhe o mesmo emplastro unitivo Inglez, ou outro, que faça o mesmo effeito.

FISTULA DAS PALPEBRAS.

He esta enfermidade huma estreita, e sinuosa chaga das palpebras. Ha duas especies.

A primeira se diz simples, a qual se manifesta na substancia das palpebras. Cura-se, como a fistula lacrymal, ou outra qualquer.

A segunda especie se diz fistula das palpebras, que penetra até o sacco lacrimal, que de ordinario provém de intumescencia purulenta; e rotura do sacco, e da palpebra inferior. A cura radical desta enfermidade pede que se abra a intumescencia, e que se cure o morbo predominante, a fim de que a fistula espontaneamente se cure.

COLOBOMA.

Esta enfermidade he huma abertura secca na extremidade das palpebas, que as assemelha ao beiço de lebre. Causa esta molestia deformidade da parte, e huma especie de Ectropio parcial. Provém, ou da má formação da parte, ou de ter havido golpe nas extremidades das palpebras. Cura-se, cortando a callozidade da extremidade das palpebras, procurando unir a ferida por meio de ponto verdadeiro, ou falso, como melhor pedir o caso.

NICTITAÇÃO

He hum involuntario, e contínuo pestanejar das pal-

palpebras, abrindo, e fechando ſem ceſſar. A cauſa proxima deſta enfermidade he verdadeiramente a convulsão das palpebras. Ha cinco eſpecies.

A primeira eſpecie deſta moleſtia, que procede do máo coſtume, ſe cura evitando com reflexão eſte defeito, e tapando, ou fechando os olhos alternadamente.

A ſegunda he por cauſa de introducção de corpo eſtranho dentro nos olhos. Cura-ſe, tirando o tal corpo eſtranho; o que ſe faz com emborcações de agua tépida por meio de ſeringa propria, ou ſoprando o interior das palpebras, ou atando na ponta de huma tenta ſubtil huma pequena porção de eſponja para com ella procurar, e trazer o dito corpo eſtranho.

A terceira he por cauſa da ſaburra, ou lombrigas nas primeiras vias. Cura-ſe com o interno uſo de purgantes antiverminoſos, e mercuriaes.

A quarta ſe diz ſymptomatica, a qual he ſymptoma de outro morbo convulſivo. Remedea-ſe, curando o morbo primario.

A quinta he, a que muitas vezes ſe obſerva por cauſa de medo, ou temor aos que eſtão para ſe lhe fazer a operação da cataracta, o que incommoda bem o operante. Cura-ſe perſuadindo o doente, e dilatando o tempo da operação.

SPASMO DAS PALPEBRAS.

He eſta enfermidade huma involuntaria, e permanente contracção. Conhece-ſe eſta moleſtia pela força, com que ſe contrahem as palpebras, que apenas com trabalho ſe podem abrir com os dedos. As eſpecies deſta moleſtia são cinco.

A primeira tem por causa a saburra das primeiras vias. Cura-se usando internamente purgantes, ou remedios antiverminosos, o que melhor se decide á vista do caso.

A segunda he por introducção de corpo estranho dentro nos olhos. Cura-se, tirando o dito corpo intruso.

A terceira he por espasmo symptomatico, que procede de outra enfermidade. Cura-se com o interno uso de remedios antipasmodicos, extinguindo o morbo primario com especificos apropriados.

A quarta he por causa de ophthalmia, em a qual os olhos se manifestão inflammados, e pela impressão dos toques da luz, as palpebras se contrahem tão estreitamente, que apenas, e com trabalho se podem abrir com os dedos. Cura-se extinguindo a opthalmia com especificos internos, e locaes á parte, como em seu lugar se dirá.

A quinta se diz spasmo por causa de operação da cataracta, a qual muitas vezes impede a operação, especialmente, a que se faz por extracção, o que eu já encontrei, e se observa nos sujeitos timidos, e colericos. Antes da operação será bom dar ao sujeito azeite com opio.

PRURIDO, OU COMICHÃO DAS PALPEBRAS.

He huma sensação, que obriga á pessoa, que a padece, a coçar as palpebras. O lugar, onde de ordinario apparece esta enfermidade, he na commissura interna das mesmas palpebras. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira he por embaraço de transpiração, que nas

nas horas de manhã accommette aos catharrosos, e rheumaticos. Cura-se adoçando os humores, e evacuando-os.

A segunda he por causa de principio de hordeolo. Cura-se com o uso de agua Vegeto mais, ou menos branda.

A terceira he por augmento de succos acres, os quaes se manifestão no segundo dia, principalmente nos bebados. Cura-se com remedios purgantes appropriados, ou o do N.º XIII.

A quarta he, quando as palpebras são atacadas de herpes. Cura-se extinguindo-os com remedios convenientes, para o interno o do N.º XVII., ou soro salçado, e para o externo o do N.º XVII. Cada hum destes numeros, ainda que iguaes, tem classe competente.

ENFERMIDADES DA ACÇÃO LACRYMAL.

SCHEROMA.

He esta enfermidade huma seccura dos olhos por causa da falta de humor lacrymal. Os effeitos da falta deste humor são, o fazerem-se os olhos aridos, pulverulentos, obscuros, sórdidos: máo pronostico em enfermidade aguda. As especies desta enfermidade são quatro.

A primeira he, a que apparece nas febres complicadas com denso humor flogistico. Cura-se com o uso interno de remedios diluentes antiflogisticos, e externamente com applicação de humectantes.

A segunda he por debilidade, a qual se observa depois de largas evacuações, e nos moribundos. A cura nos debilitados será o uso de nutrientes.

A terceira he por inflammação, a qual he symptoma

de

de ophtalmia fecca. Cura-fe extinguindo a dita ophthalmia, vendo o que fe diz no feu Cap.

A quarta he por caufa do pó, que fe introduz nos caminhantes, que paffando por clima ardente, ou fupportando ventos quentes, lhe abforvem toda a humidade neceffaria. Cura-fe humedecendo os olhos com humectantes, como póde fer hum cozimento de flor de malvas com pevides de marmélo, ou com leite tépido com igual parte do dito cozimento de flor de malva.

EPIPHORA.

He efta enfermidade huma grande abundancia de humor forofo, ou aquofo, que apparece nos olhos. A origem defte humor não fó he a glandula lacrymal, mas tambem os póros da cornea, e conjunctiva, huma, e outra fuperficie interna das palpebras, as glandulas meibomianas, e a caruncula lacrymal. A caufa proxima defta moleftia he a demaziada fecreção do humor lacrymal, ou o embaraço da fua recepção. As efpecies defta são quatro.

A primeira efpecie defta enfermidade por demaziada fecreção he por caufa de eftimulo pegado ao olho, que póde fer o cahir-lhe alguma arêa, ou introduzir-fe-lhe algum fumo acre, ou vapor, e cheiro picante, como tambem por Trichiazi. A cura pede fe extraha o corpo eftranho.

A fegunda efpecie he inflammatoria, a qual he fymptoma de ophthalmia húmida. Cura-fe extinguindo a inflammação, vendo o Cap. proprio della.

A terceira he acrimoniofa, que provém de depofição de humor acrimoniofo, como do rheumatico, arthitico, gotofo, venereo, colerico, efcorbutico, vario-

lo-

loso &c.) ou tambem por embaraço da tranfpiração. Parece que a acrimonia de qualquer deftes humores irrita os orgaõs da fecreção lacrymal, e por iffo he mais copiofa a fluxão do humor, que efcorea a fubftancia das palpebras, e as faces por onde toca. Cura-fe procurando dirivar o humor acre da parte, por meio de remedios purgantes, diureticos, diaforeticos, para que tambem são lembrados os vificatorios, fedenhos, fonticulos (fe a caufa fe faz rebelde) e remedios antiacrimoniofos internamente, e á parte externa fe applique leite açafroado, agua vegeto, mais, ou menos branda, o que fe faz com a miftura de agua commua, mucilagem de pevides de marmélo, ou de trigo tirada em agua rofada, ou outras femelhantes, com que a diverfa natureza melhor fe der.

A quarta efpecie he por laxidão dos póros da cornea, da conjunctiva, e das glandulas lacrymaes. Efta enfermidade fe conhece, vendo-fe a cornea fempre húmida, fem fe obfervar vermelhidão, nem dôr. Cura-fe com o interno ufo de quina com valeriana. Externamente applicando agua a mais fria, collirio vitriolado, e canforado, ou o do N.º II.

A epiphora por impedimento de recepção do humor lacrymal, ou por embaraço de fua paffagem comprehende oito efpecies.

A primeira he por concreção dos orificios, ou canaes lacrymaes, que póde fer originada por caufa de queimadura, ou antecedente exulceração, a qual fe conhece procurando, e vendo diligentemente os pontos, ou orificios lacrimaes. A cura neceffita de que os orificios concretos fe dilatem por meio de hum eftillete, ou fe abra o facco lacrymal.

A fegunda he por obftrucção do ducto nafal, a qual

qual tem por companheira algumas vezes a hydropisia lacrymal. A sua cura pede desobstruir o ducto nasal.

Entre os methodos, que se apontão para o curativo da Epiphora, e fistula lacrymal, não he menos attendivel o que expõem Blizard, por effeito do azogue, introduzido nos pontos lacrymaes por hum instrumento, que o mesmo Author ideou, que cada hum poderá ver, sendo-lhe preciso.

A terceira he por polypo no ducto nasal, que o comprime. Cura-se extrahindo-o, usando na parte de remedios consolidantes em fórma de cozimento.

A quarta he por compressão do sacco lacrymal, causada por Anchylope, ou Topho no sacco lacrymal. Cura-se extrahindo o tumor.

A quinta, que he por falta da caruncula lacrymal, he incuravel.

A sexta he por vicio das palpebras, o qual afasta o orificio lacrymal da devida situação do sacco lacrymal, o que acontece na encanthis, e etropio, entropio, lagophthalmo, e intumescencia da margem das palpebras. Cura-se extinguindo os ditos morbos.

A setima he por paralysia dos orificios lacrymaes. Esta enfermidade se cura com o uso de remedios roborantes, e antiparalyticos.

A oitava he por erosão, que destroe mais, ou menos as fibras musculares dos orificios, que lhe faz perder a acção de attrahir. Cura-se extinguindo a erosão dos orificios com remedios mucilaginosos, e temperantes, ou tinutra de flor de malva.

LIPPITUDE.

He huma filtração de humor com figura de mate-

teria, que apparece na superficie das palpebras. A causa proxima desta molestia he a deposição acrimoniosa do corpo das palpebras para as glandulas meibomianas. O effeito desta enfermidade he fazer vermelhas, e entumescidas as margens das palpebras, e ao dormir pegar-se huma com outra por causa do humor, que contém. Muitas vezes desta enfermidade procede a ophthalmia, e Fistula lacrymal, e não poucas vezes o Ectropio. Ha cinco especies.

A primeira especie desta molestia, he a que se diz lippitude de crianças, por ser nellas muito familiar, principalmente havendo suppressão de sarna, ou tinha na cabeça, (vulgo o zagre) a qual com o decurso do tempo por si se extingue.

A segunda he chamada de adultos, que he rebelde no seu curativo, mas a dos velhos, e bebados observa-se quasi incuravel. A cura desta enfermidade pede repetidos purgantes, vesicatorios, sedenhos, ou fontes; externamente se póde applicar á parte solução de pedra divina, e o collyrio N.º V., ou a Pomada ophthalmica N.º XXXI.

A terceira he venerea, que apparece por causa da suppressão de gonorrhéa, ou fluxo branco, e ainda nas crianças geradas de Pais gallicados. O curativo interno, quando ha esta causa he conhecido de todos, pois só o uso de mercurio bem regulado lhe compete; e sendo applicado pelo centro poderáõ ter uso as composições das Pirolas do N.º III., IV., V., VI., e VII. o que melhor decide a presença do caso. Externamente a Pomada ophthalmica N.º XXXI.

A quarta he chamada Scrofulosa, que apparece nas pessoas que tem este virus. Cura-se com o interno uso de Quina, com cicuta, ethiope mineral, antimo-

N nio,

nio, e são prejudiciaes á estes enfermos os fortes purgantes.

A quinta apparece nos que padecem escorbuto, de que cobra o nome. Cura-se, usando internamente de remedios antiescorbuticos, e externamente solução de pedra divina, ou sal de chumbo, ou só o collyrio N.º V.

HYDROPISIA LACRYMAL.

He esta enfermidade huma entumescencia do sacco lacrymal, que comprimido com os dedos se vê sahir pelos orificios lacrymaes, ou pelo ducto nasal, ou por huma, e outra parte lagrymas puras, ou algumas vezes misturadas com humas fibras brancas. A causa proxima desta enfermidade he a laxidão do sacco lacrymal, ou obstrucção do ducto nasal. Ha duas especies.

A primeira especie he por laxação do sacco lacrymal. Conhece-se esta molestia, porque facilmente se póde exprimir o ajuntamento dos lagrymaes pelo ducto nasal. Cura-se com injecções de collyrio roborante de vitriolo, e espirito de vinho canforado, agua frigidissima, e applicações de chumaços, que comprimão o sacco lacrymal.

A segunda especie he por obstrucção do ducto nasal, a qual póde ser de muitos modos, e pede particular distinção. Estas distinções, e modos se reduzem a quatro.

A primeira se diz obstrucção mucosa. Cura-se com applicação do collyrio detergente N.º XI., ou infusão de veronica, agua selterana, solução de sal ammoniaco, ou de vitriolo, que se devem lançar no orificio inferior do interno canto do olho por seringa. (*Estamp. II. Fig. VII.*)

A

A ſegunda obſtrucção he por contracção do eſphinter do ducto naſal. Conhece-ſe eſta ſegunda eſpecie porque fazendo as lagrimas força podem correr pelo nariz. Algumas vezes ſuccede curar-ſe com applicação de injecções, e cataplaſmas emollientes.

A terceira he por creſpatura do ducto naſal. Eſta não ſe póde conhecer ſem ſe ferir o ſacco lacrymal. A cura pede que ſe uſem injecções emollientes. Se porém eſta obſtrução não ceder, faça-ſe incisão no ſacco lacrymal, e ſe introduza no ducto naſal por algumas ſemanas huma corda, ou fio preparado com cera, e extracto de ſaturno, ou hum eſtilete de chumbo; aberto o ducto naſal ſe conſolide a ferida externa.

A quarta he por cauſa de Polypo naſal. Cura-ſe tirando o dito Polypo, e por qualquer dos modos, que melhor pedir o caſo.

ANCHYLOPS.

Eſta enfermidade he hum tumor no interno canto do olho, que tem naſcimento fóra do ſacco lacrymal. Ha oito eſpecies.

A primeira eſpecie deſta moleſtia he inflammatoria, que ſe conhece pela vermelhidão, e calor do interno canto do olho. Cura-ſe banhando com agua vigeto mais, ou menos branda, e tomando purgantes, e eſtes applicados ás circunſtancias do doente, e qualidade do humor que dominar.

A ſegunda he ſuppuratoria, a qual fórma hum abſceſſo no canto interno do olho. Tem origem eſta enfermidade do longo tempo de inflammação, ou de metaſtaſis purulenta. A cura pede que o tumor ſe abrande por meio de algum emplaſtro gommoſo, ou cataplaſ-

ma emolliente, e que depois se abra, e trate como tal.

A terceira he scirrhosa, a qual he hum tubérculo duro, que ataca o angulo interno do olho: esta muitas vezes degenéra em carcinoma. A sua cura pede o uso de cicuta, ou simples desobstruentes, que melhor se ajustarem ás circunstancias do enfermo.

A quarta he cystica. Esta enfermidade he atheromatica, ou tumor indolente da mesma côr da cutis, liso, e movivel, que nasce no interno canto do olho. A cura pede que se resolva por meio de remedios espirituosos ou oleosos saponaceos, como póde ser o linimento N.º XXXIII. porém fazendo-se difficultosa a resolução se deve separar por meio de operação, que he facillima, e por isso não carece de maior explicação.

A quinta he sorosa, que se fórma no interno canto do olho; e quando se não resolve se abre, pondo na parte emplastro da madre tecla.

A sexta he tophosa, ou exostotica, que se observa como hum calo no angulo maior do olho, do qual a causa pela maior parte sempre he venerea. Cura-se com o uso interno de mercurio, e cozimento de lenhos, que se poderá escolher nas differentes fórmas, que vão receitadas nesta obra. E externamente com emplastro, ou unguento mercurial.

A setima se diz lacrymal, que he huma entumescencia do sacco lacrymal, por causa da retenção de lagrymas. Segue a ordem da Hydropisia lacrymal, o que se verá no seu proprio Cap.

A oitava he por causa de fistula lacrymal, que fórma huma entumescencia no mesmo sacco pela demóra de muco em fórma de materia, e pede o mesmo curativo da fistula lacrymal.

EGY-

EGYLOPS.

Esta enfermidade he huma chaga no interno canto do olho, que tem seu assento fóra do sacco lacrymal. As causas são contusão do angulo interno do olho, ferida, inflammação, deposição de materia acre, principalmente a das bexigas, e fistula do lacrymal. As especies, em que se póde dividir são finco.

A primeira he huma simples chaga materiosa no interno canto do olho, que não offende o sacco lacrymal. Cura-se com o uso de agua vulneraria, ou o collyrio N.º XI., e os remedios internos, que bem lhe competir, o que só ensina o estado, e circunstancias dos enfermos.

A segunda he cancrosa, que provém da anchylope scirrhosa. Deve-se curar, como cancro. *Veja cancro das Palpebras.*

A terceira he venerea, que he huma chaga no angulo interno do olho. Cura-se dando internamente remedios mercuriaes da composição N.º III, ou N.º V., e usando na parte de balsamo mercurial N.º XXXVI.

A quarta he cariosa, que he huma chaga com caria nos ossos, que compõem o canto interno do olho, humas vezes com fistula lacrymal, outras sem ella. Cura-se atacando a causa interna, e externa com remedios anticariosos, que nos casos das carias lembra a cirurgia geral.

A quinta he por causa da fistula lacrymal, a qual he huma chaga no interno canto do olho, formada pela rotura ou incisão do sacco lacrymal, o que se póde ver no Capitulo da fistula lacrymal.

FIS-

FISTULA LACRYMAL.

Esta enfermidade he hum depósito de humor materioso nos orificios lacrymaes. Conhece-se porque se vê hum pequeno tumor no angulo interno do olho, que comprimido lança pelos orificios lacrymaes, pelo ducto nasal, ou por huma, e outra parte hum muco materioso. A causa proxima, he a excreção do dito muco materioso pelas glandulas do sacco lacrymal, sem que nelle se perceba, nem haja chaga. Rarissimas vezes ha chaga, e se apparece, ella he o effeito, e não a causa desta fluxão materiosa. Muitas vezes se tem observado haver fluxão do muco materioso de varias partes sem presença de chaga. Na gonorrhea, e no fluxo branco muitas vezes, no primeiro, ou segundo dia da infecção de repente apparece huma fluxão de muco materioso, isto antes que a inflammação existente podesse formar chaga por falta de tempo. No defluxo muitas vezes se vê sahir pelos ductos olfatorios, hum muco materioso sem haver chaga. No fluxo branco das hemorrhoidas acontece o mesmo. Na dor de pedra muitas vezes sahe com a ourina grande cópia de muco materioso. Na tisica espuria, lança o doente cada dia grande cópia de muco materioso, e nem por isso se tem achado nas dissecções anatomicas chaga, nem nos bofes, nem na bexiga (quando a tisica he incipiente.)

As causas remotas da fistula lacrymal são a deposição de qualquer succo acrimonioso nas grandulas do sacco lacrymal, assim como se observa, nos que tem bexigas, sarampo, escrofulas venereas; inflammação do sacco lacrymal; repetidas vezes estagnação do humor lacrymal no sacco por obstrucção do ducto nasal, pancada, ou contusão do sacco lacrymal.

De-

Divide-se a fistula lacrymal em simples, e complicada, que todas se reduzem a seis especies.

A simples he aquella, em que não ha obstrucção do ducto nasal, o que se conhece pela facilidade com que se póde espremer, e sahir o muco materioso, tanto pelo orificio lacrymal, como pelo ducto nasal.

A cura pede collyrios detergentes como podem ser o cozimento de marcéla, mililoto, e da herva veronica, feito em vinho, a solução de pedra divina N.º V. de pedra infernal N.º XXII. agua vitriolada canforada, que segundo a qualidade do doente, e estado da parte qualquer destes remedios poderáõ ter lugar, fazendo absorver qualquer delles pelos orificios lacrymaes, o que se deve praticar do modo seguinte.

Tome-se huma penna de escrever, corte-se por sima, e por baixo de sorte que fique hum como canudo, deitado o doente de costas metta-se o tal canudo por huma ponta dentro no collyrio, e com o dedo pollegar, ou mostrador tape bem o canudo pela parte superior (antes de o tirar de dentro do collyrio) tire fóra o canudo do dito collyrio, e abrindo as palpebras, deixe cahir dentro do canto do olho algumas poucas pingas, o que se conseguirá, hindo affastando o dedo da abertura superior do canudo, concluido assim, e fechadas as palpebras com os dedos faça mover o liquido lançado, agitando o globo para que seja absorvido pelo orificio lacrymal: tambem se póde usar de hum pincel de fios, ou de huma pequena porção de esponja que caiba entre os dedos pollex, e index molhada no collyrio, e espremendo a pingos se vai deitando do mesmo modo, que com o canudo da penna. Ou se lancem estes collyrios dentro no sacco lacrymal pelo orificio inferior por meio de seringa (*Estampa II. Figura VII.*) do modo seguinte.

Com

Com os dedos da mão esquerda se volte a palpebra inferior para fóra, e para a parte do canto externo do olho, e tomando a seringa com a mão direita levando-a ao alto fique em linha muito pouco obliqua, quasi perpendicular, se introduza no orificio inferior do lacrymal, depois posta a seringa em linha obliqua, sem necessidade de força, a canula da seringa se introduz dentro no sacco lacrymal, e neste estado comprimida a seringa faça-se introduzir o liquido, o qual não seja em larga quantidade, para que não obrigue o sacco lacrymal a huma grande distenção: a injecção se repita passadas poucas horas, e algumas vezes em cada dia: advertindo, que a injecção deve ser só de algumas pingas, pois na fistula lacrymal inflammada, a injecção irritando prejudica; a compressão com os chumaços graduados, embebidos no collyrio N.º I., ou o do N.º XXXVIII., depois de extincta a inflammação tem lugar nesta especie.

A segunda especie de fistula lacrymal he a que apparece com inflammação do sacco lacrymal, que se conhece pela fluxão do muco materioso, pela vermelhidão, pelo calor, e dôr no canto interno do olho, e sacco lacrymal. Esta inflammação costuma apparecer tres, ou quatro vezes no anno, a qual facilmente se cura com remedios antiflogisticos; porém quando ella vem todos os mezes, ou todas as semanas, e resiste constantemente aos remedios antiflogisticos, neste caso se deve curar applicando banho á parte de agua vegeto, ou o collyrio N.º I. Não usando de injecções no orificio lacrymal, durante o estado inflammatorio, sangrando, e purgando quando for tempo, e com remedios proprios do virus, que dominar, e depois usar dos antiflogisticos. Se o toque for tão forte que precise dos derivatorios se

po-

podem applicar o cauſtico na nuca, e o ſedenho: (ſe a rebeldia da moleſtia o pedir) tambem são lembradas as andorinhas abertas ſobre as temporas, e uſando dos remedios purificantes do ſangue, como são os antieſcorbuticos (quando o virus for eſcorbutico) os anticelticos, quando o virus for ſeſlitico, ou galico, os ſaponaceos, antiputridos, antieſcrofuloſos tirados dos vegetaes, e mineraes, que todos são tambem antiflogiſticos, além de outros, que não vão nomeados em particular, por não ſer preciſo, pois são bem conhecidos de todos.

Quanto ao ſedenho, ſe abrirá na orelha no lugar onde as mulheres trazem os brincos, da parte que padecer a moleſtia, ou de ambas ſe a fiſtula atacar os dois angulos internos dos olhos, o que ſe faz com o truviſco, tirando huma porção da bainha, que guarnece ſuas aſtes, enfiando-a em huma agulha de ſufficiente grandeza, e tambem o ſeu fundo, paſſando-a do meſmo modo, que ſe faz em outra qualquer parte com a tira de panno, fazendo-a mudar, e renovar, quando for preciſo.

A terceira eſpecie he complicada com obſtrucção do ducto naſal: eſta ſe conhece, quando comprimindo a fiſtula, o ſucco materioſo do ſacco não ſahe pelo nariz. A cura pede tirar a obſtrucção; e poderá ter lugar, uſar do azougue pelo inſtrumento de Bliſard, apontado na Epiphora, ſe ella he ſómente glutinoſa, baſtaráõ injecções detergentes: porém ſe for ſólida, aſſim como a contracção cronica do eſphinter, ou corrugação do ducto naſal, então ſe proceda a operação na fórma ſeguinte.

Deve preceder antes o preparar-ſe o doente, purgando-o, e ſangrando-o, ſegundo o que pedir a indicação: a dieta, que deve acompanhar todo o curativo, ſe-

ja antiflogiſtica, advertindo, que o tempo proprio de fazer eſta operação ſerá, quando ſe veja o ſacco lacrymal elevado por conter muita materia, a qual por expreſsão não ſe póde extrahir, devendo logo fazer-ſe, primeiro para que o ſacco não rompa por algum outro lugar, e ſegundo para que a demóra não ſeja cauſa de que a materia ulcére todo o ſacco, e o deſtrua, formando caria na foſſa lacrymal. A intumeſcencia, que fizer pela noite o ſacco lacrymal, no dia da operação pela manhã não ſe eſprema, para que ſe veja bem o lugar, em que a incisão ſe deve fazer. Antes de entrar na operação ſe deve pôr prompto hum canivete recto, ou ſemicurvo para a incisão do ſacco.

Situado o doente, que deve ſer ſentado em huma cadeira voltado para a luz, de traz delle deve eſtar outra cadeira, onde eſteja ſentado hum ajudante, que lhe ſegure a cabeça, e o Profeſſor eſteja em pé diante do doente; logo pegando no canivete fira o ſacco lacrymal, principiando a incisão ſemicircular, junto da commiſſura das palpebras por baixo do cordão do muſculo orbicular, ſeguindo a margem da orbita interiormente; feito iſto ſe encha modicamente o golpe com huma pequena plancheta de fios, e ſe cubra com hum parche de emplaſtro anglicano do feitio de meia lua.

Ao dia ſeguinte tirados os appoſitos, ſe examinará o eſtado da ulcera. Se o ſacco eſtá ſimpleſmente aberto, ſem que tenha ſido deſtruido, he regular, que o conducto lacrymal eſteja em ſua integridade, porém elevado, ou inchado, ou talvez inflammado; deve-ſe eſtabelecer huma boa ſuppuração, para que deſtrua todo o infarte, e logo depois ſe procurará conſervar, e reſtabelecer ſeu diametro por meio de injecções deſecantes, com attenção a não eſtimular ſua entrada com o extremo

da

da seringa; propõem-se tambem para este fim a introducção das velinhas, que se fazem de cordas de viola de varias grossuras, do comprimento de dedo, sendo suas pontas mais delgadas, e polidas, ou estilletes de chumbo, ou passando hum pequeno sedenho até o nariz, para formar o ducto.

Passando as lagrymas com liberdade, se cicatriza a ulcera do sacco, finalizando a cura com qualquer simples emplastro, ou com o uso de injecções, que bem pedir o estado da parte.

Os symptomas, que algumas vezes sobrevem a esta operação, são tres.

Primeiro. Hemorrhagia de sangue, procedida do ferimento da arteria angular, quando se rompe o sacco lacrymal, a qual se remedea facilmente com fios secos, ou agarico ralado.

Segundo. Epiphora, que algumas vezes fica depois da operação causada, ou por laxação do sacco lacrymal, ou por concreção dos orificios, ou canal lacrymal, e por isso antes de cicatrizar a ferida do sacco lacrymal, sempre o Professor deve examinar, ou pelos estilletes (*Figura X. da Estamp. II.*) ou por meio de injecção (se os canaes lacrymaes se achão abertos) porque se estiverem concretos, os deve primeiro abrir com o estillete, se porém a ferida estiver cicatrizada, e os ductos se acharem concretos, deve-se fazer no sacco lacrymal nova incisão, e perfuração como no principio.

Se a Epiphora procede por laxação do sacco lacrymal. Curar-se-há, como se disse da hydropisia do sacco lacrymal, o que se póde ver no seu lugar.

O terceiro symptoma he a callosidade da ferida, que póde ser causada pelos corpos estranhos, que se introduzirão na cavidade para a dilatação della. Este symp-

ptoma pede que o orificio calloſo ſe toque algumas vezes com hum pingo de manteiga de antimonio, ou ſolução de pedra infernal N.º XXII. ou ferindo com a ponta do canivete os labios calloſos em circulo, ou ſe ponha em cima por tempo de huma hora hum pequeno parche de maſſa vizicante, para que aſſim extrahida a calloſidade, ſe cure a ferida, como ſe foſſe recente.

A quarta eſpecie de fiſtula lacrymal, he a que apparece complicada com rotura do ſacco lacrymal. Se o muco materioſo deſta enfermidade por cauſa da ſua viſcoſidade obſtruir os orificios lacrymaes, e ducto naſal, filtrando-ſe pelas glandulas no fundo do ſacco lacrymal, dá cauſa a que o dito ſacco com a cutis, que o cobre, ſe rompa para a parte de fóra. Eſta rotura acontece, ou no meio do ſacco lacrymal, ou em outro ſitio, como debaixo da palpebra inferior. Se a rotura he feita no meio do ſacco lacrymal, pela maior parte coſtuma ſer pequena, e por iſſo ſe deve abrir mais, para que ſe poſsão por ella introduzir os remedios já apontados em a cura do ducto naſal. A rotura pois em lugar improprio pede que ſe faça operação em o ſacco lacrymal, de outro modo, nem a rotura illegitima, nem a fiſtula lacrymal ſe podem curar.

A quinta eſpecie de fiſtula lacrymal he a que apparece complicada com caria da foſſa lacrymal. Eſta eſpecie raras vezes apparece, e quando ſuccede he por ſe deixar de fazer a inciſão do ſacco lacrymal. As carias, que acontecem aos oſſos deſta parte, ſe manifeſtão pela producção de carne fungoſa no ſacco, e canal naſal, acompanhada de máo cheiro na fiſtula, e nariz. Eſtas ſe curão tomando internamente quina com aſſafetida, e no uſo externo, ou com o canivete, ou

com

com solução caustica saturada de pedra infernal se extraha a carne fungosa, e depois se lhe applique essencia de euforbio, de almecega, ou de myrrha, para evitar o progresso da caria. Finalmente se o ducto nasal está tão extincto, que o estillete de tres quinas o não possa abrir, para dar passagem ás cordas, neste caso se faça nova abertura com agulha mais grossa, com as mesmas quinas em o fundo do nariz, pelo osso lacrymal, e membrana interna do mesmo nariz. A fluxão de sangue pelo nariz, e a entrada, e sahida do ar pela ferida da fistula; quando se comprime o nariz, são os signaes de estar furado o osso lacrymal. Esta abertura no mesmo instante se encha de fios, e ligue com atadura, deixando-a assim por tres dias. Depois tirada a atadura, se lhe introduza corda mais grossa, ou em lugar desta, vela saturnina, ou estillete de chumbo, como se disse acima, sendo qualquer das cousas de maior grossura, para que fique maior abertura, conservando esta cura por tres, ou quatro semanas, banhando a dita abertura, para que se seque a carne com agua fria, ou cozimento das plantas adstringentes, feito em vinho, ou com agua vigeto feita do novo extracto N.º XXIII.: ultimamente tirados os corpos, que se introduzírão se faça consolidar a ferida externa do sacco.

A sexta especie da fistula lacrymal he a que se acha complicada com acrimonia, a qual provém de virus venereo, escrofuloso, bexigoso, cancroso, ou semelhante.

A cura pede não só o curativo geral do morbo, que domina, mas tambem especificos remedios á parte.

EN-

ENCHANTIS.

Esta enfermidade he huma excrescencia, ou intumescencia da caruncula lacrymal. Causando deformidade na parte; fluxão de lagrymas, e algumas vezes ectropio. Ha tres especies.

A primeira se diz benigna, ou excrescencia indolente, molle, vermelha, granulosa á maneira do fructo da Amoreira. Cura-se com os remedios locaes; e primeiro com o uso de extracto de saturno N.º XXIII. Segundo por meio de ligadura na raiz. Terceiro por separação da porção superflua, por meio de instrumento cortante. Quarta pelo uso de causticos.

A segunda especie se diz maligna, que he huma excrescencia aguda, côr de chumbo, dura, e desigual, a qual degenera em cancro, que como tal deve ser tratada.

A terceira he por inflammação da caruncula lacrymal. Esta se conhece pela tumefacção vermelha, quente, dolente, que repentinamente apparece. Augmenta-se esta especie algumas vezes até hum grande volume, o qual aberto, ou roto por si mesmo lança materia, e repentinamente se abaixa. A cura pede no seu principio tentar a resolução por meio de agua vigeto, ou outra semelhante, se com effeito esta senão consegue, se lhe appliquem cataplasmas emollientes, depois se abra o tumor, curando-o como tal.

RHYAS.

Esta enfermidade he a falta, ou diminuição da caruncula lacrymal. A causa proxima, ou he defeito de

nas-

nafcença, golpe, ou erosão de algum humor acre. Efte mal he incuravel, degenera em Epiphora, nunca remediavel, por eftar o lago lacrymal fempre aberto.

PERIBROZIS.

He efta enfermidade huma erosão, ou ulcera nas commiffuras das palpebras, a qual fe encontra frequentemente. Há duas efpecies.

A primeira he por acrimonia das lagrymas, affim como fe obferva na Epiphora acrimoniofa. A cura pede que fe extinga a Epiphora, e depois fe ufe da folução da pedra divina.

A fegunda he por caufa de Egylope, que alguma vez fe propaga até as commiffuras. Deve curar-fe desfvanecendo, ou extinguindo o morbo primario, como fe aponta no Capitulo do Egylope.

LEMOSITAS.

Efta enfermidade he huma fordice materiofa pegada no interno canto do olho: ha duas efpecies.

A primeira he vulgar, porque he frequente nos que acabão de dormir, nos caminhantes, por caufa do pó dos caminhos, e alguns doentes de outras enfermidades. Curão-fe lavando os olhos as vezes precifas com agua tépida.

A fegunda cobra o nome de conftante, a qual permanece por muito tempo, e traz origem da Chace, ou remela da caruncula lacrymal. Cura-fe como a remela das palpebras. *Veja Rubor das margens das Palpebras. A fegunda efpecie.*

LA-

LAGRYMA SANGUINEA.

Eſta enfermidade he huma eſpontanea reſudação de ſangue dos olhos. A' cauſa proxima he a dilatação das anaſtemoſes, ou extremidade das arterias. Tem moſtrado a experiencia, que muitas mulheres faltandolhe o ſangue menſal a ſer evacuado todos os mezes, lhe ſahia pelos olhos. A cura pede ſangrar, e reſtituir a evacuação do menſtruo pelo ſeu pioprio lugar.

ENFERMIDADES DA MEMBRANA CONJUNCTIVA.

OPHTHALMIA.

He eſta enfermidade huma inflammação da membrana conjunctiva, ou de todo o globo do olho, que ſe conhece pela vermelhidão, calôr, dôr, e tenção do olho. A cauſa proxima deſta moleſtia he a dilatação, e movimento dos vaſos oculares na parte inflammada, por cauſa do eſtímulo inflammatorio, que moleſta o olho immediatamente, ou por communicação. A cauſa, que diſpõe para eſta queixa, he, ou debilidade do olho, ou muita ſenſibilidade delle. Ha muitas differenças de ophthalmias, que pedem divisão, e denominação ſegundo o lugar da inflammação, ſeu gráo, duração, complicação, e cauſa; ſegundo o lugar divide-ſe a ophthalmia em externa, que ſe manifeſta na conjunctiva, e algumas vezes na meſma cornea. Em interna, que ſe declara na choroide, uvea, ou iris. Em angular, que ſó occupa o interno, ou externo canto do olho. Segundo o gráo de força, divide-ſe em leve dita taraxis, a qual he huma pequena perturbação, e inflammação por

cau-

causa externa, como acontece por pó, fumo, ou Sól, e em gravissima dita Chemosis, que he huma inflammação dos olhos em gráo ultimo, segundo a duração divide-se a ophthalmia em aguda, que he a que se acompanha de febre, e não dura muito tempo. Em chronica, que he sem febre, e costuma durar mezes, e ás vezes annos. Em periodica, a qual torna em dia, ou tempo determinado. Segundo a complicação divide-se em complicada, quando apparece junta com outra enfermidade de olhos; em simptomatica, quando vem depois de outro morbo ocular; húmida, quando com ella apparece huma vehemente fluxão de humor seroso, ou purulento; e secca, quando existe sem a dita fluxão de humor seroso. Finalmente divide-se a ophthalmia segundo as causas. Em ophthalmia violenta, quando a causa he externa. Em consensual, quando a causa está no abdomen, ou outro lugar. Em Idiopathica, quando a causa está nos mesmos olhos. Em acrimoniosa, quando provém de transporte de humor acre, como do humor catharral, celtico, gonorrhaico, cancroso, scrophuloso, bexigoso, escorbutico, rheumatico &c. dos quaes se podem formar as especies seguintes de ophthalmias, que se reduzem a vinte e tres.

Primeira, a que se diz Taraxis, que he huma pequena inflammação de hum, ou de ambos os olhos, em a qual a vermelhidão he esbranquiçada, e com pequena dôr, e póde proceder por causa leve, como por vapôr acre, nascimento de dentes, leitura excessiva, calma intensa, introducção de corpo estranho, *vulgo* argueiro, tempestade húmida, vento secco, ou frio. A cura desta enfermidade pede o uso de remedios repellentes, como he agua fria, ou agua rosada com algumas gotas de extracto de saturno, e não bastando,

o collyrio N.º I.; fazendo-se necessaria sangria, e purga, se a inflammação se augmenta, se fará no seu respectivo tempo.

A segunda he chamada Chemosis, que he huma violentissima inflammação do olho, em a qual a túnica conjunctiva delle se faz vermelha, e de tal fórma intumescida, e elevada sobre a cornea, que fica esta cómo sumida. As palpebras juntamente se inflammão, a cornea se turba, e faz vermelha, ha dôr vehemente principalmente nas sobrancelhas, experimentando o doente de noite febre, e falta de sono, sensação palpitante na cabeça, obscurecendo-se a vista totalmente nos primeiros dias do augmento. O exito desta molestia raras vezes termina em resolução, mas sim frequentemente em suppuração, a qual ou rompe o globo do olho, ou deixa nelle algum cruel morbo, como opacidade na cornea, staphyloma, varices na conjunctiva, ulcera na cornea, fistula lacrymal, pterygio &c. Cura-se fazendo sangrar logo os enfermos, e ainda que se póde sangrar no pé, e braço, se deve preferir a sangria do pé, e jugulares. O interno se tratará com os remedios antiflogisticos nitrados, fazendo uso dos vegetaes, que forem particulares á causa do humor, que dominar, usando das mezinhas refrigerantes, emollientes, fazendo-as mais, ou menos purgantes, quando for preciso; havendo dores, se toma internamente ao recolher huma porção de emulsão commua opiada, e se applicão á parte os anodinos brandamente resolutivos, como póde ser o chá de flor de malva, e sabugo, a cataplasma de peros feita em cosimento aromatico bem saturado tem lugar nesta molestia. Os purgantes fortes, e repetidos dados segundo os temperamentos, e forças do doente tem todo o lugar nesta molestia. Os

causticos só tem lugar nas complicações sorosas. Se todos estes remedios de nada aproveitarem, se faça escarificação com a ponta da lanceta na intumescencia da tunica conjunctiva, e com o beneficio desta descarga se podem evitar outros damnos, que pelo commum acontecem. Resolvida que seja a inflammação, se podem applicar os differentes remedios, que neste ramo de curativo tem lembrado varios Professores em fórma de collyrio, fomentações, ou vapôr, sejão como resolutivos, se ainda a necessidade o pedir, ou como animantes, e confortantes, em cuja escolha podem entrar o do N.º I., VIII., XII., XIII., XIV., e XV, e quando a quantidade de humor soroso seja a complicação, que embarace o curativo, fazendo cronica a molestia, se póde tambem depois do caustico applicar hum sedenho na nuca, e isto porque alguns o lembrão, ainda que sem fructo, como se tem observado na pratica, e será de maior utilidade na orelha com o truvisco, como fica apontado na fistula lacrymal.

A terceira especie he chamada fleumonosa, ou fleumão do olho, a qual he huma inflammação da choroide, iris, e uvea. Conhece-se pela modica vermelhidão da albuginea, porém o iris apparece vermelho, e a pupilla tão constricta, que o doente absolutamente não póde ver. A summa intolerancia da presença da luz, a dôr, e palpitação intoleravel na cavidade do olho, e na cabeça algumas vezes lanção fóra do seu lugar o globo do olho. Acompanha tambem esta enfermidade vehemente febre, vigilia nocturna, e dilirio, principalmente nas pessoas de pouca idade, e de fibra sensivel. Não poucas vezes o fleumão do olho se converte em Chemosis, e a Chemosis em fleumão, e neste caso todas as ophthalmias são agudissimas, e perigosissi-

simas, porque frequentemente terminão em Hypopio, o qual rompe o olho, e se segue cegueira irremediavel. Algumas vezes a interna inflammação do olho deixa Sinezesis, Sinechia, Cataracta, Amaurosis, Amblyopia, ferida, ou abertura do iris, ainda que ella se discuta. A cura pede o mesmo tratamento que na Chemosis.

A quarta especie se chama aguda, a qual he vulgar, e vem acompanhada de febre, porém em poucos dias, ou algumas semanas termina: alguma cousa he mais vehemente esta ophthalmia do que a que se diz Taraxis, e excepto o humor flogistico, não traz comsigo alguma particular acrimonia. A cura geral pede sangria, e uso interno de remedios antiflogisticos, e purgantes; externamente agua commua, mais, ou menos quebrada do frio, ou alguma das aguas ophthalmicas com algumas gotas do extracto de saturno do N.º XXIII. ou o collyrio N.º XIX.

A quinta especie he chamada cronica, ou habitual por ser antiga, e existir muitos tempos: he muito vermelha, pela maior parte chega a ser indolente. Procede da laxidão dos vasos. A esta classe se ajunta tambem a ophthalmia indolente, em a qual o olho se acha muito vermelho sem alguma dôr, como algumas vezes se observa. O mesmo affirmão Richter, Janin, Gendron, e outros. A cura desta quinta especie pede remedios roborantes externos, para o que poderá servir o do N.º XVIII., internamente póde tomar o doente quina com valeriana, tambem na parte se póde usar de agua, mais, ou menos fria, ou vitriolada, e de clara de ovo mista com pedra hume em pó, que fique em fórma de linimento, untando as palpebras sem chegar ás pestanas para se não pegarem, ou do linimento N.º XXVII, ou XXVIII.

A sexta especie de ophthalmia he a que se chama secca, em a qual se não observa fluxão de lagrymas, nem tumor nas palpebras, mas sim vermelhidão, accommettidas as mesmas palpebras de comichão, e amanhecendo pegadas. A causa desta enfermidade he acrimonia dos humores, da qual lhe provém o ser rebelde á cura. Pede o seu curativo sangrias, e purgantes repetidos, caldos diureticos, que purifiquem o sangue, soro de leite, aguas acidas, banhos de agua tépida, collyrio de leite açafroado; tendo todo o lugar o collyrio N.º I. como constantemente mostra a experiencia, os collyrios invifcantes feitos com algumas das aguas, ou cosimentos das plantas ophthalmicas com goma de marmelo são lembrados.

A setima ophthalmia he a húmida, que he huma enfermidade habitual com intumescencia junto á mais sólida substancia das palpebras, e copiosa fluxão de lagrimas, ou complicada com lippitude. A causa he a acrimonia dos humores, que a faz rebelde, escoriando os olhos, palpebras, e faces. A sua cura pede sangrias, mais, ou menos repetidas, segundo a plectora que houver, diluentes, e adoçantes á qualidade que dominar, e purgantes repetidos: se esta molestia for muito agravante, se podem applicar os vesicatorios na nuca, e espaduas, e ainda sedenho na orelha com o truvisco, como fica apontado na fistula lacrymal. No principio não se devem tocar os olhos com remedios irritantes, tendo só lugar os embetantes feitos com pevides, ou goma de marmelo em algumas das aguas ophthalmicas, ou sómente agua tépida, e o collyrio N.º I. E para o fim se ajuntará algum grão de vitriolo, ou o collyrio N.º II.

A oitava especie de ophthalmia se diz violenta, a qual provém, ou por pancada no olho, ou por intro-

troducção de algum grão de arêa, mosquito, ou por causa de ferimento, assim como se observa depois da operação da cataracta. Cura-se sangrando o doente, internamente remedios diluentes, e a parte se banhará com a infusão de hervas cefalicas feita em vinho, ou agua, ou feita assim como se aponta no N.º XXXII. ou o do N.º XXXVIII., ou a infusão com flores de sabugo, marcella, mililoto, e rosas.

A nona especie se chama ophthalmica consensoal, que provém de saburra das primeiras vias, conhece-se esta enfermidade pelos sinaes, que na boca se declarão da saburra acida, podre, biliosa, ou verminosa, a qual he frequente nas crianças, e muitas vezes he indolente, tendo por companheira algumas vezes a febre. Cura-se com o uso de saes digestivos, purgantes, e remedios antiverminosos (se proceder de lombrigas.) A esta classe pertence tambem aquella, que provém por causa de nascimento de dentes, dôr de cabeça, obstrucção de viscera, e semelhantes causas remotas dos olhos. Cura-se, tirando o morbo primario.

A decima ophthalmia he encephalica, que procede de offensa de cerebro, conhece-se pelos sinaes da inflammação do mesmo cerebro. Esta ophthalmia he de máo prognostico, porque, se junto ao setimo dia depois da contusão do cerebro apparecer frenesi, febre aguda, indica inflammação do cerebro, suppuração, gangrena, e finalmente morte. Cura-se extinguindo o frenesi.

A undecima ophthalmia he a que tem por causa a plethora, que provém por congestão de sangue nos olhos, e tem os mesmos sinaes, que o havello na cabeça. Procede de suppressão de mezes, e das hemorrhoidas, da frequencia, ou abuso de beber liquidos espi-

pirituosos, da força de vomitar, ou de tossir, da difficuldade de depôr por dureza as fezes, e da de parir. Cura-se, sangrando, diluindo, purgando, conduzindo as excreções detidas ao seu exito natural. Externamente he bom remedio applicar á parte banhos de agua fria, e o collyrio N.º I.

A duodecima especie de ophthalmia he a catarrhal, a qual traz sua origem de embaraço de transpiração, principalmente ao levantar da cama, e succede por dormir junto de huma parede húmida.

Esta especie de ophthalmia, assim como o catarrho, dura alguns dias, e feita a cocção do humor catarrhal, se configura pelos vasos minimos, sahe pelos olhos, e se extingue a ophthalmia. A cura desta molestia pede extinguir o humor catarrhal com remedios internos especificos, e externamente se póde applicar á parte leite açafroado.

A decima terceira ophthalmia he a que provém da suppressão da gonorrhéa gallica, em a qual a materia virulenta por transportação vai accommetter o tecido cellular da membrana conjunctiva, ou albuginea.

SINAES.

Dois, ou tres dias depois da suppressão da gonorrhéa apparece abundantissima reméla, ou fluxão de humor amarello, esbranquiçado, purulento, semelhante á materia gonorrhaica, sahindo em tanta cópia, como de antes sahia pela uretra, com vermelhidão nos olhos, a qual vermelhidão se não acha diminuida pela manhã, como succede na ophthalmia venerea, e pela maior parte, ou quasi sempre se converte em pessima Chemosis, com a qual obscurece a cornea, e se intumesce tan-

to

to a membrana conjunctiva, que a cornea se mostra quasi abatida. Pronostico. Esta opthalmia com difficuldade se resolve, e de ordinario termina em suppuração no interior dos olhos, com opacidade da cornea, a que se segue cegueira incuravel. A cura sempre faz lembrar os remedios do costume, que são sangrias, remedios anodinos, e descucientes aos olhos, visicatorios, purgantes repetidos, que attendão á qualidade, para o qual fim se fará eleição nos que leva esta obra no seu formulario, e para o uso interno commum se póde usar da tizana ocular N.º XVII, o uso interno do mercurio gomoso, tomado na dose de hum escropulo até trinta grãos por dia tem todo o lugar, banho mercurial aos olhos composto de huma onça de mercurio gomoso, e hum quartilho de leite posto tudo a dar humas leves ferveuras, e lançado em pequeno vaso de vidro, cada meia hora se banhe o olho, estando primeiro tépido, advertindo que o olho, ou olhos se hão de metter na boca do vidro, que contém o leite mercurial quente, e voltando o fundo para cima, ha de ficar o olho todo banhado por algum espaço de tempo; outros muitos remedios lembrão varios Authores, de que cada hum poderá usar, ainda que infructifera a sua applicacação neste caso, como elles mesmos apontão, e eu por experiencia tambem o digo.

A decima quarta especie de ophthalmia he a venerea, que traz sua origem de acrimonia venerea diffundida por todo o corpo. Differe esta especie da ophthalmia gonorrhaica, em que esta venerea pelas manhãs está diminuta, e nunca degenera em Chemosis. Cura-se, usando internamente de mercurio gomoso, ou das mesmas pírulas apontadas nesta obra, que cada hum poderá escolher, segundo o estado do doente, applicando externa-

namente ao olho banho mercurial, de agua morna, ou com alguma tinctura de flor de malva, e sabugo.

A decima quinta ophthalmia he a cancrosa, que he huma leve vermelhidão de olhos, e labios das palpebras, que acompanha os cancros ulcerados, manifestos em qualquer parte do corpo. A cura desta especie consiste em curar-se o virus cancroso com remedios especificos, como pedir o estado do doente, para o uso diario interno o remedio N.º XVIII.; purgando quando for preciso com a opiata N.º XIII. o xá de flor de malva, e agua morna he o remedio topico, além de outros.

A decima sexta especie de ophthalmia he a escrophulosa, a qual he familiar ás crianças escrophulosas. Cura-se usando internamente quina, antimonio, conserva de cicuta, etiope mineral, sabão de veneza, genciana &c. Externamente se lhe póde applicar como collyrio, cozimento de quina com pedra hume, depois com vesicatorio, ou sedenho se faça huma chaga artificial. Sangrias, e purgantes fortes são prejudiciaes aos escrophulosos.

A decima setima especie de ophthalmia he exanthematica, a qual procede de metastazi, ou transportação da materia exanthematica de algum morbo, isto he, de bexigas, ou sarampo, que se deposita nos olhos. Conhece-se pela presença, ou precedencia do morbo exanthematico do sarampo, sarna, herpes, tinha da cabeça. A cura pede remedios revellentes internos, como pedir a indicação; os externos são sedenho, fontes, e causticos, como se aconselha; e ainda que o uso destes revellentes externos não favoreça a experiencia a sua utilidade, a mesma aconselha o sedenho na orelha com o truvisco; *Veja a fistula lacrymal para a sua applicação.*

A decima oitava ophthalmia he a variolosa, a qual costuma apparecer algumas semanas depois da secca das bexigas, principalmente se o doente não tem sido bem purgado, ou muito repentinamente se expozer a hum ar frio: esta ophthalmia he húmida, acre, e muito pertinaz: algumas vezes dura annos, e muitas degenera em manchas, e staphyloma da cornea. A cura pede purgantes a miudo, antimoniaes, mercuriaes, provocar chagas artificiaes, e banhos.

A decima nona ophthalmia he rheumatica, e arthritica, a qual manifesta nos olhos não só huma pequena vermelhidão, mas dôr intensa, e acre, e fluxão lacrymal. O tratamento he o mesmo, que da precedente.

A vigesima especie de ophthalmia he onanistica, a qual procede de frequentes polluções: Cura-se applicando aos olhos agua fria, ou com alguma mistura de agua vigeto, e ao corpo todo banhos de agua quasi fria, internamente se lhe appliquem roborantes, como he a quina valeriana, ferro &c.

A vigesima primeira ophthalmia chamão complicada, a qual he huma inflammação dos olhos causada de outro morbo ocular, como da trichiasi, trachoma, ulcera, ou fistula da cornea, synechia, lagophtalmo, ectropio, carbunculo da albuginea, pustula da cornea, hordeolo das palpebras, corpo estranho introduzido nos olhos, vulgo argueiro, ferida do olho &c. Cura-se extinguindo o morbo primario, que a causa; para o que veja os morbos apontados nos seus respectivos lugares.

A vigesima segunda especie de ophthalmia he a epidemica. A ophthalmia catarrhal por causa de constipação, e a ophthalmia outonal por corrupção de bille, não poucas vezes se observão epidemicas. A cura deve ser como a da catarrhal, e das enfermidades gastricas.

A

A vigesima terceira ophthalmia he a periodica, a qual apparece em certos tempos, assim como as sezões; humas vezes traz vermelhidão dos olhos, outras não. Cura-se com o uso de purgantes; e por ultimo com o de quina. Além de todas estas especies de ophthalmia, se lembra huma com o nome de quotidiana, o que cada hum poderá ver nos diversos Authores, que escrevêrão desta materia.

OPHTHALMODYNIA.

He esta enfermidade huma grande dôr nos olhos, sem apparecer nelles grande vermelhidão, esta dôr he de varios modos, pois, ou he com comichão, ardor, ou com compressão, ou como que nos olhos se acha espalhada huma pouca de arêa. As especies desta enfermidade são oito.

A primeira he, a que se chama rheumatica, que he huma dor nos olhos com levissima, ou quasi nenhuma vermelhidão nelles, a qual por ser rheumatica sorosa, não produz vermelhidão. A cura pede purgantes antiflogisticos, brandos diaforeticos, e visicatorios. Os collyrios húmidos nas enfermidades oculares, que procedem de causa rheumatica, e arthritica, não approveitão.

A segunda especie de ophthalmodynia he a periodica, que he huma dôr de olhos sem vermelhidão, que em certas estações de tempo torna á apparecer, a qual vem acompanhada de febre, sede, fluxão de lagrymas, as ourinas intensamente vermelhas, e algumas vezes côr de tijolo. Cura-se como as febres intermittentes, dando purgantes no principio, e depois quina, ou infusão de flor de arnica.

A terceira especie he, a que se chama espasmodi-

ca, que he huma dôr como de compressão no globo do olho, que provém do espasmo dos musculos do globo, a qual se observa nas pessoas hystericas, e hypocondriacas, e tambem nas que acabão de chorar. A cura do costume he o uso de remedios nervinos, antispasmodicos, e o tempo, que tambem cura certas molestias.

A quarta especie de ophthalmodynia procede de interna inflammação dos olhos, em a qual apparece dôr, e sensação, como se o globo fosse obrigado a saltar fóra do seu lugar. Veja fleumão do olho.

A quinta especie de ophthalmodynia he chamada hydrophthalmica, a qual apparece depois de dôr de testa, perturbação da vista, dilatação da pupilla, e elevação do globo do olho. Cura-se com o uso de sangrias, purgas, e vesicatorios. *Veja hydrophthalmia.*

A sexta especie de ophthalmodynia he nomeada arenosa, que he huma dôr com comichão, e juntamente picadas, como se dentro nos olhos se tivesse espalhado huma pouca de arêa, a qual sensação acompanha as ophthalmias incipientes, a arêa introduzida nos olhos, e o nascimento do hordeolo. A cura pede lavar os olhos com agua quasi fria, ou com algumas gotas de extracto de saturno.

A setima ophthalmodynia he symptomatica, porque he produzida de outras enfermidades oculares, assim como de ophthalmia, hordeolo &c. A cura pede extinguir o morbo primario, o que fica dito em diversos lugares.

A oitava ophthalmodynia he a cancrosa, que provém de deposição de humor cancroso para os olhos. *Veja carcinoma dos olhos.*

VA-

VARICES DA CONJUNCTIVA.

He eſta enfermidade huma groſſura, ou dilatação de vêas na membrana conjunctiva, a que os Gregos chamavão Cirſophthalmia. A cauſa proxima he a laxação deſtas vêas. As eſpecies são duas.

A primeira he ſimples, a qual muitas vezes fica depois das ophthalmias. Cura-ſe uſando por collyrio aguas vitrioladas, ou a agua do N.º VIII.

A ſegunda eſpecie ſe diz complicada com pterygio. A cura deſta eſpecie pede que as varices, que correm do canto do olho para a raiz do pterygio, ou pelle nervoſa do meſmo canto, por meio de lanceta, ou agulha ocular, ſe dividão tranſverſalmente, e com ſolução forte de vitriolo ſe enxugue a fluxão. Da varicoſidade cancroſa. *Veja carcinoma do globo.*

ECCHYMOSIS DA CONJUNCTIVA.

He eſta enfermidade huma effusão de ſangue nas cellulas da membrana conjunctiva. Humas vezes ſó ſe obſerva alguma macula, nodoa livida, ou vermelha no branco do olho, outras vezes toda, ou metade da membrana conjunctiva, apparece roxa por cauſa de ſangue extravazado. Ha duas eſpecies deſta enfermidade.

A primeira ſe diz Ecchymoſis violenta, que procede de golpe, ou ferida nos olhos. Eſta eſpecie as mais das vezes he complicada com inflammação, e ſe trata ſegundo o ſeu eſtado.

A ſegunda eſpecie de Ecchymoſis he eſpontanea, a qual, ſem ter havido contusão nos olhos, apparece por cauſa de vomito, toſſe, ou riſo. Eſta eſpecie de ordina-

nario nem traz inflammação, nem annuncia perigo. Huma e outra se cura usando por collyrio o vinho, em que se houver tirado a infusão de plantas cefalicas, ou o collyrio N.º XXXII, e tambem o do N.º XXXVIII.

PUSTULA DA CONJUNCTIVA.

He esta enfermidade huma vesicula cheia de materia, que as mais das vezes se observa na conjunctiva, junto ás extremidades da cornea, e da qual se distendem huma quantidade de vasos vermelhos. Ha duas especies desta enfermidade.

A primeira se dá o nome de pustula vulgar, que procede de ophthalmia angular. Cura-se tirada a inflammação com infusão de flor de sabugo canforada, e depois applicar solução de pedra divina, ou o collyrio N.º V.

A segunda especie de pustula he acrimoniosa, que apparece aos gallicados, bexigosos, e outros possuidos de humores acrimoniosos. Cura-se com os costumados remedios do uso externo, applicando especificos internamente.

PHLYCTENA.

Esta enfermidade he huma vesicula cheia de agua. Ha duas especies.

A primeira he indolente, a qual he semelhante ao hydatido, isto he, á borbulha, ou empola cheia de agua. A cura pede abrir por incisão, e deseccar a parte com o uso de agua vitriolada.

A segunda especie de Phlyctena se chama ardente, a qual tem vermelhos os labios, e doridos: procede de diversas acrimonias do sangue, e não poucas vezes de-

degenera em pessima chaga na conjunctiva. A cura pede extinguir a inflammação com collyrios deseccantes; e póde ter lugar o do N.° VIII., e o uso interno de remedios especificos.

PAPULA.

He esta enfermidade hum tubérculo duro, que nasce na membrana conjunctiva do olho, algumas vezes a causa parece ser a renutrição de alguma glandula subcutanea na conjunctiva, de que ella he dotada, e a maior parte dos pequenos abscessos da conjunctiva não são causados mais do que pela repleção dos filtros das glandulas desta túnica, e pela introducção de partes heterogeneas; ou pela depravação da lympha, que faz o stase, a acremonia, e abundancia da materia purulenta, alterando, ou destruindo o corpo glandulóso &c. A cura pede applicação de remedios resolutivos interna, e externamente; tambem póde ser tocada a parte com o linimento N.° XXIX.

CARUNCULA.

He esta enfermidade huma empola molle, e vermelha da conjunctiva, semelhante a huma pequena excrescencia de carne (a que se dá o nome de Epanestema) da pinguecula, que he amarela, differe esta por ser vermelha. A causa parece ser huma transsudação de humor lymfatico, coagulado em tubérculo. As especies desta molestia são duas.

A primeira he simples, sem outro algum morbo. Cura-se com o uso de solução vitriolada.

A segunda especie he complicada, por ser acompa-

nha-

nhada de ulcera, e outras enfermidades. Cura-ſe como a primeira, ou com ſolução de pedra divina, ou o collyrio N.º V.

CARBUNCULO DOS OLHOS.

He eſta enfermidade hum tubérculo na albuginea, ou na meſma cornea; a principio muito vermelho, e ardente, que depois ſe converte em huma cruſta gangrenoſa. A cauſa proxima he o humor acre carbunculoſo, que as mais das vezes ameaça esfacelo do olho, cegueira, e muitas vezes por ultimo a morte. A cura pede ſe applique ao olho collyrio mucilaginoſo, e alcanforado, feito com a goma de marmelo, e tambem póde ter uſo agua vigeto, e internamente tomar vinagre com alcanfor, e quina, e os mais remedios apontados no carbunculo das palpebras.

CHAGA DA CONJUNCTIVA.

Eſta enfermidade he huma ſolução purulenta na conjunctiva, ha tres eſpecies deſta moleſtia.

A primeira he huma chaga ſimples, que procede de alguma cauſa externa, ou antecedente inflammação. Cura-ſe com o uſo externo de collyrio N.º III., ou IV., ou ſolução de pedra divina N.º V.

A ſegunda eſpecie ſe dá o nome de chaga venerea, a qual muitas vezes fica depois da inflammação gonorrhaica, ou puſtula venerea da conjunctiva. Cura-ſe com a applicação externa de ſolução branda de ſolimão, miſto com mel roſado, tratando o interno á proporção da cauſa com alguma das compoſições de pírulas, que vão receitadas neſta obra.

A

A terceira especie de chaga he, a que tem por causa o virus escropholoso, que algumas vezes fica depois de longo tempo de inflammação escropholosa. Cura-se usando internamente quina com conserva de cicuta, e os mais remedios anti-escropholosos, e externamente cozimento de quina com pedra hume.

DOENÇA DE OLHOS POR INTRODUCÇÃO DE CORPO ESTRANHO.

A introducção de qualquer corpo estranho, como arêa, argueiro, insecto, limagem de ferro &c. excitão nos olhos incessante nictitação das palpebras, *vulgo* pestanejar, huma fluxão de lagrimas, e huma inflammação dos olhos. Ha duas especies desta enfermidade.

A primeira he o corpo estranho mettido entre o globo, e as palpebras, este se deve tirar, lavando o olho com agua tépida, e não sahindo, se atará na ponta de huma delgada tenta huma pequena porção de esponja molhada em agua mucilaginosa, que se faz com pevide de marmelo em cozimento de flor de malva, e procurando por entre as palpebras, e globo do olho o dito corpo estranho, tambem se póde introduzir este cozimento, ou agua dentro das palpebras por seringa, e quando o corpo estranho for páo, ou ferro, que por estar pegado ás membranas não possa sahir, se conduzirá para fóra com a colher ocular, ou com pinsa, se estiver cravado, lembra-se tambem as sementes de crista gali, ou de linho mettidas dentro das palpebras, que com a sua mucilagem facilitão a sahida do corpo estranho.

A segunda especie he, quando o dito corpo estranho se acha cravado na cornea, ou na conjunctiva. Os meios, que se apontão para a extracção destes cor-

 pos

pos cravados, são o pegar-lhe com huma pinſa propria, e tiralla, ou dilatar o lugar, em que eſtá o dito corpo eſtranho com a ponta da agulha ocular; e depois de extrahido ſe porá hum appoſito em ſima das palpebras molhado em vinho aromatico N.° XXXVIII. ſem o eſpirito.

ENFERMIDADES DA CORNEA, E PRIMEIRO DA SUA OBSCURAÇÃO.

Eſta enfermidade he huma perfeita, ou imperfeita opacidade de toda a cornea. Conhece-ſe pelo perdimento da côr natural da meſma cornea, pela falta total de viſta, que o doente experimenta. A cauſa proxima he, ou effuſão de humor entre as tunicas da cornea, ou eſtagnação de humores feroſos nos ſeus vaſos tranſparentes, ou concreção de vaſos, e fibras, de que a cornea ſe compõem. As cauſas remotas são inflammação da cornea, calôr de fogo, depoſição de humores, ſendo os effeitos deſtes mais agravantes, quando forem dos venereos, eſcropholoſos, eſcorbuticos, ou bexigoſos; abatimento da cornea; levantada coagulação; aſſim como produz o vitriolo quando ſe funde: Os effeitos são amblyopia, ou pouca viſta, ſe a cornea eſtá ſómente obſcura, e cegueira, ſe ella eſtá totalmente opaca. A obſcuração da cornea divide-ſe geralmente em imperfeita, ou nuboſa, quando toda a cornea eſtá turva, e obſcura, á maneira de nuvem, ou fumo, e o doente experimenta a viſta fraca, eſta eſpecie he curavel; e perfeita, ou opaca, quando toda a cornea ſe obſerva amarella, ou côr de greda, e o doente nada vê, eſta eſpecie he incuravel, principalmente ſe o mal for antigo, porém ſe a opacidade por eſte, ou qualquer lugar

gar se mostrar azulada, ou nubosa, nesse lugar se appliquem os remedios, para que ao menos esse fique transparente. As especies da obscuração da cornea são oito.

A primeira he por inflammação da cornea. Cura-se como a ophthalmia cronica, sangrando, se houver plectora rubra, e forças, que o peção, purgando os humores pela ordem geral, e particular, repetindo-os mais, ou menos, segundo a indicação, sendo este o meio mais seguro, para aliviar, e muitas vezes curar as molestias cronicas dos olhos; e a pratica assim o faz ver; e á parte externamente collyrios vitriolados brandos feitos com as aguas, ou cozimentos das plantas ophthalmicas, que melhor se derem com a natureza da molestia, e do doente, e os collyrios seccos N.os XXIV., XXV., ou os do N.º XX. depois de extincta a inflammação.

A segunda he chamada obscuração vulgar, que apparece sem causa especifica. A causa pede o uso interno de remedios resolutivos, assim como o extracto de cicuta, de pulsatilla negra misturando alguns purgantes, e calamelanos, ou fazendo tomar em pirulas o extracto com calamelanos como do N.º VII., attendendo ás forças, e idade com as quantidades, e purgando com o sal mirabel interpoladamente. No uso externo são uteis os collyrios abstergentes, e poderão ter lugar os pós de borax, mercurio doce, pedra hume queimada, vitriolo branco, e opio, de cada cousa poucos grãos se misturem com o necessario açucar cande; o sal volatil de ponta de viado, ou algum dos collyrios acima lembrados. Ainda que o uso destes pós, ou collyrios seccos vai bastantemente explicado no lugar, onde vão receitados, não será estranho repetillo neste lugar para maior persepção.

Toma-se na pá de hum palito huma porção maior,

ou menor, tendo a cabeça deitada em hum traveceiro, abertas as palpebras, se volta o dito palito com os pés em sima da cornea, fechando depois as palpebras, e mandando mover o globo do olho, pois por meio destas diligencias, e de outras, muitas vezes se consegue o que se intenta.

A terceira especie de obscuração he a que tem origem da inflammação venerea, humas vezes sendo presente esta causa, e outras sem que ella se declare, mas só por deposição de miasma venereo na cornea costuma apparecer esta especie; como algumas vezes se observa nas crianças geradas de Pais venereos, *vulgo* gallicados. São incuraveis estas obscurações venereas nas idades pequenas, ainda que algumas se tem vencido banhando os olhos com leite mercurial, e outros remedios. A cura da obscuração venerea, pelo que respeita aos adultos, pede o uso interno de mercurio gomoso, ou as pirulas N.º V., e N.º XVI. e repetidos purgantes, quando estas não fação sufficiente evacuação.

A quarta especie de obscuração he, a que tem por causa o virus scrophuloso, a qual se observa nas crianças, que padecem este mal. A cura pede o uso interno de quina, cicuta, etiope mineral; externamente cozimento de quina em alguma agua ophthalmica com sabão de Veneza.

A quinta especie de obscuração he a variolosa, a qual algumas semanas depois de extinctas as bexigas, costuma apparecer na cornea com ophthalmia, ou sem ella, e não poucas vezes degenera em staphyloma da cornea. A cura pede o uso interno de repetidos purgantes, e de quina, e externamente se uzem qualquer dos remedios, que se tem lembrado nas precedentes.

A sexta especie de obscuração provém de rhytidosis,

ſis, ou contracção da cornea. Cura-ſe deſvanecida a contracção, ou abatimento da cornea. *Veja Rhytidoſis.*

A ſetima eſpecie de obſcuração he por ſtaphyloma. Cura-ſe com o uſo externo de manteiga de antimonio. *Veja Staphyloma.*

A oitava eſpecie de obſcuração ſe chama complicada, porque vem acompanhada de chemoſis, ſtaphyloma, ulcera, e outras enfermidades. A cura pede extinção do morbo primario, e depois eſpecial curativo da obſcuração como acima fica explicado.

ALBUGO DA CORNEA, VULGO BELIDA.

He eſta enfermidade huma opacidade em certo lugar da cornea tranſparente.

As cauſas são as meſmas, que na obſcuração da meſma cornea. As eſpecies são ſinco.

A primeira ſe chama albugo ſemipellucido, ou nephelio, que he hum albugo meio tranſparente, que apparece na cornea, imitando a nuvem, nevoa, ou fumo: procede da eſtagnação de humor craſſo nos vaſos tranſparentes da cornea. Cura-ſe como a obſcuração vulgar.

A ſegunda eſpecie ſe diz macula, ou nevoa opaca, leucoma, a qual he huma nevoa totalmente opaca de côr branca, ou amarella: procede de humor eſpeſſo eſpalhado entre as membranas, ou tunicas da cornea. Cura-ſe com os remedios, que ficão lembrados na obſcuração completa.

A terceira eſpecie ſe diz nevoa marguritacea, ou paralampſis, na membrana, que repreſenta o pardo dos olhos. He eſta enfermidade huma nevoa opaciſſima, côr de greda, ou azul esbranquiçado, de figura de huma pi-

perola, dura, e elevada á maneira de hum tubérculo branco, a qual apenas alguma vez se póde curar; e ainda que se conheça a difficuldade do seu curativo, convirá tocar-se a superficie do tubérculo na parte mais superior com a pedra infernal, ou manteiga de antimonio, ou com solução de cantharidas, ou de oiro pymento, além de outras applicações, que se achão lembradas, de que cada hum poderá fazer uso, se a caso o pedir a molestia, e o doente quizer, porque como estes remedios são activos, carece de prudencia, e da vontade do enfermo.

A quarta especie se chama albugo arcuato, ou gerontozon, que em todo, ou em parte rodea a modo de arco as margens da cornea. O meio da cornea fica transparente, e daqui nasce parecer o disco da cornea muito pequeno. He esta enfermidade familiar nos velhos, e por isso he chamada arco de velhos. Parece provém esta enfermidade da concreção dos vasos transparentes em os ditos velhos. He morbo incuravel.

A quinta especie se diz cicatriz, ou oule, que he hum albugo, que succede de ferida, ou ulcera da cornea, por concreção dos vasos transparentes. As feridas da cornea feitas com instrumento agudo não deixão cicatriz visivel, como se observa depois da extracção da cataracta (não havendo grande inflammação.) Só os instrumentos obtusos, e feridas da cornea, em que houver grande suppuração, deixão cicatrizes visiveis, que rara vez se consegue extinguir-se.

PTERYGIO.

He esta enfermidade huma excrescencia membranacea, que a modo de aza aberta se augmenta vaga-

garofamente do interno canto do olho pela membrana albuginea, e cornea para a parte da pupilla. A caufa proxima parece fer a extensão, ou prolongação das fibras, e vafos da caruncula lacrymal, ou membrana femilunar. As caufas remotas são as inflammações habituaes deftas partes, as relaxações, e depofições de humores acres. As efpecies de pterygios são quatro.

O primeiro fe chama Pterygio tenue, ou unha, que he huma excrefcencia ou pellicula tranfparente, côr de cinza, indolente, da caruncula lacrymal, ou membrana femilunar. Cura-fe com remedios farmaceuticos, ou cirurgicos; os farmaceuticos são, folução faturada de vitriolo, de pedra divina, de pedra infernal, manteiga de antimonio, pedra hume queimada mixta com açucar. Os cirurgicos são, os que feparão de hum, ou mais golpes toda a excrefcencia, como são a tizoura, ou canivete ocular, o que fe faz defte modo. Depois de fituar a cabeça do doente, e fegura por hum ajudante, fe levanta o pterygio, pegando-lhe com huma delicada tenaz, ou pinça, fe vai feparando pouco a pouco com a tizoura, ou canivete, como fizer melhor commodo. Os pterygios, que fómente eftão pegados por filamentos, facilmente fe feparão, e difficultofamente os que por toda a parte eftão adherentes á túnica cornea, e fe não podem levantar.

A fegunda efpecie fe diz Pterygio craffo, ou panno, differe do tenue, ou unha pela groffura, pela côr vermelha, e ajuntamento de vafos vermelhos fobre o branco do olho, eftendidos á maneira de molhos fobre a mefma cornea. Cura-fe cortando os vafos nutrientes, que correm do interno canto do olho para o pterygio, e com ifto algumas vezes o pterygio apodrece, em fegundo lugar são louvados os ufuaes medicamentos cauf-

ti-

ticos; em terceiro lugar cortar o panno, ou craſſice do pterygio até á caruncula.

A terceira eſpecie ſe diz pterygio maligno, que he hum como panno, ou craſſice de diverſas côres, dorido, varicoſo, procedido de acrimonia cancroſa. Cura-ſe curando o cancro, o que raras vezes ſuccede.

A quarta eſpecie ſe diz pterygio pingue, ou gordurento, que he hum pequeno corpo ſemelhante ao toucinho, ou gordura, molle, ſem dôr, de côr amarellada, que de ordinario naſce da albuginea no externo angulo do olho, e raras vezes ſobe até á cornea, mas as mais das vezes aſſim preſiſte por toda a vida ſem ſubir á cornea, a cura pede golpe, ou ſeparação, e ſolidar a parte com o collyrio N.º IV.

STAPHYLOMA.

He eſta enfermidade hum morbo da cornea, o qual eleva eſta membrana a huma craſſice, e opacidade preter-natural da ſua ſubſtancia. A cauſa proxíma deſta enfermidade he o ajuntamento de humores craſſos entre as túnicas da cornea, que atacando a ſua ſuperficie interna, e externa, a obriga a inchar, ou ſahir fóra; tem tambem o nome de hernia. As cauſas remotas são habitual inflammação da cornea, forte contusão, porém mais frequentemente apparece depois das bexigas por cauſa da depoſição do humor dellas. As eſpecies deſta enfermidade são ſete.

A primeira ſe chama ſtaphyloma total, o qual occupa toda a cornea. Eſta eſpecie he frequentiſſima, eleva-ſe a cornea eſcurecida ſobre o globo do olho, e augmentando obriga a palpebra inferior a voltar-ſe de modo, que ella ſe deita ſobre a face, cauſando prurido,

e escoriação, de que se segue, que o globo do olho exposto aos toques do ar, manchado de sordices, irritado dos cabellos da palpebra inferior, padece muitas, e fortes dores, faz-se vermelho, e se cerca de pequenas papillas. A cura do Staphyloma no seu principio algumas vezes se consegue felizmente com o uso de collyrio de agua fria, ou vitriolada, chá de flor de malva, espirito de ponta de viado, sangue de pombo, ou vapores de agua, e leite; porém o Staphyloma antigo só com o uso de manteiga de antimonio se póde resolver, e se applica tocando o Staphyloma com hum pequeno pincel de fios, humedecido com a dita manteiga, e adoçando os estimulos com leite tepido. No primeiro caso do Staphyloma, em que convém a resolução, e he applicado o sangue de pombo, se fará uso do modo seguinte; situado o doente de costas, abertas as palpebras se fere debaixo da aza o dito pombo, recebendo o sangue em huma colher do uso do chá, tendo-a primeiro aquecido em agua quente, e lançando-o na parte enferma, lavando depois as concreções deste sangue com o cozimento de marcella, e flor de sabugo, repetindo o uso destes remedios as vezes precisas.

A segunda especie se chama Staphyloma racemoso. He esta enfermidade cercada de prominencias carnosas pela maior parte semelhantes, ou maiores do que a cabeça de hum alfinete. Cura-se do mesmo modo que o Staphyloma simples.

A terceira especie se diz Staphyloma parcial, o qual occupa sómente alguma parte da cornea. He opaco, e de algum modo semelhante a hum pequeno bago de uva branca. Cura-se, como o Staphyloma total.

A quarta especie de Staphyloma se diz sclerotico, que he tumor azulado, semelhante a hum pequeno ba-

go de uva, endurecido, elevado em certo lugar por entre a albuginea. A cura tambem pede o uſo de manteiga de antimonio.

A quinta eſpecie ſe diz Staphyloma pellucido, em o qual a cornea não eſtá muito groſſa, mas ſim deſtendida, e algum tanto tranſparente. A eſta enfermidade dão alguns o nome de Ceratocele, ou hernia da cornea. Eſta moleſtia he principio de hydrophthalmia, pelo que pede a meſma cura, que ſe póde ver no ſeu capitulo.

A ſexta eſpecie de Staphyloma chamão complicado, o qual apparece complicado com ophthalmia, ou ulceração do olho, com ſynechia, ectropio, caruncula, ou outro morbo ocular. Deſvanecidas as complicações, ſe ſatisfaz a cura do Staphyloma, como pedir o ſeu eſtado.

A ſetima eſpecie ſe diz Staphyloma do iris. *Veja Ptoſis do iris.*

ONYX, *OU UNHA.*

Eſta enfermidade he hum abſceſſo, ou collecção de materia entre as túnicas da cornea. A figura, e côr, que algumas vezes moſtra eſta moleſtia, obrigou a dar-ſe-lhe o nome de unha. Os ſignaes são hum ponto branco vulgarmente chamado belida, elevado, movel, e molle, por eſte ſignal ſe differença do Leucoma, que he duro. As eſpecies deſta moleſtia são duas.

A primeira he a que ſe diz abſceſſo ſuperficial, procedido de inflammação, o qual não he perigoſo, e ſe extingue com a inflammação, applicando collyrios antiflogiſticos, ou o do N.º X.

A ſegunda ſe diz abſceſſo profundo, o qual profunda, e ſe pega entre as túnicas da cornea: humas vezes rompe para a parte de dentro, e produz o hypopio, outras vezes abre para a parte de fóra, e deixa hu-

huma fistula na cornea, outras vezes secca-se a materia, e temos Leucoma. A cura pede resolver o abscesso, o que se póde tentar com applicação de solução de borax, ou tincal com açucar, e se senão conseguir resolução, se abra o abscesso com agulha ocular, e depois de aberto se deve curar, como chaga da cornea.

HELCOMA.

He esta molestia huma chaga na interna, ou externa superficie da cornea. As causas destas ulceras são antecedente inflammação, ferida, contusão, deposição de humor das bexigas, do seflitico, escrofuloso, acrimonia das lagrymas, trichiasis, pterygio degenerado, pustula, ou empolla da cornea. Conhece-se esta enfermidade, quando se observa a superficie da cornea cavada, e purulenta.

VARIEDADES DESTA MOLESTIA, OU SUAS ESPECIES, QUE SE REDUZEM A SINCO.

A primeira he, a que se chama chaga, ou ulcera superficial, ou leve escoriação, que occupa toda a cornea, outras vezes sómente as margens della, causando brancura na cornea, e vermelhidão na conjunctiva. Cura-se com o uso de solução de pedra divina, ou de vitriolo branco; tambem he util a solução de clara de ovo com algumas gotas de agua verde, untando com ella a cornea por meio de delicado pincel, e melhor o collyrio N.º III., IV., V., como ensinará a pratica, ou o do N.º XXXIX.

Os antigos oculistas derão varios nomes a ulcera da cornea, com que carregárão a memoria sem alguma uti-

lidade. Differão, que a Helcydrion, ou boſtella, era huma ulcera ſuperficial; que o coiloma era huma chaga, ou ulcera concava: que o Encauma, ou Epicauma, ou Queimadura, era huma chaga, ou ulcera ſordida, e ardente; que o Argema, ou Catarata era huma chaga, ou ulcera das margens, o que cada hum poderá ver nos diverſos Authores, que eſcrevêrão deſta materia.

A ſegunda eſpecie ſe diz chaga, ou ulcera ſordida, a qual he cruſtoſa, ou ſemelhante a toucinho. A cura deſta enfermidade ſe fará com a ſolução de borax, ou tincal, e os collyrios N.º III., IV., e V.; que dão toda a ſatisfação no curativo deſta moleſtia, e tambem a póde dar o uſo do remedio N.º XXXIX.

A terceira eſpecie ſe diz chaga, ou ulcera fungoſa, em a qual ſe obſerva huma excreſcencia ao modo de papillas carnoſas, ſemelhantes a pequenas cabeças de alfinetes. Cura-ſe, cortando a papilla fungoſa, ou tocando-a com pedra infernal, como querem alguns; os purgantes mercuriaes interpolados devem ter todo o uſo, attendidas as forças, idade, e complicações.

A quarta eſpecie ſe chama chaga, ou ulcera venerea, a qual pede o uſo interno de remedios mercuriaes, receitados nas diverſas compoſições de pirulas, que leva eſta obra; e externamente ſe applicará ſolução tenue de ſolimão com mel roſado.

A quinta eſpecie ſe diz chaga, ou ulcera eſcrofuloſa, a qual apparece nos eſcrofuloſos. Pede a cura uſo interno de remedios anti-eſcrofuloſos, como o do N.º XIV., e externamente a applicação de cozimento de quina em agua roſada.

FIS-

FISTULA DA CORNEA.

He esta enfermidade huma chaga, ou ulcera na cornea cheia de seios materiosos. Estas fistulas apparecem entre as tunicas da cornea para a parte de cima, ou para a debaixo, e transversal, ou rectamente para a parte de dentro, ou tortuosa. As especies destas molestias são duas.

A primeira se diz fistula não penetrante, a qual não passa á interna superficie da cornea. Conhece-se vendo-se o canalzinho esbranquiçado, a cornea obscurecida, mas não abatida. Cura-se com os remedios usuaes externos, que se apontárão, dilatando a fistula com instrumento proprio (sendo preciso) dando ao doente internamente remedios especificos, que destruão a causa do humor, que dominar.

A segunda se chama fistula penetrante, que penetra huma, e outra superficie da cornea. Conhece-se por meio da tenta, descobrindo hum buraco, ou orificio penetrante na cornea, pela fluxão do humor aquoso, pela obscuração, corrugação, e abatimento da cornea, e perpetua vermelhidão do olho. Durando as fistulas penetrantes muito tempo, por causa do abatimento da cornea, e irritação do iris, apparece a myosis, ou demaziada contracção, e aperto da pupilla, inflammação, e concreção do iris com a cornea. A cura deve primeiro tentar-se, purificando, e sarando a fistula com a solução de vitriolo, ou de azebar, ou de borax com açucar, depois tocar a orificio da fistula com solução de cantharidas, ou de manteiga de antimonio, ou dilatando-a, como já fica dito.

FE-

FERIDA DA CORNEA.

He esta enfermidade hum golpe, ou picada na cornea, que faz que o humor aquoso se extravaze, e a cornea se abata. Este differente modo de ferimento da cornea, se póde dividir em ferida rasgada, feita com instrumento cortante, a qual facilmente se cura dentro de pouco tempo, sem deixar cicatriz visivel (se fechadas as palpebras se ligão os olhos. Em ferida de picada, em a qual o olho se abate, mas a ferida no tempo de vinte e quatro horas fica sã, pelo que estas curas muitas vezes são tidas por milagrosas. (Em ferida por contusão, a qual vem á suppuração. Cura-se tarde, e deixa cicatriz visivel. Em ferida rasgada, ou rotura do olho, esta póde provir por causa de contusão externa, ou de hypopyo, ou de hydrophthalmia, de que póde acontecer a extravasão de todos os humores, a que se segue irremediavelmente cegueira: Em ferida complicada com sahida do iris, ou do humor vitreo. Estas cousas impedem a consolidação das feridas, o que se póde ver na molestia *Ptosis do iris, e sahida do humor vitreo.*

RUTIDOZIS.

He esta enfermidade huma corrugação, e abatimento da cornea. A causa proxima he a falta de humor aquoso. As especies são quatro.

Primeira, a que se diz Rutidozis por causa de ferida, ou picada penetrante na cornea. Cura-se, fechando o olho, e pondo-lhe hum apposito molhado em vinho fervido com rosas, marcella, e flor de sabugo, attendendo a qualquer accidente com os costumados remedios.

A

A segunda he por causa de fistula penetrante na cornea. A cura paliativa pede applicação de pelliculas sobre a fistula, para que o humor aquoso não sahia continuamente. A cura radical pede, que se cure a fistula; *veja o seu proprio capitulo.*

A terceira se diz Rutidozis por falta de humor aquoso, a qual se observa por causa de velhice, de febres, de grande, e continuada evacuação, e de grande seccura do ar. Cura-se, tomando internamente remedios cardiacos nutrientes, e usando externamente de humetantes.

A quarta se chama cadaverica, em a qual o humor aquoso exhalando-se pela cornea, e não se filtrando outro de novo, se observa a cornea como nos cadaveres obscura, descahida, ou desmaiada, o que he hum certissimo signal de morte.

PUSTULAS DA CORNEA.

He esta enfermidade huma vesicula cheia de materia, que se observa na externa superficie da cornea. As especies são duas.

Primeira, a que se diz Pustula por inflammação da cornea, a qual algumas vezes vem á suppuração, e deixa maculas na cornea. Cura-se com agua vitriolada, ou saturnina, tendo o primeiro lugar a do N.º V.

A segunda se diz Pustula por deposição de humor acre na cornea, como se observa algumas vezes com o humor das bexigas. Cura-se internamente com repetidos purgantes, externamente com collyrios defeccantes. *Veja ophthalmia variolosa.*

PHLYCTENAS DA CORNEA.

Esta enfermidade são humas vesiculas cheias de agua, que apparecem na externa superficie da cornea. As especies desta molestia são duas.

Primeira he, a que se diz Phlyctenas simples, à qual não mostra vermelhidão, nem faz sentimento nos labios, e facilmente se cura sem deixar ulcera. A cura pede incisão na vesicula, e uso de collyrios defeccantes, e poderá ter lugar o do N.º VIII., ou algum dos outros, que vão receitados, que bem se julgar proprio.

A segunda especie chamão acrimoniosa, a qual traz dôr, ardor, e inflammação dos labios. A cura pede o interno uso de purgantes, tendo lugar o do N.º XIII., e externamente applicação de collyrios deseccantes, e calmantes, como o do N.º I., VI., e VII. A Phlyctena simples se póde tambem chamar Hydatis da cornea, e a acrimoniosa se póde dizer Psydracia da cornea.

CARUNCULAS DA CORNEA.

São humas pequenas papillas molles, e vermelhas, que apparecem na externa superficie da cornea. A causa proxima he a transsudação, e concreção em papillas do humor lymphatico. As especies desta enfermidade são duas.

A primeira he, a que se diz carunculas simples, que nascem sem outro morbo. Cura-se com o externo uso de manteiga de antimonio, fazendo-a branda com a mistura de chá de flor de malva.

A segunda especie se diz caruncula complicada, a

qual algumas vezes se observa cercando staphylomas, e ulceras. Cura-se como a primeira especie, advertindo, que a sensibilidade dos orgãos oculares nos differentes sugeitos, e complicações, faz mudar o methodo, e conhecer, que o estabelecimento das regras que se propõem para qualquer curativo, nem sempre são seguras, o que melhor ensina a pratica, e por isso se adverte haja toda a cautela com o uso dos remedios activos nos olhos.

MORBOS DO GLOBO OCULAR.

ATROPHIA DO GLOBO.

He esta enfermidade hum apodrecimento, ou diminuição de volume do globo do olho. A causa proxima he a rarefacção dos humores do globo, por falta de quantidade necessaria. As especies são sinco.

Primeira, a que se diz Atrophia por causa de perdimento de alguma porção de humor vitreo, assim como acontece no ferimento dos olhos, e na extracção da cataracta. Esta especie cura-se com o tempo.

A segunda especie se diz Atrophia purulenta, ou extenuação do globo, em a qual o humor vitreo por confusão purulenta de humores se consome, e absorve. Esta especie he incuravel.

A terceira se diz Atrophia acrimoniosa, a qual se origina de se haver seccado a tinha, ou qualquer outro morbo cutaneo, para que são lembrados os fonticulos, e sedanho na nuca applicados a tempo.

A quarta se diz Atrophia do succo pingue orbital. Nesta especie os olhos são retrahidos nas orbitas, de tal maneira que apparecem as cavidades. Algumas ve-

 zes

zes se cura esta enfermidade com irritações, e fricções dos globos.

A quinta he por evacuação dos humores dos olhos. Se por incisão no olho; ou por natural rompimento de hypopyo, todos os humores do fundo do globo se extravasarem, então todo o globo se contrahirá, e reduzirá a huma pequena molecula carnosa, que necessitará applicar ao doente hum olho artificial.

EXOPHTHALMIA.

He esta enfermidade huma tão grande intumescencia do globo ocular, que não permitte, que as palpebras se toquem nos labios. As especies desta molestia são sete.

A primeira he a que se diz Exophthalmia inflammatoria, a qual procede de huma forte inflammação dos olhos. *Veja Chemosis.*

A segunda se diz purulenta, a qual nasce de ajuntamento de materias dentro do globo do olho. *Veja Hypopium.*

A terceira se diz sanguinea, a qual provém de congestão de sangue em os olhos, pelo que nos afogados, nas paridas, na contusão dos olhos, na suppressão dos menstruos, e algumas vezes na acção de fazer grandes forças se fazem vermelhos os olhos, e se elevão fóra das suas orbitas. A cura pede sangrar, de pé, e jugulares, sendo preciso, e purgantes a tempo conveniente, localmente á parte se devem applicar remedios brandamente resolutivos, como o do N.º I. ou o do N.º XXI.

A quarta se diz Exophthalmica metastatica, a qual se gera do ajuntamento de alguma materia morbosa,

as-

assim como da febril, da Lactea, da Seflitica, ou venerea, da escrofulosa &c. Cura-se como a Chemosis, mas juntamente se appliquem os remedios proprios á causa que dominar.

A quinta se chama cancrosa, a qual he huma degeneração do olho em fungo cancroso, que muitas vezes excede á orbita o tamanho de hum punho. *Veja Carcinoma do olho.* Só se cura extirpando o globo.

A sexta se diz Exophthalmia hydropica, a qual provém do ajuntamento de grande cópia de humor aquoso. *Veja Hydrophthalmia.*

A setima se diz staphylomatica, na qual muitas vezes cresce o staphyloma tanto, que os labios das palpebras se não podem tocar. *Veja Staphyloma.*

OPHTHALMOPTOSIS.

He esta enfermidade huma dislocação, ou sahida do globo sobre a face, sobre os cantos, ou para sima, apenas mudada sua grandeza. As especies desta molestia são quatro.

A primeira he, a que se diz Ophthalmoptosis violenta, a qual provém por contusão, ou grande ferida do olho. Repentinamente descahe o globo do olho para a face, ou para o canto, e por causa da distenção, e prolongação do nervo optico, com o mesmo repente fica cego o doente. Pede a cura emendar a distenção, repondo o globo logo no seu lugar, e com banhos antiflogisticos, juntamente roborantes se fomente, tendo lugar o do N.º I., ou agua fria. Com o que muitas vezes succede, não só restituir-se a integridade do olho, mas tambem maravilhosamente a mesma vista perdida.

A segunda especie se diz por tumor na parte in-

terna da orbita; manifesta-se esta enfermidade todas as vezes que houver exostosis, tophos, abcessos, lipoma, atheroma, hygroma, ou scirrho dentro na orbita, ou coagulação do succo pingue orbital, para a parte superior, para a inferior, ou para os cantos do globo do olho. Na cura desta enfermidade se os remedios mercuriaes, ou outros resolutivos não extinguirem estes tumores, se devem abrir, ou separar da orbita.

A terceira especie se diz paralytica, a qual provém de paralysia dos musculos rectos, e por essa causa os obliquos do globo adquirem maior força da natural. A cura pede o uso de remedios antiparalyticos, como a infusão de flores de arnica, e outros.

A quarta especie se chama staphylomatica. Algumas vezes abate a palpebra inferior para a face. A cura pede o externo uso de manteiga de antimonio. *Veja Staphyloma.*

CARCINOMA DO GLOBO DO OLHO.

Apparece esta enfermidade, quando o globo do olho degenera em cancro. A causa proxima he o deposito do virus cancroso nas túnicas do olho. As especies desta enfermidade são duas.

Primeira he, a que se chama carcinoma vulgar, o qual principia por dôr em o olho são, depois apparecem varicosos os vasos da albuginea infartados de hum sangue negro, que parecem quasi carnosos, e a vista falta. Finalmente apparece dôr fortissima, e todo o globo se faz scirrhoso, e mui semelhante a huma carne dura, e vermelha.

A segunda especie se diz carcinoma fungoso. Esta especie principia por tubérculo fungoso da cornea, ou

da albuginea, a qual pouco a pouco se diſtende a tomar toda a ſuperficie do olho, e o globo do meſmo olho degenera em hum grande, e dorido fungo. A cura no principio dos carcinomas ſe deve tentar primeiro, applicando todos os remedios anticancroſos, como fica dito na cura do cancro das palpebras, ſegundo fazendo ligadura ao pequeno carcinoma, com a qual algumas vezes ſuccede poder-ſe tirar. Se finalmente eſtas diligencias não baſtarem, faça-ſe a extirpação do globo.

EXTIRPAÇÃO DO OLHO CANCROSO.

Indicação: quando o carcinoma occupa a maior parte do globo, neceſſita da operação. Contra indicação: ſe o carcinoma for já inveterado, ou originado por cauſa interna, ou ſe os oſſos da orbita já eſtiverem cariados, então ſerá a operação inutil.

INSTRUMENTOS PARA ESTA OPERAÇÃO.

Hum canivete recto; outro hum pouco curvo no ſeu comprimento, huma tizoura com as pontas rombas, e do meſmo modo curva, ſemelhante á de Daviel, huma agulha curva com fio encerado.

APOSITOS PARA A CURA.

Deve ter prompto muita quantidade de pennas pequenas, e penugem, na ſua falta cotão, hum pouco de panno delgado e velho, huma atadura competente, e do proprio uſo da parte, agarico ralado, e eſpirito de ponta de viado retificado.

LU-

LUGAR, QUE DEVE OCCUPAR O DOENTE PARA SE LHE FAZER A OPERAÇÃO.

Deve ſentar-ſe em huma cadeira mais alta, com a cara para a luz, de traz, ou da parte poſterior deve eſtar hum ajudante, que lhe ſegure a cabeça, e o Profeſſor deve eſtar diante do doente, e pegando no canivete recto, corte a commiſſura externa das palpebras, tanto como a quarta parte de huma pollegada, logo o ajudante levante bem a palpebra ſuperior, e o Profeſſor com o meſmo canivete vá ſeparando a membrana conjunctiva, que liga o globo á palpebra ſuperior, cortando junto á margem ſuperior da orbita, logo abatendo bem a palpebra inferior, vá cortando a conjunctiva junto á borda inferior da orbita, de modo que tambem o globo fique ſeparado da palpebra inferior, como já tinha ficado da ſuperior: depois pegando na agulha curva com hum fio encerado, paſſe o globo pela parte anterior, para que, pegando nas duas pontas do fio ſe poſſa por ellas extrahir o globo para fóra da orbita, com a membrana adipoſa, e muſculos, ſeparando-o da orbita por meio de hum canivete, ou tizoura curva: finalmente acabe de ſeparar o globo, cortando o nervo optico com os meſmos inſtrumentos. Depois averigue o Profeſſor com o dedo ſe ha, ou não na orbita algumas partes eſtranhas endurecidas para as ſeparar: e ultimamente encha bem a cavidade da orbita das pennas, que já eſtão promptas, pondo em ſima o pano fino por modo de chumaço, e ligue com atadura como he coſtume; he cura que deve ficar por tres dias. Finalmente promovida a ſuppuração com o uſo de balſamo Arceo, ou o abſtreſſivo. N.º XXXX., e extin-

cta a figura, e substancia carnosa, e succo orbital, se finalize a cura, ficando a parte com tão boa configuração, que commodamente se possa introduzir na cavidade hum globo artificial. *Veja Hypopio, e a applicação do globo arteficial.*

TETANO DO OLHO.

He esta enfermidade huma constante, e espasmodica contracção dos musculos, que movem o globo. Conhece-se esta molestia pela quietação do mesmo globo. As especies são duas.

Primeira, a que se diz Tetano por ferida do olho. Logo que o canivete, ou agulha fere o globo na operação da Cataracta, este fica immovel no mesmo instante, por vir espasmo aos musculos do globo; mas este em poucos minutos se remitte sem remedio.

A segunda especie se diz Tetano simptomatico, ou immobilidade do olho. Esta enfermidade apparece em algumas febres, e morbos espasmodicos. Cura-se com o uso interno de remedios antipasmodicos, tirado, ou curado o morbo primario, que se fará segundo a indicação que se tirar.

NYSTAGMO.

He esta enfermidade huma convulsão, ou involuntario movimento do globo ocular. Conhece-se esta molestia pelo incessante movimento do globo de hum para outro canto, ou com outra direcção. Algumas vezes se acompanha esta molestia de outra enfermidade chamada hippus. As especies são sinco.

A primeira he a que se diz Nystagmo por causa de temor. Esta agitação apparece, quando ao doente se quer fazer a operação da Cataracta. Extingue-se demoran-

rando a operação, e persuadindo o doente a não a temer.

A segunda especie he por causa de algum corpo estranho, que se houver introduzido no olho. Cura-se tirando o corpo Exterogenio.

A terceira especie se diz Catarrhoso, que acompanha as enfermidades deste nome. A cura he extinguir a gravidade da complicação.

A quarta especie he por causa de saburra das primeiras vias, como se observa nas crianças, que padecem de lombrigas, e pelos sinaes da saburra se conhece. A cura he o uso interno dos antiverminosos, e remedios purgantes mercuriaes, que se poderáõ escolher nas diversas composições, que vão receitadas nesta obra.

A quinta especie se diz simptomatico, o qual algumas vezes apparece nos morbos convulsivos, hystericos, e pilepticos, e nas mulheres pejadas. Cura-se com o uso de remedios antispasmodicos, extinguindo o morbo primario.

FERIDA DA SCLEROTICA.

He esta enfermidade a incisão, ou picada na albuginea, e sclerotica do olho. As especies desta molestia são tres.

Primeira he, a que se diz ferida rasgada, a qual logo que he dada sahe o humor vitreo, mas fechando as palpebras, pondo-lhe chumaço, e ligadura a hum, e outro olho, em poucos dias se consegue a união do golpe.

A segunda especie de ferida, he por causa de picada como acontece na operação da Cataracta por rebatimento. Nesta ferida raras vezes sahe o humor vitreo, e mais facilmente he curada.

A

A terceira especie de ferida he a que se complica com extracção de humor vitreo. A cura he a consolidação desta ferida. *Veja Prolapso do humor vitreo.*

FALTA DE OLHO.

Esta enfermidade he a falta de hum, ou de ambos os olhos nas suas orbitas. Ha duas especies.

Primeira he por defeito de nascimento, neste caso segundo o que manifestão os observadores, ordinariamente faltão ambos os olhos nas suas orbitas.

A segunda especie se diz defeito adventicio, o qual apparece recebendo no olho algum golpe depois de nascido, ou por destruição causada nelle por arma de fogo, ou hypopio: e nestes casos he o homem despojado de hum, e outras vezes de ambos os olhos. Este defeito remedea-se introduzindo nas cavidades olhos artificiaes. *Veja a applicação do olho postiço.*

OLHOS SUPRANUMERARIOS.

He esta enfermidade hum excessivo número de olhos. Tem havido homens, que nascêrão com tres, ou quatro olhos. Tambem he prodigiosa pelo sitio, em que nascem, pois alguma vez vem com elles no peito, outras nos hombros. Ha observações de hum, e outro vicio.

ENFERMIDADES DO IRIS.

MYDRIAZIS.

A muita dilatação da pupilla dá o nome a esta en-

enfermidade de Mydriazis, a qual he com lesão de vista, ou sem ella. Conhece-se esta molestia observando-se a pupilla, que passando da escuridão a huma viva claridade, conserva o mesmo diametro. As especies são oito.

Primeira he, a que se diz Mydriazis amaurotica, porque se acompanha da deamaurozis. Rarissimas vezes se cura, sem que se extingua a complicação.

A segunda se diz Hydrocephalica, a qual traz origem de hydropisia do cerebro. Esta enfermidade he como o morbo, de que procede, de ordinario incuravel.

A terceira se diz verminosa, que provém da saburra verminosa das primeiras vias. Cura-se com o interno uso de remedios purgantes mercuriaes.

A quarta se diz Mydriazis por causa de synechia, ou concreção da uvea com a capsula da lente. *Veja synechia.*

A quinta se diz paralytica, ou por paralysia das fibras orbiculares do iris. Esta enfermidade apparece em os paralyticos, e nos que fazem grande uso de remedios narcoticos. Cura-se com Arnica, e Valeriana, ou outros remedios antiparalyticos.

A sexta se chama espasmodica, ou por espasmo das fibras rectas do iris. Algumas vezes apparece esta enfermidade nos que padecem morbos espasmodicos, e hystericos. A cura pede remedios nervinos, e antispasmodicos.

A setima he por atonia do iris. A frequentissima causa desta enfermidade he a grande Cataracta, pois na extracção della se distende muito a pupilla; dilatação que termina alguns dias depois da operação, se a pupilla fica muito tempo dilatada, já mais muda. Cura-se procurando o aperto da pupilla, fazendo olhar o doen-

te

te attentamente para pequenos corpos resplandecentes, e distantes. A cura paliativa desta especie pede, que o doente de dia, ou em lugar illuminado veja por meio de huma folha de papel negro, em que esteja hum buraco bastantemente grande.

A oitava especie se diz Mydriazis natural, esta especie se observa na occasião do somno, de entrar em lugar escuro, e de attentamente observar objectos proximos.

MYOSIS.

He esta enfermidade huma demaziada contracção, ou aperto da pupilla. Conhece-se esta molestia pelo pequeno diametro da mesma pupilla ser menor que o natural, e assim permanecer entrando em lugar escuro. Causa a hemeralopia vista fraca, e outras enfermidades. As especies são sete.

Primeira a que se diz Myosis espasmodica, a qual he o espasmo das fibras orbiculares do iris; algumas vezes se observa apparecer esta molestia nos que padecem morbos hystericos, hypochondriacos, e espasmodicos. A cura pede uso de remedios antispasmodicos, fazendo uso da Arnica, evacuando a causa interna com a opiata N.º XIII.

A segunda especie se diz Myosis paralytica, a qual he huma paralysia das fibras rectas do iris. Algumas vezes póde acontecer apparecer esta molestia nos que padecem enfermidades paralyticas. A cura será o uso de remedios antiparalyticos.

A terceira especie se diz inflammatoria, a qual provém de inflammação do iris, ou uvea, como se vê na ophthalmia interna, no hypopio, na ferida do olho. A cura pede sangria, e uso de remedios antiflogisticos. *Veja Ophthalmia interna.*

A quarta especie se diz Myosis por costume de contracção da pupilla. A esta classe pertence a Myosis por causa da luz, ou uso de ver objectos miudissimos, ou muito distantes, ou por muito tempo. Esta especie de enfermidade he propria de Escrivães, Leitores, Artifices de obras delicadas, dos que usão de microscopios, e outros. Daqui se manifesta a razão, porque o ler á luz com bandeira, que a faz reverberar para o papel, com o decurso do tempo induz á enfermidade dita Myosis. Deve preferir-se para o uso de ler á luz a simples bandeira verde, ou alenterna com bandeira fechada. A cura desta enfermidade pede abstinencia de ver os objectos perfixamente muito tempo, ou fugir da occasião de os ver, assistir em lugar escuro, e ver objectos verdes.

A quinta se diz Myosis por falta do humor aquoso, como se observa na Rhytidosis. Cura-se restituindo o humor aquoso. *Veja Rhytidosis*.

A sexta se diz Myosis nativa, a qual nasce com o homem, e pede incisão transversal do iris. *Veja Synizesis*.

A setima se diz Myosis natural, que he a restricção, ou aperto da pupilla, feito por muita luz, ou visão dos objectos distantes. Estes apertos da pupilla durão pouco tempo, e com muita brevidade por si se desvanecem.

SYNIZESIS.

He esta enfermidade hum total aperto, ou restricção da pupilla: Conhece-se pelo perdimento, ou desaparecimento da pupilla, pelo que os miseraveis doentes desta molestia nada podem distinguir, senão a luz da escuridade, e vem tanto como os sãos com as palpebras fechadas. As especies desta enfermidade são sinco.

A

A primeira he, a que se diz Synizesis nativa, que he desde o nascimento. Este erro da natureza, de não vir a pupilla furada, ou aberta, rarissimas vezes se encontra. A cura pede que se faça huma pupilla artificial, a qual consiste em fazer huma incisão transversal na cornea, e se segura por meio de huma pinça propria, e logo com instrumento tambem proprio, pouco agudo na ponta se abrirá o lugar medio do iris, uvea, ou choroide, dando duas incisões em fórma de cruz, se precisas forem, para ficar o buraco, ou pupilla mais regular, de que ha de sahir algum sangue, que se lhe dará livre passagem antes de fechar o alçapão, que fórma a separação da cornea, depois se lhe põem o seu apposito, e ligadura propria, segundo a ordem na operação da Cataracta &c.

A segunda especie de Synizesis he accidental, ou concreção da pupilla, a qual procede de antecedente inflammação, ou ulceração da uvea, ou do iris, ou por falta dos humores aquoso, ou vitreo. Esta especie acontece mui frequentemente, depois da operação da Cataracta por abatimento, circumstancia, em que se necessita de nova incisão da pupilla.

A terceira especie he por causa de se affastar o iris da cornea. Por qualquer causa, que esta separação se faça, o effeito sempre he certo, e he que a pupilla contrahe o seu natural diametro; porque as fibras longitudinaes, separadas do circulo da cornea, não podem resistir ás fibras orbiculares, pelo que a pupilla se contrahe em parte, ou totalmente. Cura. Se o doente póde ver pela pupilla artificial, não he necessaria nova operação para outra pupilla.

A quarta he complicada, ou que apparece com a Maurosis, Cataracta, Synechia, ou qualquer outro mor-

bo

bo ocular. A Maurosis conhece-se, quando o doente não póde distinguir a luz das trévas: o que nós podemos fazer não só com a pupilla fechda, mas ainda com as palpebras. A cura desta especie pede extinguir o morbo, com que vem complicada.

A quinta especie se diz espuria, a qual he hum entupimento da pupilla por causa de concreção de muco, ou materia purulenta, ou grumo de sangue. Se os remedios não poderem resolver os corpos, que atacão a pupilla, pede a cura, que se fira a cornea, para se extrahirem por meio da colher, ou pinça propria. (*Estamp. II. Fig. V.*)

SYNECHIA.

He esta enfermidade huma concreção do iris com a cornea, ou com a capsula da lente crystallina. A causa proxima desta molestia he o contacto, e inflammação destas partes. As causas remotas são a distenção da cornea, queda do iris, intumescencia da Cataracta, hypopio, e defeito da natureza. As especies desta enfermidade são seis.

A primeira he, a que se diz Synechia anterior total, ou concreção do iris com a cornea. Conhece-se esta especie pela observação, pois se faz ver a pupilla dilatada, apertada, ou concreta, e depois disto com varias lesões na vista. A cura radical da Synechia total pede, que com a tenta, e canivete se separe o iris da cornea; porém esta separação na concreção antiga, em a qual já a cornea com o iris tem constituido individualmente hum só corpo, he temeraria, e perigosissima. Na nova, recente, ou moderna concreção, pede fazer-se a operação do modo seguinte. Prudente, e

acau-

acauteladamente se faça huma incisão na parte inferior da cornea, e a que baste para entrar a ponta da tenta (que deve ser chata, e polida) na parte interna da cornea, e feita a necessari a diligencia, tente a separação; se esta facilmente se não poder fazer, logo se abstenha da operação.

A segunda se diz Synechia anterior parcial, a qual he quando sómente alguma parte do iris está concreta com a cornea: esta concreção se tem observado em hum, ou muitos lugares, de que resulta ver-se a pupilla diversamente desfigurada, e o seu movimento inconstante. A cura pede, que se introduza na cornea, meia linha antes da esclerotica, hum pequeno canivete cataratario (o qual na sua maior largura deve ter linha e meia, e nas costas deve ser sem corte) chegado ao ponto da união do iris, na camara anterior do olho; isto feito com o canivete, que haverá introduzido pela parte inferior da união das túnicas, dando para cima com as costas, procure a desunião das túnicas. Assim muitas vezes se consegue, que a parte unida se separe, e espontaneamente salte para a parte da pupilla, mas tambem póde haver quem se não sujeite a semelhante operação por ser arriscada.

A terceira especie se diz anterior composta, a qual he, quando não só todo o iris, mas tambem a extensão da capsula da lente se chega tanto á cornea, que toda a camara anterior, e posterior se abate; temerario será intentar dividir semelhante união.

A quarta especie se diz Synechia posterior total, ou concreção de toda a uvea com os processos ciliares, e capsula da lente crystallina. Não he curavel.

A quinta especie se diz posterior parcial, esta he quando só alguma parte da uvea está adherente á capsu-

la

la da lente, póde ſer em dois, tres, ou mais lugares. A cura pede, que feita a incisão na cornea por meio de bisturi algum tanto curvo na ponta, ſe ſepare a uvea da capſula da lente. Tem a meſma difficuldade.

A ſexta eſpecie ſe diz complicada com a Mauroſis, Cataracta, Mydriaſis, Myoſis, Sinezeſis. Eſtas complicações pedem que além da ſeparação do iris, ſe faça uſo de remedios apropriados a cada eſpecie, tendo lugar a Arnica, e Valeriana, e como evacuante a Opiata N.º XIII.

PTOSIS DO IRIS.

He eſta enfermidade huma ſahida do iris por alguma ferida, ou chaga da cornea. Todos os Authores antigos chamárão áptoſis do iris Staphyloma. Conhece-ſe por cauſa de hum tubérculo negricante, que ſe eleva fazendo varias figuras na cornea, e conforme a quantidade da diſtensão aſſim cobra diverſos nomes; chama-ſe Myocephalo, quando a diſtensão he em tanta quantidade, que no tamanho, côr, e figura repreſenta a cabeça de huma moſca, quando a dita diſtensão do iris he hum pouco maior, e quaſi ſemelhante a hum granito de bago de uva, Staphyloma; ſe a diſtensão he de tal maneira, que ſahe fóra das palpebras, Melon, quando a prominencia he caloſa, e dura, e que repreſenta a cabeça de hum prego, Helon, ou belida; termo vulgar deſta enfermidade. As eſpecies das Ptoſis do iris são duas.

Primeira he, a que ſe diz recente por ferida dada na cornea, como acontece depois da extracção da Cataracta. Pede a cura deſta enfermidade, que o iris ſe reponha por meio de pequena colher, introduzida pela ferida, ou por meio de apropriada esfregação com

o dedo, fechadas as palpebras, ou tocando-a com solução de pedra hume. Por dilatação da ferida, sem lesão do iris não se póde fazer a dita reposição.

A segunda especie se diz Ptosis inveterada, na qual está prezo, e adherente á ferida, e em razão do contacto do ar, callozo, e duro. Em taes circunstancias não póde o iris ser restituido ao seu lugar com os dedos. A cura pede que se toque o tubérculo elevado, cada dois, ou tres dias, com a manteiga de antimonio. A compressão, e ligadura no iris distenso de nada aproveitão neste caso.

FERIDA DO IRIS.

Esta enfermidade he a maior abertura do iris por causa de instrumento. As especies são duas.

Primeira, a que se diz ferida transversal, que acontece algumas vezes na operação da Cataracta, a qual nunca cicatriza, antes fica huma pupilla preternatural.

A segunda especie se diz ferida longitudinal. Esta por meio da arte, assim como succede na operação da total contracção, e concreção da pupilla dita Sinezesis, ou por acaso feita, dentro de quatorze dias fórma cicatriz.

DEFORMIDADE DA PUPILLA.

He esta enfermidade a mudança do perimetro redondo da pupilla em outra figura, que não seja circular.

A primeira, que sempre he de nascimento, e incuravel, mas não impede a vista, he a figura oval da pupilla.

Segunda, ser mais larga em baixo, frequente symp-

toma, que se costuma seguir da extracção da Cataracta, por causa da violenta extensão da pupilla, que dentro de poucos dias se extingue.

Terceira, a que succede por causa da rotura, ou golpe da pupilla, o que póde acontecer depois da extracção da Cataracta, ferida, e inflammações do iris, he tambem incuravel, mas não impede a vista.

PUPILLA PRETERNATURAL.

He esta enfermidade hum buraco, ou fenda, que se vê no iris além da pupilla natural. As especies desta molestia são duas.

Primeira he por ferida transversal no iris. Cura-se, como temos dito nas feridas do iris.

A segunda especie se diz pupilla não natural, por separação do iris da cornea, humas vezes se aparta a margem do iris em hum, outras vezes em muitos lugares do circulo da cornea. Estas pupillas, chamadas marginaes, apparecem por causa de pancada na cabeça, contusão do olho, hypopyo, e inflammação do iris. Algumas vezes sem causa antecedente, nem symptoma subsequente, mais do que por Synezesis da pupilla, ou Myosis, o iris deixa a cornea em hum, ou muitos lugares, sem o doente o saber, nem o sentir. Estas separações de pupilla são incuraveis.

HYPPUS.

He esta enfermidade huma contínua, e alternada repetição de dilatação, e constricção da pupilla. A causa proxima desta molestia he huma alternada convulsão das fibras orbiculares, e radiaes. Procede das mesmas

cau-

causas, e cura-se do mesmo modo, que a convulsão do globo do olho. *Veja-se Nystagmo.*

IMMOBILIDADE DA PUPILLA.

He esta huma enfermidade, em a qual a pupilla nem se contrahe á luz, nem se dilata no escuro, conservando sempre o mesmo diametro. A causa proxima parece ser a paralysia das fibras orbiculares, e radiaes. As especies desta enfermidade são tres.

Primeira he, a que se diz immobilidade amaurotica, por vir acompanhada da mesma molestia. Algumas vezes se remedea com o uso de arnica, e outros remedios antiparalyticos, e purgantes, depois de alguns vomitivos.

A segunda especie se diz immobilidade por morbo da pupilla, como de Synecchia, Myosis, Synizesis; remedea-se, curando o morbo, que he causa da immobilidade.

A terceira especie se diz Idiopathica. As causas desta especie de ordinario se ignorão. Deve tentar-se a cura por infusão de arnica, purgantes, extracto de pulsatila negra, licor anodyno mineral, esfregação da sobrancelha, electricidade.

MORBOS DO HUMOR AQUOSO. HYDROPHTHALMIA.

He esta enfermidade huma intumescencia do globo ocular, por causa de ajuntamento de grande cópia de humor aquoso, ou vitreo. *Veja Hydropesia do olho.* A causa proxima he o demaziado accrescimo do humor aquoso na camara do olho, ou nas cellulas do humor

vitreo. As causas remotas pela maior parte ignorão-se. O exito desta molestia quasi sempre he funesto, deixando os doentes cegos. As especies são tres.

Primeira, a que se diz Hydrophthalmia por incremento do humor aquoso. Os signaes são o exorbitante, e successivo augmento do globo do olho, a cornea mais elevada do costumado, o iris mais profundo, a pupilla immovel, a vista a principio fraca, e que pouco a pouco se perde de todo, Ophthalmodynia, que vai augmentando, a enxaqueca, e o não dormir. A cura pede no principio da enfermidade sangria, purgantes mercuriaes, e poderáõ ter uso algumas das composições como as do N.º I., XI., e XII., extracto de pulsatilla negra, e por ultimo vesicatorios, sedenhos, e fontes, escolhendo destes o que estiver mais bem indicado, e applicando externamente á parte banhos descucientes, como no hypopyo. Se estas diligencias não bastarem, faça incisão na cornea, como na extracção da Cataracta, segundo o que se diz na mesma operação.

A segunda especie se diz Hydrophthalmia por incremento do humor vitreo. Conhece-se esta molestia pelo natural, e exorbitante augmento do globo, e dureza, a cornea apenas mais elevada, o iris convexo, e mais chegado para a cornea, a pupilla dilatada, principio de Ophthalmodynia, que pouco e pouco se augmenta, strabismo, falta de vista, e dôr de enxaqueca. Na cura se deve praticar o mesmo, que se disse na primeira especie; senão ceder aos remedios indicados, faça incisão na cornea, tire a lente crystallina, e alguma porção do humor vitreo.

A terceira especie se diz Hydrophthalmia composta, em a qual os humores aquoso, e vitreo juntamente abundão. Cura-se, como se disse na segunda especie. Se

a

a enfermidade por este methodo não ceder, faça-se extirpação do olho, para que não passe a molestia para o olho são.

HYPOPYO.

He esta enfermidade huma collecção, ou ajuntamento da materia no humor aquoso do olho. A habitação desta materia he na anterior, ou posterior camara do olho, ou em huma, e outra juntamente. A causa proxima he antecedente inflammação do iris, ou da uvea, abscesso, ou chega da cornea, ou deposição da materia purulenta nas camaras dos olhos. Conhece-se o hypopyo observando o olho, que se vê liquido, branco, e movel, meia, ou toda a camara cheia, o iris meio, ou todo escondido, e a vista parte, ou toda perdida.

A materia derramada, que produz esta enfermidade, muitas vezes desapparece, já tornando a ser absorvida, já sahindo pelos póros da cornea; outras vezes se accumula nas camaras do olho, onde vai comendo a pouco e pouco a substancia da cornea, que em fim rebenta com effusão dos humores, ou fórma sobre ella huma crusta, a que chamão Cataracta pulurenta, ou tapa a pupilla, e embaraça assim de qualquer modo a vista. *Veja Synizesis espuria.* As especies do Hypopyo são sinco.

Primeira he, a que se diz inflammatorio, o qual provém de antecedente inflammação interna do olho. He terrivel especie de molestia, porque raras vezes se vai, sem deixar no olho alguma outra enfermidade. Pede a cura dissipação da materia, sangrando o doente, se a indicação o pedir, temperando, e purgando, e na parte banhando a miudo com chá de flor de mal-

va, ou do remedio N.º X.; e se não encher a indicação, se toque com espirito de ponta de viado, ou de vinho canforado; mas se a materia voluntariamente se não expulsa, faça-se incisão na cornea, para poder sahir. Esta incisão deve fazer-se como na extracção da Cataracta. A ferida conserve-se aberta por alguns dias, para que a materia possa sahir pouco a pouco, ou gotta, a gotta vagarosamente; pois que sua grossa consistencia a não deixa sahir junta. Desta operação, em geral, pouco bem resulta á vista do doente, e se os humores padecem dissolução; sendo todos evacuados, se perderá a figura do globo.

A segunda especie se chama Hypopyo metastatico, o qual repentinamente, e antes da inflammação apparece no olho, mas nelle se vê vermelhidão, e no pulso febre. Esta especie mais facilmente, que a primeira, se dissipa com os apontados remedios nella, sahindo pelos póros da cornea a materia.

A terceira especie de Hypopyo se diz periodico, o qual apparece algumas vezes em tempos certos. Pede a cura desta enfermidade purgantes revellentes, e uso de quina.

A quarta especie se diz venereo, o qual apparece, quando ha suppresssão de gonorrhea. Cura-se como a chemosis gonorrhaica.

A quinta especie se diz complicado com destruição de todos os humores, e internas membranas, a qual converte todas as partes em materia. Esta enfermidade pede que se rasgue a cornea, que se evacuem os humores, e que se applique á ordita hum olho artificial.

O OLHO ARTIFICIAL.

He huma lamina de vidro, ou oiro, a qual tem pin-

pintada a figura do olho: Este se applica entre as palpebras para occultar a desformidade, que causa no sugeito a destruição do olho natural.

INDICAÇÃO.

Se o globo do olho por causa de carcinoma está cortado, e destruido, ou por destruição feita por arma de fogo, se os humores quasi todos sahírão pela ferida da cornea, ou sclerotica, se a cornea está totalmente opáca, e sem figura, como no inveterado Staphyloma, se o globo por causa de hypopyo, ou de hydrophthalmia, deve evacuar-se.

CONTRA-INDICAÇÃO.

Estando presente inflammação, ou chaga corrupta não se deve tentar imposição do olho artificial, mas sim primeiro se extinga a inflammação, e cure a chaga.

CONDIÇÃO DO OLHO ARTIFICIAL.

A materia destes olhos artificiaes he ou vidro, ou oiro, seja de huma, ou outra materia, deve ser esmaltado, ou cuberto de esmalte, e pintado. A figura do olho artificial deve corresponder na grandeza, convexidade, e côr natural do iris á do outro olho são. Os olhos de vidro são mais baratos; mas mais facilmente se quebrão, não são tão resplandecentes, e fortes, nem facilmente se podem com a lima amoldar á orbita, quando não ajustão, como he necessario. Os olhos de ouro são de maior preço; porém não se quebrão, a pintura he resplandecente, e podem-se amoldar á orbita tudo, o que for necessario por meio da lima, e tambem poderá servir o latão amarelo.

APPLICAÇÃO DO OLHO ARTIFICIAL.

Levante a palpebra ſuperior, e debaixo deſta introduza o mais que puder ſer o olho artificial, humedecido com goma de pevide de marmello, depois puxe a palpebra inferior algum tanto para a parte de fóra, e acabe de introduzir o olho artificial pela parte debaixo, de modo que fique dentro da cavidade da orbita no lugar natural, e firme. Se ficar por encher alguma pequena porção da orbita, ſe deve occupar com a neceſſaria cera branda, para que unida com a mais porção do globo eſteja firme, pelo que ſempre o olho artificial ſerá immovel.

HYPOEMA.

He eſta enfermidade huma effusão de ſangue nas cameras do olho. Conhece-ſe, obſervando o olho, em as cameras, do qual apparece hum humor vermelho. Se o ſangue extravaſado he muito opaco, traz juntamente cegueira. As eſpecies deſta moleſtia ſão duas.

A Primeira he a que ſe diz Hypoema violento, o qual ſe obſerva por cauſa da contusão do olho, ou picada do iris, como algumas vezes acontece na operação da Cataracta por abatimento. A cura pede ſangrias, uſo de remedios revulſorios, e banhos diſcucientes N.º I. Se porém os globos ſanguineos, que obſtruem a pupilla, de modo algum ſe poderem reſolver, ſe faça incisão na cornea, e ſe tirem os globos de ſangue coagulado. *Veja Synizeſis eſpuria.*

A ſegunda eſpecie ſe diz Hypoema eſpontaneo, a qual traz origem de vehemente toſſe, vomito, ou força de parir. Cura-ſe, como ſe diſſe na primeira eſpecie.

HY-

HYPOGALA.

He esta enfermidade huma collecção, ou ajuntamento de leite, ou outro humor branco nas cameras do olho. Conhece-se esta molestia, observando nas cameras do olho hum líquido branco, e movel. As especies são duas.

Primeira he a que se diz Hypogala por deposito de leite, como se observa algumas vezes nas recemparidas. A cura pede remedios revulsivos, e banhos discucientes; como o collyrio N.º I. ou o do N.º XIII.

A segunda especie he por causa de rebatimento de Cataracta branca, quando ferida pela agulha a capsula da lente, se extravasa o humor branco, e deixa da mesma côr o humor aquoso. A cura he a mesma da primeira especie, e algumas vezes sem uso de remedios por si mesmo sára.

TURVAÇÃO DO HUMOR AQUOSO.

He esta enfermidade huma falta de transparencia do humor aquoso, deixando-se ver o olho turvo. As especies desta molestia são tres.

Primeira he, a que se diz turvação mucosa, que procede da mucosidade do humor aquoso. Cura-se usando de banhos discucientes á parte, como o collyrio N.º I, ou N.º XIII. em que se vir melhor effeito.

A segunda especie he por causa de fistula na cornea, ou chaga na interna superficie da mesma cornea, da qual cahe huma, ou mais gotas de materia no humor aquoso, que o turva. Cura-se, tirando a fistula. *Veja Fistula da cornea.*

A terceira especie de turvação he por se haver diluido a lente crystallina no humor aquoso, o que se observa algumas vezes, algum tempo depois da operação da Cataracta por abatimento, ou quando de Cataracta caseosa houver ficado depois da extracção alguma particula. A cura deve fazer-se na fórma do costume, usando de remedios revellentes, e banhos discucientes. Se a turvação se não extinguir com os remedios, o humor aquoso turvo se extrahirá pela incisão, que se deve fazer na cornea, com as condições ditas na operação da Cataracta.

EFFLUVIO DO HUMOR AQUOSO.

He esta enfermidade o perdimento, ou extravazação do humor aquoso por causa de ferida, ou fistula da cornea. As especies desta molestia são duas.

Primeira he a que se diz extravazação por ferida da cornea, este perdimento de humor depois da operação da Cataracta, dura dois ou tres dias, depois delles cessa por causa da união do golpe; se esta sahida do humor aquoso durar mais de tres dias, he sinal de que a ferida da cornea não está consolidada, por causa de distenção do iris, ou da extravazação do humor vitreo. A cura pede que se cicatrize a ferida, para que o humor aquoso se restitua. Se porém o descahimento, ou frouxidão impedir a cicatriz. *Veja Prolapso do iris, e do humor vitreo.*

A segunda especie he por causa de fistula na cornea. Pegando-se huma pellicula á fistula impede a fluxão paliativamente, mas a cura radical pede que se cure a fistula. *Veja Fistula da cornea.*

EN-

ENFERMIDADES DA LENTE CRYSTALLINA.

CATARACTA.

He esta enfermidade huma cegueira, que provém da opacidade, ou alteração da lente crystallina, ou da sua capsula, ou do humor de Morgagni, partes em que esta molestia se fórma. Os Antigos chamavão á Cataracta suffusão, hypochyma, e hypochysis. Muitas são as divisões de Cataractas, que se devem conhecer, a respeito do lugar, da consistencia, da côr, da grandeza, da maturação, do tempo que tem, da complicação, e do nascimento. A respeito do lugar, que tem opacidade, se divide a Cataracta em crystallina (se a mesma lente crystallina he opaca.) Esta especie de Cataracta he frequentissima. Em capsular, a que outros chamão membranosa, se a lamina anterior, ou posterior, ou ambas se fazem opacas. Em crystallina capsular, se a lente crystallina, e a sua capsula juntamente se fazem opacas. Não se dá antes da operação sinal certo de Cataracta crystallina, capsular, ou capsular-crystallina. Em parcial se a capsula, ou lente, não toda a circumferencia, mas só metade, ou hum quarto, ou só a margem, ou sómente hum ponto se acha opaco, de que procede não completa cegueira, mas sim, mais, ou menos vista. *Veja Hemeralopia, e Nyctalopia.*

Em espuria, a qual he materia, que á maneira de membrana está pegada na anterior superficie da lente crystallina, e procede do antecedente hypopyo. *Veja Hypopyo.*

Fallando da consistencia, divide-se a Cataracta em dura, que he quando a lente crystallina tem consisten-

cia ſólida. A lente neſte eſtado de ordinario he menor que o natural, raras vezes maior. Rariſſimas vezes paſſa a conſiſtencia de pedra.

A ſegunda divisão da Cataracta he em molle, a que alguns chamão caſeoſa, o que ſuccede quando a lente cryſtallina tem a brandura do queijo, e he friavel.

A terceira divisão he influida, ou lactea, o que acontece, ſe a lente cryſtallina ſe obſerva mudada em hum humor branco, ſemelhante ao creme de leite, ou a materia (pus.)

Quarta fluido concreta, que he quando o ambito da lente cryſtallina repreſenta leite, ou queijo, e o meio da meſma lente eſtá duro, o que póde pertencer a Cataracta, do humor de Morgagni opaco com opacidade da lente, ou ſem ella.

Quinta cyſtica, que he quando toda a capſula da lente, depois da extracção da Cataracta, fica vaſia de fluido, opaca, ou tranſparente, e a ſemelhança da hydatide, que eſpontaneamente ſahe do olho.

A reſpeito da côr divide-ſe a Cataracta aſſim: Primeira Griſea, que repreſenta a côr de perola: Segunda branca côr de leite, eſta ás vezes he molle, tambem ſe lhe chama prateada, quando he d'huma côr brilhante. A terceira he verde mar, que he rariſſima. Quarta variegada, pelas muitas cores: quinta Striada ou Eſtrellada, por moſtrar fibras diſpoſtas em fórma de eſtrella: ſexta amarella, que não he vulgar: ſeptima negra. Diſtingue-ſe eſta da Amauroſis: primeiro, em não ſer de hum negro puro, mas esbranquiçado: ſegundo, não ver o que olha para o doente pintada nos ſeus olhos a ſua imagem: terceiro, diſtinguir a luz das trévas, o que não ſuccede na Amauroſis, mas ſim na Cataracta negra, menos quando eſta vem complicada com aquella.

Nun-

Nunca da côr se póde inferir qual seja a consistencia da Cataracta, e muitas vezes depois de extrahida a Cataracta, se mostra differente que antes.

Pelo que respeita á grandeza he a Cataracta grande, ou pequena, segundo he maior, ou menor, que o tamanho natural da lente.

Em quanto á maturação, he madura, ou perfeita, quando a lente está igual, e inteiramente opaca; e o doente tão sómente distingue a luz das trévas; aliás se chama imperfeita.

Muitas vezes acontece não madurarem nunca, outras dentro em poucas semanas se consumão.

Relativamente ao tempo, que tem, ou he recente, ou inveterada. Nesta classe parece se deve pôr a que sobrevém depois do rebatimento, tornando a subir a lente; depois da extracção não acontece isto, porque a lente huma vez tirada a tempo competente, deixa destruidas as adherencias da sua capsula, não apparecendo depois ponto algum, a que se possa chamar Cataracta, excepto quando a extracção se faz antes de tempo, porque então a substancia gomosa, que cerca a Cataracta, não se achando bem espessa, e unida á lente, deixa alguns restos, ou talvez alguma porção de humor vitreo, sahe das suas capsulas, e assim não se limpando bem o estranho, formada a união da cornea, apparece algum destes corpos fazendo huma Cataracta secundaria, e por isso he condemnada toda a extracção de Cataracta, que não seja madura, ou antiga. As mais antigas são as mais felices.

Em ordem á complicação eis-aqui as suas especies: complicada com Amaurosis; complicada com Synchysis; com Glaucoma; com pupilla apertada; com adhesão da lente crystallina á uvea, ou ao humor vitreo, ou a propria capsula.

Res-

Respeito ao nascimento se diz local, quando provém de vicio da lente, e universal, quando tem por causa o máo vicio de todo o corpo, como acrimonia escrophulosa, venerea, escorbutica &c. chama-se connata, quando he de nascimento, e hereditaria, quando vem de disposição dos Pais. De que provenha o obscurecer-se o crystallino não he facil mostralo, mas he certo que em lhe faltando hum licor doce, e capaz de lhe fornecer alimento, se seguirá Cataracta, para a qual, ou ha disposição hereditaria, ou debilidade dos vasos da lente crystallina: mas immediatamente provém da obstrucção, e enfarte dos vasos, e cellulas, que fórmão a lente crystallina, ou a sua capsula, o que causa hum humor opaco, que raramente torna dura a lente, mas a faz da consistencia de queijo pela maior parte. As causas remotas são: Inflammação não resolvida da lente, ou da sua capsula. Deposição arthritica, catharral, venerea, escrophulosa, escorbutica, herpetica, gotosa, febril, ou tambem de ulceras desecadas, demasiado uso de licores espirituosos; vapores de agoa forte que coagulão a limpha da lente crystallina, commoção, ou contusão da cabeça, pancada no olho, com que parece que os vasos da lente se desordenão, e enfraquecem, ferida no mesmo, uso continuado de ver objectos muito miudos; especialmente se elles são brilhantes; e em geral os corpos, que o são muito, causão o mesmo effeito: humor hereditario, velhice, combustão do olho, porque o calor torna opaca a lente, como se observa nos olhos de peixe cozidos; e em fim a communicação de hum olho para o outro, pois se tem observado, que em hum olho padecendo Cataracta, o outro passados alguns annos a vem a padecer tambem.

Os sinaes das Cataractas são diversos, segundo são

de differentes ſuas eſpecies. Os da Cataracta dura são: pupilla apertada, e que apenas ſe move, e a Cataracta muito diſtante da uvea: os da molle, e da fluida são pupilla mui dilatada, e vagaroſa em ſe fechar ao toque da luz, mas he preciſo, que não concorrão outros ſinaes, que denotem Amauroſis, em que tambem ſe acha o que acabamos de notar; huma Cataracta tamanha, que por mais que ſe dilate a pupilla, apenas ſe lhe podem ver as margens, e em fim eſtar a Cataracta muito chegada á uvea; mas advirta-ſe que eſte ſinal ſó he deciſivo, quando não ha nenhum outro, que denote Cataracta unida á uvea.

Os ſinaes da Cataracta, aſſim grande como pequena, são os meſmos que os da molle, e dura.

Os ſinaes da Cataracta pegada com a uvea, são os ſeguintes: Se ha opacidade proxima á pupilla: ſenão conſerva ſenſibilidade nenhuma ás impreſsões da luz: ſe a pupilla, ou ſó ſe move em direcção obliqua, ou eſtá perfeitamente immovel, ou finalmente ſe move pouco, e não igualmente para todas as partes.

O ſinal da lente concreta com o humor vitreo, he quando no abatimento da Cataracta, retirada a agulha torna á ſubir ao lugar onde eſtava, e do meſmo modo na extracção, quando eſta logo não ſahe, o que por outras cauſas já apontadas póde com tudo igualmente acontecer.

O da Cataracta pegada com a propria capſula he, ſe raſgada eſta, e dilatada a pupilla, a lente opaca não ſahe, nem por ſi, nem comprimindo-ſe o olho.

Os ſinaes da Cataracta complicada com gota ſerena, são eſtar a pupilla dilatada, e immovel, não deſtinguir a luz das trévas, e ter a iſto precedido ver com frequencia raios de luz, mas he neceſſario que não

con-

concorrão outros ſinaes, que denotem Cataracta adherente, ou grande em demazia.

Pelo que toca ao tempo ha niſto muita variedade. Ordinariamente obſtruem-ſe gradualmente o Cryſtallino, o humor de Morgagni, e a membrana arachnoides. Mas n'huns ſe paſſa iſto muito em breve, n'outros mais de eſpaço; já aconteceo perder-ſe deſte modo a viſta em ſeis dias. A enfermidade começa por ſentirem os doentes paſſar humas como moſcas, ou têas de aranha por diante dos olhos, que ainda conſervão toda ſua tranſparencia, mas em pouco a perdem, ficando a pupilla em vez de negra, e reſplandecente, coberta como de hum véo branco, que embaraça a luz, e fórma a Cataracta.

DIAGNOSTICO.

Conhece-ſe a Cataracta no ſeu principio, ſe a viſta do doente he como ennevoada, ou á ſemelhança de fumo, e a natural côr negra reſplandecente da pupilla algum tanto embranquece. Finalmente o perfeito accommettimento de cegueira confirmada, com a côr opaca, e branca, ou cinzenta da pupilla, indica a preſença da Cataracta.

PRONOSTICO.

A Cataracta he huma enfermidade chronica, que torna o enfermo disforme, e privado do melhor dos ſentidos por toda a vida, e que paſſa a accommetter o outro olho em poucos annos, ſe a tempo ſe lhe não extrahir a do doente, que por eſte modo não poucas vezes ſe tem precavido a Cataracta do outro olho; ain-

da

da que eu tratei huma pessoa desta corte, que formando-se-lhe huma Cataracta no olho direito em poucos dias, vive ha nove annos sem se lhe formar, nem apparecer principio de outra no olho esquerdo, com o uso dos remedios fundentes internos, e sem dirivatorio algum externo, pois que de nada servem neste caso, e muito menos o caustico, porque longe de derreter a Cataracta a confirma em pouco tempo, como já observei, por senão seguir o meu voto.

CURA.

Por tres modos se póde tentar a cura das Cataractas.

Primeiro, pelo uso de remedios internos, fundentes mercuriaes.

Segundo, por extracção.

Terceiro, por abatimento, que antigamente se propunha em primeiro lugar, e presentemente pouco seguido, ainda que póde haver algum caso, que se prefira o abatimento em segundo lugar.

O uso de remedios internos nas Cataractas incipientes he louvado, de que se tem tirado consequencia, como eu já observei. Nas confirmadas rarissimas vezes se consegue resolução da opacidade; os extractos de aconito de pulsatilla negra, de meimendro branco, combinados com mercurio doce, e çumo de milepedes, são do uso interno nesta molestia. Do uso de remedios externos, que alguns apontão, e outros reprovão, como são o vapor de espirito de sal ammoniaco, e outros semelhantes, causticos, sedenhos, e fontes, se não tira consequencia alguma, a experiencia assim o faz ver, e o authoriza o voto dos melhores Praticos. Nas

Cataractas incipientes, que tem por causa a acrimonia de algum particular humor, são mais uteis os remedios; pelo que na Cataracta venerea deve tentar-se o uso do mercurio, na escrophulosa o da quina com cicuta, na arthritica o de extrato de aconito com antimonio. Raros são os exemplos de que a Cataracta por si mesma se desfaça, e extingua, o que mais vezes se observa nas Cataractas secundarias.

INDICAÇÃO, E CONTRA INDICAÇÃO.

Toda a Cataracta se póde extrahir, porém se houver amaurosis, glaucoma, ou Synchisis, a extracção, ou ainda rebatimento, serão sem proveito. Quando o doente for sujeito a alguma especie de opthalmia, a tosse violenta, acções virtiginosas, como tambem ás outras molestias habituaes, e cronicas, he a operação inutil. Quanto mais antigas forem as Cataractas, tanto mais feliz será a execução das suas operações, sendo acompanhadas de bons sinaes, e será mais facil de fazer qualquer das operações nos sujeitos, que tiverem os globos dos olhos mais sahidos á superficie do rosto, e pelo contrario naquelles, que tiverem as fossas orbitas pequenas, e os globos mettidos muito dentro. Quando o enfermo não distinguir a luz das trévas, se deve examinar esta complicação, porque muitas vezes não he por se ajuntar a amaurosis, mas sim por estar a Cataracta adherente á uvea, e não deixar passar os raios luminosos, ao que se deve attender, para fazer, ou não a operação.

TEM-

TEMPO PARA A OPERAÇÃO.

Em todo o tempo do anno ſe póde fazer a operação da Cataracta, porém são preferidos por todos os de Primavera, e Outono. Deve eſcolher-ſe o dia que ha de ſer claro, e não nublado, nem ventoſo, o lugar da caſa deve ſer reparado com vidraças.

PREPARAÇÃO QUE O DOENTE DEVE TER, E MODO DE SE EXECUTAR A OPERAÇÃO.

Alguns dizem que antes da operação ſe purgue com o neceſſario ſal amargo, e fique continuando dieta antiflogiſtica, e o dia antes do da operação ſe faça ſangrar. He voto de alguns, outros com Mr. Pellier, Pratico moderno, que eſta preparação não he util, porque movidos os humores pelo exceſſo deſtes remedios ſe encaminhão á cizura do olho, e augmentão as inflammações, que em conſequencia da operação ſempre apparecem, fazendo por eſta cauſa, não ſó moroſa a cura, mas muitas vezes infructuoſa a operação pelo perdimento da viſta.

Quando ſe trata deſta operação, ſe trata tambem de hum ſujeito, que ſeja bem humorado devendo ſó competir-lhe a dieta, e o ſangrar-ſe depois da operação, para precaver o coſtumado ſymptoma; eſta pratica tenho eu ſempre ſeguido ſem má conſequencia.

Porém havendo alguma razão, pela qual ſe julgue que o doente deve ſer purgado, ſe fará deixando ſocegar os humores por alguns dias antes da operação.

Tendo preparado os inſtrumentos para a operação, que ſerá hum biſturi dito Cataractario, pinças proprias,

huma para pegar na porção da cornea tranſparente (ſendo preciſo) outra para tirar a Cataracta, ou alguma porção della, ou eſpeſſura de humor, que muitas vezes acompanha a meſma Cataracta, o que póde ſer com colher, que tambem deve eſtar prompta, e do meſmo modo hum Echmommo, (*V. Eſt. II. Fig. I.*) hum quiſto tomo de Lafaye, pannos de linho fino, velhos, e macios, dobrados em fórma triangular, cotão, ou fios muito finos, e huma atadura de largura de dois dedos, e de comprimento de tres, ou quatro varas, enrolada pelas duas pontas ao meio, ſe porá tudo por ſua ordem em huma bandeja, para ſer adminiſtrado por hum ajudante, quando ſe lhe pedir. Situado o doente, que deve ſer ſentado em huma cadeira baixa, de tal modo virado para a proxima janella, que a luz lhe dê no olho da operação lateralmente, o Cirurgião operante em outra cadeira mais alta, que fique bem defronte do doente, com tanto que a cabeça do meſmo doente não paſſe dos peitos do Profeſſor, ficando as pernas do dito doente por baixo das ſuas, e neſte ſitio ſegurando-lhe tambem as mãos; de traz da cadeira, e coſtas do doente eſtará outra cadeira, em que ſe ha de aſſentar o ajudante da operação, o que tambem póde ſer de pé, e ſendo a Cataracta no olho direito, ſe cobrirá o eſquerdo com hum appoſito, e ligadura, e o ajudante, com a mão direita levantará a palpebra ſuperior, e com a eſquerda pegará na mandibula inferior da meſma parte, e apertará a cabeça do doente contra o ſeu peito, para que fique ſegura, e firme. O operante ſegurará o globo com os dedos index, e pollex da mão direita, fazendo apoio com o do meio no angulo interno, (*Veja-ſe no fim o* §. 1. *das reflexões*) e não podendo ſegurar-ſe por eſte modo o globo, ſe ſervirá do

Ech-

Echmommo, e logo com a mão esquerda pegará no bisturi maior letra A, ou menor letra B (de que se poderá fazer elleição) *Fig. II.* apoiando em sima da apophize zigomatica o dedo minimo, e annular, e com o do meio, index, e pollex segurará o bisturi do mesmo modo, que se faz na penna para escrever, e tendo a mão, ou dedo minimo bem fixo no apoio (*Veja Estampa I.*) introduzirá o bisturi do angulo externo para o interno, de modo que corresponda bem ao meio circulo, e á meia linha de distancia da cornea opaca, tanto de huma, como de outra parte, cortando a cornea transparente em figura igual até á sua parte inferior, com attenção sempre á dita meia linha de distancia da opaca, fazendo assim a figura de meia lua. Ordinariamente o diametro da cornea transparente he de cinco linhas, e hum terço (do pé de Rei de Paris) e o da pupilla de linha e meia. Devendo-se principiar a metter a ponta do bisturi meia linha para dentro do circulo da cornea transparente, e continuando a operação sahirá a ponta do bisturi meia linha antes de chegar ao dito circulo da cornea transparente, como se mostra (na *Estamp. II. Fig. VIII.*) Esta figura tambem mostra o corte lunar. Advirta-se porém, que a parte superior do bisturi, que fórma huma linha recta, deve ficar horizontalmente passando pelo diametro do circulo da cornea transparente. Quando o dito bisturi penetrar a camara anterior do olho, seja de modo que a sua ponta não toque a membrana chroide, uvea, ou iris. Feita a incisão he obrigado a sahir o humor aquoso, e as mais das vezes o crystallino, ou Cataracta, no caso porém de não sahir, se levantará a porção da membrana dividida, com a pinça propria, que serve para esta acção *Fig. III.*, e segura pela parte superior por hum

aju-

ajudante se introduz pela pupilla o quisto tomo Fig. IV. carregando no estillete, que nelle vai embainhado, o que se faz com o dedo pollex a fim de dividir a membrana crystallina, ou arachnoides; depois de feita esta diligencia, sahe o crystallino, e havendo alguma porção de humor concreto, que algumas vezes acompanha a Cataracta, se tirará com outra pinça propria. Fig. V. ou com a colher tambem propria para esta diligencia Fig. VI. e tirada a pinça, que segura a porção da membrana, se deixa cahir esta, limpando de algum humor o globo com huma esponja macia, e fina, humedecida em agua rosada, depois se pőem em boa ordem o cotão, ou fios por sima das palpebras, que deve ser huma leve cobertura preenchendo mais o angulo interno do olho, por sima destes, o apposito de panno triangular, que firma na sobrancelha, e a ponta do triangulo cahe na face, ou maçã do rosto, seguese a ligadura, que se principiará pondo a parte media na testa, e voltando os dois globos hum pela parte lateral esquerda da cabeça, e outro pela direita até á parte posterior, onde se cruzão, e tornando á testa se trocão os globos, o da direita para a esquerda, e o da esquerda para a direita, formando por este modo a letra X; e voltando cada hum por baixo de cada huma das orelhas, vão á parte posterior, donde tornão a voltar á anterior, e seguindo a mesma direcção, vão terceira vez á parte posterior, cruzando as suas pontas, e pregando cada huma dellas, onde acabar, dando por este modo só duas voltas de atadura por sima dos olhos, pois não devem ser mais, nem menos, depois se conduz o doente á cama, fazendo-o deitar de costas, ficando a cabeça alguma cousa alta, logo se sangrará de pé, e se lhe recomendará toda a quietação, evitando

to-

toda a causa, que o possa obrigar a fallar, tossir, ou asoar, para o que não tomará tabaco (se for costumado a elle) tomará qualquer tizana antiflogistica, limonada, ou soro, e qualquer das cousas de manhã, e tarde; e á noite ao recolher tomará huma porção de Emmulsão commua, com meia onça de xarope de papoilas (se ouver vigilias): no dia seguinte se renovará o aparelho com muita cautela, sem que o doente abra as palpebras lavando-as por sima com hum pincel de fios macios molhados em agua rosada, ou de flor de sabugo com alguma agua ardente, proseguindo esta cura até o oitavo dia, repetindo a sangria em quantidade, e numero, que pedirem as forças do doente, e symptomas. O lugar da casa, ou leito, em que estiver o doente, deve ser guarnecido de cobertores verdes, ou pardos, e com muito pouca luz. No oitavo dia se tira o aparelho, limpando os labios das palpebras de alguma humidade, e se abriráõ, ou mandaráõ abrir ao doente muito devagar, e com alguma luz pela parte posterior do doente, natural, ou artificial, para se observarem os olhos, (se em ambos se fez a operação) e tendo as cicatrizes formadas, e sem maior inflammação, se proseguirá a cura a cura do mesmo modo, alliviando os appositos, e atadura, deixando-o sentar na cama o espaço de duas horas, e tornando-se a deitar com muito vagar, e cautela, no seguinte dia poderá estar mais huma hora, e se lhe dará huma pequena sopa no caldo, ou se engrossará com alguns grãos de arrôz, ou cevada de França, augmentando esta qualidade de alimento, e tempo de estar sentado até ao decimio dia, em o qual se faráõ distinguir ao doente alguns objectos (depois que os olhos forem bem limpos) fazendo estes experimentos com toda a cautela possivel, tendo as costas contra a

luz,

luz, e pondo hum bocado de tafetá verde na testa, que passe alguma cousa a baixo dos olhos, a que se póde chamar avental, ou tapa luz dos olhos, esta cautela he de summa precisão, e sem ella se porão os olhos no risco de se inflammarem, e talvez perderem; se o doente ainda não poder supportar tanta luz, se deixará passar mais alguns dias, não fazendo averiguação alguma, sem que os olhos tenhão a devida força; a este tempo já o doente póde estar levantado, e com alguma mais luz na casa, e sempre com as costas para a parte donde ella vem, e olhando para os pés. Quando não ha symptoma grave, o tempo ordinario de sahir o doente, he de hum mez, pouco mais ou menos, isto se entende com os que são operados dos dois olhos, porque os que são só de hum podem sahir mais sedo, com a cautela do avental. Em fim este tratamento deve variar segundo as circumstancias, o que deve regular o Operante, dirigindo a conducta do doente de modo, que segure a utilidade da operação, que a experiencia mostra frustrar-se não só pelos symptomas, mas por desordem do doente, como tenho observado algumas vezes.

Esta operação no globo natural com o instrumento mettido se mostra na mesma (*Estampa II. Fig. IX.*)

SYMPTOMAS QUE ALGUMAS VEZES APPARECEM DEPOIS DA OPERAÇÃO, QUE SE REDUZEM AO N.º DE 17.

Primeiro, desunião dos labios da ferida da cornea, commummente ao terceiro dia depois da operação costuma consolidar a ferida da cornea, se porém no quarto, ou quinto dia a ferida ainda se não acha unida, póde ser a causa a má disposição dos humores do doente, ou

por

por se entalar alguma porção do iris nos labios da ferida, ou por effusão de humor vitreo.

Segundo, Cicatriz visivel, e esta só apparece, se a tal ferida entra em grande suppuração, que não a havendo commummente he imperceptivel.

Terceiro, Ophthalmia, que algumas vezes apparece ao oitavo dia depois da extracção da Cataracta. *Veja o tratamento no capitulo da Ophthalmia.*

Quarto, Effusão do humor aquoso depois do terceiro dia da operação, tempo em que devia cessar. Se assim se observar, he final de que o iris, ou humor vitreo estão encalhados na ferida, para isso servem os colliryos resolutivos como o do N. XVIII.

Quinto, Fluxão do humor vitreo, que algumas horas depois da operação apparece, por causa de espasmo dos musculos do globo. *Veja Prolapso do humor vitreo.*

Sexto, Descahimento, ou descenso do iris. Algumas horas, dia, ou dias depois da operação, apparece este acontecimento, por causa de tetano do globo. Deve repôr-se o iris applicando solução de pedra hume. *Veja Ptosis do iris.*

Setimo, Deformidade da pupilla, he symptoma, que muitas vezes se segue á extracção da Cataracta, quando ella he muito grande.

Oitavo, Pupilla fundida, que apparece por causa do golpe transversalmente no iris ao tempo da operação. Não se cura já mais,

Nono, Myosis, Synizesis, e synechia, que sobrevém por causa de inflammação do iris, ou uvea. *Veja estas enfermidades debaixo dos seus titulos nos respectivos lugares.*

Decimo, A cornea obscurecida, que procede de inflammação della, a qual extincta, termina a dita escuridade.

Decimo primeiro, Turvação do humor vitreo, que alguma vez acontece por haver ficado alguma particula da Cataracta casiosa, diluida no humor aquoso, enfermidade, que se extingue passadas algumas semanas.

Decimo segundo, O Hypopyo, que he effeito de inflammação interna. *Veja Hypopyo.*

Decimo terceiro, Blepharophthalmia, que procede de contusão da palpebra, feita pelo que a segura ao tempo da operação, ou por relaxação de remedio cataplasmico, que antecedentemente se tinha applicado. Cura-se facilmente. *Veja-se o seu proprio capitulo.*

Decimo quarto, Convulsão dos musculos do olho. Esta póde ter origem, ou na debilidade do animo para soffrer a operação, ou na recepção instantanea de muita luz, e muitas vezes faz sahir o iris, ou o humor vitreo pela ferida da cornea. Póde ter lugar a cataplasma de peros com açafrão, e alcanfor. No uso interno os remedios opiados.

Decimo quinto, Amblyopia. Esta tem origem na falta da lente. Pede o uso de oculos convexos de ambas as partes.

Decimo sexto, Corrupção, ou consumpção do olho. Esta provém algumas vezes da fluxão dos humores. *Veja corrupção, ou tisica do olho.*

Decimo setimo, Trichiasis, provém, quando na acção do curativo algumas vezes succede, que alguns cabellos das pestanas se revírão para dentro, e com o seu toque inflammão o globo. Cura-se pondo o encerado anglicano, se estes não quizerem tornar á sua natural situação.

OPE-

OPERAÇÕES ESPECIAES DA CATARACTA, QUE SE REDUZEM A OITO.

Primeira, a da Cataracta Lactea. Esta Cataracta não se póde tirar com a capsula inteira, pelo que depois da fluxão do humor lacteo se corte com a ponta da agulha, ou do quistotomo a capsula da lente.

Segunda, a da Cataracta casiosa. Tirados os fragmentos da Cataracta, se pratique o mesmo com a capsula, que se disse da Cataracta lactea.

Terceira, a da Cataracta concreta com a uvea. Use-se do estilete com ponta curva, e introduzindo-o entre a uvea, e a lente, se procure conseguir a separação.

Quarta, a da Cataracta concreta com a propria capsula. Em tal caso use da agulha Richteriana para conseguir a separação, e extracção, ou lhe pegue com a pinça. (*Fig. V. Estamp. II.*) que com toda a segurança faz esta operação.

Quinta, a da Cataracta elastica, ou concreta com o humor vitreo. Procure separar a capsula do humor por meio da dita agulha, se não o poder conseguir, rompa a capsula, e extraha só a lente com a dita pinça.

Sexta, a da Cataracta capsular anterior, ou posterior. Esta especie de Cataracta pede principalmente separar a capsula do humor vitreo. Se porém se não poder conseguir, o resto da capsula opaca se corte com repetidos golpes.

Setima, a da Cataracta secundaria, que apparece hum, ou dous dias depois da operação por extracção, por causa de inflammação da capsula remanescente. Neste caso applicados fomentos antiflogisticos, dentro de

poucos dias cessa; mas se esta inflammação com o uso destes remedios não cede logo nos primeiros dias, se poderá passar a remedios mais efficazes, como sangria, colliryo aromatico espirituoso N. I.º para se pôr externamente hum apposito molhado; visicatorio na nuca; purgantes antiflogisticos com algum sal de glauber, ou soluvel. Se porém da inflammação resultar obscurecimento cronico da capsula remanescente, se applicaráõ resolutivos fortes, que se apontão na cura da Cataracta, não approveitando esses, faça nova operação destruindo a lamina opaca.

Oitava, a da Cataracta adherente á pupilla. Se a pupilla já antes da operação tinha o defeito de estar apertada, e immovel, e cortada a cornea, e bem escurecido o aposento ella senão dilata. O Professor neste caso demorando-se algum espaço de tempo, observe, se ella ainda assim senão dilata, neste termo anime-se a rasgar a pupilla (se com a colher, e tenta de roda, ella não der de si).

Os infortunios, que podem sobrevir na occasião da extracção da Cataracta, se podem reduzir ao N. de XII.

O primeiro, he quando a incisão se faz entre as laminas da cornea. Se o bisturi se introduzir obliquamente, acontece correr appressadamente entre as laminas da cornea. Neste caso retire o bisturi, e o torne a applicar mais perpendicularmente.

Segundo, ferida da cornea muito pequena: se senão rasgar a cornea pelo meio, a lente cristallina ficará detida entre os labios da ferida, quando for ao sahir, o que obriga a dilatar os angulos com a tesoura recta, mas ha sempre o inconveniente de contusão, e de má cicatriz.

Ter-

Terceiro, o descahimento da cornea ao tempo da incisão. Isto acontece, quando o humor aquoso se extravaza, já por causa de incisão da cornea antes de tempo competente, já por má figura do instrumento, que a divide, e por isso o de que eu faço uso, e com que me tenho dado sempre bem, he o que aconselho por melhor Fig. II., ou tambem por causa de mover o doente o globo, ou deixar o Ajudante cahir a palpebra superior, ao tempo de tirar o instrumento depois da incisão, ou finalmente se na occasião da incisão se aperta muito o globo do olho. Em tal caso facilmente se offende o iris, motivo porque se deve abster da operação totalmente.

Quarto, lesão do iris. Esta se conhece pela effusão de sangue, que apparece.

Quinto, o descahimento do iris, que na occasião da operação acontece, por motivo da compressão externa do globo, ou por causa de tetano. Deve repôr-se na sua situação natural. *Veja Ptosis do iris.*

Sexto, a sahida do humor vitreo, que acontece ou por causa da compressão externa do globo, ou por tetano dos musculos do mesmo globo, sahindo huma mediocre quantidade, não causa prejuizo, antes a vista fica mais clara naquelle, a que o humor vitreo se extravaza. *Veja Prolapso, ou evacuação do humor vitreo.* Tape-se o olho, e commetta-se á natureza a recuperação da falta.

Setimo, extracção da lente cristallina antes de tempo. Acontece alguma vez que aberta a cornea o cristallino logo salta, ou por espasmo dos musculos do globo, ou por causa da compressão do mesmo globo. Deve neste caso temer-se que saia juntamente o iris, e o humor vitreo, para o que se deve aliviar logo a compressão.

Oi-

Oitavo, o efpirrar o doente. He peſſimo acontecimento, ſe apparece depois da rotura da cornea, quando ſe faz a operação, porque coſtuma ſer cauſa de ſahir do globo do olho ſangue, o iris, e todo o humor vitreo. Neſte caſo o Profeſſor, pondo logo hum panno dobrado ſobre o olho, o ampare com a mão ſituando o doente.

Nono, complicação com amauroſis, ſe o Profeſſor, extrahida a lente, obſervar a pupilla negra, e pura, e iſto não obſtante o doente nada poder ver, he certo ſinal de amauroſis, em cujo caſo a operação he ſem fructo.

Decimo, complicação com Synchyſis, ou diſſolução do humor vitreo. Se tirada a lente cryſtallina, logo ſahe o humor vitreo delgado, fica o doente cégo.

Undecimo, complicação com Glaucoma, ou opacidade do humor vitreo. Se tirada a lente ſe eleva o humor vitreo turvo, o doente fica cégo.

Duodecimo, complicação com pupilla apertada. Se antes da inciſão da cornea a pupilla ſe acha dilatada, e depois della feita ſe contrahe, ou aperta muito, ſe faz impoſſivel a extracção da lente, e ainda o ferir a capſula com o quiſtotomo. Neſte caſo ſe fechão as janellas, que fique o apoſento bem obſcuro eſperando por algum tempo que a pupilla ſe dilate, para ſe poder findar a operação.

A operação por abatimento ſe faz, depois de ſituado o doente, como ſe diſſe na extracção, mettendo a agulha da parte do pequeno angulo em a cornea opaca, diſtante linha e meia da tranſparente, conduzindo-a até a parte poſterior da pupilla, a fim de rebater o cryſtallino, ficando eſte ſituado na parte inferior do humor vitreo. Quando ſe mette a agulha, ſe conduz á parte

ſu-

superior da Cataracta, ou cryſtallino alterado, e depois de feita a compreſsão, ſe demora eſta por algum eſpaço, até que tome aſſento a Cataracta na parte inferior da camara poſterior. Eſte methodo tem muitos inconvenientes reconhecidos de todos os práticos; primeiramente era preciſo, que o cryſtallino tiveſſe adquirido huma grande conſiſtencia, para que a agulha o rebateſſe, ſem que ſe dividiſſe em muitas peças (o que ſuccede, quando a não tem) e ainda eſtando na dita conſiſtencia póde ſubir com facilidade ao meſmo ſitio, como ſe tem obſervado; de mais a agulha póde ferir o iris, e cauſar huma pequena effusão de ſangue, que baſta para perder a operação; e porque a Cataracta póde ſahir pela pupilla para a camara anterior, e cauſar maior prejuizo, e a dita agulha tambem póde deſtruir as capſulas do humor vitreo, de que póde reſultar inflammação, e outros muitos damnos. Aſſim o perſuade Mr. Daviel, reprovando o abatimento, e com elles MMr. Palluci, Lafaya, Poyet, Guerin, Sharpe, Pamarde, Beranger, Jean Janin, Pellier, e outros, ſeguindo a extracção como mais ſegura.

PROLAPSO DA LENTE CRYSTALLINA.

He a ſahida della da ſua capſula para a anterior camara do olho. As eſpecies deſta moleſtia são duas.

Primeira, ſahida da lente ſem ferida da cornea. Cauſa próxima he a rotura da capſula da lente. Eſta muitas vezes acontece na depreſsão da Cataracta, na pancada da cabeça, no ſalto de lugar alto, na ferida do olho, na compreſsão do globo.

Conhece-ſe a ſahida da lente cryſtallina, examinando o olho, e achando a lente reluzente, ou opaca.

EFFEITOS.

O criſtallino na anterior camara do olho humas vezes cauſa dor, inflammação do olho, aperto da pupilla, perturbação da viſta: outras vezes não excita ſymptoma algum, mais do que o embaraço de ver. A cura pede incisão na cornea, como ſe requer na extracção da Cataracta.

Segunda, deſcahimento, ou ſahida da lente com ferida na cornea, que apparece; havendo voluntariamente ferido a cornea para a operação da extracção da Cataracta, ou involuntariamente, quando a meſma cornea he ferida por algum acontecimento, principalmente de haver mettido algum dedo pelo olho, ou algum inſtrumento, ou eſpaſmo dos muſculos do globo.

ENFERMIDADES DO HUMOR VITREO.

GLAUCOMA.

He eſta moleſtia huma opacidade de humor vitreo, conhece-ſe eſta enfermidade pela cegueira do doente, e pela visão do circulo opaco, ou mais obſcuro, que ſe obſerva pela parte poſterior, e lateraes da lente criſtallina.

A cauſa proxima he a depoſição do humor opaco nas cellulas do humor vitreo. He enfermidade rariſſima, difficultoſamente conhecida, e ſempre incuravel. As ſuas eſpecies são trcs.

Primeira, Glaucoma opaca, com a qual o humor vitreo (aſſim como na Cataracta molle) he turvo. No principio deſta enfermidade póde-ſe applicar externamen-

mente o vapor do eſpirito de ſal ammoniaco, e melhor o collyrio N.° XVI. Internamente uſar de extracto de herva pulſatilia negra; do de cicuta, meimendro branco aconito com milepedes, mercurio doce, e infusão da planta Arnica.

Eſta enfermidade ſendo antiga, he incuravel.

Segunda, Glaucoma terrea, com a qual o humor vitreo degenera em huma concreção terrea, como dizem os Authores.

Terceira, Glaucoma purulenta, a qual he a mudança do humor vitreo em huma ſubſtancia purulenta, ou ſemelhante a pus. He moleſtia incuravel, e não extirpando o olho, paſſa para o outro.

SYNCHYSIS.

He a ſolução do humor vitreo em hum como corpo aquoſo. A cauſa deſta diſſolução póde ſer pela applicação do eſpirito volatil de ponta de viado. Eſta enfermidade quaſi ſempre he acompanhada de amauroſis, e algumas vezes ſe acha complicada com Cataracta. Conhece-ſe pela total cegueira, em a qual o negro da pupilla ſe obſerva baſtantemente amarello, e tanto, que por ella toda a interna ſuperficie do olho, e a côr dos ſeus vaſos ſe podem ver. A cura he impoſſivel, porque não ha remedio, que poſſa reſtituir o humor vitreo á ſua natural conſiſteneia.

EXTRAVASAÇÃO, OU SAHIDA DO HUMOR VITREO.

He eſta enfermidade a paſſagem do humor vitreo pela ferida da cornea, ou Sclerotica.

EFFEITOS.

A pequena evacuação defte humor não póde caufar algum damno, pois que a natureza dentro de poucas femanas recupera effa pequena falta; porém fe fe extravafou a maior parte do humor vitreo, logo o globo fe abate, a pupilla fe fecha, e o doente fica cégo. As efpecies são duas.

Primeira, extravafação por caufa de compreſsão do globo. Symptoma, que muitas vezes póde acontecer na extracção da Cataracta, quando o Profeffor, ou feu ajudante ao tempo de ferir a cornea imprudentemente com os dedos apertar o globo.

Segunda, he por caufa de efpafmo dos mufculos do olho. Efte efpafmo apparece humas vezes no mefmo inftante, em que fe fere a cornea na extracção da lente, mas as mais das vezes no primeiro, fegundo, ou terceiro dia depois da operação. Da caufa defte efpafmo *Veja Tetano, ou paralyfia do globo.* A cura pede que logo fe dê ao doente inteiramente opio com oleo de amendoas doces, e externamente ligar o olho por tempo de nove dias, deixando ficar o extravafado na mefma ferida, não o reprimindo, nem feparando, porque a natureza vagarofamente unindo a ferida por effeito de fua virtude, vai feparando a porção extravafada.

ENFERMIDADES DA VISÃO PHOTOPHOBIA.

He huma intolerancia de muita luz, de tal modo que o olho ainda fe molefta muito, recebendo huma pequena quantidade della. Taes doentes peftenejando coftumão defender os olhos da muita luz. A caufa

pro-

proxima he a demasiada sensibilidade da retina. Ha cinco especies.

A primeira, he inflammatoria, a qual he symptoma de Ophthalmia, especialmente interna. Cura-se tirando a inflammação com os remedios apontados no seu capitulo.

A segunda, he por mydriasis, ou dilatação da pupilla do olho, e dilatada, ou destendida admitte demasiada quantidade de raios, e por consequencia lhe he intoleravel a luz. A cura paliativa pede que se faça sombra aos olhos com seda verde. A cura radical pede extinguir a mydriasis, fazendo o que se diz no seu capitulo.

A terceira, he por costume de não ver luz, como acontece aos que estão encarcerados por muito tempo em segredos, estes apparecendo á luz, não a podem soffrer por muito tempo, e a introducção dos primeiros raios de luz parece como hum relampago, que o olho não póde supportar. Deve-se hir costumando por poucos o olho á luz, e usar de lenço, ou purificador de seda verde, ou semelhante.

Quarta, se diz nervea, que tem origem na demasiada sensibilidade dos nervos. Esta enfermidade he symptoma de hydrophobia, e de muitas outras enfermidades agudas do systema nervoso. Cura-se usando de remedios roborantes.

A quinta, he por causa de muita luz, assim como o olhar direitamente para o Sol, que he cousa intoleravel: evitada a causa, não haverá o effeito.

AMAUROSIS.

He huma cegueira, em que se observa a pupilla

negra, dilatada, e immovel, a que tambem se chama gota serena; tambem se dá amaurosis com a pupilla apertada, movel, pallida, ou pellucida até á retina. Esta enfermidade raramente accommette hum só olho, o ordinario he padecerem ambos. A causa proxima he a falta de occurrencia do succo nerveo em o nervo optico. Rarissimas vezes apparece esta enfermidade sem toda a disposição antecedente para ella.

Sinaes. A amaurosis de ordinario forma-se por gráos vagarosamente, e muito raras vezes accommette de repente. Os sinaes em principio desta enfermidade são a debilidade de vista augmentada em cada dia, representações nebulosas, como de pernas de aranhas, de redes de diversas cores luzidias, &c. Finalmente principio de cegueira, e por ultimo se completa huma cegueira perfeita, posto que a pupilla apparece negra.

As especies de amaurosis a respeito das causas podem ser reduzidas ao número de vinte.

Primeira, por congestão sanguinea nos vasos do cerebro, nervo optico, retina, e choroide. A causa destas congestões são por se forcejar ao tempo de levar qualquer pezo, principalmente levando o corpo muito curvado para diante, pelo excesso de forças para parir, por plethora commovida por muito calor do ar, ou de recepção de muito sol sobre a cabeça, por suppressão de fluencia menstrual, lochios, evacuação hemorrhoidal, não se sangrar, estando acostumado, ou por demasiado uso de bebidas espirituosas. Por vomito, tosse, riso, gritar, soprar, e tudo o que faz reter o sangue na cabeça, o abuso de remedios mercuriaes, ou marciaes. Finalmente tambem podem ser causa da amaurosis a ophthalmia da membrana choroide, a apoplexia sanguinea, a febre ardente, e a prenhez.

Co-

Conhece-se a amaurosis sanguinea pelos sinaes de sangue congesto dentro da cabeça, e olhos, o doente perde as forças, haverá vomitos, vertigens, sono, grandes delirios, &c. os homens moços, e sanguineos são sujeitos a estes insultos. A cura desta molestia pede remedios derivativos, e evacuatorios. Em primeiro lugar sangrando largamente no pé, e braço algumas vezes, ou na jugular, e arteria temporal, tomando ao mesmo tempo fortes purgantes, e mézinhas irritantes repetidas vezes; semicupios, ou banhos de agua tepida, aos olhos, testa, e temporas se applicaráõ banhos de agua bem fria, cada quarto de hora. Feitos estes remedios no caso de turgencia de vasos sanguineos, logo apparece o sinal de frouxidão, ou atonia delles. Com estes remedios lembrados, externos, e internos, deve o Professor especialmente curar esta especie de amaurosis. São uteis no uso interno o extracto de cicuta na quantidade de dous, ou tres grãos per si, ou acompanhados com outra tanta quantidade de mercurio doce, com algum simples purgante, ou as pirulas N.º VII. VIII. IX., X. a infusão de flor de Arenica, o extracto de aconito tomado juntamente com mercurio doce, applicando á cabeça hum vesicatorio, o uso de balsamo da vida, humas gotas deste balsamo bebidas com o necessario assucar, como tambem o enxofre dourado de antimonio da terceira precipitação são remedios lembrados por Hoffmann no systema Medico Racional, o uso de almiscar, o do cozimento de páo santo pelos grandes effeitos, que produz na paralysia dos olhos, o uso de mercurio doce, ou Calamelanos tem curado muitos felizmente, cozimento saturado de quina, e raiz de valeriana com sal volatil de ponta de viado tambem he aconselhado, o uso de vomitar, tanto no principio,

co-

como depois, he de muita neceſſidade, o uſo de remedios marciaes, ou de ferro são prejudiciaes á amauroſis, porque augmentão na cabeça, e olhos a congeſtão do ſangue. Os remedios, que pertencem, e são lembrados para a applicação externa, são, esfregar a cabeça (depois de rapada) com hum panno de lã perfumado com alambre, esfregando juntamente as vertebras cervicaes, e dorſaes com eſpirito de vinho alcanforado, os remedios, que promovão eſpirrar, ſacodem dos nervos a cauſa, que os opprime, o uſo do vapor quente de forte infusão de café torrado, ou plantas cefalicas, a applicação do halito do eſpirito de ſal ammoniaco volatil, e em fim a electricidade.

A ſegunda eſpecie de amauroſis, he por congeſtão ſoroſa de humores feita no cerebro, nos ſeus ventriculos, na baze do craneo, ou junto dos nervos opticos, enfermidade, que póde ter por cauſa o catharro mal curado, retroceſſo de tranſpiração de toda a moleſtia de pelle, como a da ſarna, herpes miliares depoſição de humor pituitoſo, opoplexia, hydrocefalo, dor de cabeça. São muito ſujeitos a eſta enfermidade os defluxionarios, os velhos, e as crianças. A cura pede remedios diaphoreticos, como cozimento de lenhos com antimonio, e arrobe de ſabugo, vinho antimonial de Huxham, purgantes diureticos, vomitivos, veſicatorios, fontes, ſedenhos, ainda que eſtes ultimos não são favorecidos da prática. Se iſto de nada aproveitar, ſe uſem os remedios antiamauroticos internos, e externos, que ficão notados acima, como tambem as pirulas. N.º I. e II.

A terceira eſpecie de amauroſis, he por debilidade, ou fraqueza da choroide, a qual póde provir por commoção do cerebro, muito eſtudo feito á luz, de-

ma-

masiado uso de venus, ou polluções voluntarias, o uso contínuo de microscopios, luz muito viva repentinamente introduzida nos olhos, o ver contínuamente cousas lustrosas, ou brancas como neve, finalmente tambem póde provir por causa de narcoticos, e vapores máos recebidos nos olhos por muito tempo. A cura pede roborantes. No uso externo banho frio ao olho, vinho aromatico, ou agoa de lyrios com espirito de alfazema. No interno deve tomar primeiro o remedio N.º XV. e depois quina com valeriana.

A quarta especie de amaurosis, he a que succede ás grandes evacuações, de que resulta a debilidade de todo o corpo, como nas fortes diarrhêas, molestos vomitos, excessiva salivação, muitas, e largas sangrias, principalmente nas pejadas. A cura pede remedios cardiacos, e roborantes, dieta de leite com quina, e extracto de cascarrilha.

A quinta, se diz amaurosis por enfermidade do cerebro pelo que a hydropezia do cerebro, a estagnação de sangue na cornea, a dureza do mesmo cerebro, ou outro vicio junto ás origens dos nervos opticos causão amaurosis incuravel.

A sexta, especie se diz amaurosis por propria enfermidade do nervo optico. A materia sorosa junta á origem dos nervos, ou nelles mesmos; na choroide, ou na retina, pela succesão do tempo degenera em humas como cascas mucosas, terreas, ou empollas de agua, e tumores hygromaticos. Algumas vezes os nervos opticos se seccão. Todas estas causas constituem incuravel a amaurosis, e não se virão a conhecer senão depois da operação dos cadaveres anatomicamente.

A Setima, se diz amaurosis periodica, a qual apparece repetidas vezes, e sempre com o mesmo interval-

vallo. A caufa defta enfermidade (de ordinario) eftá nas primeiras vias, pelo que fe cura á maneira das febres intermittentes, ufando de purgantes, faes digeftivos, quina, e arnica, tendo tambem lugar a opiata N.º XIII. e nos dias de intervallo foro falçado.

A oitava, fe diz amaurofis febrifecca, que apparece depois de febres agudas, ou intermittentes. Cura-fe com os remedios internos lembrados, e abrindo fedenho na nuca, como querem alguns, do que eu já mais tirei confequencia.

A nona, fe diz amaurofis por caufa de golpe nas fobrancelhas, que apparece no principio da cura da ferida. Parece ter origem na crefpatura do nervo fuperciliar. A cura pede frequentes fricções ao lugar offendido com licor anodyno mineral, ou efpirito de formigas.

A decima, fe diz amaurofis por enfermidade do fino frontal. Conhece-fe pela dor, que exifte no mefmo fino frontal, ou outra enfermidade, que bem o poffa ter atacado. Cura-fe deftruindo a caufa, como enfina a Cirurgia geral.

A decima primeira, fe diz amaurofis por participação de hum para outro olho, a qual provém da paffagem, que faz o virus morbofo, pois havendo amaurofis em hum olho, na fuccefsão do tempo fe obferva o outro accommettido da mefma enfermidade, e cegar o doente. Para a fua cura fe deve attender á caufa morbofa.

A decima fegunda, fe diz amaurofis de nafcimento, pois que algumas vezes nafcem as crianças amauroticas. Como neftas a pupilla fica immovel, mas não dilatada, a amaurofis fó fe vem a conhecer no adiantamento da idade. A cura pede ufo de agua ophthalmica compofta de vitriolo, fabão de Veneza, e efpirito de vinho, o qual tem a propriedade de tirar o torpor da cho-

choroide, sua composição se acha em N.º XXXVII. e o seu uso.

A decima terceira, se diz amaurosis hereditaria, por haverem muitos da mesma familia com esta enfermidade. Esta especie pela maior parte he incuravel.

A decima quarta, se diz amaurosis sesilitica, ou venerea, originada por deposição de acrimonia venerea, ou por topho, ou callo na orbita, ou no craneo, que comprima o nervo optico. A cura pede o uso de remedios antivenereos, mixtos com antiamauroticos, escolhendo alguma das composições, que em fórma de pirulas vão receitadas nesta obra, e a que se ajustar com as presentes condições, assim como as fricções mercuriaes, que podem ser de melhor utilidade.

A decima quinta, se diz amaurosis escrofulosa. As crianças, que são atacadas deste virus, sempre padecem, e pelo decurso de tempo se vem a fazer a deposição do succo escrofuloso no nervo optico. A cura pede o uso de remedios antiescrofulosos, maritados com antiamauroticos.

A decima sexta, se diz amaurosis exanthematica, ou por causa de bexigas, ou sarampo, que procede por suppressão desta, e de alguma enfermidade cutanea, como sarna, erupções miliares (supprimidas, ou transportadas) nos quaes casos sempre se observou apparecer amaurosis, e tambem na repentina desecação de chaga, ou fistula. A cura pede expulsão da materia recolhida, usando de vesicatorios, sedenhos, fontes, escarificações, ou sarjas, remedios sudorificos, diureticos, purgantes, vomitivos, inoculação, ou enxertia. Depois deve usar de remedios antiamauroticos. Na amaurosis por repentina desecação de ulcera, deve-se fazer que a mesma ulcera se renove.

A decima setima, se diz amaurosis abdominal, a qual se produz por causa existente no abdomen, como saburra acida, biliosa, pituitosa, verminosa, &c. Esta especie de enfermidade he frequente nas mulheres accommettidas de cruezas acidas, hypochondriacas, e as que são accommettidas de colera, ou raiva repentina, e as crianças, que padecem lombrigas. A cura pede evacuação da saburra, e pelos sinaes da mobilidade da mesma saburra, do lugar da materia na região superior, ou inferior, se tirará a indicação da qualidade do remedio, que se deve applicar.

A saburra immovel pituitosa se faz movel, usando de sal vegetal, *vulgo* tartaro soluvel, e raiz de jarro, e huma pequena porção de tartaro hemetico. A saburra deposta na região superior pede remedio vomitivo; a deposta na inferior deve expellir-se com remedio purgante, ou catartico.

A saburra acida cura-se com remedios absorventes, e alcalinos, a biliosa com cremor de tartaro, e polpa de tamarindos, a verminosa com remedios contra vermes, principalmente com valeriana.

A decima oitava, se diz amaurosis espasmodica Esta he aquella, que produz espasmo, ou dor idiopathica, ou que hum olho padece por participação de outro, a qual tem origem em hum grande medo, ou vehemente dor de cabeça, dos rins, ou de outra qualquer parte, por ferimento de sobrancelha, ou musculo temporal, finalmente por enfermidade convulsiva, como epilepsia, tetano, ou paralysia, paixão hysterica. Conhece-se pelas causas, que houverem precedido. A amaurosis hysterica dura muito pouco tempo. A cura pede remedios opiados, nervinos, roborantes, principalmente almiscar, e valeriana.

A

A decima nona, se diz amaurosis parcial, a qual he quando sómente meia choroide está amaurotica, que faz ver só por metade; cura-se como a amaurosis total.

A vigesima, se diz amaurosis complicada, esta he aquella, a que se ajunta Cataracta, myosis, synizesis, synchysis, ou quaesquer outras enfermidades oculares, conhece-se pela impossibilidade de distinguir a luz das trévas. Estas enfermidades são incuraveis. Se a amaurosis se não tiver curado antecedentemente.

OXYOPIA.

He huma faculdade mais forte de ver do que o usual costume. Tem-se encontrado homens, que podião ver de dia as estrellas no Ceo. A causa proxima deste acontecimento, he a sensibilidade da choroide, que excede a natural. As especies são tres.

Primeira, a que se diz Oxyopia de encarcerados, que por haverem estado muitos tempos mettidos em escuros carceres se costumárão a ler, e escrever sem luz.

A segunda especie he, por principio de amaurosis, que algumas vezes he presagio della. A cura pede remedios antiamauroticos. *Veja Amaurosis.*

A terceira especie, se diz Oxyopia de muitos objectos, a qual he hum vicio de ver, em que ao doente clarissimamente se lhe representão juntos, dous, ou tres objectos differentes. A razão deste fenomeno, he a multiplicação do polo visorio, por extraordinaria sensibilidade de muitos lugares da choroide, pelo que cada hum delles se torna n'hum polo visorio. Differe esta especie de Oxyopia da Diplopia, porque nesta o doente vê o mesmo objecto reproduzido duas, ou tres vezes. *Veja Diplopia.* A cura radical não se conhece, a palia-

tiva pede o uſo de hum canudo, que impeça os objectos lateraes. A visão de muitos objectos faz confuſa a viſta.

AMBLYOPIA.

He huma debilidade de ver ſem vicio muito viſivel no olho. Tambem ſe lhe chama viſta fuſca, ou eſcura. Os Myopes, e os Presbytes, ſó em certa diſtancia vem os objectos confuſamente. Os Nyctalopes, e Hemeralopes ſó vem mal em certo tempo do dia, porém os Amblyopes em toda a diſtancia, e em qualquer tempo do dia ſempre diſtinguem debilmente os objectos. A cauſa proxima da amblyopia idiopathica he a menos ſenſibilidade da choroide, da amblyopia Symptomatica, póde ter ſua origem, ou aſſento na cornea, no humor aquoſo, na pupilla, na lente cryſtallina, no humor vitreo. Podem daqui ſeguir-ſe differentes eſpecies de amblyopia, das quaes ſe apontão treze.

A primeira ſe diz Amblyopia, por nuvem da cornea, a qual obſcurece toda a cornea, ou alguma parte della: a nuvem pela parte, que cobre a cornea, impede a entrada de muitos raios de luz, pelo que ſó chegão á choroide muito poucos, que lhe dem claridade. A cura pede tirar a tal nevoa, ou nuvem. *Veja Macula, ou obſcuração da cornea.*

A ſegunda ſe diz, por humidade da cornea, como acontece na Epiphora. A agoa pegada á cornea, ou que a humedece, quebra os raios de luz confuſamente. A cura pede extinguir a humidade. *Veja Epiphora.*

A terceira ſe diz Amblyopia, por ſecura da cornea: a ſequidão da cornea he cauſa de ſe obſervar turva, e como empoeirada. A cura deſta eſpecie pede ſe humedeça a cornea. *Veja Scheroma.*

A

A quarta se diz Amblyopia, por turvação do humor aquoso. Esta enfermidade assim como a turbidez da cornea, muito poucos raios de luz deixa passar. A cura pede se restitua ao humor aquoso a sua natural diafaneidade. *Veja turbidez do humor aquoso.*

A quinta especie, he por menos quantidade do humor aquoso. A falta da necessaria porção deste humor he causa de alguma cousa se contrahir a cornea, e perder a diafaneidade. Pede a cura se restitua a porção do humor aquoso, que faltar para chegar ao estado natural. *Veja Atrophia do olho, e Rhytidosis da cornea.*

A sexta, he por abundancia do humor aquoso, como se observa no principio da hydrophthalmia. Nesta enfermidade o foco dos raios de luz se fórma antes da choroide. A cura he a mesma da hydrophthalmia, que se póde ver em seu lugar.

A setima, se diz Amblyopia por myosis da pupilla. Esta enfermidade he hum demasiado aperto da pupilla, pelo que passão para a choroide muito poucos raios de luz. Para a sua cura, *Veja Myosis* no seu lugar.

A oitava especie, se diz por principio de Cataracta. Principiando a offuscar-se a lente, ou a sua capsula, não passão por esse motivo os necessarios raios de luz. *Veja Cataracta.*

A nona, se diz Amblyopia por principio de glaucoma, que produz a mesma molestia, que a Cataracta. *Veja Glaucoma.*

A decima, se diz por causa de principio de amaurosis. Nesta enfermidade principia a choroide a fazerse insensivel. A cura he como a que se tem lembrado na amaurosis.

A decima primeira, se diz Amblyopia por topica atonia, ou debilidade da choroide. As causas, que produ-

duzem esta debilidade são, morbo hereditario, olhar para o Sol, para a Lua, como succede aos Astronomos, e ver muitas vezes, e por muito tempo objectos miudissimos, escrever muito de noite, uso de ler á luz, abuso de venus, que a primeira cousa, que debilita he os olhos, e o estomago. Esta especie de amblyopia não poucas vezes se converte em amaurosis. Pede a cura primeiramente evitar as causas da enfermidade, em segundo lugar não ver grandes claróes, e usar de remedios, que corroborem os olhos interna, e externamente: corrobora-se a choroide, primeiro abstendo-se de ver luz grande, e muito mais aquelles, que por muitos tempos estiverão em carceres escuros, e se costumárão a ler, e escrever sem luz. Segundo usar de canudos pretos, que absorvem a luz superflua. Terceiro usar de oculos chatos de côr verde, porque estes moderão a luz. Quarto morar, ou assistir em casa, que tenha só huma janella, e as paredes vestidas de côr verde, porque esta côr corrobora a vista. Quinto usar de bandeira de côr verde no candieiro, ou luz de véla, evitando receber nos olhos luz reflectida de córpos excessivamente polidos. Sexto para a acção de trabalhar, e de ler use de hum grande vidro verde, evitando o mais que poder o ler muito, tendo cuidado de olhar para objectos verdes. Ensina a experiencia, que a côr verde he de mais proveito á vista, que a negra; a verde observa-se diminuir vagarosamente a tenção da choroide, a côr negra relaxa total, e repentinamente a mesma membrana. Setimo applicação externa de vinho ophthalmico feito com salva, ortelã, funcho, marcella, e flor de alecrim com alguma porção de espirito de vinho canforado, (esta composição se acha em o N.º XXXVII.) applicando tambem á parte algumas vezes banhos frios.

Oi-

Oitavo receber no uſo interno quina com raiz de valeriana ſilveſtre. A cura paliativa pede o uſo de oculos convexos ſegundo o ſentimento de Plenck, porqne por eſte meio os raios de luz feriráõ a choroide mais fortemente: o que he falſo, pois neſte caſo o foco ſe fará antes della.

A decima ſegunda eſpecie de Amblyopia, he por debilidade de todo o ſyſtema nervoſo, que ſe obſerva depois de grandes, e largas evacuações, e repetidas convaleſcenças de enfermidades agudas. Pede a cura o uſo de remedios cardiacos, nutrientes, e roborantes.

A decima terceira, ſe diz Amblyopia de velhos, ou que acontece na velhice. Muitas são as cauſas deſta enfermidade: pouco ſentimento da choroide, a lente amarella, e a cornea turvada pela materia lymphatica. A cura radical deſta enfermidade he impoſſivel; a paliativa pede o uſo de agoa de lyrios com eſpirito de alecrim.

NICTALOPIA, OU CEGUEIRA DIURNA.

He huma enfermidade, com a qual, os doentes de dia vem pouco, ou quaſi nada, no fim da tarde, e de noite vem excellentemente. A cauſa proxima recebe variedade. As eſpecies são ſete.

Primeira por amauroſis periodica. Se o paroxyſmo principia pela manhã, e termina no fim da tarde, pede a cura ſe uſe do vomitorio, purgante, veſicatorio, e por ultimo quina com valeriana.

A ſegunda, ſe diz por demaſiada ſenſibilidade da choroide. Os enfermos de tal moleſtia não podem ſoffrer a luz do meio dia. *Veja Photophobia.* Não repugna que eſtes enfermos vejão a luz de huma véla, ou da Lua.

A terceira eſpecie ſe diz, Nyctalopia por mancha, ou macula opaca no meio da lente cryſtallina. Quando a luz do meio dia aparta, ou eſtreita a pupilla, não vê nada o doente; quando porém junto ao Sol poſto, ou em lugar obſcuro a pupilla ſe abre, ou dilata, neſte tempo paſsão os raios de luz pela circumferencia traſparente do cryſtallino. Pede a cura extracção da lente.

A quarta eſpecie acontece, quando não ha uſo de luz. Aquelles, que ſahem de carceres eſcuros de repente á luz do Sol do meio dia, nada vem, porém com o tempo ſe acoſtumão á luz para poderem ver.

A quinta eſpecie, ſe diz Nyctalopia por mydriaſis immovel, de que ſe ſegue admittir a pupilla grande quantidade de luz, que não modera por cauſa da ſua immobilidade, pelo que aos doentes, que tanta luz recebem, a meſma muita luz os não deixa ver. A cura paliativa pede o uſo de oculos verdes. Para a cura radical. *Veja Mydriaſis.*

A ſexta ſe diz, Nyctalopia por demaſiado aperto da pupilla, neſte eſtado não admitte os ſufficientes raios de luz, e por iſſo ao doente lhe falta a viſta. Ao Sol poſto porém, que eſte aperto da pupilla cede, os doentes alguma couſa melhor vem. Eſte aperto da pupilla humas vezes he inflammatorio, outras eſpaſmodico. A cura pede uſo de remedios antiflogiſticos, ou antiſpaſmodicos. *Veja Myoſis.* Tambem he util o banho externo do cozimento de raiz de malvaiſco, ou o de flores de malvas, e de meimendro.

A ſetima ſe diz, Nyctalopia endemica, ou propria do Paiz. He tradição, que eſtados inteiros são Nyctalopes, como os Leucethiopes, Albinos, *vulgo*, Pretos-Brancos, Africanos, Americanos, Aſiaticos, cujos olhos

to-

todo o dia chorão, e á noite he que melhor vem. Para estes o uso da cicata he remedio.

A oitava especie se diz, Nyctalopia por causa de perturbação do olho, depois do que o doente póde ver de noite todos os objectos distinctamente. Quando esta molestia apparece, per si se extingue sem applicação de remedio especifico.

HEMERALOPIA, OU CEGUEIRA CREPUSCULAR.

He esta enfermidade hum vicio da vista, o qual permitte que os doentes de dia vejão bem, e ao sahir, e pôr do Sol pouco, ou nada. As especies desta enfermidade são quatro.

Primeira he, por causa de principio de amaurosis, em a qual o doente não vê a luz crepuscular do nascer, e pôr do Sol, mas só a do meio dia, como nem a luz de huma véla. Toda a amblyopia, se he forte, juntamente causa Hemeralopia. Cura-se como amaurosis.

A segunda especie, se diz Hemeralopia por amaurosis periodica. Esta enfermidade tem seu principio pela tarde, e ao crescer do dia seguinte se extingue. A cura pede purgantes, e depois o uso de quina com valeriana.

A terceira especie he por prizão, ou embaraço de transpiração do olho. A choroide necessariamente, embaraçado o humor transpiravel, ha de abundar nelle mais nas horas da tarde, do que no crescer do dia, porque nas tardes está o ar mais frio. Pede a cura remedios evacuatorios, principalmente diaforeticos antimoniaes.

A quarta especie se diz, Hemeralopia endemica, ou natural do Paiz. Esta enfermidade he frequente na China, Moçambique, no Brasil, Polonia, e mais partes destes sitios, como dizem alguns Escritores.

MYOPIA.

He esta enfermidade a difficuldade de ver os objectos distinctàmente, estando hum pouco distantes. São reputados Myopes, os que em passando o objecto de vinte pollegadas já o não vem distinctamente, e dá-se Myopia, que não deixa ver mais do que a tres, seis e nove pollegadas de distancia. A causa proxima desta enfermidade he o ajuntamento dos raios de luz em hum foco antes da choroide. As especies desta enfermidade são sinco.

Primeira he, a que se diz Myopia por demasiada convexidade da cornea. A causa desta excessiva convexidade he, ou por natureza, ou por mais abundante secreção do humor aquoso, razão porque esta enfermidade póde ser em hum dia maior, que em outro, pelo que a hydrophthalmia incipiente he, ou póde ser origem da Myopia. A cura desta enfermidade espera-se no crescer da idade, applicando remedios evacuantes.

A segunda especie de Myopia he por demasiada longitude do globo. Esta longitude póde ser natural, ou por causa de congestão de humores nos olhos, pelo que os artifices occupados em obras miudissimas, como os abridores, e homens, que lem muito, se fazem Myopes passado o tempo da mocidade. Curão-se estes, abstendo-se de trabalhar, e tratar objectos miudissimos.

A terceira especie, se diz Myopia por demasiada convexidade da superficie anterior da lente crystallina. Neste caso os raios da luz, que cahem sobre a lente convergem; e como tanto mais convergem, e se juntão, tanto mais perto, quanto a lente he mais convexa, farão o foco antes da choroide, pois que só o fa-

rião nella, se a convexidade da lente fosse proporcionada á distancia, que vai da lente á choroide.

A quarta especie se diz Myopia por maior densidade da cornea, e dos humores dos olhos. Os experimentos da optica ensinão, que tanto mais depressa os raios de luz se ajuntão no foco, quanto o corpo diafano he mais denso por via de regra.

A quinta especie se diz Myopia infantil, ou de crianças, estas são Myopes por causa da convexidade da cornea, mas pouco a pouco vão vendo as cousas mais remotas, hindo crescendo na idade. A cura radical da Myopia nas crianças espera-se no adiantamento da idade. A cura paliativa nos adultos se consegue vendo por canudos negros sem algum vidro, ou por estreito buraco de hum papel, ou papelão, e por oculos concavos.

PRESBYOPIA.

He esta huma enfermidade com a qual os doentes vem confusamente os objectos proximos, e os distantes mais distinctamente. Assim como a Myopia he usual enfermidade nos moços, he a Presbyopia nos velhos.

Procede isto de os raios da luz se não juntarem senão além da choroide.

AS ESPECIES SÃO NOVE.

Primeira, he a que se diz Presbyopia por causa de planicie da cornea, pois quanto mais plana for esta, tanto menos, e mais tarde quebrão os raios de luz no foco.

Esta enfermidade nasce primeiro por causa de pe-

nuria de humor aquoso, e vitreo, de que a velhice, ou outra alguma enfermidade seja motivo. Segundo, por cicatriz, que diminue a convexidade da cornea. Terceiro, por má conformação da cornea, e por natureza.

A segunda especie, se diz Presbyopia, por ser muito plana a lente crystallina, tambem provém esta enfermidade por causa de velhice, por má conformação da lente por natureza, ou corrupção da lente crystallina.

A terceira, he quando a distancia da lente á choroide he tão pequena, que o foco se faz além desta.

A quarta, se diz por pouca densidade da cornea, ou dos humores do olho, pois quanto mais rarefactas são estas partes, menos quebrão os raios da luz. Os que por esta causa são Presbytos, melhorão com o tempo, por se lhes tornarem a cornea, e a lente mais densas com a idade.

A quinta especie, se diz Presbyopia por costume de ver continuadamente objectos remotos, pelo que os Artifices, que se occupão em ver os ditos objectos remotos, cahem nesta enfermidade.

A sexta especie, se diz Presbyopia de velhos. Por muitas causas os velhos se fazem Presbytos, e principalmente por falta de humor, e por este motivo a cornea, e a lente crystallina se aplanão, e o globo se faz mais pequeno. Quando pois por causa de velhice o globo do olho se faz mais pequeno, e a cornea mais chata, os que antes erão Myopes vem bem, e os oculos concavos, de que usavão, não lhes são mais necessarios.

A setima especie, se diz Presbyopia por muita proximidade dos objectos. O foco dos objectos distantes he mais proximo, e o dos objectos proximos he mais distante.

A oitava, se diz Presbyopia por aperto da pupil-

la, quanto mais apertada he a abertura da divisão no tubo optico, tanto mais remoto he o foco. A cura radical desta enfermidade he impossivel, se a idade não a obrar. A cura paliativa se consegue com o uso de oculos convexos, porque estes quebrão os raios da luz de tal maneira, como se viessem de ponto remoto.

A nona especie, se diz Presbyopia mercurial, a qual provém por causa de muito uso de mercurio, o doente sente no olho aperto com dor, que se augmenta tocando-lhe, o globo endurece, e com difficuldade se move para os lados. Os objectos proximos não os vê totalmente, e os remotos confusamente. Muitos capitulão esta enfermidade por huma amaurosis imperfeita. A cura pede uso de banhos de cozimento de folhas de malvas, e vapores de agua, sangria no pé, e uso de polpa de canafistula com soro de leite. Quando cessar a dor do olho, se deve applicar nas fontes emplastro de tacamaca. Tornando a vista a alcançar-se, se corrobore o olho com o uso de agua fria.

HEMIOPSIA, OU MEIA VISTA.

He esta huma enfermidade, com a qual o doente só vê meios objectos, e não inteiramente como elles são.

AS ESPECIES DESTA MOLESTIA SAÕ TRES.

Primeira, ha a que se diz Hemiopsia por offensa da metade da cornea, ou da lente, pois nesta meia parte enferma se suffocão os raios da luz. Pede a cura, que se tire a opacidade da cornea, ou se extraha a lente opaca. *Veja Maculas da cornea.*

A segunda especie, he por amaurosis de meia choroide, onde vão differentes feixes de raios, que partem de diversos pontos do objecto fazer o foco. Pede a cura, que se extingua a causa, que produzio a amaurosis. *Veja Amaurosis.*

A terceira especie, se diz Hemiopsia nervea, que parece ter sua origem no nervo optico. A cura pede o uso de remedios nervinos, e interpolados purgantes, mais, ou menos complicados segundo as causas.

MYODESOPSIA, OU VISÃO DE MOSCAS.

He esta enfermidade tal, que ao doente della se representa ver diante dos olhos hum ponto negro, que parece semelhante á mosca, ou têa negra de aranha.

Quando o olho se move, move-se juntamente o ponto negro, ou têa de aranha, e fica fixo, quando o olho está quieto. Os homens, que tem a vista aguda, e se detém em luz serena, costumão ser accommettidos destas representações de moscas, ou flocos negros. A causa proxima desta enfermidade he hum ponto opaco em algum lugar da retina, ou humor espesso pegado em algum vaso della, ou espalhado sobre a superficie da retina, ou permanente em vaso varicoso da mesma retina, ou da choroide, que está sujeita a todos estes accidentes.

AS ESPECIES DESTA MOLESTIA SÃO QUATRO.

Primeira, he a que se diz Myodesopsia por ponto opaco na choroide, a qual he especie de parcial amaurosis, e não poucas vezes se confirma em total gota serena. Cura-se como amaurosis, ou gota serena.

A

A segunda especie, he a que se diz sanguinea, que tem origem na congestão de sangue em algum pequeno vaso da retina, ou da choroide. Enfermidade, que se encontra ordinariamente nos freneticos, nos pletoricos, nos abrazados do calor do Sol, nas pessoas, a quem se supprimirão os menstruos, ou as evacuações hemorroidaes, e nos que tiverão por muito tempo a cabeça inclinada para diante. A cura pede sangria, tizana de lenhos, purgantes mais, ou menos repetidos, externamente remedios revellentes, e repellentes, como banhar os olhos com agua fria. A Myodesopsia dos freneticos extingue-se, tendo pelo nariz larga Hemorrhagia de sangue.

A terceira especie, he por atonia da choroide, que aparece por causa de muito ler, demasiado velar, frequente uso de ver por telescopios, ou microscopios, ou por causa de vehemente toque de raios de luz na choroide. A cura pede abstracção da causa, usando externamente banhos ao olho de agua fria, internamente remedios roborantes, como quina com raiz de valeriana, esfregar as sobrancelhas com licor anodyno mineral de Hoffmano.

A quarta especie, he por contusão no olho, a qual he causa de se espalhar sobre a retina alguma pequena porção de humores, ou tambem sobre a choroide. Cura-se sangrando, diluindo, e dando externamente á parte banhos descucientes, como o collyrio. N.º IX.

VISTA RETICULAR.

He esta huma enfermidade, com a qual ao doente se representa ver hum delicado tecido de sombras ramosas, ou cousas semelhantes a têas de aranhas. A cau-

ſa proxima he a dilatação dos vaſos eſpalhados pela retina, que aſſim dilatados a comprimem a ella, e á choroide, ou tambem pela dos vaſos da meſma choroide.

AS ESPECIES DESTA ENFERMIDADE SÃO DUAS.

A primeira, he a que ſe diz viſta reticular por congeſtão de ſangue na retina, ou choroide. A inſpiração reprimida, ou a cabeça inclinada para diante por muito tempo, póde fazer apparecer a viſta reticular. Eſta eſpecie de enfermidade com brevidade deſapparece, tirada a cauſa.

A ſegunda eſpecie, ſe diz visão reticular permanente, ou que ſempre exiſte: neſta eſpecie ſe obſervão os vaſos do fundo do olho conſtantemente turgentes, o que póde ſer por frouxidão, ou atonia dos meſmos vaſos. Pede o curativo fomentações roborantes, ou de agua fria applicadas externamente ao olho, ou o collyrio. N.º XII., e no uſo interno quina com valeriana.

VISTA NEBULOSA.

He eſta huma enfermidade, com a qual ao doente lhe parece ver os objectos como por entre nevoa, ou por hum panno de peneira, ou quaſi ás eſcuras. A cauſa proxima póde ſer, ou o impedimento de paſſarem os ſufficientes raios de luz para a choroide, ou a inſenſibilidade da meſma choroide.

AS ESPECIES SÃO OITO.

A primeira, he a que ſe diz viſta nebuloſa por principio de Cataracta, a qual he cauſa de paſſarem muito pou-

cos

cos raios de luz para a choroide. A cura pede o uſo dos remedios fundentes mercuriaes, e não ſe venſendo o progreſſo, e completando-ſe a Cataracta, ſe extraha.

A ſegunda eſpecie, ſe diz viſta nebuloſa por principio de amauroſis. Quando a choroide já ſe acha quaſi inſenſivel, não podem os raios de luz fazer nella a neceſſaria, e natural impreſsão. Pede a cura deſta moleſtia, que ſe extingua a amauroſis.

A terceira, ſe diz viſta nebuloſa por leucoma da cornea, a qual impede a paſſagem dos neceſſarios raios de luz, para formar a visão clara, ſendo diſſo cauſa os lugares opacos, que ella conſtitue. Cura-ſe eſta enfermidade, como ſe diſſe das máculas, e obſcurações da cornea, ſervindo tambem as applicações dos collyrios ſeccos N.º XXIV. N.º XXV., e N.º XXVI., ou as compoſições do N.º XX.

A quarta eſpecie, ſe diz viſta nebuloſa por cauſa de turvação de humor aquoſo, a qual impede a paſſagem dos neceſſarios raios de luz. Pede o curativo, que o humor aquoſo ſe purifique, e faça diafano. *Veja Turvação do humor aquoſo.*

A quinta, ſe diz viſta nebuloſa por principio de glaucoma; o meſmo que no humor aquoſo ſuccede, ſe verifica no humor vitreo, quando ſe principia a fazer opaco. A cura com difficuldade ſe conſegue. *Veja Glaucoma.*

A Sexta, ſe diz viſta nebuloſa por principio de fraqueza de animo, pois nos deſmaios não ſó ſe torna a viſta turva, mas totalmente eſcura, por cauſa de ceſſar na choroide a circulação do ſucco nerveo. Cura-ſe extinguindo o deſmaio.

A ſeptima, ſe diz viſta nebuloſa, por debilidade da choroide, que a torna algum tanto inſenſivel. Da cau-

ſa, e cura deſta eſpecie de enfermidade. *Veja Amblyopia por debilidade da choroide.*

A oitava, ſe diz viſta nebuloſa por cauſa de haver recebido veneno internamente, o qual por conſenſo opéra no eſtomago, e choroide. Pede a cura o uſo de remedios emeticos.

METAMORPHOSE, OU VISTA DESFIGURADA.

He eſta huma enfermidade, com a qual o doente vê mudadas as figuras dos objectos. As eſpecies deſta enfermidade são ſete.

A primeira, he a que ſe diz Metamorphoſe augmentada, que ſe verifica, quando aos doentes ſe repreſentão os objectos maiores, do que na verdade são. Póde eſta enfermidade ter origem por cauſa da myopia, por ſaburra das primeiras vias, ou por enfermidade nervoſa, que ſerá attendida ſegundo as cauſas.

A ſegunda eſpecie, ſe diz Metamorphoſe diminuta, em a qual os doentes obſervão os objectos de menor volume, do que na verdade são. Tambem ſe tem obſervado proceder eſta eſpecie por ſaburra das primeiras vias. A cura pede vomitorio, e purgante.

A terceira eſpecie, ſe diz Metamorphoſe tremula, com a qual enfermidade os vertiginoſos, os bebados, e os que padecem queixas nervoſas, ſe vem accommettidos. Algumas vezes tem origem eſta moleſtia na ſaburra das primeiras vias, ou ſuppreſsão da tranſpiração, pelo que a cura ſerá ſegundo as cauſas, de que procede eſta enfermidade, vomitando, ou tranſpirando.

A quarta, ſe diz Metamorphoſe tortuoſa, ou flexuoſa. Eſta moleſtia faz, que aos doentes della pareção todas as couſas curvadas, ou tortas. A cauſa deſta enfer-

fermidade eſtá ou nos nervos, ou nas primeiras vias, motivo porque os remedios devem ſer, ou evacuantes, ou antiſpaſmodicos.

A quinta eſpecie, ſe diz Metamorphoſe inverſa, a qual ſuccede, quando ao doente parecem voltados todos os objectos. Eſta extravagante moleſtia dura mais, ou menos tempo, deixando (quando deſapparece de todo) a viſta dos doentes mais eſcura. Pede uſo da Opiata N.º XIII.

A ſexta eſpecie, ſe diz imaginaria, que he a repreſentação de objectos, que não eſtão preſentes, como acontece ás vezes aos dilirantes, freneticos, e viſionarios, ou que ſonhão. Pede a cura extinção da materia, que he origem da visão imaginaria, tendo lugar a meſma Opiata, citada na quinta eſpecie.

A ſeptima, ſe diz Matamorphoſe por impreſsão actual, enfermidade, que accommette aos que attentamente vem qualquer objecto na preſença de muita luz, os quaes por muito tempo ficão vendo depois eſſe meſmo objecto como preſente.

CHRUPSIA, OU VISTA CO'RADA.

He eſta huma enfermidade, com a qual o doente vê os objectos com diverſa côr da natural, ou lhe parecem ſemelhantes ao arco iris, ou á cauda do pavão. A cauſa proxima he a côr alhea na choroide, ou aperto da meſma, que he ſemelhante á irritação, que excita na choroide o foco da tal côr. As eſpecies são oito.

A primeira, he a que ſe diz Chrupſia de ictericos, aos quaes enfermos todos os objectos parecem amarellos. Pede a cura extinção da ictericia, vomitando, e fazendo uſo da Opiata N.º XIII.

A segunda especie, he por effusão de sangue, pois este espalhado, ou extravasado nas camaras do olho, e junto da retina, tinge os objectos de côr vermelha. A cura pede sangria, purgante antiflogistico, e fomentação discuciente, e poderá ter lugar o Collyrio N.º IX.

A terceira especie, succede por esfregação forte no olho, principalmente em lugar escuro, pois se observa, que depois da esfregação, apparecem nos olhos humas como cores de cauda de pavão, que se extinguem pouco a pouco.

A quarta especie, se diz febril; doentes, que padecião febres pestilenciaes, se lhe representavão na vista cores como do arco iris.

A quinta especie, se diz Chrupsia por causa de olhar para o Sol. Os que para elle olhão, logo a primeira imagem, que se lhes representa, he muito resplandecente, e depois degenera em vermelha, amarella, cerulea, e negra; e ultimamente de todo se desvanece.

A sexta especie, acontece por causa de impressão permanente; por isso aquelles, que por muito tempo olhão para hum panno muito vermelho, tirando-o de repente diante dos olhos, por muito tempo se lhe representa na vista a mesma côr vermelha.

A setima especie, se diz nervosa, a qual apparece, quando o sujeito padece grande medo, pois que nestes objectos se lhe representão humas vezes de côr verde, outras de amarello. A causa segunda desta enfermidade póde ser humas vezes o delirio, outras a saburra do estomago. Pede a cura a extinção destas causas.

A oitava, se diz Chrupsia por mistura de raios de luz de diversas cores, formada fóra dos olhos, pelo que se alguem pozer sobre o nariz huns oculos com hum vidro azul, e outro vermelho, e olhar para a luz,

ef-

esta lhe parecerá roxa. Tambem accendendo enxofre em lugar escuro, todos os circumstantes parecerão de côr amarella esverdenhada.

PHOTOPSIA, OU VISTA LUZIDA.

He esta huma enfermidade, em a qual ao doente se representa ver huns como raios, linhas, ou faiscas de fogo, ou visão de relampago. A causa proxima destas visões resplandecentes parece ser (attendendo as causas, que as produzem) huma pressão feita sobre a choroide, como a que produz o foco luminoso. As especies desta enfermidade são seis.

Primeira, he a que se diz Photopsia por pancada no olho, molestia que vulgarmente se está experimentando, pois dizem os que recebem alguma pancada, que observão saltar-lhes do olho humas como faiscas de luz.

A segunda especie, se diz Photopsia por enfermidade dos nervos. Os resplendores apparecidos antes do tetano, da epilepsia, ou de outras enfermidades espasmodicas, pertencem a esta classe. A cura pede extinção do morbo espasmodico.

A terceira especie, se diz Photopsia por congestão de sangue na retina, nervo optico, ou choroide, enfermidade que se tem observado apparecer por causa de tosse, vomito, espirro, vertigem, antes da amaurosis, e apoplexia. Tem tambem origem na suppressão dos menstruos, ou das evacuações hemorrhoidaes. Pede a cura sangria, purgantes, e remedios revellentes no uso interno, e no externo banhos de agua fria.

A quarta especie, se diz Photopsia por causa de trabalhar em corpos miudissimos, pelo que a muita appli-

plicação de cozer, e bordar á luz, póde ser origem desta enfermidade, causando congestão de sangue, pois semelhantes trabalhos irritão os olhos, e a irritação attrahe, e causa a dita molestia. A cura he a mesma que se disse na terceira especie, evitando a causa, que a faz produzir.

A quinta, se diz Photopsia por causa de passar a noite em vigia.

Referem alguns Escriptores, que talvez aconteceo serem tão vivas estas faiscas, que bastavão para se verem os objectos; do qual facto com razão duvida o celebre Haller.

A sexta especie, se diz Photopsia por copia de lagrimas, que humedecendo os olhos, os raios da luz antes de passarem pela Cornea, primeiro quebrão nas lagrimas. Esta especie de enfermidade se desvanece, ao passo que as lagrimas se enxugão.

ESTRABYSMO.

He esta huma enfermidade, com a qual o doente vê os objectos, trocando os eixos visuaes de hum, ou de ambos os olhos. Esta torcedura, que por effeito de contracção fazem os musculos dos olhos, para a parte superior, inferior, e lateraes, se observa em hum, ou em ambos os olhos, ou tambem se vê desigual, como torcendo hum olho para o Ceo, e outro para a terra. Os effeitos do Estrabysmo são, não só a deformidade dos olhos, mas tambem huma maior fraqueza de vista para decernir corpos distantes, e divididos, principalmente em principio de enfermidade. As especies do Estrabysmo são dez.

A primeira, he a que aparece nos recentemente

naſ-

nascidos. Todas as crianças recemnascidas trocão os olhos, mas pelo decurso do tempo observão, e vem os objectos mais distinctamente, olhando para elles direitamente com ambos os olhos, a qual direcção a poucos tempos se faz nelles natural; e durando esta enfermidade até a idade de seis annos, se póde usar de oculos compactos, e concavos, que eu tenho aconselhado algumas vezes para semelhante molestia, que constão de duas laminas de latão pintadas, com hum pequeno orificio no meio, guarnecidas de hum bocado de pelica; tem quatro fitas para se atar na parte posterior da cabeça, cuja figura se representa na (*Est.* 3. *fig.* 4.)

A segunda especie, se diz Estrabysmo por causa de verem as crianças juntamente, ou ao mesmo tempo dois objectos, pois deitada a criança no berço, ficando-lhe de cada parte hum objecto, que ella muito ama, como por exemplo, de huma parte ter hum espelho, ou luz de janella, e da outra a mãi, ou ama, que a cria, para quem ella continuamente attende, facil he cahir no Estrabysmo. Pede a cura desta especie, que o olho são se tape com ligadura por alguns mezes (se o Estrabysmo for só em hum dos olhos) porque se for em ambos, se tape por alguns dias o olho direito, e depois por outro igual tempo só o esquerdo, pois assim o olho destapado por este simplicissimo remedio, pouco a pouco se irá costumando a ver os objectos direitamente; isto he conselho de alguns, porém os oculos concavos, de que fallo, dão melhor satisfação a este curativo.

A terceira especie, se diz Estrabysmo por tortura, ou contracção de hum dos musculos do globo. As crianças, a que nasce sobre o nariz alguma verruga, ou outra qualquer prominencia, se costumão a entortar a vista

para observar essa tal excrescencia, motivo, e causa porque pela contínua applicação de ver a molestia sobre o nariz, paulatinamente cahem em Estrabysmo. Pede a cura remedios roborantes externos, assim como banhos de vinho com algumas gotas do seu espirito canforado, ou o do N.º XII.

A quarta especie, se diz Estrabysmo por causa de Amblyopia, ou Myopia de hum olho. Pelo que se o olho esquerdo não vê mais longe, do que meio pé, e o direito mais longe de hum pé, então nós costumamos a ver o objecto sómente com o olho direito, sem usar do olho mais fraco, ou de vista mais curta. O mesmo se observa nos cegos de hum olho, pois o olho cego na verdade se aparta do são. Os que são cegos de ambos os olhos são tambem vesgos de ambos.

A quinta especie, se diz Estrabysmo por espasmo de hum musculo do globo. Neste caso o globo fica immovel para a parte do musculo, que cahio no espasmo. A causa desta enfermidade póde ser a saburra das primeiras vias, a molestia hysterica, ou hypocondriaca, por causa de susto, ou picada no olho. Pede a cura, que se desterre a causa.

A sexta, se diz Estrabysmo rheumatico, que procede por causa de rheumatismo de hum musculo do globo. Conhece-se pela existencia da dor rheumatica, e o mover-se o globo. A cura pede purgantes, remedios aperitivos, e anti-rheumaticos, fazendo muito uso de cosimento de salsa parrilha, com igual parte de soro.

A setima especie, he por paralysia de hum musculo do globo. Nesta enfermidade o musculo contrario ao que está paralytico se contrahe mais fortemente, e obriga o globo a ficar inclinado para a sua parte, se porém ambos os musculos se acharem paralyticos, então

o

o globo ficará immovel, e o seu movimento não se verá correspondente ao globo do olho são. As causas desta enfermidade podem ser contusão da cabeça, ou do mesmo olho, presagio de apoplexia, insulto epileptico, que algumas vezes faz os musculos paralyticos, e ferida de nervo ocular. A cura pede remedios antiparalyticos, como a arnica, remedios nervinos internos, e externos, fogo electrico.

A oitava especie, he por immobilidade de hum globo; manifesta-se esta enfermidade, quando se vê, que o globo immovel não corresponde nos movimentos ao globo são. As causas, que fazem o globo immovel, são a concreção do dito globo com a sua orbita, por causa de se haver extincto o filtrado muco orbital, ou por motivo de tumor exostosico, que comprime o globo para esse lado. Tambem póde ser causa o muito descanço dos musculos, como se se tiver tapado, e atado o olho por muito tempo, pois o descanço causa contracção nos musculos. A cura pede, que se tire a causa; se esta se não póde vencer, incuravel será o Estrabysmo.

A nona especie, se diz Estrabysmo endemico, ou proprio do Paiz. Quasi todos os habitantes da Asia Equinocial são Estrabões, e Nyctalopes, assim o confirmão os observadores do dito Paiz. Os doentes desta molestia, de dia tanto manifestão o branco do olho, que escondem a pupilla debaixo das palpebras, para que os raios do Sol, que reflectem da arêa, lhes não offendão a vista.

A decima especie, se diz Estrabysmo Symptomatico, como o que he symptoma do hydrocephalo interno, de epilepsia, tetano, e da morte. Todos estes Estrabysmos são mortaes.

VISTA OBLIQUA.

He esta huma enfermidade, em a qual o doente não póde ver os objectos direita, mas sim obliquamente. As especies desta molestia são cinco.

Primeira, he a que se diz vista obliqua, por causa de leucoma no meio da Cornea. Quando o doente recebendo os raios dos objectos, estes não podem passar direitos, por causa de leucoma, que se acha no meio da Cornea, então para os ver he obrigado a buscar direcção obliqua. Pede o curativo, que se extingua, e cure o leucoma, que he a causa desta segunda enfermidade, para o que veja em seu lugar. *Maculas da Cornea.*

A' segunda especie, se dá por causa a situação obbiqua da lente crystallina. Nesta enfermidade quebrão os raios da luz obliquamente na lente chrystallina, por causa da situação da mesma lente, e não cahem no meio da choroide, mas sim a hum lado, e por isso o doente vê como obliquamente. As causas, porque mudão as lentes de sua natural situação, são ou podem ser a má conformação por natureza, ferida da Capsula chrystallina, ou das sobrancelhas, commoção, ou pancada na cabeça, ou olho. O sinal diagnostico desta enfermidade he quando a figurinha, ou imagem representada no olho, não apparece no meio do olho do doente, senão obliquamente para hum lado. A cura desta molestia he impossivel: o doente ficará com seu incommodo ao ver os objectos, ainda que se extraha a lente.

A terceira especie, se diz luz obliqua, por situação lateral da pupilla. Neste caso, devemos virar a cara, e olhos obliquamente, para que os raios de luz pos-

posſão entrar pela pupilla lateralmente. A cura he impoſſivel conſeguir-ſe.

A quarta eſpecie, ſe diz obliqua, por cauſa de inſenſibilidade do ponto viſorio na choroide; quando a parte media da choroide não ſente bem, fazendo os objectos eſcuros, ou totalmente imperceptiveis; então procurando receber os raios de luz com direcção obliqua, ſe diſtinguem, e vem os objectos externos. A cura deſta enfermidade ſó póde ſer a paliativa, lembrada no capitulo da amaurofis, porque a radical he impoſſivel fazer-ſe.

A quinta eſpecie, ſe diz obliqua por obliquidade da Cornea. Eſta enfermidade faz que os raios de luz ſejão dirigidos ao foco obliquamente. Sobre eſte ponto ha diverſos ſentimentos, o que ſe poderá ver nos melhores Authores, que tratárão deſta materia.

DIPLOPIA, OU VISTA DUPLICADA.

He eſta huma enfermidade, na qual o doente vê o meſmo objecto duas, ou mais vezes ao meſmo tempo. A cauſa proxima deſta moleſtia he a dilocação dos eixos da viſta; ou dobrada, e multiplicada imagem, repreſentada na choroide de hum olho. As eſpecies deſta enfermidade são onze.

A primeira, he a que ſe diz Diplopia, por cauſa de Eſtrabiſmo. Se a imagem de hum objecto ſe repreſentar ao meſmo tempo em o meſmo lugar, em huma, e outra choroide, então ſe vê eſſe objecto huma ſó vez, ou ſingelamente, porque eſſe meſmo objecto move ambas as choroides igual, e conjunctamente. Se porém, por cauſa de Eſtrabyſmo, hum olho ſe move fóra do ſeu eixo natural, então a repreſentação da imagem do ob-

jecto no olho são, se faz no meio da choroide, e no olho enfermo se faz para hum lado da mesma choroide, que lhe compete; e neste caso, como se fazem as sensações em dois differentes lugares, se excitão duas imagens, e apparece hum objecto representado duas vezes. Quando porém os Estrabões sentem, ou padecem debilidade em hum, ou outro olho, neste caso só vem com o olho são, pois o relaxado, ou debil, pouco uso póde ter, porque no olho são se representa a imagem do objecto clara, e distinctamente, e no olho torcido, ou debil, se representa o objecto escuro, de sorte que os Estrabões pela succesão do tempo deixão de padecer a Diplopia. A cura desta enfermidade pede seja curado o Estrabysmo, o que se verá no seu lugar.

A segunda especie, se diz Diplopia, por compressão do olho. He bem sabido pela experiencia, que vemos os objectos duplicados, quando com o dedo comprimimos o olho para hum lado. O mesmo se observa, se por causa de exostosis, ou outro algum tumor, que nasça dentro da orbita, o olho se comprime para hum lado. A razão he, porque compresso o olho para qualquer lado, se faz a sensação do objecto na choroide delle em differente lugar, da que faz o mesmo objecto na choroide do olho são; e então o mesmo objecto produz duas imagens ao mesmo tempo. Pede a cura desta enfermidade extinguir o tumor, que faz, ou he causa da compressão. *Veja Exophthalmia* em o seu proprio lugar.

A terceira especie, se diz Diplopia por Anchyoblepharo. Se se furar huma carta de jogar em duas partes, com hum pequeno alfinete, de tal modo, que os buraquinhos não distem entre si mais que o diametro da pupilla, isto he, que não occupem maior espaço,

que ella, e se a esta carta assim furada se applicar hum só olho, tendo o outro tapado, e puzer defronte a luz de huma véla em certa distancia, então se verá pelos dois buraquinhos da carta, que se representa a luz da véla duplicada; e se os buraquinhos forem tres, tres serão os objectos de luz, que se representarão ao mesmo tempo. Se pois finalmente a divisão dos cabellos das pestanas for de tal modo, que deixem entrar a luz, como por muitos buraquinhos, não será cousa maravilhosa experimentarem estes doentes a visão dos objectos, tres, quatro, ou mais vezes representados ao mesmo tempo. A cura desta enfermidade pede divisão das palpebras. *Veja no seu lugar proprio Anchyloblepharo.*

A quarta especie, se diz Diplopia, por causa de lagrimas occurrentes. Se as pestanas se humedecem, nellas se fórmão tantas lentes, quantos são os pingos de agua; e por essa causa se tantas forem as lentes, tantos serão os objectos multiplicados no mesmo tempo. Pede a cura, enxugar as pestanas das lagrimas, que as fazem humidas.

A quinta especie, se diz Diplopia por causa de ser Polyedra, ou de muitas faces a lente chrystallina. Nesta enfermidade se fórmão dois focos, que causão na choroide a representação de dois objectos, sendo aliàs hum só, como se manifesta pelos vidros oitavados. A cura pede, que se extraha a lente chrystallina.

A sexta especie, se diz Diplopia por duplicada pupilla em hum só olho: motivo porque na choroide se fórmão dois focos, que representão dois objectos, sendo só hum. Esta enfermidade he incuravel. Dão-se tambem casos, em os quaes com duas pupillas se não observa a enfermidade dita Diplopia.

A setima especie, se diz Diplopia por abertura de

pu-

pupilla não natural. Neste caso os raios da luz pintão as imagens dos objectos em diversos lugares da choroide, razão porque padecem os doentes a enfermidade Diplopia. He mal incuravel.

A oitava especie, se diz Diplopia por causa de mudança de lugar proprio da lente. Tambem neste caso outro he o foco no olho doente. Pede a cura extracção da lente, pois de outro modo tratada, brevemente cahe na enfermidade, chamada Cataracta.

A nona especie, se diz Diplopia por Cataracta parcial, observando-se a lente opaca sómente em huma parte della, o foco dividido por causa da opacidade intermedia. Pede a cura extracção da lente.

A decima especie, se diz Diplopia por Myopia, ou vista curta. A causa desta enfermidade, geralmente fallando, ignora-se, mas póde algumas vezes proceder de a lente do Myope ser Polyedra.

A undecima especie, se diz Diplopia nervosa, a qual apparece por particular enfermidade do nervo optico, por sympathia, ou mal pegado, ou tambem por causa de medo, saburra do estomago, recepção de veneno, bebedeira, pancada na cabeça, sobrancelhas, ou nos mesmos olhos, por causa de apoplexia, por enfermidade hysterica, ou hypochondriaca. Pede a cura, que se extingão as causas, applicando externamente ao nervo frontal fomentação de licor anodyno mineral, ou outro qualquer remedio nervino, fazendo a esfregação ao dito nervo frontal desde o nascimento das sobrancelhas até as temporas.

Estas as enfermidades dos olhos, e seus curativos, que tenho exposto com a brevidade, e precisão, que me parecerão proprias de hum Tratado Elementar, deixando as explanações, ou para a viva voz dos Pro-

fes-

feſſores, ou para ſe verem nos diverſos eſcriptos, que tem apparecido ſobre eſta materia, que por delicada, nobre, e intereſſante a nenhuma céde de quantas são objecto da Cirurgia.

INGENTIBUS vere & variis caſibus oculi noſtri patent; qui, quum magnam partem ad vitae ſimul & uſum & dulcedinem conferunt, ſumma cura tuendi ſunt.

Celſ.

COL-

COLLECCÃO

De differentes remedios, para a cura das molestias dos olhos, no uso Interno, e Externo.

Do uso Interno são os seguintes.

N.º I.

Pirolas Hydragogas.

Sene limpo . . . . onça meia.
Cremor tartaro . . . . Escropulos quatro.

Forme tintura S. A. que fique bem saturada, resultando depois da expressão forte, onças huma e meia; depois ajunte pouco a pouco as drogas seguintes, em poz subtis.

Mechoação . . . . .
Agarico . . . . . .
Rabarbaro . . . . .
Scammonea . . . . .
Raiz de norça . . . .
Hermo-da-tidos . . . .
} an. onça meia.

Turbit gomoso . . .
Goma guta . . . .
Trociscos allandal . . .
Mercurio doce . . .
Tartaro emetico . . . .
} an. escropulos quatro.

Açafrão de marte apperitivo	an. efcropulos dezefeis.
Nitro.	
Jalapa	an. onça huma.
Azebar fucotrino	
Ethiope mineral fem fogo . .	efcropulos oito.

Agite fem ceffar efta miftura, com huma efpatula de ferro, tendo o cuidado que fenão queime em o fundo, diminuindo o fogo á medida que a miftura dos fimples tomão mais confiftencia, e logo que a maffa fe fizer fuficientemente firme, forme pirolas, de grãos feis cada huma.

Virtudes.

Efte purgante he fingular nas moleftias dos olhos, e muito particularmente, tendo por caufa o Virus fcrophulofo. He tambem expecifico nas hydropefias, como tem moftrado a experiencia. A fua dofe he de feis pirolas para os adultos, e de tres para os infantes, que tiverem para cima de doze annos, e de mais, ou de menos, fegundo a conftituição, idade, e forças dos doentes, e a caufa o pedir. Se parecer grande a compofição deftas pirolas, devem advertir no bem, que ellas produzem, que he maior. . . . .

N.º II.

Goma galbano	an. oitava huma.
Sagapeno	
Sabão de Veneza	
Rhabarbaro elleсto em pó	an. oitava huma.
Summo de Alcaçus	
Tartar. emetico	grãos dezefeis.

Mif-

Misture, e forme pirolas, de grãos seis cada huma. A dose são tres de manhãa, e outras tantas de tarde: são proprias para desfazer o principio das catharactas, mas com attenção sempre á propria natureza, e complicações.

N.º III.

Calamelanos bem doces . . escropulos hum.
Diagridio . . . . escropulos dois.
Jalapa, e Nitro an. . . . oitava meia.

Misture com charope de chicoria composto, formando massa, e depois pirolas, de grãos seis cada huma, para tomar tres por cada dose. São uteis nas molestias oculares, para que são lembradas.

N.º IV.

Azougue puro . . . . . . oitava huma.
Goma arabia . . . . . . oitavas tres.
Miolo de pão em pó . . . onça meia.

Charope de chicoria composto, quanto baste, para formar massa, e depois pirolas, de grãos tres cada huma. A primeira dose he de duas pirulas, a segunda de quatro.

N.º V.

Calamelanos bem doces } an. Escropulo hum.
Azouge vivo . . . . . }
Diagridio . . . . . . } an. Escropulos dois.
Jalapa . . . . }
Assucar cande . . . . . oitava meia.

Forme massa com charope de chicoria composto, e pirolas de grãos seis cada huma, para terem uso tres em cada dose, ou mais, se a necessidade o pedir, e a pratica ensinar.

N.º VI.

Azougue	an. onça meia.
Diagridio	
Jalapa	
Nitro, e Açucar cande an.	oitava huma.

Forme massa com charope de avenca, e depois pirolas de grãos quatro cada huma, para se tomarem duas de manhãa, e duas de tarde, augmentando o número, ou deminuindo as repetições das doses, ou metendo de intervallo alguns dias, como ensinar a experiencia.

N.º VII.

Extracto de cicuta . .	an. escropulo hum.
Calemclanos bem doces .	
Diagridio	Escropulos dois.
Jalapa	oitava huma.
Açucar cande	Escropulo hum.

Misture com charope de Sene, e forme vinte e quatro pirolas, para tomar em cada dose tres. Attendem ao curativo da gota serena, e mais molestias oculares.

N.º VIII.

Rais de enula Campan em pó	an. oitavas duas.
Milepedis	

Ex-

Extracto panchimagogo . . oitava huma e meia.
Kermes mineral . . . . . grãos quatro.
Ethiope mineral sem fogo . oitava meia.

Forme massa com o que b. de charope de nove infusões, e pirolas de grãos seis cada huma. A dose he de seis pirolas. São proprias na amaurosis serosa.

N.º IX.

Milepedes em pó . . . ⎫
Diagridio . . . . . ⎬ an. oitava huma.
Extracto panchimagogo . ⎭
Calamelanos . . . . . ⎫
Ethiope mineral sem fogo ⎭ an. oitava meia.
Kermes mineral . . . . grãos tres.

Forme pirolas com qualquer charope purgante de grãos seis cada huma, tomando seis em cada dose tem o mesmo uso, que as antecedentes.

N.º X.

Goma rezina de páo Santo ⎫
Amoniaca . . . . . . ⎭ an. oitava meia.
Sal marte . . . . . . ⎫
Tartaro Vitriolado . . . ⎭ an. oitava meia.
Scamonea . . . . . . grãos vinte.
Quermes mineral . . . . grãos seis.
Rabarbaro . . . . . . Escropulos dois.

Tudo bem subtil forme pirolas de grãos seis cada huma, com o que b. de charope de duas raizes. A dose he de quatro pirolas.

N.º XI.

N.º XI.

Goma resina de páo Santo . . } an. oitava huma.
Amoniaca . . . . . }
Ethiope mineral sem fogo . . oitavas tres.
Scamonea . . . . . oitava meia.
Quermes mineral . . . . grãos desceseis.

Tudo bem subtil, forme pirolas de grãos seis cada huma, com o que b. de charope Aureo. Dasse o mesmo número em cada dose, que se diz das antecedentes.

N.º XII.

Mercurio purificado . . . . oitavas huma e meia.
Enxofar dourado de antimonio }
Rezina de páo Santo . . . } an. oitava huma.
Sabão de Veneza . . . . }

Misture o mercurio com a rezina, e sabão em hum gral de vidro, até de todo desapparecerem os globos mercuriaes: depois ajunte o enxofar com o charope, que b. de chicoria composto, para formar massa, e pirolas de grãos seis, cada huma, que servirão, tres em cada dose.

Opiata ocular solutiva.

N.º XIII.

Polpa de Tamarindos . . }
Charope aureo . . . . } an. onças duas.
De chicoria composto . . }

Ma-

Maná de lagrimas . . . . . onça huma.
Cremor tartaro . . . . . oitavas ſeis.
Ethiope mineral ſem fogo . . oitava huma e meia.
Rabarbaro em pó, e } an. oitava huma.
Jalapa . . . . }
Milipedes . . . . oitava huma e meia.
Eſcamonea . . . . } an. grãos deſoito.
Rezina de Jalapa . . . . }
Sal martis . . . . } an. Eſcropulos dois.
Sal Volatil de ponta de Viado }
Conſerva de caſcas de laranja. onças duas.

Miſture para formar opiata S. A. A doſe para os adultos ſão duas colheres, para os infantes huma. He ſingular nas moleſtias de olhos, ſeja qual for a cauſa dos humores.

Opiata anti-ſcrophuloſa.

N.º XIV.

Quina, da melhor . . . . . onça huma.
Ethiope mineral ſem fogo . oitavas duas.
Mercurio doce ſublimado . . oitava huma.

Reduza tudo a pó ſubtil, e com ſuficiente quantidade de charope de chicoria compoſto, forme opiata, ajuntando tres oitavas de extracto de azebar. Eſte remedio he poderoſo contra as moleſtias de olhos, que tem por cauſa o virus ſcrophuloſo. A doſe he de trinta grãos para os adultos, e de doze para os infantes, e de mais, ou de menos, conforme o caſo pedir.

N.º XV.

Rabarbaro contuso }
Sene limpo . . } an. oitava meia.
Semente de herva doce. Escropulo meio.

Faça infusão em agua commua, e a coadura de
. . . . onças duas.
Desate maná escolhido onça huma e meia.
Sal de glauber . }
Polycresto . . . } an. oitava huma.
Charope aureo . . . onça huma.

Este Laxante se dá todo em huma dose, nas molestias de olhos, que atacarem as pessoas de constituição, e nervos fracos.

N.º XVI.

Diagridio . . . . oitavas duas.
Calamelanos lavados . . . . oitava huma.
Sabão de veneza . . . . oitavas tres.

Forme massa com qualquer charope purgante, e devida em pirolas, num. 96.

Destas pirolas se devem tomar quatro em cada dose, com hum copo da tizana ocular, num. 17.

Estas pirolas obrão com muita suavidade, são muito desobstruentes, e proprias nas molestias oculares, segundo o que pedir a indicação.

N.º XVII.

N.º XVII.

Tizana ocular.

Salſa parrilha da melhor . . .	onças duas.
Bardana	onça huma.
Grama	onça meia.

Faça cozimento em agua commua, que fique em libras quatro. Eſta tizana ſe uſa de manhãa, e tarde; com as pirolas, ou ſem ellas.

N.º XVIII.

Frango medicinal.

Huma porção de frango, ou vitella, com

Raiz de eſcorcioneira	q. b. para coſimento. lib. duas.
Valeriana	
Sevada	
Pevides, e caſcas de Cidra . .	
Raſpas de Viado	
Flores cordiaes	
Nitro Perlado	eſcropulos dois.
Tinctura de Caſtoreo	got. dazeſeis m.

O uſo interno deſte remedio, convem aos que padecem acções carbunculoſas, e cancroſas, tomando de manhãa e tarde, lib. meia.

N.º XIX.

Infusão amarga.

Páo amargo de Surinam raſpado . . oitav. meia.
Faça infusão em vinho, ou agua . . lib. huma.

Para tomar em duas, ou tres doſes, quando ſe quer mais forte, ſe dobra a raſpa do páo.

Eſte remedio em muitos caſos, he melhor corroborante que a quina.

Como neſta obra vai citada em varios lugares a planta chamada Arnica, eſpecialmente na gota ſerena, para que he mais lembrada a ſua virtude, e ſe não declara a quantidade, e modo de ſe tomar, me foi perciſo, depois do mais receituario interno pôr tambem eſte, que ſegundo a pratica mais ſeguida, não póde haver dúvida na ſua applicação, pois que por números ſe vai graduando, e os doentes por eſte modo eſperimentão beneficio, como eu tenho obſervado.

MO-

MODOS DE APPLICAR A ARNICA *na gota serena.*

N.º I.

Flor de Arnica . . . . huma oitava.
Meta em vaso competente bem tapado com a quantidade de agua commua correspondente, faça cozer por tempo de meia hora, de modo que se extraia na coadura . . . . libra huma.
A que junte charope de Camomila . onça huma.

Esta infusão se tomará em 24 horas, em 4 ou 5 doses.

N.º II.

Consiste em dobrar a quantidade da flor da Arnica, e tem o mesmo uso.

N.º III.

São tres oitavas de flor de Arnica, preparada do mesmo modo que a antecedente, com a differença, que o charope muda para o de coentros, e tem o mesmo uso.

N.º IV.

Flor de Arnica . . . . meia onça.
Prepara-se do mesmo modo em libra huma de agua.
com charope de Camomila . . huma onça e meia.

O seu uso he o mesmo.

N.º V.

He a meſma meia onça da flor, com a differença de ferver ſó meio quarto de hora, e ha de levar huma onça, e meia de charope de coentros, o uſo he o meſmo.

N.º VI.

De flor de Arnina . . . . huma onça.
Que ferva o meſmo tempo da antecedente, porém ha de ficar na quantidade de libras duas, e leva charope de coentros . . . . onças duas.
Tomando cada duas horas huma chavena.

N. VII.

De pós ſubtis de flor de Arnica . . oitavas duas.
Na quantidade que baſte de mel, para fazer electuario ſuave, que ſe tomará em 24 horas nas doſes, que parecer.

N. VIII.

A meſma compoſição, porém com tres oitavas dos pós da flor de Arnica, o uſo he o meſmo.

O chá de Arnica com valeriana ſilveſtre, tambem he util nas moleſtias oculares, como são, imobilidade da Pupilla, Amblyopia, Nyctalopia, gota ſerena, moderna; e todas para que he lembrada a meſma Arnica.

E para ajudar a evacuação nos dias interpulados, ſe uſaráõ os póz ſeguintes, dados em cada doſe; em caldo, ou agua de ſalça de fundura, ou parrilha.

Ja-

Jalapa bem ſubtil . . . . oitava huma.
Diagridio . . . . grãos ſeis.
Calamelanos lavados . . . . . grãos quatro.
Açucar cande . . . . oitava meia.

Miſture, e devida para 2 doſes.

Eſtes póz podem ſer pedidos com o nome de anteamauroticos, ou capitaes, os quaes tambem podem ter uſo nas mais moleſtias oculares, ſegundo o que pedir a indicação.

****

REMEDIOS TOPICOS, OU DO USO EXTERNO.

N.º I.

Collyrio aromatico canforado.

Flor de Mililoto, De Marcela, e De Sabugo. } partes iguaes, faça cozimento brando em agua commua, lib. duas.
Eſpirito de vinho . . . . . onças duas.
Canfora . . . . oitava huma.

Diſſolva a Canfora com o eſpirito, e miſture. Eſte remedio he hum poderoſo reſolutivo nas ophthalmias, e contusões das palpebras; quando ſe quer mais vigoroſo, ſe lhe ajunta mais huma oitava de canfora; uſa-ſe delle, pondo appoſito molhado morno em ſima das palpebras.

Col-

N.º II.

Colirio Gomoso.

Agua rosada	onças duas.
Caparrosa branca	} an. grãos quatro.
Goma arabia	
Açucar cande o mais puro . .	Escropulos meio. m.

Este Colirio he muito bom resolutivo nas ophthalmias, deitando huns pingos dentro dos olhos, o que se faz por meio de hum pequeno pincel, feito de fios finos, atados em a ponta de hum palito. O modo de se usar he deitado o doente, abertas as palpebras, e molhado o pincel no remedio, se aperta entre os dedos, deitando as pingas que bastem até encher o vão, que ha entre as palpebras, e globo, quando se apartão, movendo a palpebra superior, em ação de fechar, e abrir, o que faz a pessoa que a segura, e mandando ao doente que mova o globo do olho, nesta diligencia se demora pouco tempo, fazendo sahir o remedio por inclinação, pelo angulo externo. Tambem se póde deitar o dito remedio dentro do olho, tomando huma pequena porção em huma colher de chá, e lançando-o do mesmo modo, que se faz com o pincel, (tepido, ou frio, segundo a estação, e que melhor se der com o doente) ou com o canudo de huma penna, o qual metendo-se no liquido por huma parte, se poem (depois de cheio) o dedo na outra, e levantado-se deste modo, medida a distancia perpendicular ao olho, se afroxa o dedo, para que pela entrada do ar vá cahindo o liquido, que se faz perciso.

Co-

N.º III.

Colirio cicatrizante simples.

Agua verde de Hartammano . . . . onça meia.
Rosada . . . . onças seis.
Açafrão . . . . grãos tres.

Misture, e filtre por papel pardo, duas vezes.

N.º IV.

Colirio cicatrizante composto.

Agua verde de Hartammano . . . . onça meia.
Rosada . . . . onças seis.
Açucar cande do mais puro . . . .
Dissolvido no succo da cana . . . . oitavas duas.
Açafrão . . . . grãos dois.

Misture, e filtre como o antecedente.

Estes dois Colirios são os mais benignos cicatrizantes das ulceras da cornea, o modo de se usar delles he o mesmo; que fica exposto no N.º II.

N.º V.

Colirio, ou agua divina.

Agua rosada . . . . onça huma.
Pedra divina, e açucar cande, an. . grãos seis.

Mis-

Misture, e filtre do mesmo modo que os antecedentes.

Este Collyrio tambem tem o mesmo uso nas ulceras da cornea, e fistula lacrimal.

N.º VI.

Collyrio Anodyno.

Agua rosada . . . . onças seis.
Massa de Cynaglossa . . . . oitava meia.

Dissolva bem. No estio se renova todos os dias, e no inverno de tres em tres.

Este Collyrio he bom para applacar as dores dos olhos, pondo compressas molhadas em cima dos globos, amornando primeiro o dito Collyrio.

N.º VII.

Collyrio Calmante.

Vinho tinto bom . . . . onças quatro.
Massa de Cynaglossa . . . . oitava huma.

Dissolva, e use como o antecedente, que tem uso quando as dores, que atacão os olhos, tem por causa a materia gottosa, conservando as compressas sempre humidas, e nunca frias.

N.º VIII.

Collyrio azul, ou Agua celeste.

Agua de cal novamente feita, e depois destillada para que fique bem clara . . . . libra huma.
Sal ammoniaco bem pulvarisado . . . oitava huma.

Misture os dois simples, lançando-os em hum vaso de cobre, em o qual ficará o tempo de huma noite, depois se filtre o licor, e se guarde para o uso.

Virtude.

He bom para limpar os olhos das sordices mucosas, restabelecer as glandulas de Meibomios, de seccar as pequenas ulceras, que vem ás palpebras, dar mais pureza á vista, desfazer os albugos, e rebater opterygio, mais as varices da conjuntiva.

N.º IX.

Collyrio aromatico espirituoso.

Folhas de Salva, mão huma, tire tinctura em fórma de chá, em agua commua . . Libra huma

Côe, e junte de boa agua de Rainha de Ungria . . . . onça huma.

Agite esta mistura, e renove de tres em tres dias.

Este Collyrio convem na tumefacção das palpebras,

 for-

fortifica a vista, e a conserva. O modo de se usar he pondo compressas molhadas em cima da parte, com o calor, que ella poder soffrer.

N.º X.

Collyrio emoliente, refrigerante, e resolutivo.

Flor de malva . . . . mão huma.

Faça ferver em libra huma de agua commua por tempo de cinco, ou seis minutos, coe, e junte seis gotas de espirito de vinho camphorado, renovando todos os dias, sendo preciso.

Este Collyrio he hum bom resolutivo dos hypopyos, convem no espasmo das fibras do iris, e he proprio para extrahir os corpos estranhos, que entrão nos olhos, banhando, e pondo compressas molhadas, e sempre mornas, o que se faz repetidas vezes.

N.º XI.

Collyrio detersivo vulnerario.

Agua de Sevada . . . . . . onças oito.
Vulneraria espirituosa . . . . oitavas duas.
Mel rosado . . . . onça meia.

Misture, e renove de quatro em quatro dias, em o verão, e de oito no inverno.

He proprio para injectar o sacco lacrymal, pondo-lhe

lhe appoſitos molhados, que cubrão o grande angulo do olho.

N.º XII.

Collyrio fortificante.

Agua roſada, e de Tanchagem . an. onças duas.
Eſpirito de vinho canforado . . oitava huma.
Miſture.

He proprio no principio das Ophthalmias, no Eſtrabyſmo, viſta reticular, lavando com elle as palpebras, e deixando entrar algumas gottas dentro do olho.

N.º XIII.

Collyrio reſolutivo repercuſivo.

Folhas de Salva . . . . ⎫
De Alecrim . . . . ⎬ an. onça huma.
E de Tabaco . . . . ⎭
Azebar ſucotrino em pó . . . . oitava huma.
Vinho branco . . . . lib. duas e meia.

Faça infuſão em cinzas quentes, por tempo de vinte e quatro horas, filtre depois o licor por papel pardo, para o uſo.

He ſingular, e muito poderoſo para reſolver os tumores Schirrhoſos das palpebras, hordeolos, ou terções das meſmas, e na Hypogala.

Uſa-ſe delle banhando a parte a miudo, e pondolhe panno molhado, e ſempre quente.

N. XIV.

Collyrio resolutivo.

Folhas de ensaião contuzas . . . . . m. huma.

Faça cosimento em agua rozada, para libra huma, e coado junte espirito de Vinho canforado, escropulos dois. Serve na Ophthalmia, e edema das palpebras, banhando-as, e pondo apposito molhado morno.

N.º XV.

Collyrio tonico resolutivo.

Agua rosada	an. onças tres.
De Tanchagem	
Extracto de Saturno	onça meia.
Sal ammoniaco	oitava meia.
Espirito de vinho retificado . .	oitavas duas.
	Misture.

Tem o mesmo uso, que o antecedente.

N.º XVI.

Collyrio br. nco, ou balsamo de Fioravente.

Goma arabia	onças quatro.
Goma hedera	an. onças tres.
De páo de aguila	
Myrrha	
Galbano, e Incenço	

Ga-

Galanga menor	an. onça huma.
Cravos da India	
Confolida menor	
Canella	
Nós mofcada	
Zedoaria	
Gengibre	
Dictamo branco	
Almifcar	an. oitav. duas.
Ambar gris	

Todos eftes fimples pizados, e mifturados, ferão mettidos em hum vafo competente de fufficiente grandeza, deitando-lhe por fima Termentina branca . . . . libra huma.
Oleo de louro . . . . onças quatro.
Efpirito de vinho rectificado . . libras feis.

Tendo o vafo bem tapado, ponha em digeftão em lugar quente, por efpaço de nove dias, depois filtre, feparando a primeira porção, que he branca, da fegunda, que he efcura. A pratica enfinará, qual deftas porções deve ter mais ufo.

He fingular para fortificar a vifta, fazella clara, e confervalla, e defmanchar os concretos de qualquer humor.

O modo de fe fervir delle he deitando duas, ou tres gotas em a palma da mão, e fazendo receber o vapor aos olhos com a cabeça baixa; repetindo efta diligencia tres vezes cada dia, ou mais fe neceffario for, continuando até fe confeguir perfeita cura. Quando fe quizer fómente confervar a vifta, em feu eftado perfei-

to-

to, se poderáõ ajuntar partes iguaes de espirito de vinho canforado com este balsamo; usando-o do mesmo modo.

N.º XVII.

Agua Sulfuria.

Agua rosada	onças quatro.
Flor de Enxofre	oitavas duas.

Ponha em digestão em vaso bem tapado, por tempo de doze horas, agitando de tempo em tempo, depois filtre, e guarde para o uso, que será sempre mais efficaz, quando for mais fresca.

Este remedio he bom para dissipar os Orgeletes, ou Tersões das palpebras, impigens, assim como tambem os botões cutanios, que nascem na cara, e mais partes do corpo, lavando a parte repetidas vezes, e pondo-lhe algum apposito molhado, morno, ou frio, segundo a estação, tratando antes, e depois da causa interna.

N.º XVIII.

Collyrio resolutivo espirituoso.

Folhas frescas de funcho . . .	an. libra meia.
Alecrim	
Arruda	
Betonica	
Cilidonia	
Eufrazia	
Tanxagem	
Salva	
Erva cidreira	

Pi-

Pize tudo em gral de pedra, meta depois no lambique, e lance-lhe de bom vinho branco lib. VIII. agitando tudo com colher de páo; e posto o capitel, se faça a destilação; seccando depois o *caput mortuum*, ou fezes ao Sol, e queimando-as, se farão ferver as cinzas, em o que baste de agua commua; filtrado o licor se faz evaporar até á chrystallização, o sal que fica se dissolve em o licor destilado, ao qual se ajuntará de

Agua rosada	libras duas.
Agua celeste	libras huma e meia.
Tutia preparada	} an. oitavas cinco.
Raiz de valeriana	
Açafrão	} an. escropulos quatro.
Pedra hume de roxa . . .	
Canela	
Flor de nos noscada . . .	
Cravos da India	
Myrrha	} an. onça huma.
Azebar	
Quintilio	
Canfora	
Sarcocola	
Laudanum opiado	} an. oitavas duas e meia.
Lirio florentino	
Sal de Saturno	} an. escropulos quatro.
Vitriolo branco	

Tu-

Tudo em pó subtil se fechará exactamente em vaso competente, pondo ao Sol do estio por tempo de quarenta dias, agitando o contido de tempo em tempo.

As virtudes que se apontão neste remedio são para dissipar as maculas, ou pontos brancos da cornea, ulceras da mesma, e dos bordos das palpebras, para as inflammações do globo do olho, e das mesmas palpebras, restabelecer as glandulas de Meibomios ao seu estado natural; serve na epiphora, e fortifica a vista, o uso he o mesmo que o do Num. II.

N.º XIX.

Collyrio adoçante.

Agua rosada . . . . . } an. onças duas.
Tanxagem . . . . }
Flor de Sabugo . . . . . }
Trociscos brancos de rhazis sem opio. grãos oito.
Lixo de lagarto . . . . escropulo meio.
Açucar candi o mais puro . . . . oitava meia.
Canfora . . . . grãos tres.
Misture, e côe.

Adoça as dores, e ardores dos olhos, tira as inflammações, e he util em todas as Ophthalmias, que não tiverem por causa algum virus particular, porque sem este ser tirado, não utilizão os remedios topicos.

Co-

N.º XX.

Collyrio marino.

Cal de cascas de Ostras	oitavas duas.
Summo de Limão	onças duas.

Misture, e côe.

He proprio nas cicatrizes, e albugos grossos, porque os desfaz deixando melhor figura a parte offendida. O mesmo Collyrio se faz com hum pequeno caramujo (semelhante aos busios de engomar) deitando-o com o summo de limão em hum copo por 24 horas, e até se desfazer, o que acontece quando he dos mais pequenos, tem a mesma applicação. A consistencia, e côr destes dois Collyrios, he semelhante á do leite.

O uso se faz destes dois Collyrios do mesmo modo, que em o Num. II.

N.º XXI.

Collyrio, ou agua camphorada.

Agua commua	libra huma.
Oleo destillado de Canfora	oitava huma.

Tendo a agua quente se lhe misture o oleo, agitando tudo com huma espatula de páo, até que a canfora seja inteiramente dissolvida, depois se filtra o licor, e se guarda em garrafa bem tapada.

Produz bons effeitos na hidropesia do sacco lacrymal, injectando-o, ou lançando em o olho algumas gotas, o que se faz com a cabeça voltada para traz, enchendo o angulo interno, e esfregando-o com o dedo

alternativamente, o que se repete varias vezes: tambem he util este remedio no infarte das palpebras, e para reduzir os vasos varicosos da conjunctiva, e da Cornea, ao seu estado natural.

N.° XXII.

Agua detersiva, e desecativa.

Pedra infernal . . . . escropulo hum.
Agua commua . . . . onças duas.

Dissolva, e guarde para o uso.

He bom remedio para destruir as carnes fungosas do sacco lacrymal, e do conducto nazal. Lançando neste remedio oito onças de agua commua, se obtem hum excellente tonico dos pontos lacrymaes, e mais partes do globo, que precisarem ser animadas.

N.° XXIII.

Novo extracto de Saturno.

Fezes de Ouro . . . . libra huma.
Vinagre branco bom . . . . . . libras tres.

Ferva até ficar em materia secca como polme, agitando com espatula de páo, logo ajunte pouco a pouco, fóra do fogo, agua commua libras XXIV. agite continuamente por hum quarto de hora, feita a reposição por tempo de 24 horas se decante, e guarde em garrafa bem tapada.

Este extracto de Saturno he infinitamente melhor, que o de Mr. Goulard: os seus effeitos são mais promptos, e seguros, sendo tambem mais commodo, he

 hum

hum excellente tonico contra as inflammações dos olhos, e de outras partes do corpo.

O modo de se usar he deitar quatro gotas em huma onça de agua commua, ajuntando tres gotas de espirito de vinho canforado agitando bem esta mistura, quando se fizer uso, banhando os olhos, e pondo nos entrevallos appositos molhados, e sempre mornos.

N.º XXIV.

Poz Ophthalmicos, ou Collyrio secco simples.

Açucar cande do mais puro	oitava huma.
Licho de lagarto	grãos seis.
Osso de Ciba	grãos tres.
	Misture.

N.º XXV.

Collyrio secco composto.

Açucar cande do mais puro	oitava huma.
Licho de lagarto	grãos oito.
Osso de Ciba	grãos quatro.
Cal de cascas de ostras	grãos seis.
	Misture.

Depois de reduzir os simples destes dois Collyrios a pós impalpaveis, se usará delles do modo seguinte. Situado o doente com a cabeça para traz, seguras as palpebras se toma na pá de hum palito, huma modica porção, e levando defronte do globo do olho, voltará o palito, deixando cahir os pós em sima da molestia; e fechando depois as palpebras, se mandaráõ remover os globos até se desfazerem os pós, a limpando depois

os angulos, e frizos das palpebras com hum pincel de fios, molhado em agua fria.

Este modo de deitar os pós he melhor, que o de serem soprados por canudo de papel, ou penna, pois a força do ar, que os impelle, os espalha de tal sorte, que poucos ficão em sima da molestia, para a sua utilidade, como a experiencia me tem feito ver.

N.º XXVI.

Collyrio secco Ophthalmico.

Açucar cande do mais puro . .	onça meia.
Lyrio florentino . . . . Tutia preparada	} an. oitava meia.
Azebre sacutrino . . . . Licho de lagarto	} an. escropulo meio.
Chrystal montano . . . . Quitilio	} an. grãos dezoito.
Verdete	grãos dois.

Reduza bem a pós subtis; misture, e guarde, para se usar do mesmo modo, e para o mesmo fim que os dois antecedentes.

N.º XXVII.

Linimento ocular anodyno.

Ciba . . . . Licho de lagarto . .	} an. escropulo hum.
Sarcocola	grãos seis.
Antimonio crú	grãos oito.

An-

Antimoni diaforetico	grãos doze.
Farinha de páo	oitavas tres.
Mel	oitavas duas.

Reduza a pós subtis, e com o mel, e agua rosada, a precisa, fórme linimento de boa consistencia, em gral de chumbo.

He muito bom remedio nas Ophthalmias humidas, na froxidão das palpebras, untando-as com hum pincel de fios, o que se faz algumas vezes no dia, e isto pela razão de se seccar, e fazer mais algum aperto nos olhos, com que muitas vezes não podem, então se lavão com qualquer agua ophthalmica, ou commua, quebrada do maior frio, ou tambem por ser preciso usar nos intrevallos de algum apposito molhado, em qualquer remedio, que se julgar proprio, e dos apontados nesta obra.

N.º XXVIII.

Linimento ocular dissolvente.

Azouge vivo	escropulo hum.
Goma arabia	oitava huma.
Tutia	Escropulo meio.
Ciba . . . . }	an. Escropulo hum.
Licho de lagarto . . . . }	
Antimoni crú	grãos seis.
Mel	oitavas duas.
Farinha de páo	escropulos quatro.

Faça-se, e use-se do mesmo modo que o antecedente.

Este remedio produz bons effeitos nas tumefacções das palpebras, que tiverem por causa a materia fria, e tambem nas ophthalmias humidas.

N.º XXIX.

Linimento ocular Viperino.

Pedra hematites	escropulos dois.
Tutia	onça huma.
Azebre do melhor, e bem subtil	grãos doze.
Aljofar	grãos quatro.

Misture tudo com sufficiente quantidade de enchundia de Vibora, em almofariz de marmore, para formar linimento de boa consistencia.

Este remedio he muito singular nos albugos, ou nevoas da Cornea, a nas cicatrizes, que ficão das inflammações, ou dos abscessos da mesma Cornea, nas dores vivas dos olhos, como a experiencia tem feito ver.

O modo de se applicar, he tocando a circunferencia das palpebras (estando os olhos meios abertos) com hum pequeno pincil de fios, que chegue tambem á offença da Cornea, e serão mais bem succedidos os doentes destas molestias com este topico, não sendo a causa o virus sefilitico; para lavar depois os olhos a agua tepida he sufficiente remedio.

N.º XXX.

N.º XXX.

Pommada occular.

Manteiga de porco . . . . . onça meia.
Bolo armenio, e
Tutia } an. oitavas duas.
Precipitado branco . . . . . oitava huma.

Reduza a pós subtilissimos, e misture com a manteiga, em gral de vidro, depois de a ter lavado repetidas vezes em agua rosada.

Este topico produz bons effeitos nas inflammações dos olhos, que por cronicas tenhão deixado os vazos varicosos, pois lhe desfaz as suas grossuras, assim como as que causa a limpha na superfice da Cornea, e mais partes do globo.

O modo de se usar, he tomando na ponta de huma tenta huma porção igual ao tamanho da cabeça da mesma tenta, e introduzindo-a no angulo externo do olho, o que se faz abrindo as palpebras, e mettendo a tenta com a porção dita, na palpebra inferior junto ao angulo, e fexando as palpebras se retira a tenta, deixando ficar na sua parte interna o remedio, o qual com o calor, e movimento do globo, se communica a molestia para que he applicado.

N.º XXXI.

Pomada Ophthalmica.

Cinabrio commum, ou vermilhão Tutia . . . . *Caput mortuum*, que resulta do extracto de Saturno . . . De Goulard feito em pó subtil	an. grãos XXVIII.
Precepitado vermelho	grãos XII.
Unguento rosado	escropulos oito.

Misture bem em gral de bronze, e até se fazer escura.

Esta pomada tem o mesmo uso, e modo de se applicar, que a antecedente, ainda que mais efficaz, como a experiencia me tem mostrado, e por isso precisa de maior observação o seu uso, porque muitas vezes a sensibilidade do orgão não sofre a miuda repetição, e será preciso em lugar de duas cada dia, fazer só huma, ou metter hum, ou dois dias de intervallo, attacando sempre a causa do centro, com os remedios proprios.

Tambem he util no Ectropio, untando-o todos os dias com alguma porção, na ponta do dedo minimo.

N.º XXXII.

Collyrio, ou cozimento Cephalico.

Betonica	an. partes iguaes para cozimento feito em vinho, libras duas.
Magerecão	
Ouregãos	
Rosmaninho	
Magerona	
Salva	
Herva Cidreira . . .	
Valeriana	

Este remedio he bom na inflammação das palpebras, que tiver por causa picada de insecto, usa-se delle banhando a parte, e pondo appositos molhados, e sempre tepidos. Tambem serve na Ecchymosis das palpebras, e membrana conjunctiva.

N.º XXXIII.

Linimento ocular Saponaceo.

Sabão de Veneza . . . . onça meia.

Espirito de Sal ammoniaco, o que baste para linimento de boa consistencia, a que junte pomada mercurial segunda de Goulard. . . . . . oitava meia.

Usa-se nos atheromas das palpebras, exfregando-os com o dedo, que levar este remedio, as vezes precisas.

Póde-se tambem usar sem a pomada, sendo pequenos, e muito no seu principio.

N.º XXXIV.

Agua Mercurial.

Mercurio doce	an. oitava huma.
Espirito de nitro fumante . .	

Meta tudo em vaso proprio, e sobre cinzas quentes se deixará ficar, até que o mercurio se chrystallize, e o espirito de nitro seja de todo evaporado; depois se deitará pouco a pouco, sobre este sal mineral, doze onças de agua, agitando tudo até a perfeita dissolução, e se guarde para o uso, e quando se quer mais branda se lhe deita mais agua.

He muito bom deterfivo nas ulseras, e carias dos ossos, e nas verrugas das palpebras.

N.º XXXV.

Cataplasma anticarbunculosa.

Mel branco do melhor . . . . . . onças seis.
Gemas de ovos . . . . n. quatro.
Pedra hume queimada . . . . . oitavas duas.

Farinha de Senteio limpa de farelo, quanta baste para cataplasma de branda consistencia.

Para evitar o ferro nos carbunculos, como quasi todos aconselhão, se usará desta cataplasma, que he favorecida da experiencia, pelos bons effeitos que produz, como a pratica me tem encinado.

Bal-

N.º XXXVI.

Balsamo mercurial.

Balsamo arceu, de aparicio . . } an. onça huma.
E da agua mercurial N.º XXXIV. }

Misture bem.

He muito bom remedio para as chagas venerias, tocando-as as vezes precisas, ou só com a agua mercurial.

N.º XXXVII.

Collyrio antiparalytico.

Espirito de vinho . . . . Libra meia.
Sabão de Veneza . . . . oitava huma.
Vitriolo . . . . grãos doze.

Dissolva muito bem.

Serve para tirar o turpor da retina, e da mais composição ocular, fomentando a sobrancelha, e palpebra superior.

N.º XXXVIII.

Collyrio, ou vinho Ophthalmico.

Salva . . .
Ortelam . .
Funxo . . .
Marcella . . .
Flor de Alecrim

} Partes iguaes, faça cozimento leve, em vinho, libras duas.

A que junte espirito de vinho canforado, onças duas. Tem o mesmo uso, que o do Num. I.

N.º XXXIX.

Agua Cicatrizante, e vulneraria.

Pedra hume queimada	an. grãos xxx.
Affucar cande	
Capa rofa queimada, que fique bem vermelha.	
Ourina de rapaz até feis annos	an. onça meia.
Agua rofada	
De Tanchagem	onças duas.

Diffolva tudo em almofariz de marmore, e depois da miftão fazer affento, fe filtrará, e guardará para o ufo.

He fingular nas feridas, e ulceras da Cornea opaca, e trafparente, deitando hum, ou dois pingos, duas ou tres vezes no dia, e mais ou menos quantidade, e repetições, fegundo os fentimentos da parte, e o cafo pedir.

N.º XL.

Digirente abftrecivo.

Mel	onças duas.
Gemas de ovos	n. duas.
Vinho tinho do melhor	libra meia.

Mifture bem, levando ao lume até formar a confiftencia de groffo charope. He proprio nas podridões, e cancaros dos olhos.

N.º XLI.

N.º XLI.

Vinho antiſetico.

Raiz de Ariſtoloquia redonda.
De Angelica.
De Genciana.
De Serpentaria Virginiana.
Salva.
Eſcordio.
Gomos de Loſna.
De Arruda.
Caſca Peruviana da melhor.

De tudo partes iguaes, as quaes bem contuzas ſe ferverão em bom vinho tinto, libras tres; e gaſtando libra huma ſe deixará ficar no vaſo em cinzas quentes, por tempo de 24 horas, depois com forte experção ſe côe, juntando de Termentina, Mirrha, Azebre, e Verdete an. oitava huma, ficando tudo bem diſolvido; aqui tambem ſe póde juntar de Mel onças duas. Eſte vinho ſerve nos caſos gangranoſos dos olhos, e nos que accommetterem as mais partes do corpo humano, o que a experiencia me tem feito ver, e por iſſo o declaro para utilidade do público.

RE-

REFLEXÕES

Sobre os principaes Inſtrumentos, que ſe tem inventado para a ſegurança do Globo, na Operação da Catharacta.

SEndo certamente mui difficultoſa em todo o ſentido a operação da Catharacta, a ſua maior difficuldade conſiſte em que o globo do olho pela ſua muita volubilidade céde á acção do biſtori, e não lhe faz a neceſſaria reſtiſtencia para que elle o atraveſſe, como ſe pertende em direitura ao centro da camara anterior, e fugindo aſſim vai o inſtrumento ferir o iris. Por tanto foi eſte hum dos primeiros cuidados dos que pertenderão fazer eſta operação, reter o globo na conveniente ſituação. O primeiro expediente, que para iſto occorreo foi (como he facil de o conceber) ſegurar o globo com o dedo da parte oppoſta aquella por onde devia entrar o biſtori, acabando a operação com huma tizoura, o que ſó em extrema neceſſidade ſe deve fazer, pela imperfeição, que deſte modo ha de haver neceſſariamente no córte. Mas não tardou muito, que ſe não viesſe no conhecimento da incapacidade deſte meio, para ſe conſeguir o propoſto fim, em razão do homor que continuamente lubrifica a ſuperfice exterior do olho. Ao que accreſce, que o humor aquoſo conſequentemente á compreſsão, que no globo ſe faz, ſe vaſa, ſahe o chriſtalino, e apoz elle o vitreo vem a occupar o ſeu lugar, donde ſe ſegue inevitavelmente o meſmo, e piores males, que ſe tinha intento de evitar.

Iſto

Isto obrigou a Petit inventar o que elle chamou *Speculum oculi*, instrumento que depois aperfeiçoou Lecat. O globo era retido na devida posição, por meio de hum corpo pontudo, que se introduzia na esclerotica. Porém a dôr que acompanhava a introducção do instrumento, em parte tão sensivel, e a inflammação que se lhe seguia, fazem quasi inutil este instrumento.

Poyet attendendo a estes inconvenientes, se lembrou de huma muito engenhosa traça, que consistia n'huma agulha de dois gumes, junto de cuja ponta tinha hum buraco, pelo qual se enfiava hum fio, e chegando a romper á outra parte, com hum gancho se desenfiava o fio, deixándo na primeira abertura huma das pontas, e fazendo sahir a outra da outra parte, juntando-as depois se conservava seguro o olho. Qual fosse porém a utilidade deste instrumento, seu mesmo Athor o declarou, reconhecendo ser o seu uso impraticavel.

Mais incómmoda porém he a invenção de Pamard, e por isso de ninguem recebida, e vem a ser hum corpo pontiagudo, que se introduz na Cornea transparente, tendo o ponto de apoio no nariz, a cuja figura ahi se accommoda.

Mas como a mão, que o ha de dirigir, e segurar, só o póde fazer além do nariz, a muita distancia entre as duas potencias, impede governar o instrumento, e o globo, como convém. Além de que tendo o Professor ambas as mãos occupadas, precisa de hum ajudante, que abaixe a palpebra inferior.

Deixando agora alguns inventos manifestamente incommodos, e impraticaveis, só fallarei do de Guerin, cujo instrumento se fixa no nariz, e depois por meio de huma móla effectua a operação. Não se póde ne-

gar,

gar, que he efte hum digno fruto da habilidade, e talentos de Guerin, mas não he menos certo, que huma tão delicada operação, fenão deve commetter á acção inanimada de huma mola.

Conciderando tudo ifto o Celebre Demours, trabalhou em remediar efta tão attendivel neceffidade. A figura III. da Eftampa III. moftra o refultado das fuas inveftigações. He efte inftrumento de aço, e de huma fó peffa, mas nós o conciderarmos compofto de duas diverfas para melhor nos explicarmos. A primeira he huma Lamella dobrada em *A.* onde tem a largura de dois terços de linha, e comeffando a alargar para as pontas BB., nelas tem a largura de defoito linhas. A curvatura de que fallamos, deve fer acommodada á da ponta do dedo Index; e dotada da elafticidade para apertar o dedo, de que occupa a primeira, e metade da fegunda falange. Bem no meio fe levanta a fegunda peffa, cujo total comprimento he de cinco linhas. No meio d'obra em angulo recto, e hum terço de linha antes da ponta começa a virar para o olho, e levando-fe alguma coufa para cima. Já fe vê por tanto, que para cada olho he precifo hum inftrumento. A ponta fe mete na Cornea tranfparente, como aquella que he infenfivel, huma linha antes da efclerotica. Nem fe póde recear o fegundo incoveniente, que no Efpeculo de Lecat deixámos notado, porque a experiencia tem moftrado não refultar defta ferida alguma inflammação, como era de efperar de fua pouca profundeza, que não chega á groffura de huma carta de jogar, e da natureza da parte. Demours chama a efte inftrumento Opthalmoftat.

Bem, que engenhofo efte inftrumento, defcobremfe nele alguns inconvenientes. Embaraçar os deftintos movimentos, que o globo fucceffiva, mas rapidamente

to-

toma, e ſegurar juntamente o meſmo dedo a palpebra, ſe não he impoſſivel, he muito difficultoſo. O angulo, que ha na ſegunda peça, não deixa ver o lugar, onde deve ſahir o biſtori, o encontro do biſtori com a ponta do Ophthalmoſtat he muito facil, porque não podem guardar-ſe exactamente na pratica as dimensões da theorica. Se a entrada do biſtori he oppoſta á do Ophthalmoſtat, vir-ſe-hão elles a encontrar com damno da parte; ſe o não he, haverá no olho hum máo movimento de contorsão. Como eſte inſtrumento ſó ſerve de ſuſter o globo contra o biſtori, não impede qualquer outro movimento, que ſe o houver, ſeguir-ſe-ha rotura, ou outro inconveniente; e ſe a catharacta não ſahe, elle não poderá retello para ſe praticar o que deixo preſcripto em ſeu proprio lugar, e ſe deve fazer em ſemelhante caſo.

Eſtas reflexões me conduzírão á formação do ſeguinte inſtrumento, a que hei dado o nome de Echmommo, derivado do ſeu uſo, que he reter o globo do olho, e palpebras. He elle a porção inferior, que reſta da ſecção parallela á baſe de hum cone, cujo diametro he de hum pouco menos de meia pollegada; feita a ſecção pouco mais de huma linha aſſima da baſe. N'huma parte da circumferencia, onde he algum tanto oblongado, pέga na parte ſuperior huma haſte delgada de aço como o inſtrumento, e tem de comprimento tres pollegadas, tem hum cabo de marfim da figura da primeira phalange do dedo pollegar, em pouca diſtancia do circulo, volta o que he preciſo para ſe accommodar ao alto do nariz. Do circulo inferior na parte correſpondente ao lugar, em que eſta haſte implanta, naſce huma pequena lingueta redonda, e polida, que ſerve de apoio ao olho, e dos extremos do diame-

tro, que faz angulo recto com o que por esta lingueta se deitar, nascem do circulo menor duas azas de cinco linhas de comprimento de quatro linhas de largura, que acabão em redondo, e são hum pouco convexas para fóra; servem para segurar as palpebras, cujos frizos se metem entre ellas, e o circulo maior, que ahi faz huma pequena volta. Neste instrumento não tenho já mais encontrado, nem vejo como possa haver os defeitos, que nos outros tenho notado, ou equivalentes. Aqui não ha que recear no caso de a cataracta não sahir depois da incisão; pois que o globo está seguro, e se póde sem difficuldade praticar o que para taes acontecimentos deixo apontado na operação. Nem tão pouco he de temer a compressão, pois que sendo a experiencia quem só póde decidir as dúvidas neste ponto, ella me tem mostrado, que daqui nenhum inconveniente resulta, antes sim toda a segurança, para se executar a operação, como tenho mostrado tantas vezes. A figura V. da Estampa II. he huma pinça de anneis muito delicada, que a pratica me obrigou a idear, para com ella melhor extrahir a cataracta no caso de não sahir, feitas as diligencias apontadas na operação assima, como para tirar algumas porções, que muitas vezes acompanhão a mesma cataracta. As suas hastes, ou pernas tem em cada huma de suas pontas a figura d'hum pequeno botão partido, são convexas cada huma por sua parte externa, e concavas pela interna para melhor se accommodarem as partes, que se devem tirar, não se encosta a pupilla como a colher, e por isso he melhor para esta diligencia, e a pratica assim me tem mostrado.

- - - Si quid novisti rectius istis.
Candidus imperti; si non, his utere mecum.
Horat.

IN-

INDICE

DAS MATERIAS, QUE CONTÉM ESTA OBRA.

CAPITULO I. *Tratado da Anatomia, e Fisica dos olhos, e primeiro dos ossos, que entrão na composição das cavidades, que chamamos Orbitas* . . . . Pag. 1.
CAP. II. *Das partes exteriores do olho, e primeiro de suas palpebras* . . . . 5.
CAP. III. *Da Conjunctiva, e musculos do olho* . . . 12.
CAP. IV. *Do globo do olho, e suas partes* . . . 16.
CAP. V. *Dos nervos, que se distribuem a todas as partes do globo do olho* . . . . 21.
CAP. VI. *Das arterias, e veias do globo do olho* 25.
CAP. VII. *Dos diversos sentimentos, que ha sobre a subsistencia, e producção do humor aquoso, nutrição do Crystallino, e vitreo* . . . . 28.
CAP. VIII. *Dos usos das partes dos olhos, e das que os cercão* . . . . 30.
CAP. IX. *Da visão, ou da vista* . . . . . . 33.
CAP. X. *Das direcções, e refracções da luz* . . 37.
CAP. XI. *Dos raios divergentes, e convergentes, e de como se pintão os objectos* . . . . 41.
CAP. XII. *Do orgão immediato da vista* . . . 49.
CAP. XIII. *Da natureza das cores* . . . . 53.
CAP. XIV. *Como se vê hum objecto simples, sendo que sua imagem faz impressão nos dois olhos, e porque se vê algumas vezes dobrado* . . . . 55.
CAP. XV. *Como se vem os objectos destinctamente.* 60.

TRATADO DAS MOLESTIAS DOS OLHOS.

A

ANchyloblepharo. 70.
Atheroma das palpebras. 74.
Amora das palpebras. 77.
Anchylops . . . . 99.
Albugo da Cornea. . . 133.
Atrofia do globo . . 145.
Applicação do olho artificial . . . . . 168.
Amaurosis . . . . . . 195.
Ambliopia . . . . 204.

B

Blepharophthalmia. . 72.
Blepharoptosis . . . . 79.

C

Cancro das palpebras. : 75.
Carbunculo das palpebras. 75.
Chalazion . . . . . 76.
Coloboma . . . . 90.
Caruncula . . . . 127.
Carbunculo dos olhos . 128.
Chaga da conjuntiva. 128.
Carunculas da Cornea. 144.
Carcinoma do globo . 148.
Contra indicação . . 167.
Condição do olho artificial . . . . . . 167.
Cataracta . . . . 171.
Cura . . . . . . 177.
Chrupsia . . . . 219.
Collecção de differentes remedios para a cura dos olhos . . . . . 233.

D

Districhiasis . . . 70.
Doença de olhos por introducção de corpo estranho. 129.
Deformidade da Pupila. 161.
Diplopia . . . . . 227.

E

Edema das palpebras. 72.
Emphysema das palpebras 73.
Ecchymoma das palpebras 73.
Epiphora . . . . . 94.
Ectropio . . . . . 84.
Entropio . . . . 86.
Egylops . . . . . 101.
Encanthis . . . . 110.
Ecchymosis da conjuntiva. 125.
Exophthalmia . . . . 146.
Extirpação do olho cancroso . . . . 149.

Effluvio do humor aquoso 170.
Estrabysmo . . . . 222.
Extravasação, ou sahida do humor vitreo . . . 193.

F

Feridas das sobrancelhas 68.
Ferida das palpebras. 89.
Fistula das palpebras. 90.
Fistula lacrimal. . . 102.
Fistula da Cornea . . 141.
Ferida da Cornea . . 142.
Ferida da Sclerotica . 152.
Falta de olho . . . 153.
Ferida do Iris . . . 161.

G

Glaucoma . . . . 192.

H

Hordeolum . . . . 76.
Hydatis das palpebras. 77.
Hydropesia lacrimal . 98.
Helcoma . . . . . 139.
Hyppus . . . . . 162.
Hydrophthalmia . . 163.
Hypopio . . . . . 165.
Hypoema . . . . . 168.
Hypogala . . . . . 169.
Hemeralopia . . . 209.
Hemiopsia . . . . 213.

I

Immobilidade da Pupila. 163.
Indicação . . . . 167.

L

Lagophthalmos . . . 81.
Lippitude . . . . 96.
Lemositas . . . . 111.
Lagrima sanguinea . 112.

M

Milho das palpebras . 77.
Midriasis . . . . 153.
Miosis . . . . . 155.
Miopia . . . . . 210.
Myodesopsia . . . 214.
Metamorphose . . . 218.

N

Nictitação . . . . 90.
Nistagmo . . . . 151.
Nictalopia . . . . 207.

O

Ophthalmia . . . . 112.
Ophthalmodynia . . 123.

Obstraração da cornea. 130.
Onix, ou unha . . 138.
Ophthalmoptosis . . 147.
Olhos supranumerarios. 153.
Olho artificial . . . 166.
Operações especiaes da cataracta . . . . . 187.
Os infortunios, que podem sobrevir na occasião da extracção da cataracta. 188.
Oxyopia . . . . . 203.

P

Pethiriasis . . . . 68.
Psorophthalmia . . . 87.
Prurido, ou comichão das palpebras . . . . . 92.
Peribrosis . . . . 111.
Pustula da conjunctiva . 126.
Phlyctenas . . . . 126.
Papula . . . . . 127.
Pterygio . . . . . 134.
Pustulas da Cornea. . 143.
Phlyctenas da Cornea. 144.
Ptosis do Iris . . . 160.
Pupila preter-natural. 162.
Prolapso da lente chrystallina . . . . . . 191.
Photophobia . . . . 194.
Presbiopia . . . . 211.
Photopsia . . . . 221.
Preparação que o doente deve ter, e modo de se executar a operação da cataracta 179.

R

Rubor das margens das palpebras . . . . 88.
Rhyas . . . . . 110.
Rutidosis . . . . 142.
Reflexões sobre os principaes instrumentos, que se tem inventado para a segurança do globo na operação da cataracta . . . 270.

S

Simblepharo . . . . 71.
Sarcoma das palpebras. 74.
Scirrho das palpebras. 75.
Spasmo das palpebras. 91.
Scheroma . . . . 93.
Sinizesis . . . . 156.
Synechia . . . . 158.
Staphyloma . . . . 136.
Simptomas, que algumas vezes apparecem depois da operação da cataracta 184.
Synchysis . . . . . 193.

T

Trichiasis . . . . 69.
Trachoma . . . . 78.
Tylosis . . . . . 88.
Tetano do olho . . 151.
Tempo para a operação. 179.

V

Verrugas das palpebras. 78.
Varices da Conjuntiva. 125.
Vista reticular . . . 215.
Vista nebulosa . . . 216.
Vista obliqua . . . 226.

In literarum ire plausum desidero.
Quod si labori faverit Latium meo,
Plures habebit, quos opponat Græciæ.
Si livor obtrectare curam voluerit,
Non tamen eripiet laudis conscientiam:
Ergo hinc abesto, livor, ne frustra gemas.

Phædr.

FIM.

Silva delin. *Queiroz Sculp.*

Estampa II.
Figura 1.ª
Fig. 4
Fig. 2
A
B
Fig. 3
Fig. 5
Fig. 6
Fig. 8
Fig. 9
Fig. 7
Polegada dividida em 12 linhas
Fig. 10

Fig. 3
Fig. 4
A
Fig. 1
Fig. 2
B
B